A interpretação dos dados coletados é a principal etapa de um projeto de pesquisa, e é justamente esse o papel da análise de conteúdo – metodologia de grande importância para as ciências da comunicação, desenvolvida nos Estados Unidos no início do século XX.

De maneira clara e objetiva, Laurence Bardin apresenta e descreve em *Análise de conteúdo* os métodos e técnicas utilizados para a análise quantitativa de dados. A divisão do livro em quatro partes – história e teorias, práticas, método e técnicas – facilita a compreensão do leitor, enfatizando a importância de cada etapa do processo.

A abordagem aplicada permite que o livro seja consultado tanto por psicólogos e sociólogos – seja qual for a sua especialidade ou finalidade –, como por psicanalistas, historiadores, políticos, jornalistas etc.

ANÁLISE DE CONTEÚDO

Laurence Bardin

ANÁLISE DE CONTEÚDO

2016

70

Título original:
L'Analyse de Contenu

© Presses Universitaires de France, 1977

Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro
Produção editorial e capa: Casa de Ideias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bardin, Laurence
Análise de conteúdo / Laurence Bardin ; tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. -- São Paulo : Edições 70, 2016.

3ª reimp. da 1ª edição de 2016.
Título original: L'analyse de contenu.
ISBN 978-85-62938-04-7

1. Análise de conteúdo (Comunicação) I. Título.

11-03568 CDD-8083

Índices para catálogo sistemático:
1. Análise de conteúdo : Retórica 808

ALMEDINA BRASIL
Abril, 2016

ISBN: 978-85-62938-04-7

Direitos reservados para todos os países de língua portuguesa
por Almedina Brasil

Edições 70 é uma editora pertencente ao Grupo Almedina
EDIÇÕES 70 LDA/ALMEDINA BRASIL
Alameda Campinas, 1.077, 6º andar, Jardim Paulista – São Paulo – SP
CEP: 01404-001 – Brasil
Tel./Fax.: + 55 11 3885-6624
e-mail: brasil@almedina.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro, protegido por copyright, pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida de alguma forma ou por algum meio, seja eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenagem de informações, sem a permissão expressa e por escrito da editora.

LAURENCE BARDIN,
professora-assistente de psicologia na Universidade de Paris V, aplicou as técnicas da Análise de Conteúdo na investigação psicossociológica e no estudo das comunicações de massas. Este livro procura ser um manual claro, concreto e operacional desse método de investigação, que tanto pode ser utilizado por psicólogos e sociólogos, qualquer que seja a sua especialidade ou finalidade, como por psicanalistas, historiadores, políticos, jornalistas etc.

Sumário

INTRODUÇÃO 11
PREFÁCIO 15

PRIMEIRA PARTE – HISTÓRIA E TEORIA 17

I. EXPOSIÇÃO HISTÓRICA 19
1. Os antecedentes e a pré-história 19
2. O começo: a imprensa e a medida 21
3. 1940-1950: a sistematização das regras e o interesse pela simbólica política 22
4. 1950-1960: a expansão e a problemática 25
5. 1960-1975: computadores e semiologia 28
6. Tendências atuais 31

II. DEFINIÇÃO E RELAÇÃO COM AS OUTRAS CIÊNCIAS 33
1. O rigor e a descoberta 34
2. O campo 37
3. A descrição analítica 41
4. A inferência 44
5. A análise de conteúdo e a linguística 49
6. A análise de conteúdo e a análise documental 51

SEGUNDA PARTE – PRÁTICAS 53

I. ANÁLISE DOS RESULTADOS NUM TESTE DE ASSOCIAÇÃO DE PALAVRAS: ESTEREÓTIPOS E CONOTAÇÕES 57
1. A administração do teste 57
2. Propostas de análise 58

II. ANÁLISE DE RESPOSTAS A QUESTÕES ABERTAS: A SIMBÓLICA DO AUTOMÓVEL 65
1. As perguntas 65
2. Propostas de análise 68

III. ANÁLISE DE COMUNICAÇÕES DE MASSA: O HORÓSCOPO DE UMA REVISTA 73
1. O jogo das hipóteses 75
2. A análise temática de um texto 77
3. Análise lexical e sintática de uma amostra 82

IV. ANÁLISE DE ENTREVISTAS: FÉRIAS E TELEFONE 93
1. A entrevista: um método de investigação específico 93
2. A decifração estrutural 95
3. Exemplo: uma entrevista sobre as férias 98
4. Exemplo: um conjunto de respostas sobre a relação com o telefone 107

TERCEIRA PARTE – MÉTODO 123
I. ORGANIZAÇÃO DA ANÁLISE 125
1. A pré-análise 125
2. A exploração do material 131
3. Tratamento dos resultados obtidos e interpretação 131

II. A CODIFICAÇÃO 133
1. Unidades de registro e de contexto 134
2. Regras de enumeração 138
3. Análise quantitativa e análise qualitativa 144

III. A CATEGORIZAÇÃO 147
1. Princípios 147
2. Exemplos de conjuntos categoriais 150
3. Os índices para computadores 158

IV. A INFERÊNCIA 165
1. Polos da análise 165
2. Processos e variáveis de inferência 168

V. A INFORMATIZAÇÃO DA ANÁLISE DAS COMUNICAÇÕES 173
1. É possível fazer análise de conteúdo por computador? 173
2. A utilidade da informática para a análise de conteúdo 174
3. O que o computador pode ou não fazer 177
4. Exemplo: uma análise de conteúdo de imprensa 180
5. A análise de resposta a questões abertas 182
6. As análises lexicométricas 185
7. O programa DEREDEC 187

QUARTA PARTE – TÉCNICAS 199
I. A ANÁLISE CATEGORIAL 201

II. A ANÁLISE DE AVALIAÇÃO 203
1. Uma medida das atitudes 203
2. As diferentes fases da técnica 204
3. Comentários sobre o método 210
4. Variantes e aplicações da técnica 210

III. A ANÁLISE DA ENUNCIAÇÃO 217
1. Uma concepção do discurso como palavra em ato 217
2. Condições e organização de uma análise da enunciação 221
3. Uma abordagem linguística. A interpretação do implícito 231

IV. A ANÁLISE PROPOSICIONAL DO DISCURSO 235

V. A ANÁLISE DA EXPRESSÃO 247
1. Os indicadores 248
2. Alguns exemplos de aplicação 251

VI. A ANÁLISE DAS RELAÇÕES 259
1. Análise das coocorrências 259
2. A análise "estrutural" 266
3. A análise do discurso 275

Referências sugeridas 277

Introdução

Para um ser humano, 30 anos é uma idade bonita: nascer, crescer, agir. E para um livro? Escrevê-lo, ser útil, evoluir?...

Há 30 anos, em meados dos anos 1970, assistiu-se a um período extremamente fértil de desenvolvimento das ciências sociais e humanas. A liberdade de expressão, a efervescência do pensamento e a explosão da comunicação obrigavam a estar à escuta. Como estar à escuta, cientificamente e com rigor, de palavras, de imagens, de textos escritos e discursos pronunciados? Como passar do uno ao múltiplo? Como compreender, analisar, sintetizar e descrever inquéritos, artigos de jornais, programas de rádio ou de televisão, cartazes publicitários, documentos históricos e reuniões de trabalho?

O método da análise dessas comunicações ainda não existia, mas a explosão comunicacional, bem como o interesse em compreendê-las, já estava presente. Havia apenas embriões de práticas empíricas: nos gabinetes de estudos de marketing, entre sociólogos que levavam a cabo estudos qualitativos por meio de entrevistas, o interesse dos psicoterapeutas em encontrarem novos meios de compreensão dos seus pacientes, linguistas preocupados com a enunciação ou com a semiologia, etnólogos em busca de equações estruturais, historiadores à procura, nos vestígios dos discursos, de realidades humanas passadas. E, paralelamente, um grande interesse pela compreensão por meio das palavras, das imagens, dos textos e dos discursos: descrever e interpretar opiniões, estereótipos, representações, mecanismos de influência, evoluções individuais e sociais.

Como fazer isso? Qual era o método? Onde estava o "livro de receitas"?

Por vezes, para um ser humano ainda muito jovem, mas que cresce e procura o seu lugar e a sua utilidade na própria vida, surgem de repente várias circunstâncias favoráveis. Foi o que aconteceu com este livro.

Um pequeno emprego para viver, num setor emergente nesta época, é o de estudos de satisfação junto a consumidores potenciais de um novo produto. Por exemplo: como analisar uma vintena de inquéritos a grupos compostos por "donas de casa" solicitadas na rua, reunidas à volta de uma mesa redonda, onde se oferece uma série de queijos para degustação? Esses queijos, na verdade, são feitos da mesma matéria, mas apresentam diferentes argumentos de sedução: folha de carvalho, especiarias vermelhas moídas, grãos de pimenta moídos... Fazer falar, debater... Registrar fielmente o que é dito... Transcrevê-lo em centenas de páginas... E depois? Analisar metodicamente com vista a elaborar uma síntese fiel e convincente para a empresa que encomendou o estudo?

Mas como analisar o material verbal obtido?

Paralelamente, uma investigação universitária no seio de uma equipe multidisciplinar que reúne psicossociólogos e linguistas, encarregada de um estudo sobre o papel das representações sociais induzidas pelo desenvolvimento de imagens publicitárias. Como proceder para analisar, e depois teorizar, a partir de um material abundante, sobredeterminado de sentido, na ausência quase total de um método técnico para além da primeira e original demonstração de Barthes a propósito das relações entre texto e imagem das famosas massas Panzani?

Como fazê-lo? Na França, os trabalhos publicados, artigos e obras sobre a prática deste tipo de análise eram ainda raríssimos. E em língua inglesa? Nos Estados Unidos, por exemplo? A América, abertura natural para o Oeste, fascinava nessa época. Mas os Estados Unidos eram ainda de difícil acesso. Seriam necessárias mais duas épocas para que se implantasse a transmissão eletrônica à distância.

Surgiu então uma oportunidade durante uma breve escala entre dois aviões, em Nova Iorque, após uma viagem de cunho etnológico pelas altas montanhas e profundos vales andinos na América do Sul. Para mim, jovem explorador, o regresso à civilização manifestou-se pela visita às livrarias da principal avenida que atravessa Manhattan. Após o espanhol e o quéchua, alguns livros nos quais figurava a exótica expressão *content analysis* pareciam poder substituir, no caminho de volta ao Velho Continente, na minha mochila, as bússolas e as botas de montanha que tinham sido úteis para os desfiladeiros cheios de neve e para as florestas virgens escarpadas.

Será que estas páginas impressas iriam servir de pista para abordar eficazmente a análise da comunicação em ciências sociais e humanas?

É verdade que havia algumas pistas e "receitas" rigorosas. Mas se a cozinha norte-americana não se compara com a francesa, o mesmo sucedia com a *content analysis* anglo-saxônica, um produto quase desconhecido em Paris. Muito funcionais, as técnicas propostas, que multiplicavam os conselhos necessários de descrições rigorosas, de fidelidade dos programadores, bem como a tônica colocada no risco da propaganda insidiosa dos media..., eram úteis. Mas não eram suficientes face à efervescência multidisciplinar das correntes culturais francesas. Com efeito, tínhamos então em curso investigações de tipo estrutural, semiológico, psicanalítico, literário, que seriam exportadas da França para o mundo em geral e para os Estados Unidos em particular.

Tínhamos também muito bons editores. Um deles era a Presses Universitaires de France. Podia-se escrever um "livro de receitas", o que foi concretizado em 1977.

A história deste livro evoluiu no plano do conteúdo. Uma parte, cerca de um quarto, foi modificada dez anos depois, em 1987. A "análise automática do discurso" de Pêcheux, protótipo demasiado experimental para ser útil de forma concreta, foi suprimida. Foi criado um capítulo unicamente dedicado à análise de entrevistas, uma vez que os nossos ensinamentos e práticas demonstraram a extrema necessidade de descrever, passo a passo, os métodos mais heurísticos de análise dos conteúdos temáticos, mas também das *formas enunciativas e estruturais* para este material rico e complexo que é uma entrevista, ou uma série de entrevistas comparáveis. Foi introduzida uma síntese sobre as experiências de análise proposicionais do discurso da equipe de Ghiglione, estimulantes apesar da dificuldade de aplicação concreta. Estas modificações foram bem recebidas pelos leitores[1].

1. Nos anos 1990, levantou-se uma nova questão quanto à evolução do conteúdo deste livro. Estava ligada ao aparecimento no mercado de programas informáticos de análise de dados de material verbal. Será que se devia dedicar páginas a isso? Como? Várias razões dificultavam a escolha: no terreno, a prática desses programas revelava-se muito pesada para a preparação do texto; além disso, a interpretação nem sempre era fiável sem um conhecimento rigoroso das operações efetuadas pelos programas para se apreender o sentido dos resultados. A rápida evolução das capacidades técnicas implicava multiplicar as atualizações. Pareceu mais sensato ao autor, cujo saber se baseava em práticas artesanais facilmente observáveis, deixar este domínio para as publicações de artigos especializados.

A continuidade, regular, desde cerca de 30 anos – tanto em língua francesa como espanhola e portuguesa –, da utilidade deste manual surpreendeu o próprio autor. A receita? Qualidade e notoriedade de uma editora, a Presses Universitaires de France? Faro e confiança de um diretor de coleção[2]? Momento oportuno para a publicação? Interesse pedagógico, sentido do concreto, por um modesto método, de alguém que nunca parou de pôr a mão na massa? Discípulos convencidos de que tomaram as rédeas?

Os agradecimentos vão para todos. Sem esquecer os leitores, que, pelas suas práticas, continuam, entre o artesanato e o conhecimento prático, a fazer evoluir a análise de conteúdo.

Laurence Bardin
laurence.bardin@univ-paris5.fr

2. Paul Fraisse, professor na Université René-Descartes – Paris V.

Prefácio

O que é a análise de conteúdo atualmente? Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a "discursos" (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem. Tarefa paciente de "desocultação", responde a esta atitude de *voyeur* de que o analista não ousa confessar-se e justifica a sua preocupação, honesta, de rigor científico. Analisar mensagens por esta dupla leitura onde uma segunda leitura se substitui à leitura "normal" do leigo, é ser agente duplo, detetive, espião... Daí a investir-se o instrumento técnico enquanto tal e a adorá-lo como um ídolo capaz de todas as magias, fazer dele o pretexto ou o álibi que caucione vãos procedimentos, a transformá-lo em gadget inexpugnável do seu pedestal, vai um passo... que é preferível não transpor.

O maior interesse deste instrumento polimorfo e polifuncional que é a análise de conteúdo reside – para além das suas funções heurísticas e verificativas – no constrangimento por ela imposto de alongar o tempo de latência entre as intuições ou hipóteses de partida e as interpretações definitivas. Ao desempenharem o papel de "técnicas de ruptura" face à intuição aleatória

e fácil, os processos de análise de conteúdo obrigam à observação de um intervalo de tempo entre o estímulo-mensagem e a reação interpretativa.

Se este intervalo de tempo é rico e fértil, então há que recorrer à análise de conteúdo...

Este livro pretende ser um manual, um guia, um prontuário. Tem por objetivo explicar o mais simplesmente possível o que é hoje a análise de conteúdo e a utilidade que pode ter nas ciências humanas. Para desempenhar melhor esta tarefa foram tomadas algumas opções:

- Descrever a evolução da análise de conteúdo, delimitar o seu campo e diferenciá-la de outras práticas (primeira parte: história e teoria).
- Pôr o leitor imediatamente em contato com exemplos simples e concretos de análise, decompondo pacientemente o mecanismo dos processos (segunda parte: práticas).
- Descrever a textura, ou seja, cada operação de base, do método, fazendo referência à técnica fundamental, a análise de categorias (terceira parte: métodos).
- Apresentar, indicando os seus princípios de funcionamento, outras técnicas diferentes nos seus processos mas que respondem à função da análise de conteúdo (quarta parte: técnicas)[3].

No conjunto tentou-se conseguir um equilíbrio entre a diversidade (referência a trabalhos norte-americanos, muitas vezes desconhecidos na França; indicação das possibilidades de tratamento informático; menção de aplicações a materiais não linguísticos) e a unidade (no início dos últimos vinte e cinco anos do século XX era necessário desembaraçar a análise de conteúdo dos diversos olhares sobre "o que fala" e marcar a sua especificidade).

3. Cada uma das quatro partes pode ser abordada independentemente das outras.

PRIMEIRA PARTE

HISTÓRIA E TEORIA

I

Exposição histórica

*Content analysis should begin where traditional modes of research end.**
LASSWELL, LERNER e POOL[1]

Descrever a história da "análise de conteúdo" é essencialmente referenciar as diligências que nos Estados Unidos marcaram o desenvolvimento de um instrumento de análise das comunicações; é seguir passo a passo o crescimento quantitativo e a diversificação qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização de uma das técnicas classificadas sob a designação genérica de análise de conteúdo; é observar *a posteriori* os aperfeiçoamentos materiais e as aplicações abusivas de uma prática que funciona há mais de meio século. Mas também é pôr em questão as suas condições de aparecimento e de extensão em diversos setores das ciências humanas, e tentar clarificar as relações que a análise de conteúdo mantém ou não com disciplinas vizinhas pelo seu objeto ou pelos seus métodos.

1. OS ANTECEDENTES E A PRÉ-HISTÓRIA

Antes de analisar as comunicações segundo as técnicas modernas do século XX, tornadas operacionais pelas ciências humanas, os textos já

* A análise de conteúdo deve começar onde os modos tradicionais de investigação acabam (*N. do T.*)

1. H. D. Lasswell, D. Lerner, I. de S. Pool (orgs.), *The comparative study of symbols*, Stanford, Stanford University Press, 1952.

eram abordados de diversas formas. A hermenêutica, arte de interpretar os textos sagrados ou misteriosos, é uma prática muito antiga. O que é passível de interpretação? Mensagens obscuras que exigem uma interpretação, mensagens com um duplo sentido cuja significação profunda (a que importa aqui) só pode surgir depois de uma observação cuidadosa ou de uma intuição carismática.

Por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar. A interpretação dos sonhos, antiga ou moderna, a exegese religiosa (em especial a da Bíblia), a explicação crítica de certos textos literários, até mesmo de práticas tão diferentes como a astrologia ou a psicanálise relevam de um processo hermenêutico. Também a *retórica* e a *lógica* são de agrupar nas práticas de observação de um discurso, práticas estas anteriores à análise de conteúdo. A primeira estudava as modalidades de expressão mais propícias à declamação persuasiva, a segunda tentava determinar, pela análise dos enunciados de um discurso e do seu encadeamento, as regras formais do raciocínio certo.

A atitude interpretativa continua em parte a existir na análise de conteúdo, mas é sustentada por processos técnicos de validação. Certos estudos assemelhavam-se pelo seu objeto à *retórica* (a propaganda, por exemplo), ou à *lógica* pelo seu procedimento (por exemplo, a análise de um desenvolvimento normativo e das suas regras de enunciação), ou até mesmo pelo seu objetivo (a análise de conteúdo não é, esperamo-lo[2], nem doutrinal nem normativa).

Para além destas maneiras de abordar os textos cuja tradição é longínqua, a precisão histórica refere alguns casos geralmente isolados que em certa medida seriam análises de conteúdo prematuras. Por exemplo, a pesquisa de autenticidade feita na Suécia por volta de 1640 sobre os hinos religiosos. Com o objetivo de se saber se esses hinos, em número de noventa, podiam ter efeitos nefastos nos Luteranos, foi efetuada uma análise dos diferentes temas religiosos, dos seus valores e das suas modalidades de aparição (favorável ou desfavorável), bem como da sua complexidade estilística. Mais recentemente (1888-1892) o francês B. Bourbon, para ilustrar um trabalho sobre "a expressão das emoções e das tendências na linguagem", trabalhou sobre uma parte da Bíblia, o Livro do Êxodo, de maneira relativamente rigorosa, com uma preparação elementar do texto e classificação temática das palavras-chave. Anos depois (1908-1918), foi feito um estudo sociológico profundo, a respeito da integração dos emigrantes polacos na Europa e nos Estados Unidos, por Thomas (professor em Chicago) e Znaniecki (antropólogo polaco). Utilizou-se uma técnica elementar da análise de conteúdo – mais do que sistematização de uma leitura normal – em um material composto por elementos vários (cartas, diários íntimos, mas também relatórios oficiais e artigos de jornal).

2. O COMEÇO: A IMPRENSA E A MEDIDA

A partir do princípio do século, durante cerca de quarenta anos, a análise de conteúdo desenvolveu-se nos Estados Unidos. Nesta época, o rigor científico invocado é o da medida e o material analisado é essencialmente jornalístico. A Escola de Jornalismo de Columbia dá o pontapé inicial e multiplicam-se assim os estudos quantitativos dos jornais. É feito um inventário das rubricas, segue-se a evolução de um órgão de imprensa, mede-se o grau de "sensacionalismo" dos seus artigos, comparam-se os periódicos rurais e os diários citadinos. Desencadeia-se um fascínio pela contagem e pela medida (superfície dos artigos, tamanho dos títulos, localização na página). Por outro lado, a Primeira Guerra Mundial deu lugar a um tipo de análise que se amplifica quando da Segunda: o estudo da propaganda.

O primeiro nome que de fato ilustra a história da análise de conteúdo é o de H. Lasswell: fez análises de imprensa e de propaganda desde meados de 1915. Em 1927 é editado: *Propaganda Technique in the World War.*

O *behaviorismo* dita a sua lei nas ciências psicológicas de então nos Estados Unidos. Rejeita a introspecção intuitiva em benefício da psicologia comportamental objetiva.

Trata-se de descrever o comportamento enquanto resposta a um estímulo, com um máximo de rigor e cientificidade. Tal como a sociologia após Durkheim, a psicologia distancia-se face ao seu objeto de estudo. O nascimento da análise

2. De fato, o sociólogo crítico sabe – e a sua função é precisamente o desvendar crítico – que é difícil afastar toda e qualquer implicação ideológica, mesmo multiplicando as técnicas de rigor e validação.

de conteúdo provém da mesma exigência que se manifesta igualmente na linguística. Mas a linguística e a análise de conteúdo ignoram-se mutuamente, e continuam a desenvolver-se ainda por muito tempo tomando caminhos distintos, apesar da proximidade do seu objeto, já que uma e outra trabalham na e pela linguagem. Depois de Saussure, Troubetskoy – fonologia (1926-1928) – e Bloomfield – análise distributiva (1933) – rompeu com uma concepção tradicional da língua: a linguística torna-se funcional e estrutural.

3. 1940-1950: A SISTEMATIZAÇÃO DAS REGRAS E O INTERESSE PELA SIMBÓLICA POLÍTICA

Nos Estados Unidos, os departamentos de ciências políticas ocuparam um lugar de destaque no desenvolvimento da análise de conteúdo. Os problemas levantados pela Segunda Guerra Mundial acentuaram o fenômeno. Durante este período, 25% dos estudos empíricos que relevam a técnica de análise de conteúdo pertencem à investigação política. Pesquisa esta muito pragmática e que tem por objetivo específico o conflito que abala o mundo. Por exemplo, durante os anos da guerra, o Governo norte-americano exortou os analistas a desmascararem os jornais e periódicos suspeitos de propaganda subversiva (principalmente nazista). Foram empregados vários processos de despistamento:

- Referenciação dos temas favoráveis ao inimigo e percentagem destes em relação ao conjunto dos temas.
- Comparação entre o conteúdo do jornal incriminado *(The Galilean)* com o das emissões nazistas destinadas aos Estados Unidos.
- Comparação de duas publicações suspeitas (*Today's Challenge, Forum Observer*) com duas publicações cujo patriotismo era evidente (*Reader's Digest* e *Saturday Evening*).
- Análise de favoritismo/desfavoritismo de vários livros e periódicos em relação aos dois temas seguintes: "A União Soviética vence" e "As doutrinas comunistas são verdadeiras" (temas esses divididos em cerca de quinze subtemas).
- Análise lexical a partir de uma lista de palavras consideradas palavras-chave da política e propaganda nazista (aplicada às mesmas publicações).

H D. Lasswell continua seus trabalhos sobre a análise dos "símbolos"[3] e as mitologias políticas na Universidade de Chicago e na Experimental Division for the Study of Wartime Communications, na Biblioteca do Congresso. Aumenta o número de investigadores especializados em análise de conteúdo: H. D. Lasswell, N. Leites, R. Fadner, J. M. Goldsen, A. Gray, I. L. Janis, A. Kaplan, D. Kaplan, A. Mintz, I. de Sola Pool, S. Yakobson participaram em *The Language of Politics: Studies in Quantitative Semantics* (1949).

Com efeito, o domínio de aplicação da análise de conteúdo diferencia-se cada vez mais. Pertencem a este período dois exemplos: um, próximo da crítica literária, outro, um caso célebre centrado na personalidade de uma mulher neurótica.

A análise do romance autobiográfico *Black Boy,* de Richard Wright, foi efetuada por R. K. White em 1947[4]. Trata-se de uma análise estatística dos valores, assinalados ao longo do livro, por anotação à margem, codificada com a ajuda de três tipos de símbolos: *os fins* ou *objetivos* (ex: alimentação, sexo, amizade...) as *normas* (normas de moralidade, de verdade, de civilização...), *as pessoas* (R. Wright, os negros, os brancos...), símbolos combináveis entre si numa mesma frase. Para além disso, esta análise estatística fornece informações que a análise subjetiva "normal", por si só, não fazia aparecer.

A análise das "cartas de Jenny" (Jenny Gove Masterson)[5], manifesta a mesma preocupação de objetividade e a superioridade (ou a complementaridade) de uma técnica sistemática em relação a uma apreensão clínica "impressionista". Essas cartas, em número de 167, são materiais de eleição para os psicossociólogos, já que, analisadas em 1942 por Baldwin[6], vêm também a interessar a Allport (que as publica em 1946 como um caso de especial interesse para o estudo da personalidade) e a J. M. Paige, que as utiliza de novo

3. *Political Symbol Analysis*. Mas *Symbol* neste caso tem o sentido do significante maior, de palavra-chave, e não o sentido de símbolo em francês. "Um símbolo-chave é um termo básico da mitologia política". Exemplos de símbolos-chave nos anos 1940 nos Estados Unidos: "direitos", "liberdade", "democracia", "igualdade".
4. R. K. White, "Black Boy: a value-analysis". *J. abnorm. soc. Psychol.*, 1947, 42.
5. Na realidade este nome é um pseudônimo.
6. A. L. Baldwin, "Personality structure analysis: a statistical method for investigating the single personality" *J. abnorm. soc. Phychol.*, 1942, 37.

em 1966[7] para renovar o estudo do seu antecessor, usando as novas possibilidades que o computador oferece. A análise de Baldwin apresenta-se como uma "análise da estrutura da personalidade" *(personal structure analysis)*, tendo por objetivo funcionar como um "componente da perspicácia mais ou menos brilhante do clínico". Ou, como diz ainda Baldwin, "uma técnica que proporciona uma avaliação e uma análise que terão a virtude da objetividade e revelarão também os aspectos do material que poderiam ter escapado ao exame minucioso do clínico". Entre a tônica colocada na necessidade de objetividade e as medidas de verificação que neste período são gerais, a técnica empregada por Baldwin para incrementar a compreensão de um caso neurótico constitui uma das primeiras tentativas de "análise de contingência" (ou análise de coocorrências, isto é, das associações – duas ou mais palavras ou temas – ou exclusões presentes no material de análise). A *contingency analysis* será desenvolvida por Osgood uma quinzena de anos mais tarde e generalizada em seguida graças às possibilidades ampliadas pelo uso do computador.

Do ponto de vista metodológico, o final dos anos 1940-1950 é, sobretudo, marcado pelas regras de análise elaboradas por E. Berelson[8], auxiliado por P. Lazarsfeld. A célebre definição de análise de conteúdo, que Berelson dá então, resume muito bem as preocupações epistemológicas desse período:

> A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação.

Na verdade, esta concepção e as condições muito normativas e limitantes de funcionamento da análise de conteúdo foram completadas, postas em questão e ampliadas pelos trabalhos posteriores dos analistas norte-americanos.

7. J. M. Paige, "Letters from Jenny: an approach to the clinical analysis of personality structure by computer", P. J. Stone, D. C. Dunphy, M. S. Smith, e D. M. Ogilvie, *The general Inquirer: a computer approach to content analysis in the behavioral sciences*, Cambridge, MIT Press, 1966, pp. 431-451.
8. B. Berelson e P. F. Lazarsfeld, *The analysis of communications content*, University of Chicago and Columbia University, Preliminary Draft, Chicago e Nova Iorque, 1948: depois, B. Berelson, *Content analysis in communication research*, Glencoe, Ill, The Free Press, 1952; e B. Berelson, "Content Analysis em G. Lindzey" (org.), *Handbook of Social Psychology*, Cambridge, Addison-Wesley Publishing Co., 1954.

No entanto, na França, afigura-se que até uma data recente (1973-1974) se continuou a obedecer de maneira rígida ao modelo berelsoniano. Para nos convencermos de que assim é, basta que observemos as referências bibliográficas ou as instruções fornecidas pelos raros manuais franceses que se dignavam a abordar o problema da análise de conteúdo. Essa ignorância soberba que consistia em negar vinte ou trinta anos de progressos norte-americanos, ou em negligenciar a contribuição francesa ou estrangeira das ciências conexas à análise de conteúdo (a linguística, a semântica, a semiologia, a documentação, a informática), começa, felizmente, a ser substituída por uma insatisfação tanto prática como teórica, suscetível de impelir os professores ou os técnicos para a busca de informações complementares.

Quaisquer que sejam os progressos posteriores a Lasswell e a Berelson, os seus critérios marcam a preocupação deste período em trabalhar com amostras reunidas de maneira sistemática, a interrogar-se sobre a validade do procedimento e dos resultados, a verificar a fidelidade dos codificadores e até a medir a produtividade da análise. É o período significativo de uma prática com uma metodologia nascente, onde as exigências de rigor e de objetividade pressentidas adquirem um caráter obsessivo, suscetível de encobrir outras necessidades ou possibilidades.

4. 1950-1960: A EXPANSÃO E A PROBLEMÁTICA

O período seguinte é caracterizado pela expansão das aplicações da técnica a disciplinas muito diversificadas e pelo aparecimento de interrogações e novas respostas no plano metodológico. Na realidade, depois da codificação imperiosa que atinge o seu apogeu com Berelson, o período imediatamente posterior à guerra é marcado por anos de bloqueio e desinteresse. Durante algum tempo, a análise de conteúdo parece ter caído num impasse e uns quantos investigadores desiludidos (Berelson, Janis, Lasswell, Leites, Lerner, Pool) parecem abandonar a partida. O próprio Berelson chega à conclusão desencantada:

> A análise de conteúdo como método não possui qualidades mágicas e raramente se retira mais do que nela se investe e algumas vezes até menos; – no fim de contas, nada há que substitua as ideias brilhantes.

Isto equivale, de certa forma, a negar o que já fora adquirido.

Mas no início dos anos 1950, o Social Science Research Council's Committee on Linguistics and Psychology convocou diversos congressos sobre os problemas da "Psicolinguística". O último, conhecido como Allerton House Conference, por causa do local da reunião (Illinois), teve lugar em 1955 e uma parte das contribuições foi publicada em 1959, sob a orientação de I. de Sola Pool[9], que se torna o nome marcante daquele decênio nos sucessivos *readers*[10] norte-americanos.

Os participantes descobrem então duas coisas: os investigadores e técnicos provenientes de horizontes muito diversos interessam-se doravante pela análise de conteúdo; se os problemas precedentes não forem resolvidos, novas perspectivas metodológicas, no entanto, vão eclodindo. O congresso manifesta, pois, um interesse redobrado. A análise de conteúdo entra, de certo modo, numa segunda juventude. A etnologia, a história, a psiquiatria, a psicanálise, a linguística, acabam por se juntar à sociologia, à psicologia, à ciência política, aos jornalistas, para questionar essas técnicas e propôr a sua contribuição.

Desenvolvem-se novos considerandos metodológicos e epistemológicos. No plano epistemológico, confrontam-se duas concepções, dois "modelos" de comunicação: o modelo "instrumental", representado por A. George e G. Mahl, e o modelo "representacional", defendido por G. E. Osgood. Eis como I. de Sola Pool resume a orientação de cada uma dessas concepções:

> De maneira grosseira, arrogamo-nos o direito de dizer que "representacional" significa que o ponto importante no que diz respeito à comunicação é o revelado pelo conteúdo dos *itens* lexicais nela presentes, isto é, que algo nas palavras da mensagem permite ter indicadores válidos sem que se considerem as circunstâncias, sendo a mensagem o que o analista observa. *Grosso modo*, "instrumental" significa que o fundamental não é aquilo que a mensagem diz à primeira vista, mas o que ela veicula, dados o seu contexto e as suas circunstâncias.

No plano metodológico, a querela entre a abordagem quantitativa e a abordagem qualitativa absorve certas cabeças. Na análise quantitativa, o que serve de informação é a *frequência* com que surgem certas características do

9. I. de Sola Pool (org.), *Trends in content analysis*, Urbana, Illinois University Press, 1959.
10. *Reader*: recolha de textos.

conteúdo. Na análise qualitativa é a *presença* ou a *ausência* de uma característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomada em consideração[11].

A um nível mais estritamente técnico, Osgood propõe ou aperfeiçoa diversos procedimentos: a análise das asserções avaliadoras de uma mensagem *(Evaluative assertion analysis)*, a análise das coocorrências *(Contingency analysis)*, e, depois de W. Taylor, o método Cloze *(Cloze Procedure)*[12]. É conhecido, aliás, o importante trabalho sobre "a medida das significações"[13] efetuado nesta época. A tônica é colocada nas orientações de valor, afetivas ou cognitivas, dos significantes ou dos enunciados de uma comunicação; tendo por pressuposto que essas orientações são bipolarizadas, passíveis de medida por intermédio de escalas e que algumas das dimensões consideradas são universais, qualquer que seja a cultura do locutor.

De fato, para além dos aperfeiçoamentos técnicos, duas iniciativas "desbloqueiam", então, a análise de conteúdo. Por um lado, a exigência de objetividade torna-se menos rígida, ou melhor, alguns investigadores interrogam-se acerca da regra legada pelos anos anteriores, que confundia objetividade e cientificidade com a minúcia da análise de frequências. Por outro, aceita-se mais favoravelmente a combinação da compreensão clínica, com a contribuição da estatística. Mas, além disso, a análise de conteúdo já não é considerada exclusivamente com um alcance *descritivo* (cf. os inventários dos jornais do princípio do século), pelo contrário, toma-se consciência de que a sua função ou o seu objetivo é a *inferência*. Que esta inferência se realize tendo por base indicadores de frequência, ou, cada vez mais assiduamente, com a ajuda de indicadores combinados (cf. análise das coocorrências), toma-se consciência de que, a partir dos resultados da análise, se pode regressar às causas, ou até descer aos efeitos das características das comunicações.

11. A. L. George, "Quantitative and qualitative approaches to content analysis", in I. de Sola Pool, op. cit., 1959, pp. 7-32.
12. C. E. Osgood, "The representational model and relevant research methods", in I. de Sola Pool, op. cit., 1959, pp. 33-88.
13. C. E. Osgood, G. J. Suci, P. H. Tannenbaum, *The measurement of meaning*, Urbana, University, Illinois University Press, 1957.

Se analisarmos a situação em finais dos anos 1950, aperceberemo-nos de que, quantitativamente, a análise de conteúdo progrediu conforme uma razão geométrica. A partir do critério numérico de estudos por ano, constata-se que a evolução se processa da seguinte maneira: 2,5 estudos por ano em média entre 1900 e 1920, 13,3 entre 1920 e 1930, 22,8 entre 1930 e 1940, 43,3 entre 1940 e 1950, mais de cem estudos por ano entre 1950 e 1960[14].

5. 1960-1975: COMPUTADORES E SEMIOLOGIA

Nos anos 1960 e início dos anos 1970, três fenômenos primordiais afetam a investigação e a prática da análise de conteúdo. O primeiro é o recurso ao computador; o segundo, o interesse pelos estudos que dizem respeito à comunicação não verbal e o terceiro é a inviabilidade de precisão dos trabalhos linguísticos.

O primeiro "cérebro electrônico" nasceu em 1944; em 1960 surge "a segunda geração de computadores", graças aos transistores, à qual se sucede rapidamente a terceira geração, em 1966, com os circuitos integrados. Atualmente, fala-se já da quarta geração. Além de o tratamento informático permitir assimilar rapidamente quantidades de dados impossíveis de manipular manualmente e permitir testes estatísticos antes impraticáveis, o uso do computador tem consequências nas questões privilegiadas da análise de conteúdo. O *computador* vem oferecer novas possibilidades, mas a realização de um programa de análise exige um *acréscimo de rigor* em todas as fases do procedimento. A primeira obra importante a dar conta das novas análises pelo computador e a tentar responder às dificuldades que elas suscitam apareceu em 1966, sob o título de *General Inquirer*[15]. Uma vez que permite apurar a contagem por frequência, o computador leva-nos a pôr questões sobre a ponderação ou a distribuição das unidades de registro, assim como a ultrapassar a dicotomia análise quantitativa/análise qualitativa. Exige-se uma preparação dos textos a tratar e, por conseguinte, uma definição mais precisa das unidades de codificação, além de tornar operacionais procedimentos de análise automática das unidades de contexto, quando o sentido de uma unidade de registro é ambíguo. Desse modo, o analista é obrigado a apelar para os progressos da linguística, a fim de formular regras justificadas. Uma parte importante desses esforços é dedicada a atualizar "dicionários", isto é, quadros capazes de referenciar e avaliar as unidades do texto em categorias ou subcategorias. Isto, de forma pertinente tanto relativamente aos materiais como aos objetivos visados, é também generalizável aos materiais e objetivos similares. Finalmente, os estatísticos darão daqui em diante o seu contributo, uma vez que o tratamento por computador facilita a utilização de testes estatísticos ou permite tratamentos com muitas variáveis (do tipo da análise fatorial).

As novas técnicas são aplicadas a "textos" muito diversos dentro do quadro de disciplinas cada vez mais variadas, como o testemunha o conteúdo dos artigos resultantes de investigações automatizadas de procedimento do grupo do *General Inquirer*:

- A mudança social nos grupos de autoanálise (estudo de pequenos grupos).
- As relações internacionais (ciências políticas).
- A linguagem psicótica; a temática do psicoterapeuta no decorrer das suas entrevistas (psicologia clínica).
- As características de cartas de "candidatos ao suicídio"; a percepção da própria identidade, nos estudantes (psicologia social).
- A relação entre o uso do álcool e o conteúdo temático dos contos populares (antropologia) etc.

Enquanto surge o resultado do conjunto dos softwares, feitos por Stone e seus colaboradores, intitulado *General Inquirer,* reúne-se um congresso na Filadélfia (1967) (The Annenberg School of Communications). Esse congresso reúne 400 investigadores, sendo as suas comunicações publicadas em 1969, sob a direção de G. Gerbner, O. R. Holsti, K.

14. F. E. Barcus, "Communications content: analysis of the research, 1900-1958" unpublished doctor's dissertation, University of Illinois, 1959; citado por O. R. Holsti, *Content analysis for the social sciences and humanities*, Addison-Wesley, 1969.
15. P. J. Stone, D. C. Dunphy, M. S. Smith, D. M. Ogilvie, *The general inquirer: a computer approach to content analysis in the behavioral sciences*, Cambridge, MIT Press, 1966.

Krippendorff, W. J. Paisley e P. J. Stone[16]. Uma parte importante das discussões foi consagrada às diferentes contribuições do computador. O tecnicismo dessas discussões torna-se cada vez mais exato: problemas de "reconhecimento", contextos de significação, regras de "desambiguação", "cobertura da informação" e também, num plano estritamente material, contribuições técnicas a fim de adaptar a máquina às operações rigorosas requeridas pelas análises.

Contudo, a adaptação da análise de conteúdo ao computador (ou vice-versa) não cobre a totalidade dos trabalhos da Annenberg School Conference. No plano metodológico e teórico, alguns temas de reflexão abordados em 1955 na Allerton House Conference continuam a suscitar estudos: a questão da *inferência,* devido às características do conteúdo das causas ou dos efeitos da mensagem; a formalização de sistemas de *categorias standard.* A necessidade de *normas* ou de critérios de comparação exteriores ao núcleo teórico torna-se um novo centro de interesse, em 1967. Em contrapartida, os problemas de sistemas de enumeração e de unidades de análise, no centro das discussões em 1955, despertam muito menos interesse, ou, devido ao uso do computador, são pelo menos equacionados de forma diferente.

Essa evolução geral técnica (utilização do computador) e metodológica (prosseguimento das investigações dos anos anteriores) é interna ao desenvolvimento da análise de conteúdo. Nos anos 1960, outras tendências, desta vez externas, afetam o seu movimento. Trata-se do florescimento e até da "invasão" do campo científico por disciplinas afins, tais como a semiologia e a linguística. No primeiro caso, uma espécie de inflação anárquica explora o campo de sistemas de signos não linguísticos, até aí inexplorado. O território semiótico, mal definido, invasor, mas portador de um novo dinamismo, vem, por meio dos seus novos objetos (a imagem, a tipografia e a música, por exemplo) ou dos seus fundamentos teóricos (o estruturalismo, a psicanálise, por exemplo) perturbar o movimento relativamente linear da análise de conteúdo. A dificuldade com a linguística é de outra ordem: a análise de conteúdo é confrontada (e eventualmente comparada) com uma disciplina solidamente constituída e metodologicamente confirmada, mas em que a finalidade é diferente.

Face a este antagonismo, a análise de conteúdo atual recua, ou melhor, protege-se, continuando basicamente na sua perspectiva, uma vez que se julga ameaçada de dissolução ou de recuperação. Contudo, na França, por exemplo, os analistas atuais viram-se para o exterior, para *Le cru et le cuit*, de Lévi-Strauss, para a análise estrutural do discurso de A. Greimas, para as reflexões sobre a nossa mitologia de R. Barthes e para a análise semântica de J. Kristeva... e outros, como M. Pécheux, exploram a sua formação linguística para tentar a automatização da análise do discurso.

6. TENDÊNCIAS ATUAIS

Após meados dos anos 1970, a proliferação dos computadores pessoais e as experiências em inteligência artificial aumentam a esperança nas possibilidades informáticas. Por influência de uma linguística mais aberta, e graças também às investigações levadas a cabo por certo tipo de análise do discurso, a experimentação informática, depois de ter ultrapassado os obstáculos anteriores de programação e de ter relativamente dominado as descrições lexicais, concentra-se na apresentação das estruturas sintáticas dos textos.

A análise de conteúdo, se multiplica as aplicações, marca um pouco o passo, ao concentrar-se na transposição tecnológica, em matéria de inovação metodológica. Mas observa com interesse as tentativas que se fazem no campo alargado da análise de comunicações: lexicometria, enunciação linguística, análise da conversação, documentação e bases de dados etc.

16. G. Gerbner, O. R. Holsti, K. Krippendorff, W. J. Paisley, P. J. Stone, *The analysis of communication content. Developments in scientific theories and computer thecniques*, John Wiley & Sons, Nova York, 1969.

II

Definição e relação com as outras ciências

Sou investigador sociólogo e o meu trabalho visa determinar a influência cultural das comunicações de massa em nossa sociedade. Sou psicoterapeuta e gostaria de compreender o que as palavras dos meus "clientes" – os seus balbúcios, silêncios, repetições ou lapsos – são suscetíveis de revelar no seu rumo para a superação das suas angústias ou obsessões. Sou historiador e desejaria saber, baseando-me nas cartas enviadas à família antes da catástrofe, a razão pela qual determinado batalhão se deixou massacrar, durante a Primeira Guerra Mundial. Sou psicólogo e gostaria de analisar as entrevistas que efetuei com crianças de uma turma para avaliar o seu grau de adaptação. Estudo literatura, e ao debruçar-me sobre a obra de Baudelaire tento delinear, através de *Fleurs du Mal*, de poemas em prosa e notas íntimas encontradas, a estrutura temática do seu imaginário. Sou político e candidato desditoso, confio a um grupo de estudos a tarefa de desmontar a mecânica da propaganda do meu rival, de maneira que no futuro possa daí tirar partido. Sou publicista, e, pretendendo uma melhor adequação de determinada campanha ao seu fim, peço a um gabinete de estudos que realize uma análise comparativa de temas associados ao produto por altura das entrevistas de opinião e de temas utilizados na campanha atual. Para cada um dos casos e para muitos outros, as ciências humanas facultam um instrumento: *a análise de conteúdo* de comunicações. Esta técnica, ou melhor, estas técnicas[1] implicam um trabalho exaustivo com as suas divisões, cálculos e aperfeiçoamentos incessantes do *métier*.

1. P. Henry e S. Moscovici, em "Problèmes de l'analyse de contenu", in *Langage*, Setembro 1968, n. II, definem a análise de conteúdo "como um conjunto díspar de técnicas...".

Por que então esse trabalho de Penélope, diria o filósofo que não se incomoda com tais instrumentos, ou o profano que os desconhece? Por que esses "pacientes rodeios", essas enumerações de uma precisão minuciosa assentadas no estado atual do progresso das técnicas de análise das mensagens, essencialmente no inventário metódico e no cálculo de frequências estatísticas?

1. O RIGOR E A DESCOBERTA

Apelar para esses instrumentos de investigação laboriosa de documentos é situar-se ao lado daqueles que, de Durkheim a P. Bourdieu passando por Bachelard, querem dizer não "à ilusão da transparência" dos fatos sociais, recusando ou tentando afastar os perigos da compreensão espontânea. É igualmente "tornar-se desconfiado" relativamente aos pressupostos, lutar contra a evidência do saber subjetivo, destruir a intuição em proveito do "construído", rejeitar a tentação da sociologia ingênua, que acredita poder apreender intuitivamente as significações dos protagonistas sociais, mas que somente atinge a projeção da sua própria subjetividade. Esta atitude de "vigilância crítica" exige o desvio metodológico e o emprego de "técnicas de ruptura" e afigura-se tanto mais útil para o especialista das ciências humanas quanto mais ele tenha sempre uma impressão de familiaridade face ao seu objeto de análise. É ainda dizer não "à leitura simples do real", sempre sedutora, forjar conceitos operatórios, aceitar o caráter provisório de hipóteses, definir planos experimentais ou de investigação (a fim de despistar as primeiras impressões, como diria P. H. Lazarsfeld).

Isto, sem que se caia na armadilha (do jogo): construir por construir, aplicar a técnica para se afirmar de boa consciência, sucumbir à magia dos instrumentos metodológicos, esquecendo a razão do seu uso. Com efeito, da necessidade pertinente do utensílio à justificação de prestígio do *instrumento-gadget* medeia apenas um passo... Daí esta "falsa segurança dos números" que Pierre Bourdieu estigmatiza, a propósito das estatísticas.

No entanto, desde que se começou a lidar com comunicações que se pretende compreender para além dos seus significados imediatos, parecendo útil o recurso à análise de conteúdo.

De maneira geral, pode dizer-se que a sutileza dos métodos de análise de conteúdo corresponde aos seguintes objetivos:

- A *superação da incerteza:* o que eu julgo ver na mensagem estará lá efetivamente contido, podendo esta "visão" muito pessoal ser partilhada por outros? Por outras palavras, será a minha leitura válida e generalizável?
- E o *enriquecimento* da leitura: se um olhar imediato, espontâneo, é já fecundo, não poderá uma leitura atenta aumentar a produtividade e a pertinência? Pela descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações suscetíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que *a priori* não possuíamos a compreensão.

Esses dois polos, desejo de rigor e necessidade de descobrir, de adivinhar, de ir além das aparências, expressam as linhas de força do seu desenvolvimento histórico e o aperfeiçoamento que, atualmente, ainda faz a análise de conteúdo oscilar entre duas tendências. Historicamente, como já se viu, foi nos Estados Unidos, no contexto behaviorista das ciências humanas e por interesse dos governos em adivinhar as orientações políticas e estratégicas dos países estrangeiros, com a ajuda de documentos acessíveis (imprensa, rádio), que se fez do analista um detetive munido de instrumentos de precisão. Metodologicamente, confrontam-se ou completam-se duas orientações: a verificação prudente ou a interpretação brilhante.

Por outras palavras, a análise de conteúdo de mensagens que deveria ser aplicável – com maior ou menor facilidade, é certo – a todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza do seu suporte (do tam-tam à imagem, tendo evidentemente como terreno de eleição o código linguístico), possui duas funções, que na prática podem ou não dissociar-se:

- Uma *função heurística:* a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão para a descoberta. É a análise de conteúdo "para ver o que dá".
- Uma função de *"administração da prova"*. Hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias, servindo de diretrizes, apelarão para o método de análise sistemática para serem verificadas no

sentido de uma confirmação ou de uma infirmação. É a análise de conteúdo "para servir de prova".

Na prática, as duas funções da análise de conteúdo podem coexistir de maneira complementar. Tal produz-se, sobretudo, quando o analista se dedica a um domínio da investigação ou a um tipo de mensagens pouco exploradas, onde faltam ao mesmo tempo a problemática de base e as técnicas a utilizar. Neste caso, as duas funções interagem, reforçando-se uma à outra. A análise "às cegas" – aplicando de maneira quase aleatória (pelo método de tentativa e erro) procedimentos de inventário e de classificação, por exemplo (primeiro os mais fáceis de manejar) – pode fazer surgir hipóteses que, servindo então de guias, conduzirão o analista a elaborar as técnicas mais adequadas à sua verificação. Enquanto que, por outro lado, os analistas já orientados à partida para uma problemática teórica poderão, no decorrer da investigação, "inventar" novos instrumentos suscetíveis, por sua vez, de favorecer novas interpretações. Isso explica que, aquando destes procedimentos de "leituras sistemáticas" – mas não ainda sistematizadas –, há muitas vezes uma passagem incessante do corpo teórico (hipóteses, resultados), que se enriquece ou se transforma progressivamente, para as técnicas que se aperfeiçoam pouco a pouco (lista de categorias, quadros, matrizes, modelos). Esse vaivém contínuo possibilita facilmente a compreensão da frequente impressão de dificuldade no começo de uma análise, pois nunca se sabe exatamente "por qual ponta começar".

A análise de conteúdo (seria melhor falar de análises de conteúdo) é um método muito empírico, dependente do tipo de "fala" a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe coisa pronta em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos tem de ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da decodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas.

Contudo, três quartos de século de investigação, de estudos empíricos ou de interrogações metodológicas fornecem atualmente um leque de modelos, a partir dos quais podemos nos inspirar, e um quadro de funcionamento que é conveniente colocar antes de ilustrar a prática da análise com exemplos.

O que é ou não a análise de conteúdo? Onde começa e acaba a análise de conteúdo? É necessário *definir* o seu campo (determinar uma "linha de fronteira", como diria Roland Barthes). Para que serve a análise de conteúdo? É preciso dizer *por que razão* e com que finalidade recorremos a este instrumento. *Como ela funciona?* É necessário familiarizarmo-nos com a sua utilização e fornecer um modelo para essa utilização. Sobre que materiais funciona a análise de conteúdo? É preciso indicar os lugares possíveis do seu *território*...

O quê, por quê, como, onde...

2. O CAMPO

A análise de conteúdo é um *conjunto de técnicas de análise das comunicações.*

Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.

Documentos e objetivos dos investigadores, podendo ser bastante diferentes os procedimentos de análise, sê-lo-ão, obrigatoriamente, conforme se trate de:

- pôr em evidência a "respiração" de uma entrevista não diretiva;
- desmascarar a axiologia subjacente aos manuais escolares;
- estabelecer uma tipologia das aspirações maritais, nos anúncios matrimoniais do *chasseur français*;
- medir a implicação do político nos seus discursos;
- seguir a evolução da moral da nossa época, por meio dos anúncios de uma revista;
- radiografar a rede das comunicações formais e informais de uma empresa a partir das ordens de serviço ou das chamadas telefônicas;
- avaliar a importância do "interdito" na sinalização urbana;
- encontrar o inconsciente coletivo, por detrás da aparente incoerência dos grafites inscritos em locais públicos;
- pôr em relevo o esqueleto ou a estrutura da narrativa das histórias humorísticas;

- fazer o recenseamento do repertório semântico ou sintaxe de base de um setor publicitário;
- compreender os estereótipos do papel da mulher, no enredo fotonovelístico;
- provar que os objetos da nossa vida cotidiana funcionam como uma linguagem; que o vestuário é mensagem, que o nosso apartamento "fala" etc.

(Estes são alguns exemplos citados a título ilustrativo, da infinidade de análises de conteúdo possíveis.)

Desde mensagens linguísticas em forma de ícones até "comunicações" em três dimensões, quanto mais o código se torna complexo, ou instável, ou mal explorado, maior terá de ser o esforço do analista, no sentido de uma inovação com vista à elaboração de técnicas novas. E quanto mais o objeto da análise e a natureza das suas interpretações forem invulgares e mesmo insólitas, maiores dificuldades existirão em colher elementos nas análises já realizadas, para nelas se inspirar. E mais ainda, porque cada investigador tem repugnância em descrever a sua hesitante alquimia, contentando-se com a exposição rigorosa dos resultados finais, evitando assim explicitar as hesitações dos cozinhados que os procederam, com grande prejuízo para os principiantes que não encontram modelos, receitas acabadas, logo que se dedicam a análises que, pelo seu material ou pelo seu objetivo, se afastam, por pouco que seja, das vias tradicionais.

De fato, se tentamos nos distanciar dos métodos de análise de conteúdo e do domínio em que estes podem ser explorados, apercebemo-nos de que o campo de aplicação é extremamente vasto. Em última análise, qualquer comunicação, isto é, qualquer veículo de significados de um emissor para um receptor, controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo.

P. Henry e S. Moscovici[2], dizem:

> (...) tudo o que é dito ou escrito é suscetível de ser submetido a uma análise de conteúdo.

2. P. Henry e S. Moscovici, "Problème de l'analyse de contenu", *Langage*, Setembro 1968, n. II.

Esses autores alargam potencialmente (embora com reticências) este domínio já muito diversificado, acrescentando em nota:

> Excluímos do campo de aplicação da análise de conteúdo tudo o que não é propriamente linguístico, tal como filmes, representações pictóricas, comportamentos (considerados "simbólicos") etc., embora *em certos aspectos* o tratamento destes materiais levante problemas semelhantes aos da análise de conteúdo...

Ora, quaisquer que sejam as dificuldades de aplicação ou de transposição das técnicas da análise de conteúdo para as comunicações não linguísticas e os exageros a que por vezes conduz a recente moda da semiologia, parece difícil recusar-se ao vasto campo das comunicações não linguísticas (ao qual se aplica, por comodidade, os termos do campo semiológico ou semiótico) os benefícios da análise de conteúdo.

De que modo se poderá passar em revista de maneira exaustiva os domínios da aplicação potencial das técnicas da análise de conteúdo, quaisquer que sejam os procedimentos a utilizar? Numa primeira fase, contentemo-nos com sistematizar o conjunto dos tipos de comunicações, segundo dois critérios (é provável que existam outros igualmente adequados):

- a quantidade de pessoas implicadas na comunicação;
- a natureza do código e do suporte da mensagem.

Uma classificação segundo estes dois critérios pode resumir-se num quadro de dupla entrada. Indicamos para cada caso alguns exemplos, a título de ilustração[3].

Por conseguinte, parece difícil definir a análise de conteúdo a partir do seu território, pois, à primeira vista, tudo o que é comunicação (e até significação) parece suscetível de análise. Poder-se-á, pelo menos, descobrir uma unidade ao nível das suas regras de funcionamento?

3. Cf. quadro na página seguinte.

Domínios possíveis da aplicação da análise de conteúdo				
	Quantidade de pessoas implicadas na comunicação			
Código e suporte	*Uma pessoa "monólogo"*	*Comunicação* dual *"diálogo"*	*Grupo restrito*	*Comunicação de massa*
LINGUÍSTICO				
Escrito	Agendas, maus pensamentos, congeminações, diários íntimos.	Cartas, respostas a questionários, a testes projetivos, trabalhos escolares.	Ordens de serviço numa empresa, todas as comunicações escritas trocadas dentro de um grupo.	Jornais, livros, anúncios publicitários, cartazes, literatura, textos jurídicos, panfletos.
Oral	Delírio do doente mental, sonhos.	Entrevistas e conversas de qualquer espécie.	Discussões, entrevistas, conversas de grupo de qualquer natureza.	Exposições, discursos, rádio, televisão, cinema, publicidade, discos.
ICÔNICO (sinais, grafismo, imagens, fotografias, filmes etc.).	Garatujas mais ou menos automáticas, grafites, sonhos.	Respostas aos testes projetivos, comunicação entre duas pessoas por meio da imagem.	Toda a comunicação icônica num pequeno grupo (p. ex.: símbolos icônicos numa sociedade secreta, numa casta...).	Sinais de trânsito, cinema, publicidade, pintura, cartazes, televisão.
OUTROS CÓDIGOS SEMIÓTICOS (i.e, tudo o que não é linguístico e pode ser portador de significações; ex.: música, código olfativo, objetos diversos, comportamentos, espaço, tempo, sinais patológicos etc.).	Manifestações histéricas da doença mental, posturas, gestos, tiques, dança, coleções de objetos.	Comunicação não verbal com destino a outrem (posturas, gestos, distância espacial, sinais olfativos, manifestações emocionais, objetos cotidianos, vestuário, alojamento...), comportamentos diversos, tais como rituais e regras de cortesia.		Meio físico e simbólico: sinalização urbana, monumentos, arte...; mitos, estereótipos, instituições, elementos de cultura.

3. A DESCRIÇÃO ANALÍTICA

A descrição analítica funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Tratar-se-ia, portanto, de um tratamento da informação contida nas mensagens. É conveniente, no entanto, precisar de imediato que em muitos casos a análise, como já foi referido, não se limita ao conteúdo, embora tome em consideração o "continente".

A análise de conteúdo pode ser uma análise dos "significados" (exemplo: a análise temática), embora possa ser também uma análise dos "significantes" (análise lexical, análise dos procedimentos). Por outro lado, o *tratamento descritivo* constitui uma primeira fase do procedimento, mas não é exclusivo da análise de conteúdo. Outras disciplinas que se debruçam sobre a linguagem ou sobre a informação também são descritivas: a linguística, a semântica, a documentação. No que diz respeito às características *sistemática e objetiva*, sem serem específicas da análise de conteúdo, foram e continuam sendo suficientemente importantes para que se insista nelas.

Este aspecto de manipulação objetiva aparecia numa definição do *Handbook of Social Psychology*[4] de Lindzey (primeira edição) uma vez que a análise de conteúdo era apresentada como "uma técnica que consiste em apurar descrições de conteúdo muito aproximativas, subjetivas, para pôr em evidência com objetividade a natureza e as forças relativas dos estímulos a que o sujeito é submetido"[5].

Esta definição corresponde a uma primeira exigência histórica, de fornecer à prática da psicossociologia um aval de *objetividade* científica. Não se trata de renegar este aspecto da técnica, sempre válido em ciências humanas, mas de compreender que não é o único objetivo da análise de conteúdo.

Algumas outras definições têm do mesmo modo insistido no aspecto manifesto das comunicações e no caráter sistemático e quantitativo dos procedimentos.

4. Ao que parece, atualmente na França o método de análise de conteúdo está dependente essencialmente de duas disciplinas: a Psicologia Social e a Sociologia.
5. Note-se o vocabulário behaviorista.

A definição de análise de conteúdo dada por Berelson, há cerca de vinte anos, continua sendo o ponto de partida para as explicações que todos os principiantes reclamam, a qual ele classificou do seguinte modo: "uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações tem por finalidade a interpretação *destas* mesmas comunicações". Os analistas principiantes debitam de boa vontade as famosas regras, às quais devem obedecer as *categorias* de fragmentação da comunicação para que a análise seja válida, embora essas regras sejam, de fato, raramente aplicáveis. As regras devem ser:

- homogêneas: poder-se-ia dizer que "não se mistura alhos com bugalhos";
- exaustivas: esgotar a totalidade do "texto";
- exclusivas: um mesmo elemento do conteúdo não pode ser classificado aleatoriamente em duas categorias diferentes; – objetivas: codificadores diferentes devem chegar a resultados iguais;
- adequadas ou pertinentes: isto é, adaptadas ao conteúdo e ao objetivo.

Ainda em virtude da fragmentação objetiva e do comentário irônico de Violette Morin, "*point ne sert de compter, il fault couper à point*" [de nada serve contabilizar, mas antes cortar a preceito], o analista, no seu trabalho de poda, é considerado aquele que delimita as *unidades de codificação,* ou as *de registro.* Estas, consoante o material ou código, podem ser: a palavra, a frase, o minuto, o centímetro quadrado. O aspecto exato e bem delimitado do corte tranquiliza a consciência do analista. Quando existe ambiguidade na referenciação do sentido dos elementos codificados, é necessário que se definam *unidades de contexto,* superiores à unidade de codificação, as quais, embora não tendo sido tomadas em consideração no recenseamento das frequências, permitem contudo compreender a significação dos itens obtidos, repondo-os no seu contexto.

Este procedimento é pertinente em certos casos (embora levante grandes problemas ao nível da imagem, a qual é indivisível por natureza) e não haveria razão para o pôr em causa se, apesar de tudo, ele fosse produtivo.

Este tipo de análise, o mais generalizado e transmitido, foi cronologicamente o primeiro, podendo ser denominado *análise categorial.* Esta pretende tomar em consideração a totalidade de um "texto", passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido. Isso pode constituir um primeiro passo, obedecendo ao princípio de objetividade e racionalizando por meio de números e percentagem uma interpretação que, sem ela, teria de ser sujeita a aval. É o método das *categorias,* espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem. É, portanto, um método taxonômico bem concebido para satisfazer os colecionadores preocupados em introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na desordem aparente.

Este procedimento é simples, se bem que algo fastidioso quando feito manualmente.

Imagine-se certo número de caixas, por exemplo de sapatos, dentro das quais são distribuídos objetos, como aqueles, aparentemente heteróclitos, que seriam obtidos se se pedisse às passageiras de um trem que esvaziassem as bolsas. A técnica consiste em classificar os diferentes elementos nas diversas gavetas segundo critérios suscetíveis de fazer surgir um sentido capaz de introduzir alguma ordem na confusão inicial. É evidente que tudo depende, no momento da escolha dos *critérios* de classificação, daquilo que se procura ou que se espera encontrar.

O exemplo escolhido (objetos contidos nas bolsas das senhoras) pode parecer metafórico: esses objetos não constituem uma verdadeira comunicação, na medida em que não correspondem a um conjunto de significações voluntariamente codificadas pelo emissor; são índices. Contudo, *in extremis,* o analista semiólogo pode considerá-los uma mensagem e submetê-los à análise de conteúdo para os fazer falar. Como proceder então e segundo qual objetivo? Uma repartição seguida de um desconto de frequência de cada "gaveta" pode ser realizada segundo o critério do valor mercantil de cada objeto: caixa de pó facial, maço de cigarros, caneta etc., serão divididos segundo o preço estimado para cada um deles. A classificação pode ainda ser feita sob o critério da função dos objetos: objetos de maquiagem, dinheiro ou seus substitutos etc. A finalidade dessa classificação é deduzir daí certos dados, que dizem, por exemplo, respeito à situação sociocultural das senhoras observadas, em determinada hora, ou em determinado local de utilização do transporte.

É possível ir ainda mais longe no procedimento: estabelecer a estrutura-tipo ou modal do conteúdo de uma bolsa de senhora; ou ainda referenciar as regras de associação (certo objeto fica sempre junto a um outro), ou de equivalência (encontra-se tal objeto ou o seu substituto), ou ainda de exclusão (certo objeto é substituído com frequência significativa por outro). Aproximamo-nos então de um tipo de análise muito mais recente: a análise de contingência ou análise estrutural.

Este exemplo não está, assim, tão distante da realidade como pode parecer, uma vez que ainda há pouco tempo os sociólogos planejaram realizar uma análise de conteúdo dos caixotes de lixo. Esta análise pode, efetivamente, nos ensinar muito sobre o comportamento dos habitantes de determinado bairro, sobre o seu nível socioeconômico, as formas de desperdício numa sociedade de abundância, ou sobre a evolução dos hábitos de consumo num período de crise, por exemplo.

4. A INFERÊNCIA

Recapitulemos: a análise de conteúdo aparece como um *conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.* Mas isso não é suficiente para definir a especificidade da análise de conteúdo.

Retomemos os dois exemplos, mais ou menos metafóricos, anteriormente citados. Nos dois casos (objetos contidos nas bolsas e dejetos encontrados nos caixotes de lixo), o interesse não está na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderão ensinar após serem tratados (por classificação, por exemplo) relativamente a "outras coisas".

Esses saberes deduzidos dos conteúdos podem ser de natureza psicológica, sociológica, histórica, econômica...

É portanto necessário completarmos os segmentos de definições já adquiridas, pondo em evidência a finalidade (implícita ou explícita) de qualquer análise de conteúdo:

A intenção da análise de conteúdo é *a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).*

O analista é como um arqueólogo. Trabalha com *vestígios:* os "documentos" que pode descobrir ou suscitar[6]. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenômenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles. Tal como a etnografia necessita da etnologia para interpretar as suas descrições minuciosas, o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula para *inferir* (deduzir de maneira lógica)[7] conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio, por exemplo. Tal como um detetive, o analista trabalha com *índices* cuidadosamente postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos. Se a *descrição* (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a *interpretação* (a significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra.

O aspecto inferencial da análise de conteúdo que, acrescido das outras características, fundamenta a sua unidade e a sua especificidade foi realçado quando da Allerton House Conference[8].

Essas inferências (ou deduções lógicas) podem responder a dois tipos de problemas:

- o que *levou* a determinado enunciado? Este aspecto diz respeito às *causas* ou antecedentes da mensagem;
- quais as *consequências* que determinado enunciado vai provavelmente provocar? Isto refere-se aos possíveis *efeitos* das mensagens (por exemplo: os efeitos de uma campanha publicitária, de propaganda).

---

6. Dois tipos de documentos podem ser submetidos à análise:
   - documentos suscitados pelas necessidades de estudo (por exemplo: respostas a questionários de inquéritos, testes, experiências etc.).
   - documentos naturais, produzidos espontaneamente na realidade (tudo o que é comunicação, como vimos anteriormente);
7. *Inferência*: operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras.
   Inferir: extrair uma consequência (*Petit Robert, Dictionnaire de la langue Française*, S. N. L., 1972).
8. Ver o primeiro capítulo deste livro.

Podemos, por conseguinte, inferir a partir da procedência (o emissor e a situação na qual este se situa) e a partir do destinatário da comunicação, embora este caso seja mais raro e incerto. Tal como Pool se inteira das atas principais dos congressos, procura-se, por exemplo, adivinhar as intenções militares que estão por trás dos discursos de propaganda estrangeira (A. George); tenta-se descobrir estados de tensão em diferentes momentos, por meio das palavras de um grande homem histórico (J. Garraty); tenta-se medir o grau de ansiedade a partir das perturbações da linguagem de um doente (G. Mahl); ou ainda, deseja-se pôr em evidência as avaliações (opiniões, juízos, tomadas de posição conscientes ou não) e as associações subjacentes de um indivíduo, a partir dos seus enunciados (C. Osgood).

Esses fatos, deduzidos logicamente a partir de certos índices selecionados e fornecidos pela fase descritiva da análise de conteúdo, podem ser de natureza muito diversa. Alguns autores franceses chamam-lhes *condições de produção:*

> Qualquer análise de conteúdo visa, não o estudo da língua ou da linguagem, mas sim a determinação mais ou menos parcial do que chamaremos *as condições de produção* dos textos, que são o seu objeto. O que tentamos caracterizar são estas condições de produção e não os próprios textos. O conjunto das condições de produção constitui o campo das determinações dos textos[9].

O termo *condições de produção* é suficientemente vago para permitir possibilidades de inferência muito variadas: variáveis psicológicas do indivíduo emissor, variáveis sociológicas e culturais, variáveis relativas à situação de comunicação ou do contexto de produção da mensagem. Esta denominação leva apenas em consideração a produção, deixando de lado as possibilidades de inferência sobre a recepção da mensagem. Poder-se-á preferir a denominação mais neutra de *variáveis inferidas.*

Qualquer que seja o termo utilizado, parece que o fundamento da especificidade da análise de conteúdo (e os trabalhos atuais produzidos acerca deste assunto indicam certo consenso) reside nesta articulação entre:

9. P. Henry e S. Moscovici, "Problèmes de l'analyse de contenu", em *Langage*, Setembro 1968, n. II.

- a *superfície dos textos,* descrita e analisada (pelo menos alguns elementos característicos); e
- os *fatores que determinaram estas características,* deduzidos logicamente.

Ou, por outras palavras[10], o que se procura estabelecer quando se realiza uma análise conscientemente ou não é uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas (por exemplo: condutas, ideologias e atitudes) dos enunciados. De maneira bastante metafórica, falar-se-á de um plano sincrônico ou plano "horizontal" para designar o texto e a sua análise descritiva, e de um plano diacrônico ou plano "vertical", que remete para as variáveis inferidas.

Na realidade, este processo dedutivo ou inferencial a partir de índices ou indicadores não é raro na prática científica. O médico faz deduções sobre a saúde do seu cliente graças aos sintomas, do mesmo modo que o grafólogo que pretende proceder com seriedade infere dados sobre a personalidade do seu cliente a partir de índices que se manifestam com frequência suficiente, ou em associação significativa com outros índices, na grafia do escritor. O mesmo se passa com a análise de conteúdo, mas a superficialidade do procedimento analítico está estreitamente relacionada com a diligência normal, habitual, de leitura e de compreensão da mensagem. O grafólogo pode tirar as suas conclusões sem se preocupar com o sentido do manuscrito que tem diante de si. O arqueólogo pode completar conhecimentos históricos por meio da análise de uma ânfora, sem que seja obrigado a servir-se dela. Pelo contrário, a tentativa do analista é dupla: compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal), mas também, e principalmente, *desviar* o olhar para outra significação, outra mensagem entrevista por meio ou ao lado da mensagem primeira. A leitura efetuada pelo analista, do conteúdo das comunicações, não é, ou não é unicamente, uma leitura "à letra", mas antes o realçar de um sentido que figura em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes, para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes, ou de significados

10. A. Lévy, Prefácio de *Sujet(s) et object(s) de l'analyse de contenu*, Epi, 1964, número especial de *Connexions*, n. 12.

(manipulados), outros "significados" de natureza psicológica, sociológica, política, histórica etc.

Suponhamos um exemplo: pretendo medir o grau de ansiedade de um sujeito – não expresso por ele conscientemente na mensagem que emitiu – exigindo isto, *a posteriori,* uma transcrição escrita da palavra verbal e manipulações várias. Posso decidir-me pela adoção de um indicador de natureza semântica. Por exemplo (ao nível dos significados), anotar a frequência dos termos ou dos temas relativos à ansiedade, no vocabulário do sujeito. Ou então posso servir-me, se isso me parecer válido, de um indicador linguístico (ordem de sucessão dos elementos significantes, extensão das "frases"), ou paralinguístico (entoação e pausas).

Definitivamente, o terreno, o funcionamento e o objetivo da análise de conteúdo podem resumir-se da seguinte maneira: atualmente, e de modo geral, designa-se sob o termo de análise de conteúdo:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Pertencem, pois, ao domínio da análise de conteúdo todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação, a partir de um conjunto de técnicas, que, embora parciais, são complementares. Esta abordagem tem por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens). O analista possui a sua disposição (ou cria) todo um jogo de operações analíticas, mais ou menos adaptadas à natureza do material e à questão que procura resolver. Pode utilizar uma ou várias operações, em complementaridade, de modo a enriquecer os resultados, ou aumentar a sua validade, aspirando assim a uma interpretação final fundamentada. Qualquer análise objetiva procura fundamentar impressões e juízos intuitivos, por meio de operações conducentes a resultados de confiança.

Para completar a definição, falta-nos delimitar o seu campo de ação em comparação com as ciências conexas. Há duas práticas científicas intimamente ligadas à análise de conteúdo, quer pela identidade do objeto, quer pela proximidade metodológica: *a linguística e as técnicas documentais.*

5. A ANÁLISE DE CONTEÚDO E A LINGUÍSTICA

Aparentemente, a linguística e a análise de conteúdo têm o mesmo objeto: a linguagem. Na verdade, não é nada assim: a distinção fundamental proposta por F. de Saussure entre *língua* e *fala,* e que fundou a linguística, marca a diferença. O objeto da linguística é a língua, quer dizer, o aspecto coletivo e virtual da linguagem, enquanto que o da análise de conteúdo é a fala, isto é, o aspecto individual e atual (em ato) da linguagem. A linguística trabalha numa língua teórica, encarada como um "conjunto de sistemas que autorizam combinações e substituições regulamentadas em elementos definidos..."[11]. O seu papel resume-se, independentemente do sentido deixado à semântica, à descrição das regras de funcionamento da língua, para além das variações individuais ou sociais tratadas pela psicolinguística e pela sociolinguística. Pelo contrário, a análise de conteúdo trabalha a fala, quer dizer, a prática da língua realizada por emissores identificáveis. Retomando a metáfora do jogo de xadrez utilizada por F. de Saussure, a linguística não procura saber o que significa uma partida, antes tenta descrever quais as regras que tornam possível qualquer partida. A linguística estabelece o manual do jogo da língua; a análise de conteúdo tenta compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado, com o contributo das partes observáveis. Contrariamente à linguística, que apenas se ocupa das formas e da sua distribuição, a análise de conteúdo leva em consideração as significações (conteúdo), eventualmente a sua forma e a distribuição desses conteúdos e formas (índices formais e análise de coocorrência).

11. M. Pécheux, *Analyse automatique du discours,* Dunod, 1966.

É o trabalhar a fala e as significações que diferenciam a análise de conteúdo da linguística, embora a distinção fundamental resida em outro lado. A linguística estuda a língua para descrever o seu funcionamento. A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A linguística é um estudo *da* língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades *por meio* das mensagens.

Por outro lado, para encerrar essa tentativa de diferenciação entre linguística e análise de conteúdo, procuremos situar, *grosso modo,* o lugar da semântica, da sociolinguística, da lexicologia, da estatística linguística e da análise do discurso. A *semântica* é o estudo do sentido das unidades linguísticas, funcionando, portanto, como o material principal da análise de conteúdo: os significados. Descreve, no entanto, os conceitos do sentido linguístico (ao nível da língua e não da fala). A *sociolinguística* movimenta-se da língua para as palavras, de modo a estabelecer de uma maneira sistemática de correlações (covariância) entre estruturas linguísticas e sociais. Está, por conseguinte, próxima da análise de conteúdo, na medida em que deixa a esfera dessocializada da linguística e tenta descrever correspondências entre características "linguajeiras" e grupos sociais. Tem contudo em consideração um conjunto linguístico (geral) para o pôr em paralelo (covariância) com um conjunto social (geral). A análise de conteúdo, por seu lado, visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares. A *lexicologia,* estudo científico do vocabulário, e a *estatística lexical,* aplicação dos métodos estatísticos à descrição do vocabulário, aproximam-se da análise de conteúdo por funcionarem com unidades de significações simples (a palavra) e por remeterem para classificações e contabilização pormenorizadas de frequências. Essas ciências podem ser úteis à análise de conteúdo (normas de comparação e índices de inferência), mas sua analogia é puramente técnica e limitada. A *análise do discurso* trabalha, tal como a análise de conteúdo, com unidades linguísticas superiores à frase (enunciados). Mas como o seu objetivo releva da mesma dimensão que o objetivo puramente linguístico do qual ela deriva por extensão – formular as regras de encadeamento das frases, quer dizer, ao fim e ao cabo descrever as unidades (as macrounidades que são os enunciados) e a sua distribuição – é difícil situá-la na contiguidade (e mesmo no lugar) da análise do conteúdo.

6. A ANÁLISE DE CONTEÚDO E A ANÁLISE DOCUMENTAL

O peso do desenvolvimento das técnicas documentais tem-se mantido relativamente discreto no campo científico. A documentação permanece uma atividade muito circunscrita e a análise documental, pouco conhecida do profano, é um assunto para especialistas. No entanto, alguns procedimentos de tratamento da informação documental apresentam tais analogias com uma parte das técnicas da análise de conteúdo que parece conveniente aproximá-los para melhor os diferenciar. A finalidade é sempre a mesma, a saber, esclarecer a especificidade e o campo de ação da análise de conteúdo.

Se a esta suprimirmos a função de inferência e se limitarmos as suas possibilidades técnicas apenas à análise categorial ou temática, podemos, efetivamente, identificá-la como análise documental.

O que é a análise documental? Podemos defini-la como "uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar, num estado ulterior, a sua consulta e referenciação"[12]. Enquanto tratamento da informação contida nos documentos acumulados, a análise documental tem por objetivo dar forma conveniente e representar de outro modo essa informação, por intermédio de procedimentos de transformação. O propósito a atingir é o armazenamento sob uma forma variável e a facilitação do acesso ao observador, de tal forma que este obtenha o máximo de informação (aspecto quantitativo), com o máximo de pertinência (aspecto qualitativo). A análise documental é, portanto, uma fase preliminar da constituição de um serviço de documentação ou de um banco de dados.

A análise documental permite passar de um documento primário (bruto) para um documento secundário (representação do primeiro). São, por exemplo, os resumos ou *abstracts* (sínteses do documento segundo certas

12. J. Chaumier, *Les techniques documentaires*, PUF, 1974, 5. ed., 1989, e J. Chaumier, *Le traitement linguistique de l'information*, Enterprise moderne d'Edition, 3. ed., 1988.

regras); ou a *indexação*[13], que permite, por classificação em palavras-chave, descritores ou índices, *classificar* os elementos de informação dos documentos, de maneira muito restrita. Esta foi uma prática corrente desde os finais do século XIX (classificação por "assuntos" das bibliotecas, classificação decimal universal – CDU). Esta indexação é regulada segundo uma escolha (de termos ou de ideias) adaptada ao sistema e ao objetivo da documentação em causa. Por meio de uma entrada que serve de pista, as *classes* permitem dividir a informação, constituindo as "categorias de uma classificação, na qual estão agrupados os documentos que apresentam alguns critérios comuns, ou que possuem analogias no seu conteúdo"[14].

A operação intelectual: o recorte da informação, divisão em categorias segundo o critério da analogia, representação sob forma condensada por indexação, é idêntico à fase de tratamento das mensagens de certas formas de análise de conteúdo.

Contudo, por detrás da semelhança de certos procedimentos, existem diferenças essenciais.

- A documentação trabalha com documentos; a análise de conteúdo com mensagens (comunicação).
- A análise documental faz-se, principalmente, por classificação-indexação; a análise categórica temática é, entre outras, *uma* das técnicas da análise de conteúdo.
- O objetivo da análise documental é a representação condensada da informação, para consulta e armazenamento; o da análise de conteúdo é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo) para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem.

13. G. Van Slype, *Les languages d'indexation: conception, construction et utilisation dans les systèmes documentaires,* Les Editions d'Organization, 1987.
14. C. Guinchat e M. Menou, *Introduction générale aux Sciences et Techniques de l'Information et de la Documentation*, Publ. de l'Unesco, 1982.

SEGUNDA PARTE

PRÁTICAS

Depois desta primeira parte que situa a análise de conteúdo atual no plano cronológico e epistemológico, decidimos remeter o leitor para alguns exemplos representativos daquilo que se pode pôr em prática no campo da psicologia (principalmente em psicologia social) e da sociologia. Estes exemplos, tratados de forma simples e sem pretensões, visam iniciar o novato na *tarefa* seguinte: o jogo entre as *hipóteses,* entre a ou as *técnicas* e a *interpretação.* Isto porque a formação em análise de conteúdo se faz pela prática. Estes exemplos não são para serem tomados como modelo, mas como ilustrações que permitirão uma compreensão dos mecanismos. Para facilitar esta passagem pelo empirismo, nós mesmos concebemos e praticamos pacientemente essas análises com um olhar "retrospectivo", numa espécie de auto-observação, de modo a esclarecer o *desenrolar do procedimento,* sem que nos tenhamos orientado como habitualmente, para a produção dos resultados.

A maior parte das técnicas propostas é do tipo *temático* e *frequencial* (o método mais fácil, mais conhecido e mais útil numa primeira fase de abordagem da maioria dos materiais). No entanto, outros *indicadores,* mais formais ou estruturais, aparecem aqui e ali, deixando assim entrever desde a primeira abordagem a possibilidade de outros índices.

I

Análise dos resultados num teste de associação de palavras: estereótipos e conotações

1. A ADMINISTRAÇÃO DO TESTE

A fim de serem estudados os estereótipos sociais espontaneamente partilhados pelos membros de um grupo relativos a certas profissões, países ou nomes próprios, aplicou-se um teste de associação de palavras a uma amostra de indivíduos.

Um estereótipo é "a ideia que temos de...", a imagem que surge espontaneamente, logo que se trate de... É a representação de um objeto (coisas, pessoas, ideias) mais ou menos desligada da sua realidade objetiva, partilhada pelos membros de um grupo social com alguma estabilidade. Corresponde a uma medida de economia na percepção da realidade, visto que uma composição semântica preexistente, geralmente muito concreta e imagética, organizada em redor de alguns elementos simbólicos simples, substitui ou orienta imediatamente a informação objetiva ou a percepção real. Estrutura cognitiva e não inata (submetida à influência do meio cultural, da experiência pessoal, de instâncias e de influências privilegiadas como as comunicações de massa), o estereótipo, no entanto, mergulha as suas raízes no afetivo e no emocional, porque está ligado ao preconceito por ele racionalizado, justificado ou criado.

O teste por associação de palavras, é o mais antigo dos testes projetivos. Permite, em psicologia clínica, ajudar a localizar as zonas de bloqueamento e de recalcamento de um indivíduo. Este teste é aqui utilizado para fazer surgir

espontaneamente associações relativas às palavras exploradas ao nível dos estereótipos que criam. A aplicação do teste é simples. Pede-se aos sujeitos que associem, livre e rapidamente, a partir da audição das *palavras indutoras* (estímulos), outras palavras (respostas) ou *palavras induzidas.*

Exemplos de palavras indutoras, entre outras igualmente utilizadas:

Fotógrafo
Contabilista
Manequim
Psicólogo... etc., da lista de profissões.
Chinês
Bretão
Inglês etc.,
Loreno..., da lista dos países e províncias.

Genoveva
Carlos
Maria
Alexandre... etc., da lista dos nomes próprios

2. PROPOSTAS DE ANÁLISE

Para cada palavra indutora e para cada sujeito obtém-se uma, duas, três ou quatro palavras inseridas numa pequena ficha, que são substantivos, adjetivos, expressões e nomes próprios. Uma vez reunida a lista das palavras suscitadas por cada palavra indutora (ou as fichas divididas em pilhas, segundo o estímulo respectivo), sendo este o primeiro trabalho de classificação, confrontamo-nos perante um conjunto heterogêneo de unidades semânticas. Face a esta desordem, torna-se necessário introduzir uma ordem. Mas qual a ordem a introduzir, e segundo quais critérios? Para que a informação seja acessível e manejável, é preciso tratá-la, de modo a chegarmos a representações condensadas (análise descritiva do conteúdo) e explicativas (análise do conteúdo, veiculando informações suplementares adequadas ao objetivo a que nos propusemos: neste caso, o elucidar de certos estereótipos).

Antes de qualquer agrupamento por classificação (divisão das unidades significativas em categorias, rubricas ou classes), começamos por reunir e descontar as palavras idênticas, sinônimas ou próximas em nível semântico.

Veja-se, por exemplo, após este último procedimento, as listas seguintes, relativas às etnias chinesa e norte-americana[1].

Norte-americano	Frequência de ocorrência	Chinês	Frequência de ocorrência
Cabelos louros	(8)	Pequeno	(10)
Grande, grandioso, grandeza, imenso	(10)	Povo	(6)
Edifício	(11)	Livro vermelho	(4)
Califórnia	(4)	Oriente	(1)
Atlético	(2)	Olhos rasgados	(8)
G. Ford	(3)	Multidão, 800 milhões, muitos	(16)
Violência	(3)	Muro, muralha, muralha da China	(7)
Pastilha elástica	(12)	Trança	(4)
Nova Iorque	(9)	Sabedoria, serenidade, meditação, reflexão	(9)
Relaxamento, displicência, descontração	(4)	Arroz	(15)
Cowboy, cavalo, espora, rodeio	(9)	Amarelo	(5)
Capitalismo	(5)	Comunismo	(7)
Ingenuidade	(2)	Ideograma	(1)
Dólares, dinheiro, "massa"	(8)	Uniforme	(3)
Charuto	(6)	Revolução	(7)
Jeans	(4)	Cozinha, restaurante	(11)
Coca-cola	(9)	Mao	(23)
Automóvel, carro	(11)	Mistério, secreto	(2)
Arranha-céus	(4)	Confúcio	(5)
etc.		etc.	

Esta primeira análise estabelecida por aproximações semânticas ligeiras ("*cowboy*, cavalo, espora, *rodeio*", ou "sabedoria, serenidade, meditação, reflexão"), mas não destituídas de critérios de agrupamento (o cavalo, a sabedoria meditativa), permite representar a informação de maneira condensada: por exemplo, por meio de um diagrama em barras por ordem decrescente de fre-

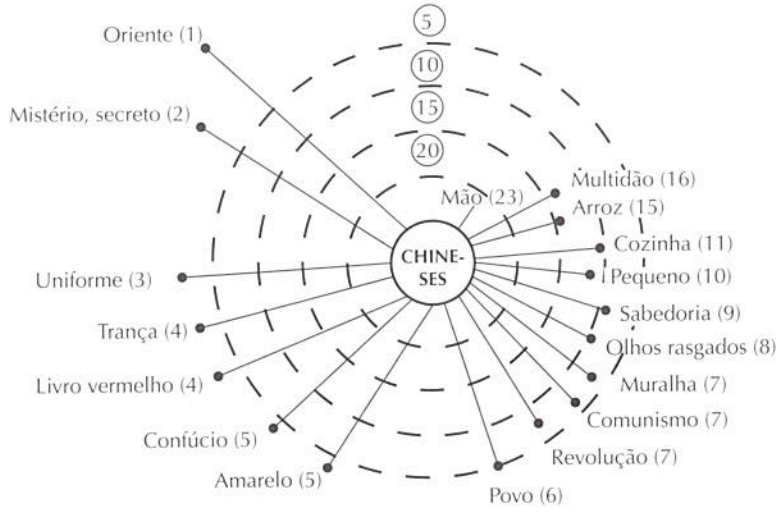
1. Facultam-se propositadamente resultados de uma amostra restrita (30 sujeitos) e homogênea, por comodidade de apresentação detalhada.

quência, ou ainda por um alvo de "constelações de atributos", conforme quadro na página seguinte.

	NORTE-AMERICANO
Edifício, arranha-céus	(15) _____
Pastilha elástica	(12) _____
Automóvel	(11) _____
Grandeza, grandioso, imenso	(10) _____
Nova Iorque	(9) _____
Cowboy, cavalo, espora	(9) _____
Coca-cola	(9) _____
Dólares, dinheiro	(8) _____
Cabelos louros	(8) _____
Charuto	(6) _____
Capitalismo	(5) _____
Califórnia	(4) _____
Descontração	(4) _____
Jeans	(4) _____
G. Ford	(3) _____
Violência	(3) _____
Atlético	(2) __
Ingenuidade	(2) __

Frequências por ordem decrescente

CHINESES



Mais à frente na análise convém classificar as unidades de significação criando categorias, introduzindo uma ordem suplementar reveladora de uma estrutura interna.

Pode-se, por exemplo:

- *Comparar os diferentes países testados com o mesmo sistema de categorias*:
  - traços e atributos físicos do cidadão do país;
  - traços psicológicos de caráter;
  - traços socioeconômicos do país;
  - atributos simbólicos;
  - lugares geográficos;
  - pessoas de referência.

Será então possível reunir os dados para cada país, segundo cada uma das categorias, num quadro de dupla entrada.

Um sistema de categorias é válido se puder ser aplicado com precisão ao conjunto da informação e se for produtivo no plano das inferências.

A leitura do quadro na página seguinte permite a comparação dos estereótipos dos diferentes países, quadrícula por quadrícula. Observe-se, por exemplo, a importância dos atributos simbólicos materiais no estereótipo norte-americano: "pastilha elástica, carro, Coca-cola, *jeans*". Esses símbolos refletem o caráter de consumo do país, tal como é sentido por um grupo de franceses.

O quadro permite também compreender as dimensões gerais (títulos de categorias) em que se apoiam os estereótipos.

- *Realçar uma dicotomia interna:*

Uma análise atenta da lista: "chinês" indica que as associações se organizam em redor de dois polos:

  - a China antiga: de Confúcio e da sabedoria...;
  - a China moderna: de Mao, do livro vermelho, do comunismo, da revolução e do uniforme.

Uma comparação sincrônica com alguns anos de intervalo ou entre gerações diferentes mostraria, talvez, a evolução da persistência de alguns elementos. Da mesma maneira, uma comparação segundo grupos sociais ou políticos diferentes indicaria provavelmente uma insistência numa ou noutra tendência.

	Categorias						
Países	*Características físicas*	*Traços psicológicos*	*Traços socioeconômicos do país*	*Atributos simbólicos*	*Lugares geográficos*	*Pessoas de referência*	*Totais*
Estadoa Unidos	Cabelos louros (8) Atlético (2)	Descontração (4) Ingenuidade (2)	Grandeza (10) Capitalismo (5) Violência (3)	Prédio (15) Pastilha elástica (12) Carro (11) *Cowboy*, cavalo (9) Coca-cola (9) Charuto (5) *Jeans* (4)	Nova Iorque (9) Califórnia (4)	G. Ford (3)	
China	Pequeno (10) Olhos rasgados (8) Amarelo (5) Trança (4) Uniforme (3)	Sabedoria (9) Mistério (2)	Multidão (16) Comunismo (7) Revolução (7) Povo (6) Oriente (1)	Arroz (15) Cozinha (11) Muralha (7) Livro vermelho (4)		Mao (23) Confúcio (5)	
Outros países							
	Totais						

Analisar o material segundo as atitudes de avaliação subjacentes: temas favoráveis ou positivos e temas desfavoráveis ou negativos. Pode proceder-se atribuindo a cada uma das unidades de significação um sinal "mais" ou "menos"; eventualmente, pode-se prever o sinal "zero", nos casos de temas neutros, bem como o sinal "mais ou menos", para o caso de temas ambivalentes.

Se se prever no teste que a palavra indutora acarrete várias palavras induzidas em cadeia, pode orientar-se a análise para as *estruturas de encadeamento da associação.* Assim, poder-se-á estabelecer uma tipologia referenciando-se de maneira constante nos encadeamentos: palavra indutora $x \rightarrow$ palavra induzida x_1, palavra induzida x_2, palavra induzida x_3, palavra induzida x_4...

Analisar os resultados em função de variáveis externas relativas aos locutores: sexo, idade, nível sociocultural, traços de personalidade, contato com estrangeiros etc.

II

Análise de respostas a questões abertas: a simbólica do automóvel

1. AS PERGUNTAS

Tomemos um outro exemplo, mais clássico e muito conhecido de análise de conteúdo de tipo classificatório: as respostas a perguntas abertas de um questionário.

Trata-se de examinar as respostas a um inquérito que explora as relações psicológicas que o indivíduo mantém com o automóvel. As perguntas a que se pretende aplicar a técnica de análise são as seguintes:

PERGUNTA A: A que é, geralmente, comparado um automóvel?

PERGUNTA B: Se o seu automóvel pudesse falar, que lhe diria[1]?

A	B
1. a uma máquina infernal	1. o meu bom funcionamento depende de uma boa manutenção
2. a um bólide	2. vai com calma
3. ao seu proprietário, ao estatuto	3. partamos para o desconhecido
4. a uma mulher, objeto de amor e de cuidados	4. que está esgotado
5. a uma mulher	5. que nos vemos demais
6. a um vitelo	6. ai, meu pobre câmbio!
7. a uma carroça	7. tenho um mosquito no motor
8. a uma mulher	8. não puxe demais, sou limitado

1. Esta pergunta foi-me inspirada por P. H. Giscard.

9. ao dinheiro	9. deixa-me na garagem
10. a cavalos	10. falaria de tudo como um ser humano
11. a animal forte	11. cuida bem de mim e não me maltrate
12. a uma lata de conserva ambulante	12. *(ausência de resposta)*
13. a um animal	13. estou cansado de andar
14. um ser humano	14. estou cansado
15. a um objeto que permite que nos valorizemos	15. merda
16. um Fusca	16. por que és tão bonita?
17. a uma mulher (tratá-la com delicadeza)	17. para aposentá-lo
18. a uma tartaruga	18. não me maltrate e seja prudente
19. a um meio de transporte	19. diria-me quando é preciso pôr combustível e eu indicaria os perigos a evitar
20. a um meio de locomoção, utilidade	20. queixas, escravista
21. a uma mulher, neste caso a esposa	21. falaria como uma pessoa, da sua vida, das suas preocupações, das suas opiniões
22. a uma mulher, a uma fera	22. não seja louco
23. a um cavalo, a um tanque	23. estou farto
24. a uma pessoa	24. *(ausência de resposta)*
25. a um ônibus	25. não posso esperar pela noite para nos deitarmos
26. ao progresso, sucesso	26. tenho sede, me dê combustível, você acabou de me arruinar os freios
27. a uma mulher, um animal, um sobrenome	27. por que é o senhor? Por que é o escravo? Qual de nós é o senhor e o escravo? Você não passa de um idiota por ter me comprado, faria melhor em andar a pé
28. a uma segunda casa	28. críticas sobre a forma como é tratado pelo dono
29. a uma tartaruga	29. guiaria o meu caminho
30. a uma amiga que pode permitir-nos viajar, em trabalho ou em lazer	30. poderia falar da paisagem ou avisar-me quando conduzo de forma imprudente
31. a um animal	31. estou farto de engarrafamentos, gostaria de estradinhas de terra
32. a um capital, um objeto indispensável que faz parte da família	32. considerava-se escravo e tratava-me como um ocioso
33. a uma casa ou a uma prisão	33. espero que me diga "olá"
34. a um meio de evasão, de relação e faz-se dele um fim	34. não consigo imaginar as vontades de um automóvel. Diria talvez que tenho falta de criatividade, a menos que me trate como um "alienado"

35. virilidade	35. os infelizes!
36. a uma mulher	36. espero que não me diga que o maltrato demais
37. a um túmulo (lido num artigo de jornal)	37. *(ausência de resposta)*
38. um caixão	38. não passe o volante à sua mãe
39. a um animal	39. podes ir. Eu fico aqui. Pode contar comigo
40. ao macho (virilidade)	40. estou farto de ser maltratado
41. a uma pessoa	41. dormir na rua não é vida
42. segundo a publicidade: a uma mulher	42. *chi va piano, va sano...* olha ali. Um belo prado. Para um pouco... estou ficando velho
43. a uma mulher	43. para ter mais cuidado (ele é caprichoso)
44. a um tigre	44. que preferia ir passear no campo em vez de respirar os gases dos seus companheiros
45. a uma banheira	45. que me incomoda com as suas velocidades
46. a uma joia	46. estou cansado
47. a uma casa ambulante	47. sinto-me rebentado
48. a um cavalo, a uma máquina poluente, a um objeto de prestígio	48. estou cansado, quero beber
49. a um ovo, a uma casa, a um sofá	49. levo você aonde quiser, damos a volta ao mundo
50. a uma lata de sardinhas	50. insultos
51. a uma mulher	51. você devia cuidar de mim
52. a uma mulher	52. tenha cuidado! Lembre-se de ver se não preciso de água ou de óleo. Devia ter pena da minha carroceria. Lava-me com mais frequência
53. a uma máquina do século XX	53. Você me cansa. Deixe-me algum tempo na garagem. Estou cansado de ver sempre as mesmas caras
54. a um cavalo de corrida	54. trate de mim
55. a uma mulher	55. faça o que quiser de mim, estou à sua disposição. Mas não exagere
56. a uma caixa de sabão	56. estou farto, não me ligam, já não ando mais. Acabou-se
57. a uma mulher se pertence a um homem; a uma casa	57. gostaria que me dissesse: "Está tudo bem, ando perfeitamente bem e te levo sem problemas aonde quiser"
58. compara-se geralmente um automóvel a uma jovem casada, porque é acariciado pelo seu proprietário, polido e amado	58. devagar, não pise com tanta força, não sou um Maserati
59. a uma mulher	59. estou cansado, deixe-me dormir
60. a um trator	60. vamos ao bosque

2. PROPOSTAS DE ANÁLISE

A partir de uma primeira "leitura flutuante" podem surgir intuições que convêm formular em hipóteses, como: as relações que o indivíduo mantém com o seu automóvel não são estritamente funcionais, mas estão coloridas de afetividade, simbolicamente carregadas. São relações que remetem para representações sociais, ou para estereótipos relativos ao automóvel e variam segundo o sexo, entre outros quesitos.

A pergunta A é muito mais fácil de analisar do que a pergunta B. Com efeito, para as respostas "A" basta "pegar o conteúdo" de forma descritiva. Neste caso, categorizar implica apenas um baixo nível de teorização. Para as respostas B, já não podemos ficar pela leituras do conteúdo estrito e torna-se necessário recorrer a teorias (quer de senso comum, como experiências pessoais, quer decorrentes de um saber – psicológico ou outro – mais elaborado). Ora, esta interpretação deve ser controlada, ou seja, consciente (formulação de hipóteses implícitas, regra de pertinência entre projeção teórica e conteúdo do texto, explicitação dos indicadores que permitem a inferência).

Como classificá-las e segundo qual critério?

a) É possível dividir as respostas segundo o critério do *objeto de referência* citado: mulher, animal, outro meio de locomoção etc., e inferir a partir dos resultados determinados conhecimentos a propósito da imagem socioafetiva do automóvel numa dada população.

Não descrevemos os pormenores mecânicos (qualquer analista está em contato com pormenores materiais do tipo: pequenas fichas ou notações maquinais), os quais têm, aliás, a sua importância.

É de assinalar, no entanto, que o procedimento de repartição pode fazer-se:

- do geral para o particular: determinam-se em primeiro lugar as rubricas de classificação e tenta-se em seguida arrumar o todo;
- ou inversamente: partimos dos elementos particulares e reagrupamo-los progressivamente por aproximação de elementos contíguos, para no final deste procedimento atribuirmos um título à categoria.

Conforme o material produzido, o quadro categorial pode variar. Por exemplo, a categoria "objeto fechado protetor, como casa, ovo" poderia eventualmente ser acrescentada. Ou então o ponto de vista pode ser radicalmente diferente. Por exemplo, um sistema de categorias, já não descritivo dos objetos de referência, mas que leve em conta as conotações subjacentes, podia ser aqui aplicado:

- perigo, morte;
- prestígio, valorização social;
- potência, velocidade;
- utilidade, instrumentalidade;
- proteção;
- extensão corporal (prótese técnica) etc.

Neste caso, a margem de interpretação pessoal e de subjetividade aumenta e deve ser bem controlada por um trabalho de equipe.

b) Mas também é possível efetuarmos a classificação das respostas B, segundo o tipo de *relação psicológica* mantida em relação ao objeto automóvel: dominação, dependência, cumplicidade, cuidados quase maternais, rivalidade, agressividade, relação puramente funcional, cooperação, negociação etc.

Como se fosse projetado no carro, pelo sujeito, um modo de relação interpessoal de tipo "conjugal", provavelmente influenciado pelo seu comportamento real ou fictício com o seu (ou os seus) "outro privilegiado".

Mas poder-se-ia também analisar essas respostas segundo o tipo de interlocução em causa: trata-se de *conselhos*, *queixas*, *sugestões*, *pedidos*...

Com efeito, pondo-se no lugar do carro, o entrevistado efetua uma espécie de substituição, tipo jogo de papéis, que manifesta tanto a sua concepção de automóvel como as raízes profundas e inconscientes das suas relações com o outro numa relação a dois.

Se as duas dimensões se podem cruzar, como é o caso, é possível, então, realizar-se a síntese dos resultados sob a forma de um quadro de dupla entrada. Este quadro de análise reúne os resultados e é suscetível de fazer surgir um sentido suplementar. No nosso exemplo, este quadro permite tornar visíveis certos tipos ou modelos de comportamentos emocionais mais ou menos inconscientes relativamente ao objeto automóvel na população estudada, pela leitura da repartição dos itens em cada quadrícula.

A) Exemplo de quadro de análise, utilizável para estudar a relação simbólica e afetiva indivíduo/automóvel

OBJETO DE COMPARAÇÃO		TIPO DE RELAÇÃO									
		Relação puramente funcional	Relação amorosa	De dominação	De dependência	De cuidados	De cumplicidade	De rivalidade	De agressividade	Ausência de relação explícita	Percentagens absolutas e relativas
Seres humanos	Homem										
	Mulher										
	Criança										
	Amigo										
Animais	"Dinâmico" ex.: tigres, puro-sangue										
	"Astênicos" ex.: veado, carneiro										
Outros meios de locomoção	Transportes coletivos										
	Veículos individuais										
	Automóveis										
Objetos diversos											
Ausência de objecto de comparação											
Percentagens absolutas e relativas(*)											

(*) Indica-se para cada caso o número ou a percentagem de temas pertencentes às duas categorias cruzadas.

Este procedimento por classificação dos elementos de significação contidos nas respostas, obtidos e classificados segundo o objeto de comparação invocado e o tipo de relação psicológica que liga o indivíduo ao seu automóvel, dá conta da simbologia específica deste.

Ela indica também a maneira como o simbolismo é vivido pelos indivíduos face a este objeto de consumo – raramente vivido como puramente funcional, mas antes com grande carga emotiva –, imbricando-se e atualizando-se numa relação de investimento afetivo, quantitativa e qualitativamente variável. Onde a possibilidade de reunir por categorias os indivíduos da amostra, segundo o critério das duas dimensões escolhidas como pertinentes e cruzadas numa tipologia que reflete e sistematiza as relações simbólicas e afetivas indivíduo/automóvel, na população considerada.

Mas a clarificação da informação a tratar pode ser totalmente diferente. Sem explorar de modo exaustivo a totalidade das significações, é possível que se pretenda, por exemplo, procurar as imagens relativas à atitude face à vida urbana e tecnológica. Neste caso, torna-se provavelmente possível fazer o desconto das *atitudes positivas ou negativas* para com a poluição, a mecânica, o aglomerado urbano, a fuga para as cidades... Se a amostra é suficientemente diferenciada, podem surgir resultados significativamente diferentes, consoante a idade ou o meio sociocultural dos indivíduos interrogados.

Ou ainda, pode-se hipostasiar e procurar verificar essa hipótese por meio de um procedimento adequado, de que a *atitude masculina e feminina* para com os automóveis, revelada pelo conteúdo das respostas, é diferente. Por exemplo, demonstrar que, se por um lado a relação homem/automóvel é unívoca, marcada pela assimilação do automóvel à mulher (mulher enquanto companheira independente ou mulher-objeto, amante ou esposa etc.) e investida pelas atitudes habituais do homem para com a mulher, a relação desta última com o seu carro afigura-se muito menos clara.

Efetivamente, esta relação simbólica da mulher com o carro surgiu, nas respostas femininas, ambígua, instável ou dicotomizada, visto que a mulher da nossa sociedade, oprimida pelo símbolo estereotipado e dominante do carro como imagem feminina, somente pode escolher uma das duas soluções: ou adota o estereótipo dominante mas desconfortável, ou inadequado para ela, já que se trata de um estereótipo para uso masculino, ou então, em prejuízo deste estereótipo, cria novas conotações e novas relações simbólicas.

B) Outro exemplo de quadro de análise [sobre um material verbal equivalente(*)]

TIPO DE RELAÇÃO / OBJETO DE COMPARAÇÃO		Cumplicidade: Conselhos relações amorosas	Domínio (do sujeito pelo carro): Iniciativa do carro	Submissão: Dependência: sujeitar-se aos cuidados do condutor	Submissão: Queixas: dependência vivida negativamente	Submissão: Agressividade: não aceitação da dependência	Submissão: Ausência de relação	Somas marginais
Seres humanos	Homens		|		|			2
	Mulheres	☐	|	⧄ └	⧄			17 → 23
	Não especificado	|	|		└		|	4
Animais	Dinâmicos (tigres...)	|		└	└			6
	Apáticos	|			└			3 → 12
	Outros				└			3
Objetos móveis		⧄ ⧄ |			└			13
Objetos envolventes		⧄ |	|		|			8
Diversos			|			|	└	4
Ausência de comparação								
Somas marginais		24	4	10	17	2	3	60 / 60
					29			

(*) Resultados de G. Moser. Pode-se marcar uma barra ou o número de ordem da resposta.

Neste caso, há poucas relações de domínio do sujeito pelo automóvel, mas muito mais cumplicidade (24 ocorrências) e *submissão* do carro ao condutor (29 ocorrências). Quando o sujeito compara o carro a um objeto animado, domina-o na sua relação, mas quando o sujeito o compara a um objeto inanimado, tem mais uma relação de cumplicidade.

III

Análise de comunicações de massa: o horóscopo de uma revista

A astrologia não é preditiva mas sim descritiva (descreve muito realisticamente condições sociais).

R. BARTHES em *Barthes, por Roland Barthes*
Le Seuil, 1975.
[Edições 70, 1976, Lisboa]

A revista feminina *Elle* apresenta todas as semanas, como muitas outras revistas e diários, as "previsões" ou conselhos astrológicos segundo os doze signos do Zodíaco. O que se pode ler ou revelar por meio dessas pseudoprevisões que, de fato, não ensinam grande coisa ao leitor sobre o seu futuro, mas têm outras funções? Em que, neste exemplo preciso, as técnicas de análise de conteúdo poderão ser úteis, pela classificação de itens de sentido ou de unidades de vocabulário? O "texto" em questão possui a vantagem de ser curto e preciso, ao mesmo tempo que constitui um sistema fechado e acabado em si próprio. Pode, portanto, servir de base a uma análise do horóscopo da revista *Elle* e parece suficientemente denso para que tal análise seja rica (cf. texto)[1].

1. Texto publicado nos anos 1960 na França. A análise aqui apresentada foi retirada de uma amostra de uma dezena de textos.

Libra (24 Set. - 23 Out.)	Escorpião (24 Out. - 22 Nov.)	Sagitário (23 Nov. - 21 Dez.)	Capricórnio (22 Dez. - 20 Jan.)	Aquário (21 Jan. - 18 Fev.)	Peixes (19 Fev. - 20 Mar.)
CORAÇÃO Semana um pouco complexa. A situação exige equilíbrio, discrição, cuidados com a sensibilidade a pessoa amada. Os seus amigos saberão compreendê-lo e aconselhá-lo. Pode alargar o seu círculo de conhecimentos, convites e testemunhos de simpatia, mas não faça muitas confidências. Em família, seja conciliador. Afinidades com Leão. SAÚDE Evite qualquer esforço prolongado. VIDA SOCIAL Tem bastante energia para se ocupar do seu trabalho. Mas o seu caminho estará semeado de obstáculos. Por outro lado, proceda com ordem, sem pular etapas. Liberte-se das questões instantes, seja diplomata. O MEU CONSELHO Aproveite os seus dons inatos, que por vezes são estéreis por falta de vontade, por preguiça, ou porque não consegue adaptar-se ao seu meio. Não se deixe influenciar pelos outros.	CORAÇÃO Consolide as suas relações afetivas. Não seja muito possessivo e não faça com que a pessoa amada se sinta ciumenta Harmonia com os amigos, mas riscos de impaciência e discussões com os outros. Possibilidade de viajar, de colher experiências úteis, de novos conhecimentos. Deixe os seus familiares exporem as suas ideias e os seus projetos. Compreensão perfeita com Capricórnio. SAÚDE Poupe-se para conservar as forças. VIDA SOCIAL Tudo bem. Se tem que tomar iniciativas ou efetuar mudanças, não perca tempo para chegar a conclusões definitivas. Situação material cheia de promessas; mas já previsível. Não faça demasiadas confidências. O MEU CONSELHO Organize-se de maneira a dar bases sólidas à sua vida. Analise a situação e tome as decisões e as medidas necessárias para formar os seus dias menos penosos.	CORAÇÃO Não se mostre muito exigente para com a pessoa amada evite discussões e cenas de ciúme, porque se arrisca a ser demasiado impulsivo. A amizade desempenha sempre um papel importante, mas não deve distraí-lo dos seus projetos pessoais. Numerosas ocasiões para efetuar novos conhecimentos. Torne-se mais maleável em família. Relações construtivas com Aquário. SAÚDE Nada de esforços excessivos. VIDA SOCIAL Não force o ritmo: o seu trabalho exige aplicação, atenção e tempo, mas dar-lhe-á satisfações. Não queira fazer demasiadas coisas ao mesmo tempo. Dinheiro: mostre-se parcimonioso, não faça despesas a mais. O MEU CONSELHO Continue fiel aos seus princípios, não procure aventuras, não crie complicações. Siga a via pela qual enveredou com confiança.	CORAÇÃO Semana bastante boa. Desejará estabelecer relações claras e serenas, fundadas em bases sólidas. Mostre-se mais afetuoso e maleável e tudo correrá bem. Reaviva as relações com os seus amigos; eles dar-lhe-ão novas ideias, mas respeite a opinião deles, não imponha demais a sua personalidade. Dê diretrizes precisas em casa. Compreensão com Gémeos. SAÚDE Riscos de dores reumáticas. VIDA SOCIAL Dará ao seu trabalho uma direção definitiva. Com um pouco de calma e disciplina, superará os eventuais obstáculos. Esteja aberto a novas propostas, a uma modernização dos seus métodos. Entrada de dinheiro. O MEU CONSELHO Tente dominar os seus estados de espírito, que por vezes o bloqueiam e fazem parecer diferente. Aumente o seu círculo de amizade.	CORAÇÃO Ausência de entusiasmo, embora, no conjunto, a semana seja interessante. Alguns aquarianos tomarão uma grande decisão. Outros encetarão novos laços, que serão fonte de alegrias, mas que correm o risco de durar pouco. Procure a companhia dos seus amigos. Relações sociais agradavelmente animadas. Harmonia em família e com Gémeos. SAÚDE Cuide sem demora de eventuais doenças, próprias da estação. VIDA SOCIAL As suas iniciativas são favorecidas. Terá boas ideias e será mais perseverante do que habitualmente. Receberá propostas sérias: estude-as bem, podem ser boas e construtivas. Grande movimento de dinheiro. O MEU CONSELHO Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje. Se adiar a resolução das questões mais fáceis por indecisão ou preguiça, acabará por criar dificuldades.	CORAÇÃO Período pleno de promessas. Domine a sua sensibilidade, não critique a pessoa amada e, pelo contrário, tente compreendê-la. Receberá testemunhos de simpatia entusiasmantes. Seja mais aberto com os amigos, eles o estimarão. Cuide das suas relações sociais e melhore as relações familiares. Acordo perfeito com Libra. SAÚDE Prudência ao volante e nos esportes se os pratica. VIDA SOCIAL Não perca a coragem se algumas tarefas lhe parecerem difíceis. Encontrará soluções e verá os seus esforços reconhecidos, o que o tornará mais otimista. Boas possibilidades materiais; não aproveite para fazer compras inúteis. O MEU CONSELHO Não renuncie a certas iniciativas por ter receio de se enganar ou de correr riscos. O seu sentimento de insegurança impede-o de aproveitar circunstâncias que se poderão apresentar de improviso.

1. O JOGO DAS HIPÓTESES

Como proceder? Uma *primeira leitura,* quer seja "flutuante" – leitura intuitiva, muito aberta a todas as ideias, reflexões, hipóteses, numa espécie de *brainstorming* individual – quer seja parcialmente organizada, sistematizada, com o auxílio de procedimentos de descoberta, permite situar um número de observações formuláveis a título de hipóteses provisórias:

A) *O horóscopo funciona para o leitor como um sistema projetante.* – A situação é *ambígua* (discurso vago e condicional) e *motivante* ou *implicante* (é centrada unicamente no sujeito leitor).

Por consequência, a *identificação* é facilitada para o leitor. Tanto mais que à polissemia voluntária do discurso se junta o elogio do *narcisismo.* Tudo no texto gira em redor do sujeito tornado subitamente herói. O horóscopo é um espelho. Um espelho deformador, visto que não reflete o sujeito, mas sim um modelo ideal (e normativo). O leitor não sabe que ele é deformador: olha-o e "reconhece-se". Um discurso semelhante favorece a introspecção e leva ao exame de consciência, ou, pelo menos, a fazer o ponto da situação.

Facilita a autoanálise[2] *neutralizando a angústia* da introspecção solitária, ou canalizando-a para a ação, por meio da fixação do esforço.

B) A segunda hipótese será, portanto, a de que o horóscopo *tem menos um valor predicativo do que uma função de suporte moral.*

Mas esta certeza não é direta, ela passa pelo próprio sujeito, o qual tem um papel a desempenhar. Daqui a terceira hipótese:

C) *Paradoxalmente, o horóscopo não é o reino do fatalismo visto que tudo é reposto nas mãos do próprio sujeito...* Este pode atingir a felicidade, *na condição de realizar o que para tal for necessário.*

Contudo, por meio do horóscopo, o sujeito dispõe de um guia, espécie de diretor de consciência indicando, sob a forma de *conselhos e de imperativos* precisos, o modo de emprego da semana vindoura.

2. Como assinala R. Escarpit, "Ler o horóscopo talvez não nos dê muitas informações sobre o futuro, mas obriga-nos, quanto mais não seja durante um breve instante, a interrogarmos a nós próprios...".

D) *O horóscopo coloca o indivíduo num quadro de referência, fornecendo-lhe ou impondo-lhe modelos de conduta.* – O comportamento do leitor é normalizado numa forma predeterminada. Mesmo sem efetuarmos a análise de conteúdo propriamente dita apercebemo-nos de que, pelo horóscopo, recortamos, classificamos e limitamos os desejos e os deveres do indivíduo num plano estandartizado (coração, saúde, vida social), cuja estrutura se decompõe ela própria em subtemas invariantes.

E) Pelo horóscopo, a revista *Elle* difunde um sistema de valores, que correspondem à *ideologia e ao modo de vida* de uma certa burguesia.

Mesmo antes da análise sistemática, damo-nos conta de que a primeira exigência desta moral bem definida é a procura ativa da *felicidade*. Apresenta tal procura como necessária, pormenoriza as suas componentes e indica os meios que lhe parecem pertinentes para a atingir.

Os elementos constitutivos deste sistema de valores parecem ser:

- *O amor.* Mas o amor ligado à ideia de segurança (estabilidade do casal) e de harmonia. Não o amor como paixão, impulsivo, mas o amor conjugal normalizado e controlado.
- *As relações sociais.* Amizade, relações sociais, adquirem uma grande importância. Devem ser procuradas (a sociabilidade, vida de relação, são valorizadas). Serão atingidas pelo preço da conciliação e da *diplomacia*. Trata-se mais de "alargar o círculo" de relações numerosas, num clima bem "azeitado", travando a propensão para a agressividade (sobretudo evitar as discussões e os conflitos), do que de relações espontâneas e profundas.
- *A saúde* constitui um valor em si. Aliás, está sempre ameaçada. É curioso que a única relação com o corpo seja uma relação centrada na saúde; saúde a preservar pela cautela, o cuidar de si, numa espécie de "automaternidade".

Será possível adiantarmos que a ansiedade se cristalizou numa "somatização", em que o corpo tem apenas o direito de se manifestar por meio da doença ou do cansaço?

- A referência ao *dinheiro* parece estar presente em todos os signos do Zodíaco. Não como dinheiro para ser gasto, mas como *riqueza para poupar:* sempre que o dinheiro é prometido, segue-se o conselho de poupança.
- De modo menos evidente, também existem como elementos-chave do sistema de valores as exigência do sucesso e até do prestígio (o parecer e a aparência), ou, pelo menos, a necessidade de resultados positivos.

F) *O horóscopo contribui para o desenvolvimento do conformismo e para o aumento da integração deste grupo social* oscilante que é a pequena burguesia (leitora da *Elle*), amarrando-a quer ao individualisimo (mas não à autonomia), quer à tensão relativamente a uma finalidade (mas cuidadosamente dosada e calculada), o êxito (imposto) etc.

Porque, definitivamente, a própria essência deste discurso é o que poderíamos chamar:

G) *A consagração de uma ideologia da temperança* – tudo se organiza em torno da moderação e do autocontrole. É a "prudência ao volante", pérola do texto que resume na perfeição, metaforicamente, a atitude geral. O indivíduo é senhor do seu destino *se for* senhor de si próprio.

E a finalidade essencial é comparável à da ética capitalista, tal como foi definida por Max Weber[3], e que consiste no seguinte:

H) *A busca do lucro por meio do investimento de uma energia controlada* – é a moral do *esforço,* principalmente esforço de si próprio, com a finalidade de alcançar a satisfação, a qual contará talvez menos do que o próprio esforço.

Eis lançado – ou melhor, proposto – um conjunto de hipóteses, graças à leitura atenta, crítica, já "distante" em relação aos mecanismos e valores subjacentes.

2. ANÁLISE TEMÁTICA DE UM TEXTO

Se nos servirmos da análise temática – quer dizer, da contagem de um ou vários temas ou itens de significação, numa unidade de codificação previamente determinada –, apercebemo-nos de que se torna fácil escolhermos, neste discurso, a frase (limitada por dois sinais de pontuação) como unidade de codificação.

3. M. Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Lisboa, Presença.

Atitudes valorizadas			+	
			FREQUÊNCIAS	
CATEGORIAS OU RUBRICAS	COMPONENTES	EXEMPLOS	Número de itens presentes	%(*)
PRUDÊNCIA REFLEXIVA	Prudência Atenção Lucidez Paciência Calma Organização Disciplina etc.	"Controle-se" "Aja com ordem, sem pular etapas" "Permaneça nos limites da prudência" "Contemporize" "Faça frente com lucidez"	18	11,5
DIPLOMACIA RESERVA	Flexibilidade Conciliação Distinção Não compromisso	"Seja mais flexível em família" "Não imponha demais a sua personalidade" "Cuide das suas relações sociais" "Faça pactos" "Seja conciliador"	10	6,5
ENERGIA OTIMISMO	Otimismo Energia Iniciativa Confiança em si	"Mantenha o moral" "Siga em frente" "Certas tarefas exigem otimismo"	17	11
EXPLORAR AS SUAS CAPACIDADES	Boa vontade Aplicação	"Dê provas de aplicação..." "Dê provas de boa vontade..." "Tire proveito dos seus dons inatos"	5	3
TOTAL			50	32

(*) Percentagem em relação ao número total de frases.

Atitudes rejeitadas					=	
			FREQUÊNCIAS		RESULTANTES(*)	
CATEGORIAS OU RUBRICAS	COMPONENTES	EXEMPLOS	N.º de itens presentes	%	N.º de itens presentes	%
IMPULSIVIDADE	Nervosismo Instabilidade Agitação Impaciência Estranheza Sensibilidade	"Risco de impaciência" "Muito impulsivo" "Controle-se" "Arrisca-se a perder a calma"	10	6,5	28	18
FRANQUEZA ESPÍRITO CRÍTICO	Franqueza Espírito crítico	"Não faça muitas confidências" "Aprenda a não dizer com muita franqueza o que pensa" "Modere o seu espírito crítico em público"	3	1,5	13	8,5
DESENCORAJAMENTO E PREGUIÇA	Desencorajamento Pessimismo Preguiça Indecisão Falta de entusiasmo	"Não se deixe desencorajar pelas dificuldades" "Falta de entusiasmo"	12	7,5	29	19
DESPERDÍCIO	Desperdício das próprias forças e capacidades	"Não desperdice as suas forças"	3	1,5	8	5
			28	18	78	52

(*) Resultados globais por adição das atitudes positivas e negativas.

Vejamos o seguinte exemplo: procuramos validar, pelo menos parcialmente, as duas últimas hipóteses adiantadas, a *ideologia da temperança* e a *procura de resultados por exploração de determinadas capacidades* ("qualidades" individuais).

Por enumeração temática, é possível levar a cabo, num texto, o levantamento das atitudes (qualidades, aptidões) *psicológicas* aconselhadas ou desaconselhadas, que o leitor deve atualizar ou afastar de modo a poder chegar aos seus fins. Contam-se, assim, em cada unidade de codificação (neste caso, a frase), a "qualidade" ou o "defeito" presentes.

Reagrupando as diferentes atitudes em grandes categorias e adicionando *atitudes valorizadas* e *atitudes desvalorizadas* correspondentes, pode-se estabelecer um quadro geral (cf. quadro nas páginas anteriores) representativo dos valores e qualidades individuais, que constam do horóscopo da *Elle*.

Inicialmente, apercebemo-nos de que metade das frases do texto (52%) atraem ou rejeitam as "qualidades" ou os "defeitos" individuais. Trata-se, por conseguinte, de um aspecto importante do texto, o qual está bem centrado no indivíduo (cf. a hipótese do narcisismo lisonjeado) e que orienta certas atitudes e condutas precisas, valorizando-as ou frustrando-as.

As atitudes positivas são: a *prudência reflexiva,* que tempera a energia e o otimismo, eles próprios indispensáveis; a *diplomacia* e a *reserva;* e, por fim, a *exploração das próprias capacidades,* pela aplicação e boa vontade.

As atitudes negativas são: a *impulsividade*, o *desencorajamento* e a *preguiça,* a *franqueza,* o *espírito crítico* e o *desperdício das próprias forças e capacidades.*

Esses resultados, vê-se bem, confirmam em parte as hipóteses avançadas, ou melhor, aferem-nas. Por outro lado, a análise realizada segundo esta dimensão fornece outras informações, que dizem respeito a outras hipóteses iniciais (exemplo: o aspecto egocêntrico do discurso centrado no indivíduo), ou remete-nos para outras hipóteses não perceptíveis numa primeira leitura.

Isso ilustra bem o aspecto de "vaivém" da análise de conteúdo, entre a teoria e a técnica, hipóteses, interpretações e métodos de análise. E, no entanto, o exemplo que acabamos de descrever constitui *um* ponto de vista, *uma* dimensão da análise, uma abordagem particular e muito restrita sobre um assunto muito limitado. Seria necessário abordar este texto por todos os lados, numa infinidade de *dimensões* (direções de análise), com descontos frequenciais numerosos obtidos por meio de *técnicas* diversificadas. Isto é moroso, tanto mais que o processo da análise de conteúdo é "arborescente", quer dizer, técnicas e interpretações atraem-se umas às outras e, *à la limite,* não é possível esgotar o discurso (este pode ser considerado esgotado quando os procedimentos já de nada adiantam). Isto por vezes é inútil, já que algumas operações não fornecem nenhum resultado significativo ou utilizável.

É isto a análise de conteúdo, muitas vezes trabalho gratuito ou desconcertante. Mas a alegria do investigador é enorme quando o estudo "bate certo" (confirmação ou infirmação de uma hipótese, não importa, desde que se obtenham resultados), ou quando um "achado" permite que se siga por outra pista ou em direção a outras interpretações.

É certo que o gênero de resultados obtidos pelas técnicas de análise de conteúdo não pode ser tomado como prova inelutável. Mas constitui, apesar de tudo, uma ilustração que permite corroborar, pelo menos parcialmente, os pressupostos em causa.

Esta análise temática, conduzida segundo a dimensão das atitudes ou qualidades pessoais valorizadas e desvalorizadas, verifica, portanto, algumas das hipóteses adiantadas de modo intuitivo. Quantitativamente, a elevada frequência no discurso de temas centrados nas qualidades pessoais do leitor confirma o caráter *"centrado no sujeito"*, narcísico, do horóscopo: tudo gira ao redor do sujeito, que assim está diretamente implicado. Qualitativamente, a análise pormenorizada desses temas (e a verificação de um conjunto de dez horóscopos da mesma revista prova que aqueles variam pouco) indica quais são os *valores de referência* e os *modelos de comportamento* presentes neste discurso. Em filigrana, por detrás das pseudoprevisões, perfila-se uma moral individualista. Moral do esforço, moral da moderação, que poderíamos resumir na fórmula: "uma linguagem de ação controlada". É certo que o indivíduo necessita dos outros, mas estes são apresentados como meios (relações afetivas e sociais procuradas por necessidade e a manter com diplomacia) para atingir fins pessoais: a segurança afetiva, a riqueza material, o sucesso e o êxito sociais. Estes fins são os componentes do "ideal-tipo" da felicidade pessoal[4], tornando-se acessíveis se o indivíduo "investe algo de seu" para ajudar

4. É de assinalar que o termo "felicidade" não surge uma única vez no vocabulário de uma dezena de horóscopos da *Elle*. Será que esta exigência de felicidade é muito evidente para que apareça explicitamente no discurso?

as influências dos astros por meio das atitudes e condutas que lhe são insistentemente aconselhadas.

Poder-se-iam assim multiplicar os desmembramentos temáticos, classificando e dividindo as significações do discurso em *categorias* em que os critérios de escolha e de delimitação seriam orientados pela *dimensão* da análise, ela própria determinada pelo objetivo pretendido... Deixemos de lado a análise temática e experimentemos mostrar como se pode utilizar a *análise lexical e sintática.*

Nesta abordagem, já não se trata de detectar, descontar e depois classificar os elementos de significação, mas de ter em conta como material de análise os próprios significantes. Trabalha-se então diretamente no código: unidades semânticas e sintaxe (vocabulário, características gramaticais...).

3. ANÁLISE LEXICAL E SINTÁTICA DE UMA AMOSTRA[5]

Para fazermos um estudo do código de um texto é necessário:

- *Convenções* – Quanto ao vocabulário, pode-se enumerar num texto:
  - o número total de palavras presentes ou *"ocorrências"*;
  - o número total de palavras diferentes ou *"vocábulos"*; esses vocábulos representam o vocabulário (ou repertório lexical, campo lexical) que o autor do texto utiliza;
  - a relação ocorrências/vocábulos (ou O/V) dá conta da riqueza (ou da pobreza) do vocabulário utilizado pelo autor da mensagem, visto que indica o número médio de repetições por vocábulo no texto.

Podem classificar-se as unidades de vocabulário segundo a distinção entre:

- *palavras plenas,* isto é, palavras "portadoras de sentido": substantivos, adjetivos, verbos;
- *palavras-instrumento,* isto é, palavras funcionais de ligação: artigos, preposições, pronomes, advérbios, conjunções etc.

5. Dez números da *Elle*.

Também é possível estudar o modo (ou o tempo) dos verbos presentes no texto, se previrmos que isso possa ser significativo.

Por último, a análise qualitativa das unidades de vocabulário por ordenação frequencial segundo o sentido pode fornecer informações. De igual modo, alguns aspectos sintáticos – organização da frase, por exemplo – são suscetíveis de ser reveladores das características de um discurso, ou podem fornecer a confirmação de certas hipóteses formuladas.

- *Possibilidades de comparação* – As características de um discurso necessitam da comparação com outros discursos... ou com normas que as destaquem.

É possível comparar-se o texto analisado com o *Trésor de la Langue Française*[6], o qual nos fornece indicações sobre a frequência atual de uso das palavras do idioma francês.

Mas também seria possível comparar os resultados de outras análises de textos específicos, caso estas tenham sido feitas. É assim que, no nosso caso, seria talvez pertinente fazer-se comparações com:

- discursos astrológicos provenientes de outras origens, quer escritas (por exemplo: previsões astrológicas provenientes de outras publicações), quer orais (astrólogos estabelecidos em "consultório", emissões radiofônicas);
- outras rubricas da revista *Elle:* existirá uma analogia com o repertório linguístico utilizado nos demais artigos? O sistema de valor que esses estudos da linguagem traduzem será o mesmo para toda a revista?
- a linguagem publicitária; se supusermos a existência de traços comuns (por exemplo, comunicação fática para centralizar a mensagem no leitor), talvez se torne interessante a realização de um estudo comparativo dos dois tipos de discurso;
- discursos diversos já analisados pelos métodos de linguística estatística. Por exemplo: características do vocabulário e da sintaxe do general De Gaulle nos seus discursos políticos, características do vocabulário e da sintaxe de dois jornalistas da atualidade, nos seus

6. E. Brunet, *Le vocabulaire français de 1789 à nos jours d'aprés les données du Trésor de la Langue française,* Slatkine, 1982.

escritos ou emissões, características do campo lexical utilizado por quadros de empresas, na descrição das suas funções...

Nossa análise incide sobre dez horóscopos da *Elle*. Este *corpus* parece suficientemente significativo de um tipo de discurso que surge extremamente estereotipado, de número para número da revista, tanto em termos dos conteúdos temáticos como das características formais.

A) A média de palavras por *frase* é de 13, e o comprimento das frases varia muito pouco (dispersão fraca em torno da média, exceto em casos particulares e raros, tais como uma palavra entre dois sinais de pontuação). Por quê?

Em primeiro lugar, as exigências materiais de uma revista (espaço caro, espaço limitado às duas páginas consagradas, habitualmente, em cada um dos números da revista, espaço idêntico em colunas idênticas e invariáveis para cada signo do Zodíaco) explicam, em parte, a razão de ser desta frase curta. Por outro lado, este número médio de 13 palavras por frase corresponde, provavelmente, a uma preocupação de legibilidade: foi demonstrado que a capacidade de memorização de um sujeito médio é, aproximadamente, de 15 palavras por frase num texto escrito. Os leitores de um horóscopo não devem ser obrigados a esforços (pelo menos ao nível da leitura!).

O que impressiona mais nas frases deste horóscopo é a sua regularidade quase matemática. Essas frases apresentam-se como um modo de emprego (da vida). São comparáveis, no arranjo estereotipado e na sua frequente organização em duas orações complementares, aos ditados e provérbios da sabedoria popular (afirmação de um sentido, seguida de atenuação ou contradição por meio de um segundo sentido que, ou modula o primeiro, ou se lhe opõe francamente). Diz-se branco e logo a seguir diz-se preto ou cinzento, graças à transição operada por um "mas" ou por um "e" (a frequência desses termos é particularmente elevada). A escolha cabe ao leitor... É a arte de manejar sutilmente os contrários, que, desse modo, e sem que disso nos apercebamos, deixa a porta aberta às diferentes cores do devir. A mensagem assim construída, deliberadamente ambígua ou ambivalente, favorece a projeção individual. O "estilo telegráfico", por seu lado, confere ao discurso o aspecto de mensagens breves provenientes do além; e a rapidez decisiva e afirmativa de frases com aspecto de ordens precisas estimula a ação eficaz.

O vocabulário do horóscopo

	Frequência			
	V			
Palavras	*Frequência absoluta*	*Percentagem em relação ao número total de vocábulos*	O	O / V
Substantivos	382	42,50	3 328	8,71
Adjetivos	255	28,75	1 543	6,05
Verbos	182	20,25	2 546	13,93
Palavras-instrumento	78	8,50	4 686	60,07
Totais	897 (léxico)	100	12 103	13,49

Legenda: V = vocábulos
O = ocorrências
O/V = relação ocorrências/vocábulos (riqueza/pobreza de repertório)

B) O estudo sistemático do *vocabulário* é revelador do léxico ou repertório de base (ver quadro na página seguinte):

Existem 12 103 palavras nos dez textos (total das ocorrências) para um vocabulário de base (vocábulos) de 897 palavras.

A relação O/V é igual a 13,49, número elevado porque traduz o número médio de repetições por vocábulo do discurso considerado (F. Giroud, nos seus escritos: O/V = 5,82; general De Gaulle nos seus discursos: O/V = 11).

Isto significa que o repertório de base é, neste caso, extremamente limitado. As palavras utilizadas são sempre as mesmas: o vocabulário é, portanto, muito pobre. Essa pobreza do registro em parte provém da elevada repetição das palavras-instrumento, o que é relativamente normal. O registro dos adjetivos é proporcionalmente o mais rico, seguindo-se o dos substantivos. Mas o repertório de verbos, pelo contrário, é pobre.

Quais são as palavras mais frequentes? A lista que se segue indica por ordem decrescente de frequência as 40 palavras plenas e as 10 palavras-instrumento mais frequentemente utilizadas.

O verbo *ser* aparece em primeiro lugar na lista das palavras plenas e também aparece em primeiro plano no *Trésor de la Langue Française*, assim como nos artigos da jornalista F. Giroud.

As palavras mais frequentes do vocabulário do horóscopo da *Elle*

PALAVRAS PLENAS

1	SER	220	V	1	(TLF; FG)
2	FAZER	217	V	6	(TLF)
3	PODER	130	V	9	(TLF) 3 (FG) 11 (GG)
4	BOM	115	A	29	(FG)
5	AMIGO(S)	92	S	11	(GG)
6	NOVO	89	A		
7	PROBLEMA(S)	86	S		
8	FAMÍLIA	84	S		
9	RELAÇÃO/ÕES	83	S		
10	REGULARIZAR	70	V		
11	TOMAR	65	V	38	(TLF)
12	FAVORECIDO	63	A		
13	POSSIBILIDADES	60	S		
14	SITUAÇÃO/ÕES	59	S		
15	TER	56	V	2	(TLF; FG)
16	QUESTÃO/ÕES	54	S		
17	PROJETOS	52	S		
18	DAR	51	V		
19	RELAÇÃO/ÕES	50	S		
20	SENTIR	49	V		
21	PESSOA	48	S		
22	TRABALHO	47	S		
23	INICIATIVAS	46	S		
24	PROVA(S)	46	S		
25	DEIXAR	42	V		
–	ORGANIZAR	42	V		
27	EVITAR	41	V		
–	SUCESSO	41	S		
–	VIDA	41	S		
30	COMPANHEIRO(S)	38	S	31	(TLF) 29 (FG) 16 (GG)
31	AGIR	36	V		
32	CONCEDER	35	V		
33	SOCIAL	34	A		
34	PEQUENO	33	A	22	(TLF)
35	ORDEM	32	S		
–	DECISÃO/ÕES	32	S		
–	GRANDE	32	A	17	(TLF)
38	COTIDIANO	31	A		
–	QUERER	31	V	17	(TLF) 16 (FG)
39	COMPANHIA	30	S		
–	CONHECIMENTO(S)	30	S		

PALAVRAS-INSTRUMENTO

1	Vós, Vosso(s), os vossos	943
2	O, A, Os	352
3	(negação)	279
4	E	213
5	A, Aos	208
6	Com	124
7	Em	122
8	Mas	112
9	Um, Uma	106
10	Que	97

Legenda:
1, 2, 3, 4,...; posição ou ordem de frequência decrescente das palavras.
220, 217,...; número que indica a frequência de ocorrência em 10 horóscopos.
V: verbo; A: adjetivo; S: substantivo.
1 ( ), 6 ( ): posição destas palavras em vocabulário de comparação.
TLF: Trésor de la Langue Française.
FG: Françoise Grioud, jornalista.
GG: General De Gaulle nos seus discursos.

O verbo ter, pelo contrário, apenas surge no décimo quinto lugar no horóscopo, enquanto que se encontra na segunda posição no *Trésor* e nos textos de Giroud. Significará isso que o discurso astrológico da *Elle* é mais uma linguagem existencial do que uma linguagem de posse? Nada é adquirido, mas tudo poderá sê-lo na condição de Fazer (2º lugar) e de Poder (3º lugar)...

Os amigos(s), a família, as relações (sociais) e, mais adiante na lista, a convivência (social), a companhia, os conhecimentos, aparecem com uma frequência significativa.

Os adjetivos mais frequentes são Bom, Novo e Favorecido, adjetivos esses que correspondem a uma projeção *otimista* no futuro. O termo *Problema(s)*, seguido de Situação/ões e Questão/ões, remete de maneira *vaga* para as dificuldades que todos deveriam encontrar na vida. Mas os Projetos, termo igualmente vago, poderão completar-se graças às iniciativas e às Decisões tomadas pelo indivíduo, assim como às Provas (que, no texto, surgem sempre ligadas ao verbo Fazer no imperativo) que este pode prestar.

Para além dos verbos Ser, Fazer e Poder, existem outros também majoritários: Regularizar (quantas conotações significativas existem neste termo!), Tomar, mais frequente do que Dar, Ter, relativamente raro, Sentir (a sensibilidade existe, apesar de tudo!), Deixar, Organizar, Evitar, que traduzem a ação sistemática (a mulher ajuizada), prudente e orquestrada pela vontade (Querer).

E, por fim, o Trabalho e o Sucesso figuram num bom lugar.

É curioso comparar tudo isso com os termos previlegiados pelos quadros de empresa, na descrição das suas funções[7]: na lista de nomes estabelecida por ordem decrescente de frequência aparecem a Decisão (1.0), a Organização (2.0) e a Ordem (7.0) (muito frequente também no horóscopo da *Elle),* assim como a Iniciativa (19.0). Deverá a leitora da *Elle* orientar a sua vida como os especialistas de gestão controlam o funcionamento das suas empresas?

Uma vida gerida, organizada e controlada pela prudência e pelo autocontrole, em que as relações sociais (do mesmo modo que as relações públicas na empresa) devem ser conduzidas com diplomacia (este termo aparece no texto com muita frequência), em que o trabalho e o sucesso se encontram em boa posição, tal é o modelo proposto às leitoras de uma revista de moda...

7. R. Hogenraad e J. Morval, op. cit.

Todo o vocabulário do discurso do horóscopo, não relatado aqui, possui a acepção dessa "imagem-modelo" de uma mulher que controla o seu destino, tal como um diretor de empresa controla o futuro da sua firma, com as mesmas exigências e as mesmas armas. "A senhora e a gestão"! Tudo isso com o fito do lucro, quer dizer, da felicidade e do êxito harmonioso, graças ao esforço e à competência.

C) Quais são as informações fornecidas pelas *palavras-instrumento*?

Em Portugal, a frequência dos pronomes pessoais Vós, Vossos, Vosso é enorme (aproximadamente 8% de ocorrências). Esta incidência constitui o sinal de que o horóscopo possui uma função "fática", isto é, que procura estabelecer e personalizar o contato com o leitor, dando a ilusão do estabelecimento de um diálogo. É a confirmação de uma das nossas hipóteses: este discurso é concebido para elogiar o egocentrismo do sujeito. Aliás, encontra-se frequentemente o mesmo procedimento no discurso publicitário, que, para seduzir, tem a necessidade de fazer esquecer o seu estatuto de comunicação de massa anônima e impessoal.

O aparecimento da negação com muita frequência revela o número de interditos e de precauções recomendados pelo astrólogo: "não seja", "não faça", "evite", "deixe" etc.

As conjunções "e" e "mas" figuram de maneira característica na ordem das frequências, modulando, tal como já assinalamos, as informações mais precisas, afinando os comportamentos aconselhados e temperando o negativo por meio do positivo.

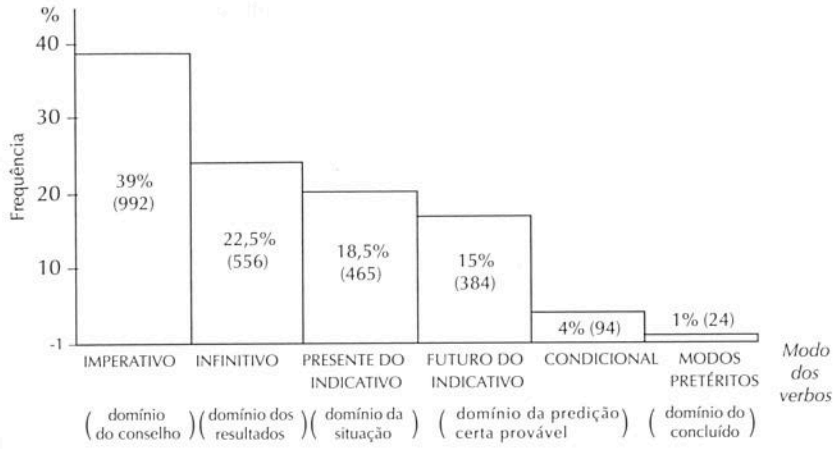
D) Será que o *tempo* (ou modo) dos *verbos* é revelador?

Era de esperar que a frequência dos verbos no *futuro* fosse elevada num horóscopo, já que a sua função oficial é a previsão. Ora isso não acontece: o modo futuro apenas diz respeito a 15% dos verbos, sendo principalmente o verbo "poder" que é conjugado neste modo: poder é o possível e não o certo.

Será então que a função preditiva é servida pela utilização do *condicional* (menos eficazmente, é certo, visto que o condicional apresenta os fatos como possíveis, embora não inelutáveis)? Nem sequer é isso que acontece, já que o condicional não ultrapassa a percentagem de 4%.

Por conseguinte, confirma-se a hipótese avançada: o papel da previsão do horóscopo, que poderíamos julgar essencial, é muito pouco assumido, mesmo na "prudência" de um condicional.

Frequência dos verbos por modo



Inversamente, 39% dos verbos estão no *imperativo*. Este fato corrobora o caráter essencialmente injuntivo deste discurso. O astrólogo produz autoridade e dá conselhos que, na realidade, são ordens. Os verbos conjugados sobretudo no imperativo são: deixe, conceda, evite, experimente, siga, (não) perca, dê (provas), domine, supere. Esses comportamentos de evitamento, ensaio, precaução e autocontrole constituem outras tantas ordens a cumprir.

Uma análise de tipo estrutural (relações de oposição, de associação, de equivalência etc.) seria pertinente, mas exigiria o recurso a um tratamento eletrônico dos dados[8]. Contudo, mesmo a "olho nu" apercebemo-nos de que alguns itens semânticos aparecem concretamente, e que outros variam no seio de uma frase sempre constante e imutável.

Em conclusão, face a este discurso astrológico temos a impressão de nos confrontarmos com uma combinatória cujos elementos de base são muito limitados: uma espécie de sistema fechado, de átomos semânticos (as palavras) cuja construção em moléculas (as frases) e a seguir em macromoléculas (os signos do Zodíaco) é realizada aleatoriamente.

Ao que parece, dez milhões de franceses recorrem à astrologia: horóscopos da imprensa, astrólogos com consultório, emissões radiofônicas, horóscopos por

8. A análise lexical e sintática das páginas precedentes é provavelmente programável no seu conjunto.

computador (o último "achado" que se vende caro e bem). Este recurso à astrologia pode ser confessado ou escondido por vergonha; ser feito por brincadeira, ou por uma convicção desesperada.

O horóscopo da *Elle*, após ter sido analisado, surge-nos como um sistema bem ordenado e que ordena segundo o modo de injunção camuflada. O astrólogo apresenta-se como um adivinho, mas, no fundo, que adivinha ele?

A palavra astrológica é a "boa-nova" para aqueles que já não têm Deus, mas que, apesar de tudo e sem o saberem, procuram um. Quer se acredite sem se acreditar, quer se organize meticulosamente a vida em função das "previsões" da semana, lê-se o horóscopo para rir ou com seriedade. A moral desse discurso é a moral de todos os que não têm moral e que buscam uma, desesperadamente. E que moral? A da nossa boa e velha sociedade puritana e exigente. Moral que se reveste de um verniz progressista, desenhando a imagem de uma mulher esclarecida e senhora da sua vida. Contudo, o modo de emprego dessa vida é cuidadosamente definido e enquadrado. Uma mulher que se crê livre porque lhe são sutilmente propostas (ou impostas) receitas cujos nomes são: Prudência, Segurança, Sucesso, Dinheiro, Triunfo.

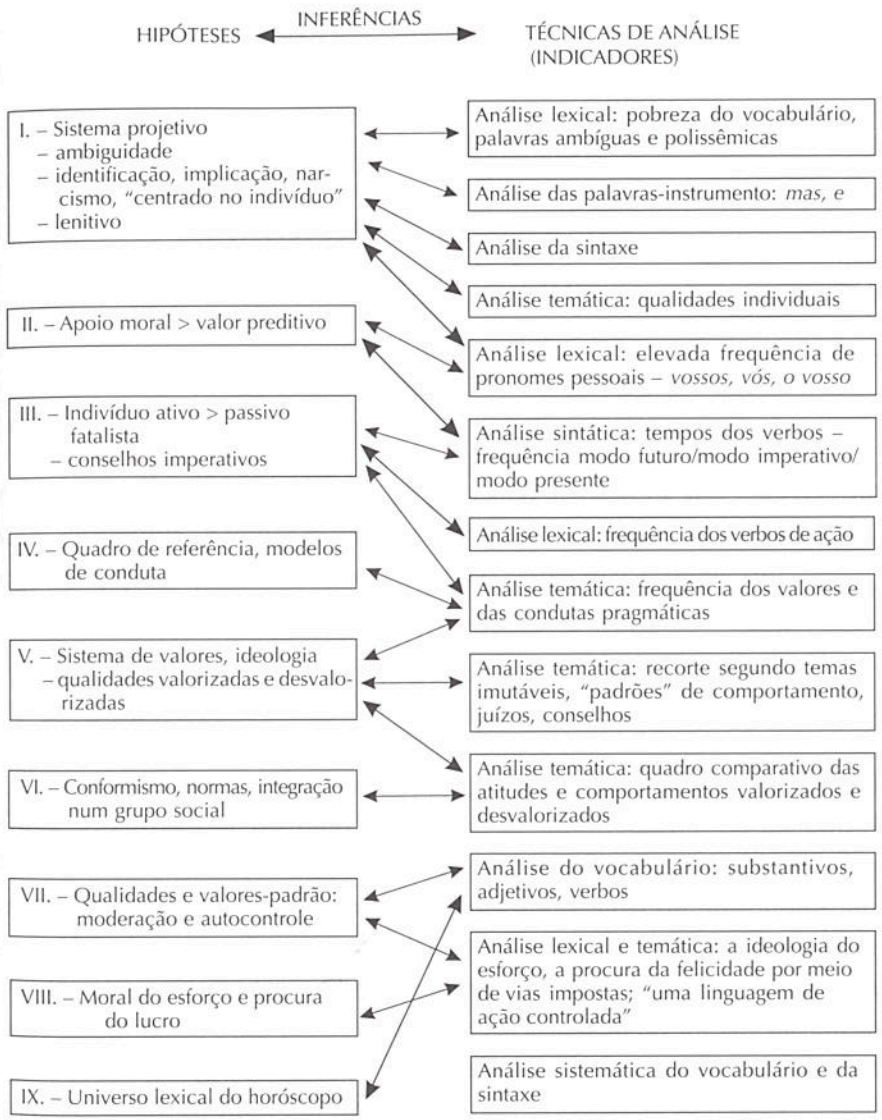
A vida é um comboio que desliza sobre trilhas e o comentário previlegiado de tal moral seria: "*Do not lean out of the window*"*. Deixa-se o leitor acreditar que a locomotiva é automática e programada. Mas, dissimuladamente, pede-se-lhe uma "participação". Ao leitor agrada-lhe esta posição: permanecer sentado, muito ajuizado e bem instalado nos assentos das carruagens, escutando a voz suave e firme que lhe vai debitando, por meio de um modelador acústico, os gestos que ele deve ou não executar para desfrutar a viagem e chegar ao seu destino, estando sempre disposto a chamar o revisor, ao menor balanço ou à primeira corrente de ar que surja[9] ...

* Em inglês no original. Em tradução livre: "É perigoso debruçar-se" (*N. do T.*).

9. Vinte anos depois, em 1995, a análise dos horóscopos da revista *Elle* foi novamente efetuada sobre um *corpus* semelhante. Relativamente a 1975, existem constantes, mas:
   - se o apoio moral continua grande, o conformismo diminui, reforçando a ilusão da autonomia e do poder de decisão do leitor;
   - se a ambivalência do discurso se mantém, manifestam-se uma pseudocientificidade e uma acentuação da previsão dos comportamentos futuros.

   Os nossos agradecimentos a alguns alunos do DESS "Intelligence de la communication écrite" (Paris V), por terem efetuado esta nova análise sob a nossa direção.

A dialética hipóteses/indicadores (inferência)



IV

Análise de entrevistas: férias e telefone

O recurso à análise de conteúdo, para tirar partido de um material dito "qualitativo", é indispensável: entrevistas de inquérito, de recrutamento, de psicoterapia... que fornecem um material verbal rico e complexo.

1. A ENTREVISTA: UM MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO ESPECÍFICO

Há várias maneiras de fazer uma entrevista. Tradicionalmente, classificam-se as entrevistas segundo o seu grau de diretividade – ou melhor, de não diretividade – e, por conseguinte, segundo a "profundidade" do material verbal recolhido. Entrevistas não diretivas de uma ou duas horas, que necessitam de uma prática psicológica confirmada, ou entrevistas semidiretivas (também chamadas com plano, com guia, com esquema, focalizadas, semiestruturadas), mais curtas e mais fáceis: seja qual for o caso, devem ser registradas e integralmente transcritas (incluindo hesitações, risos, silêncios, bem como estímulos do entrevistador).

Lidamos então com uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que uma pessoa – o entrevistado – orquestra mais ou menos à sua vontade. Encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa. A subjetividade está muito presente: uma pessoa fala. Diz "Eu", com o seu próprio sistema de pensamentos, os seus processos cognitivos, os

seus sistemas de valores e de representações, as suas emoções, a sua afetividade e a afloração do seu inconsciente. E ao dizer "Eu", mesmo que esteja falando de outra pessoa ou de outra coisa, explora, por vezes às apalpadelas, certa realidade que se insinua por meio do "estreito desfiladeiro da linguagem", da *sua* linguagem, porque cada pessoa serve-se dos seus próprios meios de expressão para descrever acontecimentos, práticas, crenças, episódios passados, juízos...

Qualquer pessoa que faça entrevistas conhece a riqueza desta fala, a sua singularidade individual, mas também a aparência por vezes tortuosa, contraditória, "com buracos", com digressões incompreensíveis, negações incômodas, recuos, atalhos, saídas fugazes ou clarezas enganadoras. Discurso marcado pela multidimensionalidade das significações exprimidas, pela sobredeterminação de algumas palavras ou fins de frases. Uma entrevista é, em muitos casos, polifônica. Cerca de 40 páginas (é a norma para uma entrevista não diretiva e pouco aprofundada), multiplicadas por cerca de 30 indivíduos (mínimo) é o suficiente para perturbar o analista principiante. E o que dizer de uma entrevista de grupo a 6 ou 7 vozes! A análise de conteúdo de entrevistas é muito delicada. Este material verbal exige uma *perícia* muito mais dominada do que a análise de respostas a questões abertas ou à análise de imprensa. E o computador, apesar da evolução atual das suas capacidades (sistemas especializados, inteligência artificial), debate-se com uma complexidade dificilmente programável.

A principal dificuldade da análise de entrevistas de inquérito deve-se a um *paradoxo*. De forma geral, o analista confronta-se com um conjunto de "x" entrevistas, e o seu objetivo final é poder inferir algo, por meio dessas palavras, a propósito de uma realidade (seja de natureza psicológica, sociológica, histórica, pedagógica...) representativa de uma população de indivíduos ou de um grupo social. Mas ele encontra também – e isto é particularmente visível com entrevistas – *pessoas* em sua unicidade. Como preservar "a equação particular do indivíduo"[1], enquanto se faz a síntese da totalidade dos dados verbais proveniente da amostra das pessoas interrogadas? Ou então, como diz Michelat, como "utilizar a singularidade individual para alcançar o social"?

1. G. Michelat, "Sur l'utilisation de l'entretien non directif en sociologie", *Revue française de Sociologie*, XVI, 1975.

O analista que lida com esse tipo de material verbal fica rápida e concretamente sujeito a um dilema. Pode, certamente, proceder a uma análise de conteúdo clássica, com *quadro categorial*, privilegiando a repetição de frequência dos *temas*, com todas as entrevistas juntas. A técnica já deu provas e permite percorrer ao nível manifesto todas as entrevistas. Mas, no fim, esta redução deixará na sombra parte da riqueza de informação específica desse tipo de investigação. O resultado final será uma abstração incapaz de transmitir o essencial das significações produzidas pelas pessoas, deixando escapar o latente, o original, o estrutural, o contextual. É possível resolver algumas dessas insuficiências referenciando quantitativamente coocorrências, por exemplo, ou codificando temas numa base latente... No entanto, a técnica temática de frequência, tipo Berelson, ainda que indispensável, mostra-se, quando utilizada apenas sobre este tipo de material, muito limitada. A manipulação temática acaba então por colocar todos os elementos significativos numa espécie de "saco de temas", destruindo definitivamente a arquitetura cognitiva e afetiva das pessoas singulares.

Teremos então de rejeitar a análise horizontal[2] em matéria de entrevistas? Não, porque esse tipo de análise é insubstituível no plano da síntese, da fidelidade entre analistas; permite a relativização, o distanciamento; mostra as constâncias, as semelhanças, as regularidades. Só que é preciso completá-la, e de preferência previamente, por outra técnica de decifração – e de arroteamento – entrevista por entrevista.

Propomos então dois níveis de análise, em duas fases sucessivas ou imbricadas, em que uma enriquece a outra. Este processo pode parecer pesado, mas, com um pouco de prática, não é; e aumenta a produtividade da informação final.

2. A DECIFRAÇÃO ESTRUTURAL

O primeiro nível consiste num processo de *decifração estrutural* centrado em cada entrevista[3]. Esta abordagem leva em conta os trabalhos existentes

2. A que podemos também chamar transversal, por oposição à análise vertical, subjetiva.
3. Entrevista por entrevista, ou seja, pessoa por pessoa para uma entrevista, ou sessão por sessão para uma psicoterapia.

em matéria de enunciação, de análise do discurso e da narrativa[4], e até da psicanálise... mas de forma não sistemática, com flexibilidade, em função do próprio material verbal. Para o técnico, trata-se menos de projetar teorias já feitas do que servir-se, eventualmente, das suas competências e saberes, sejam eles quais forem. Esta abordagem *ad hoc*, que procura compreender a partir do interior da fala de uma pessoa, lembra talvez a atitude de *empatia* no sentido do psicoterapeuta norte-americano Rogers, ou seja, "de imersão no mundo subjetivo do outro". Trata-se de uma atitude que exige esforço – mas que não exclui a intuição –, na medida em que, em cada nova entrevista, é necessário fazer uma abstração de si próprio e das entrevistas anteriores. É preciso fazer tábua rasa *a priori* pessoais ou da contaminação proveniente de decifrações anteriores, *ao mesmo tempo* que se beneficia, de algum modo num "outro cérebro", dos conhecimentos adquiridos pela prática ou dos contributos teóricos ou metodológicos exteriores, *enquanto* se prepara, deixando-a amadurecer aquilo que será a segunda fase da análise, ou seja, a *transversalidade temática*. "Que um dos seus ouvidos ensurdeça, tanto quanto o outro deve estar atento", dizia Lacan. Mas ambos os ouvidos ouvem.

"Os indivíduos não são intermutáveis", escreve Michelat. O técnico, habituado a trabalhar com material verbal produzido por entrevistas – quer seja investigador, analista de conteúdo, psicoterapeuta... –, depressa compreende que cada entrevista se constrói segundo uma lógica específica. Apoiando os temas, conservando-os (manifestando-os ou escondendo-os), há uma organização subjacente, uma espécie de calculismo, afetivo e cognitivo, muitas vezes inconsciente na medida em que a entrevista é mais um discurso espontâneo do que um discurso preparado.

Sob a aparente desordem temática, trata-se de procurar a estruturação específica, a dinâmica pessoal, que, por detrás da torrente de palavras, rege o processo mental do entrevistado. Cada qual tem não só o seu registro de temas, mas também a sua própria maneira de (não) os mostrar. Claro que tal como se pode, ao longo de várias entrevistas, e sobretudo se forem muitas, ver manifestarem-se repetições temáticas, pode também ver-se tipos de estruturação discursiva.

4. Acerca da análise das narrativas de vida, ver: J. Poirier, S., Clapier-Valadon, P. Rambaut, *Les récits de vie. Théorie et pratique*, PUF, 1983.

A prática de entrevistas não diretivas, por exemplo, torna sensível um discurso de tipo planificado. Tal como numa tela com urdidura e trama, os temas aparecem e depois reaparecem um pouco mais à frente, em função da progressão de um pensamento que se procura. O processo de análise transversal sintética consiste em destruir, com tesoura e cola (ou tratamento de texto), este pequeno jogo do eixo do espírito, mas, aquando da decifração estrutural, é muito instrutivo referenciá-lo. Noutro exemplo, as primeiras frases de uma entrevista não diretiva têm geralmente uma importância fundamental (tal como uma primeira entrevista em psicoterapia), na medida em que, apanhado desprevenido, sem tempo para se "defender", o entrevistado mostra a sua estruturação temática, de imediato e quase sem querer. Os temas e a sua lógica pessoal que, por vezes, precisarão de uma hora de entrevista (ou uma cura de psicoterapia) para ser encontrados... Por vezes, essas frases "originais" são precedidas, ou dissimuladas, por uma ou várias frases estereotipadas de "generalidades", normalmente fáceis de identificar. Também aqui, o nível de análise sintática poderá mostrar, em "sinopse", todas essas frases-chave de início de entrevista, como uma espécie de *slogans*, mas o nível de decifração singular tentará, pelo contrário, ligar cada uma ao desenvolvimento do discurso individual que se lhe segue.

Por razões materiais (extensão), não é possível apresentar aqui um conjunto completo de entrevistas reais. Também deixaria de ser instrutivo pensar em sequências parciais de entrevistas. Para resolver a dificuldade, iremos experimentar as técnicas de análises propostas numa entrevista curta e, depois, num conjunto de produções verbais "abreviadas" pelas necessidades da demonstração, espécie de "modelos reduzidos" de entrevistas reais. Uma margem confortável, à direita e à esquerda, permite registrar notas ou sinais codificados. Pode utilizar-se canetas marca-texto, trabalhar com um código alfabético ou numérico, marcas simbólicas, sublinhar, assinalar com um círculo, ou então tirar partido do tratamento de texto de um computador... conforme a necessidade. Com papel, convém ter duas fotocópias, uma para conservar intacta e a outra para um eventual recorte, de forma a permitir o relacionamento de um mesmo tema espalhado por vários pontos de uma mesma ou várias entrevistas. Evidentemente, é fundamental atribuir um número a cada entrevista (repetido em cada página).

Em primeiro lugar, é preciso "ler". Mas não basta ler e compreender "normalmente". É possível usar perguntas como auxílio: "O que está dizendo esta pessoa realmente? Como isso é dito? Que poderia ela ter dito de diferente? O que ela não diz? Que diz sem o dizer? Como as palavras, as frases e as sequências se encadeiam entre si? Qual é a lógica discursiva do conjunto? Será que posso resumir a temática de base e a lógica interna específica da entrevista? etc.".

(Após a decifração de várias respostas ou entrevistas, outras perguntas se acrescentarão por comparação: "Esta pessoa manifesta em tal site tal tema, onde é que já o vi noutra entrevista? Ou, que outra pessoa encontrei num contexto equivalente? Será que posso nomear a especificidade de determinada entrevista, dar-lhe um título, por exemplo? etc.".)

A leitura é "sintagmática" (segue o encadeamento, único e realizado numa entrevista, de um pensamento que se manifesta por uma sucessão de palavras, frases e sequências) e, ao mesmo tempo, "paradigmática" (tem em mente o universo dos possíveis: isto não foi dito, mas podia tê-lo sido, ou foi efetivamente dito noutra entrevista).

3. EXEMPLO: UMA ENTREVISTA SOBRE AS FÉRIAS

Tomemos o seguinte exemplo, breve, mas suficientemente rico, e decomponhamos concretamente as diferentes possibilidades analíticas.

Mulher – 28 anos – solteira:

– O que são as férias para você?

– As férias? Ah... Para mim... A minha opinião sobre as férias...?

– Sim, sim, as férias, para você, o que representam?

– Oh, é fantástico, claro... Sim... Ah... Bem, é igual para todo mundo, aliás. Enfim, pelo menos é o que penso. Sim, ah! Sonhamos com elas... Esperamo-las... Ah, ah.

– Sim, esperamos por elas...

– Verdade, só esperamos isso. Pelo menos em certas alturas. Por exemplo, agora está cinzento, é triste, todo mundo está mais doente, cansada... Bem! Para mim, as férias é tudo a cores. Azul, o mar, o céu. E depois a areia, tudo dourado. Calor, é calor.

A areia quente. E depois os coqueiros *(riso)*... Bem, é um postal ilustrado que estou descrevendo. Mas é isso!... O sonho. Mesmo se for esqui, é também a cores. Azul, sol, branco... mas daquele branco que brilha, as pessoas bronzeadas, alegres. É isso.

– Para você, as férias são as cores...

– Oh, não... Também... Ãh... Não fazemos nada durante as férias. Quero dizer, não se trabalha. Fazemos o que quisermos por prazer. Não há constrangimentos. Levantamo-nos ao meio-dia. Demoramo-nos. Não há pressa.

E não há barulho. Não há telefones tocando. Sossego. O silêncio. Enfim... Sim. Bem. Ãh... É sobretudo bom nos primeiros dias. Porque também não podemos nos aborrecer. De fato... Ãh... Ãh... Não... é preciso mudar. As férias são a mudança. Mudamos de "cabeça", de lugar, de hábitos. Vemos outra coisa. Eu gosto muito de descobrir coisas durante as férias. Bem, pode ser um país que eu não conheça, ou aprender a fazer olaria... Ou... Não sei... aperfeiçoar a esquerda com umas aulas de tênis.

Mas, sobretudo, largar tudo. A mala, ups! e pronto. Já não há tarefas nem todo o mundo que conhecemos demais. Outra coisa diferente. Já não fazer sempre os mesmos gestos.

E depois, em geral, bem, vive-se mais saudavelmente em férias, mais perto da natureza. Na cidade, é preciso usar roupas, usar... Ia dizer sorrisos. Eu sinto-me fechada, presa, pouco à vontade. Tenho a sensação de não poder respirar fundo. Nas férias, corremos, rimos, nos mexemos. Como crianças. Talvez seja isso as férias... Enfim, para mim, é assim que penso nelas... a inocência... tudo novo! As férias, quando éramos crianças, isso é que eram férias.

Porque, há que dizê-lo, por vezes ficamos desiludidos. É preciso gozar bem as férias. Por vezes, estamos tão cansados que nem temos coragem para as organizar. Ou então, tínhamos qualquer coisa planejada e, bem... depois falha... As pessoas com quem devíamos viajar já não querem ir. Ou então planeja-se ir com alguém... Nos organizamos... e no momento de partir percebemos que já não temos vontade de sair com aquele tipo. Ou então... saímos com uma amiga, uma boa amiga... Enfim, pensávamos até então que era uma boa amiga... nos dávamos bem com ela... Simpática... divertida... e durante a viagem é um monstro de egoísmo. Ou apercebemo-nos de que ela entra em pânico quando surge algum contratempo.

De fato, não se sabe muito bem o que se irá encontrar nas férias... É uma loteria! Podemos descobrir... fazer novos amigos... encontrar a alma gêmea (*riso*). Ou então... Ãh... nada, o vazio... o aborrecimento. Ou os aborrecimentos. Isso mete medo antes de partir. Não se pode estragar. Férias estragada, pode ser sinistro. Sim, ãh...

– Sim... Sim... isso pode estragar as férias.

– Sim, e isso sempre me angustia um pouco... antes. Gosto de sair... mas, de fato... Ãh. Por exemplo, eu tenho horror a fazer a mala... Então isso... Verdadeiro horror... Faço isso sempre em pânico à última da hora. Assim, de repente... Saio para viajar no deserto. Bem, ainda não fiz isso, mas espero fazê-lo um dia. Além disso, em geral, gosto muito disso, do improviso *(riso)*.

a) *Análise temática* – Podemos dividir o texto em alguns temas principais (que se poderá aperfeiçoar, eventualmente, em subtemas se o desejarmos):

- expectativa positiva;
- cenário hedonista;
- ausência de constrangimentos;
- mudança (descoberta, de vida);
- necessidade de organização;
- imprevisto;
- eventual decepção.

b) *Características associadas ao tema central* – Ao concentrarmo-nos mais no tema geral de investigação, podemos extrair os significados associados às férias na mente da pessoa entrevistada:

- fantástico, sonho;
- cores (azul, dourado, branco, brilhante);
- calor;
- alegria;
- elementos da natureza (mar, céu, areia, coqueiros, neve, deserto);
- (liberdade), ausência de constrangimentos, tempo;
- sossego, silêncio;
- descoberta, novidade (pessoas, lugares, hábitos...);
- aprender (olaria, tênis);
- viver saudavelmente, naturalmente (correr, rir, pouca roupa, respirar...);
- ser ainda criança (inocente, novo);
- conseguir as férias (estar em forma para as organizar; as pessoas com que se vai de férias);
- encontros (amigos, alma gêmea).

Obtemos a *imagem* das férias, a sua representação positiva. Mas apercebemo-nos também de que, por detrás, há o reverso do cenário, que se deixa ver progressivamente na entrevista, segundo o seguinte esquema:

- o ideal;
- o agradável;
- o desagradável;
- o risco.

Se as primeiras palavras são "fantástico" e "sonho", as últimas, apesar da pirueta verbal e do riso de negação, são "angústia e pânico".

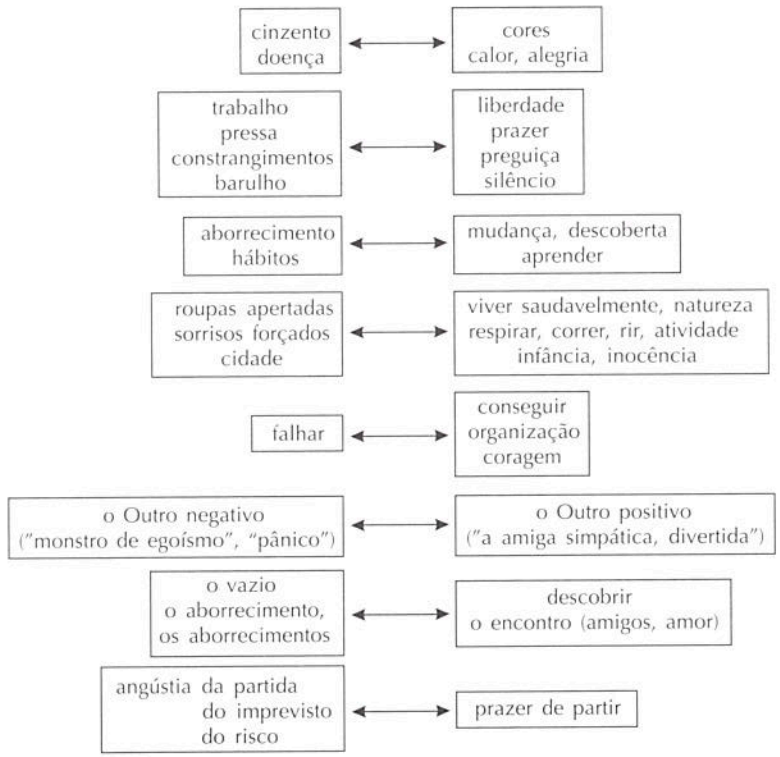
c) *Análise sequencial* – A entrevista é dividida em sequências. Critérios semânticos (organização da sequência em torno de um tema dominante), mas também estilísticos (ruptura de ritmos, operadores gramaticais) estão na base dessa divisão. Parece haver aqui 7 ou 8 sequências (ver entrevista codificada nas páginas seguintes).

- *Sequência 1* de introdução, com o aparecimento espontâneo do tema da *expectativa de um sonho*, que, após o estímulo do entrevistador e a série de hesitações "ãh... ãh", é desenvolvido concretamente (descrição da cena "*postal ilustrado*") pela sequência 2, que acaba com um "É isso".
- A repetição, um pouco seletiva do entrevistador, sobre as "cores", ocasiona, após uma perturbação "Oh, não...", outro tipo de explicação na *sequência 3* (negativa na sua formulação "não há") sobre a *ausência de constrangimentos*. Em seguida, após algumas frases lapidadas, sem verbos e um "enfim" que recalca talvez um tema ou tenta superar uma contradição, as *sequências 4* e *5* desenvolvem no locutor a ideia da *mudança*, com os seus subtemas de *aprendizagem*, *vida saudável*, *regresso à infância*, que pertencem provavelmente a um mesmo universo de referência, a criança livre exploradora.
- As sequências seguintes, até ao fim, oscilam, apesar do esforço do interlocutor para o evitar, no *negativo* das férias. De fato, este negativo já fora aflorado, mas recusado, no final da *sequência 3* e no início da *sequência 4*: "Enfim... Sim... Bom" e "também não nos podemos aborrecer", passagem de transição marcada pela perturbação da produção do discurso. A *sequência 6*, introduzida por "Porque, há que dizê-lo", começa a libertar um recalcado, o da "falha", sob o tema mais dominado da *necessidade de uma organização* para as férias correrem bem. Quatro "ou então" e "ou" testemunham a invasão

Temática		Sequências	Enunciação
Expectativa positiva	– O que são as férias para você? – As férias? Ãh... Para mim... A minha opinião sobre as férias...? – Sim, sim, as férias, para você, o que representam? – Oh, é **fantástico**, *claro... Sim... Ãh... Bem,* é igual para todo mundo, *aliás. Enfim, pelo menos* é o que penso. *Sim, ah! Sonhamos* com elas... ***Esperamo-las*** *... Ãh, ãh. /*	1	frase de partida espontaneidade hesitante uso do "nós" retomar eficaz e apropriado
Cenário hedonista	– *Sim,* esperamos por elas... – Verdade, só esperamos isso. Pelo menos em certas alturas. Por exemplo, agora está cinzento, é triste, todo mundo está mais doente, com o cansaço... *Bem! Para mim*, as férias é tudo a **cores**. Azul, o mar, o céu. *E depois* a areia, tudo dourado. **Calor**, é calor. A areia quente. *E depois* os coqueiros *(riso)*... *Bem,* é um postal ilustrado que estou descrevendo. *Mas é isso*!... O sonho. Mesmo se for esqui, é também a cores. Azul, sol, branco... mas daquele branco que brilha, as pessoas bronzeadas, **alegres**. *É isso. /* – Para você, as férias são as cores...	2	desenvolvimento fácil uso do "eu" e "mim" riso de censura
Ausência de constrangimentos	– *Oh, não... Também... Ãh...* Não fazemos nada durante as férias. Quero dizer, não se trabalha. Fazemos **o que quisermos** por **prazer**. Não há constrangimentos. Levantamo-*nos* ao meio-dia. Demoramo-*nos*. Não há pressa. – E não há barulho. Não há telefones tocando. **Sossego**. O silêncio. **Enfim**... *Sim. Bem. Ãh... /* É sobretudo bom nos primeiros dias. Porque também não podemos nos **aborrecer**. *De fato... Ãh... Ãh... Não...* é preciso **mudar**. As férias é a mudança. *Mudamos* de "cabeça", de lugar, de hábitos. *Vemos* outra coisa. *Eu* gosto muito de **descobrir** coisas durante as férias. Bem, pode ser um país que eu não conheça, *ou* **aprender** a fazer olaria... *Ou... Não sei...* aperfeiçoar a esquerda com umas aulas de tênis.	3	encerramento retomar muito seletivo perturbação seguida de um novo desenvolvimento
Mudança	Mas, sobretudo, largar tudo. A mala, ups! e pronto. Já não há tarefas nem todo mundo que conhecemos demais. Outra coisa diferente. Já não fazer sempre os mesmos gestos. /	4	regresso do "nós" frases curtas, secas irrupção de um tema censurado retomada do discurso
Liberdade da infância	*E depois*, em geral, bem, vive-*se* mais **saudavelmente** em férias, mais perto da natureza. Na cidade, é preciso usar roupas, usar... la dizer sorrisos. *Eu* sinto-me fechada, presa, pouco à vontade. Tenho a sensação de não poder respirar fundo. Nas férias, corremos, rimos, nos mexemos. Como crianças. Talvez sejam isso as férias... *Enfim, para mim*, é assim que penso nelas... a inocência... tudo novo! As férias, quando éramos **crianças**, isso é que eram férias. /	5	regresso do "eu" hesitações devidas à busca de exemplos
Necessidade de organização	Porque, há que dizê-lo, por vezes *ficamos* desiludidos. É preciso **gozar** bem as férias. Por vezes, estamos tão cansados que nem temos coragem para as **organizar**. Ou então, *tínhamos* qualquer coisa planejada e, bem... depois *falha*... As **pessoas** com quem devíamos partir já não querem ir. *Ou então* planeja-*se* partir com alguém... Nos organizamos... e no momento de partir percebemos de que já não temos vontade de sair com aquele *tipo. Ou então...* saí*mos* com uma amiga, uma boa amiga... Enfim, pensáva*mos* até então que era uma boa amiga... nos dávamos bem com ela... Simpática... divertida... e, durante a viagem, é um monstro de egoísmo. *Ou* apercebemo-nos de que ela entra em pânico quando aparece algum contratempo. /	6	retomada segura da evolução do pensamento aprofundamento regresso do "nós"
Imprevisto			enumeração num estilo menos entrecortado
Decepção eventual	*De fato,* não se sabe muito bem o que se encontrará durante as férias... É uma loteria! Podemos descobrir... fazer novos amigos... **encontrar** a alma gêmea (riso). *Ou então.. Ah...* nada, o vazio... o aborrecimento. Ou os aborrecimentos. *Isso* mete medo antes de partir. Não se pode **estragar**. Férias estragadas, *isso* pode ser sinistro. *Sim, Ãh... /*	7	riso de censura frases inacabadas
	– Sim... Sim... isso pode estragar as férias.	8	estilo entrecortado
	– Sim, e isso sempre **me angustia** um pouco... antes. Gosto de sair... *mas, de fato... Ãh.* Por exemplo, eu tenho horror em fazer a mala... *Então isso ...* Verdadeiro horror... Faço isso sempre em pânico à última da hora. Assim, de repente... Saio para viajar no deserto. *Bem,* ainda não fiz isso, mas espero fazê-lo um dia. Além disso, em geral, gosto muito disso, do improviso *(riso)./*		regresso do "eu" e "mim" retomada do domínio dos verbos: presente, passado, futuro e generalização riso de conjuração

das dificuldades. Nesta fase, o "pânico" é projetado para outrem: "uma amiga". Um "de fato" conduz à *sequência 7*, a do jogo do destino ("a loteria") entre o "encontro" da amizade ou do amor (riso que marca embaraço) e o "nada" ou o "vazio". As palavras fortes "medo" e "sinistro" terminam esta sequência e preparam a seguinte. A *sequência 8* testemunha pelo seu vocabulário ("angústia", "horror", "pânico" e até a palavra "deserto") e pelo estilo entrecortado um universo *ansioso* ligado à *partida* no locutor. Apesar do restabelecimento final e da negação ("gosto muito disso" e o riso), estamos longe do sonho do início da entrevista.

d) *Análise das oposições*[5] – Dois universos opostos, num minicombate maniqueísta, defrontam-se neste discurso. Encontrar o seu esquema é também uma maneira de analisar o texto:



5. Agradeço a G. Moser, que, mostrando-me as suas próprias concepções sobre a análise desta entrevista, enriqueceu aquilo que aqui proponho.

Por meio deste jogo de oposições, particularmente marcante neste discurso, podemos observar várias coisas:

- O "*sossego*" e o "*silêncio*", atributos positivos das férias, podem resvalar para o *aborrecimento* (sequências 3 e 4), e o aborrecimento pode criar o vazio ("nada", "vazio" da sequência 7).
- As férias são, numa espécie de equação, reduzidas à infância, matriz original de um paraíso perdido ("respirar", a "inocência", "novo") pelo locutor, tal como era anteriormente, mas de maneira mais social, na descrição do paraíso de "postal ilustrado" ("azul", "branco", "mar", "sol", "calor").

e) *Análise da enunciação* – Uma entrevista, como se trata de uma fala espontânea de inquérito, é feita de palavras, expressões, fins de frases aparentemente supérfluos, não levados em conta pela determinação semântica da procura de temas, mas muitas vezes, de fato, portadores de sentido. Além disso, o próprio estilo, nas suas variações, está carregado de significações. Uma leitura da "maneira de dizer", separada da leitura temática, pode completar e aprofundar a análise.

No caso presente, podemos observar, por exemplo:

- a evolução do estilo (comprimento, conclusão ou não das frases, nível de correção ou de familiaridade da linguagem) em função do conteúdo abordado pelo locutor. Esta variação estilística fornece uma luz diferente sobre o modo como o entrevistado *sente* aquilo que exprime[6];

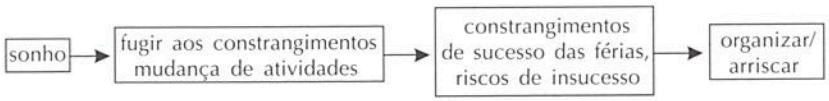
6. Na entrevista não diretiva, longa por causa do mecanismo de planejamento, vemos, em muitos casos, que algumas sequências estão, à distância, ligadas entre si, apesar das sequências "incidentes" ou intercaladas (poderíamos assinalá-lo com um código apropriado), quer porque o tema desaparece e depois reaparece (ou se transforma, ou inverte-se, ou desenvolve-se, ou associa-se a outro, ou contamina outro etc.), quer porque a própria expressão, a maneira de dizer, impõe uma ligação. Por exemplo, uma sequência A1 "intelectual" será seguida de B1 "emotiva", depois novamente de A2 "intelectual", A3 "intelectual", B2 "emotiva". Ou então uma "particular", ou uma "narrativa", uma "intemporal", ou uma "estável", uma "perturbada" etc.

- a alternância do uso do "nós", do "isso" (colocação à distância, generalização) e do "eu", "mim" (reapropriação, investimento pessoal);
- o aparecimento de perturbações de linguagem, como "ãh", frases truncadas, cujo sentido é variável, traduzindo tanto um pensamento que se procura (sequência 1) como perturbações afetivas ligadas à emergência de um tema (final da sequência 3);
- a especificidade de determinados tiques de linguagem próprios de um locutor ou de uma entrevista: aqui, há muitos "enfim" e "ou então", que correspondem a um modo de pensamento enumerativo que procede por justaposição;
- o papel central do "enfim", que conclui a sequência 3: o âmago da entrevista, isto é, a ruptura entre dois mundos, o bom (prazer, sonho de férias felizes) e o mau (angústia do risco e do vazio); encontra-se aí, a meio caminho entre uma primeira parte facilmente dominada e uma segunda parte que tenta lutar com um sucesso decrescente contra a irrupção da ansiedade.

f) *O esqueleto da entrevista (estrutural e semântico)* – As diferentes abordagens anteriores permitem agora esclarecer o miolo substancial desta entrevista, tanto no plano da organização cognitiva como no da temática profunda (ou seja, latente, no sentido em que o locutor não tem clara consciência disso)[7].

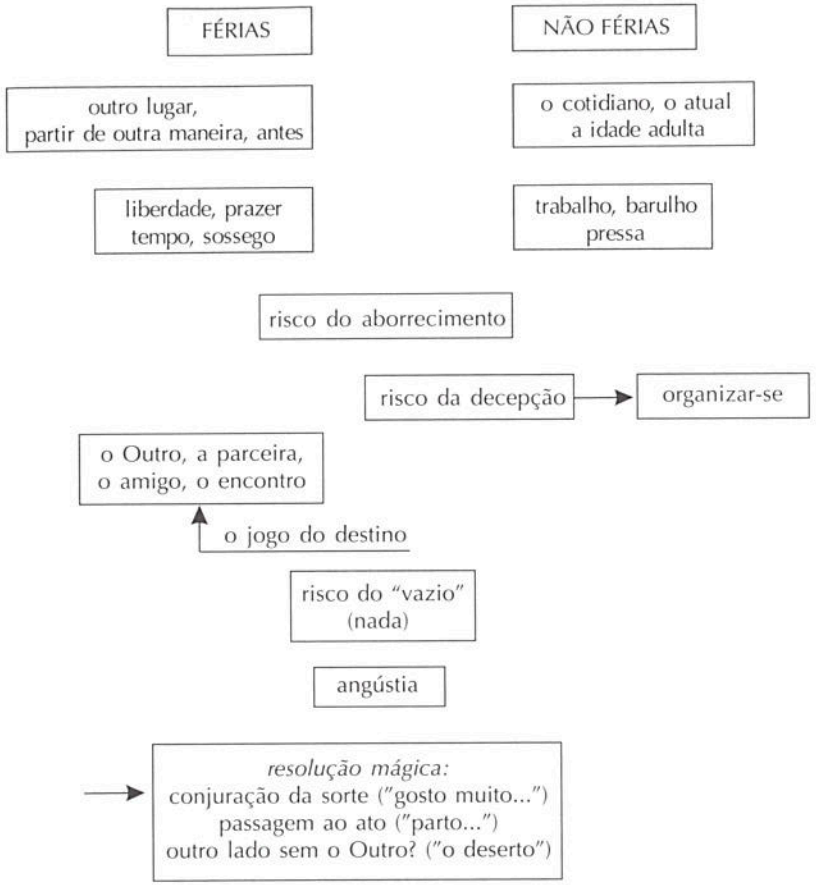
Por exemplo, pode-se simplificar a complexidade da entrevista por uma estrutura de base, que exprime o esqueleto de um conflito, de uma ambivalência, de um progresso, de uma superação, de uma narração etc.

Aqui, poderíamos resumir assim o papel central do *constrangimento*:



Ou então extrair o jogo afetivo entre o desejo e o receio da partida, a necessidade do imprevisto e o medo do nada, a necessidade do outro e a solidão:

7. Uma entrevista não diretiva pode conferir saber ao próprio locutor. Algumas reflexões ingênuas de fim de entrevista do tipo "Fez-me dizer coisas!" ou "É interessante, realmente, refletir nisso", são a marca desta descoberta.



4. EXEMPLO: UM CONJUNTO DE RESPOSTAS SOBRE A RELAÇÃO COM O TELEFONE

Na sequência de um inquérito feito aos franceses por meio de entrevistas não diretivas sobre *os usos sociais do telefone como meio de comunicação*[8], e para as necessidades de demonstração deste capítulo, pedimos a cerca de 30 pessoas (jovens de 17 a 25 anos) que produzissem escritos com cerca de uma página. Deviam responder o mais espontaneamente possível ao mesmo pedido que o utilizado para desencadear as entrevistas no inquéri-

8. L. Bardin, *Images et usages du téléphone*, contrato DGT, 1979.

to citado, a saber: "*Gostaria que me falasse da importância que o telefone tem na sua vida, o que representa ele para você...*"

É claro que esses escritos, limitados, são muito diferentes do jogo da fala de uma entrevista. No entanto, a sua temática não se afasta nada das entrevistas reais – como sabemos[9] –, e se a sua enunciação (no sentido de ato de fala, com toda a retórica espontânea que isso induz) é fraca, a lógica interna está presente, ainda que simplificada, e isso é suficiente para ilustrar a análise de um conjunto.

Análise temática e sequencial

Entrevista nº 2: na primeira abordagem, são referenciados os seguintes temas (poderão ser depois completados): *utilidade*, comparação com *carta* e *frente a frente*, função de *proteção*, *sociabilidade* (contexto emocional; conservação dos laços), *rapidez*, função *informativa*, *uso*, *prazer*, *incômodo*.

A divisão em sequências leva em linha de conta, ao mesmo tempo, particularidades expressivas ou enunciativas.

Sequência 1: frase de entrada, simultaneamente tomada de posição pessoal muito assertiva e adesão a um estereótipo (a pessoa não diz "para mim, o telefone é...").

Sequência 2: introdução do "Eu". Linguagem quase matemática ("posiciono", "limite", "equilíbrio"), em que a pessoa situa o telefone numa *hierarquia*: frente a frente / telefone / carta.

Sequência 3: o entrevistado explicita a sequência 2, mas a um nível muito mais psicológico e afetivo ("fachada", "protege", "evitando-me", "estimula", "confronto", "revelar", "inibido"). A sequência é bastante complexa e deve ser decomposta na sua estrutura para revelar as oposições:

Telefone (+)	Não telefone (–)
Fachada, dar valor	Entrevista física (a evitar)
Autoproteção	Relações diretas ou confronto
Estímulo	Inibição pelo interlocutor
Revelar-se	

9. Por comparação com as entrevistas realmente efetuadas no inquérito.

Observações	Sequências	Nº2 – *"O equilíbrio"*	Temática
Frase de partida: profissão de fé Equilíbrio: a palavra-chave? Relações com os outros	1 2 3	/O telefone é **indispensável**! [1]/ Posiciono-o no limite da **entrevista** e da **carta**. Permite um **equilíbrio**./ Pode servir de fachada e dar valor; ou seja, **protege-me** em certos casos, evitando-me a entrevista física e estimula também, porque não há as mesmas relações diretas, não há confronto, podemos revelar-nos sem ficar inibidos pelo interlocutor./	(+) utilidade máxima [1] hierarquia: frente a frente/tel./carta(+) e (-) tel.= proteção frente a frente = receio e inibição
Interlocutor: termo anônimo	4	O telefone desempenha um papel importante no **contato** e na **amizade**, um pequeno telefonema pode mudar muitas **situações**; isso cria **laços** para falarmos regularmente./ Para além do contato afetivo, o telefone é quase **indispensável** [2] para a vida **profissional**; constitui uma enorme e muito rápida fonte de **informações**. / **Sirvo-me** do telefone praticamente **todos os dias** para me dar prazer [1], para dar **prazer** [2], e também por razões práticas./	(+) sociabilidade: conservação dos laços
Influência da publicidade?	5		(+) utilidade e rapidez para o profissional
Repetição do prazer: centrípeto, centrífugo	6		Uso: cotidiano prazer
Reserva no fim: o negativo, contraste com o início!	7	Mas também é preciso ver o lado **negativo** do telefone: "ser incomodado" muito frequentemente (mas isso pode ou não ser um prazer), ligarem por brincadeira./	(-) incômodos (chamadas muito frequentes, chamadas intempestivas)

Os números entre colchetes indicam um tema repetido várias vezes (ex. "indispensável"); podemos relacionar cada retorno temático a um número. Numa entrevista real, logo maior, isto facilita a determinação ulterior dos lugares de aparecimento de um mesmo tema.

A carta (correio) é esquecida e a sequência 2 transforma-se numa sequência 3, que manifesta a preferência da *proteção* estimulante pelo telefone e o *receio* da relação direta inibidora com outrem, que é aqui nomeado com um termo remoto e anônimo: o "interlocutor".

Note-se a progressão entre as três sequências: de uma frase curta e de estrutura gramatical mínima para uma frase complexa e longa.

As três sequências seguintes (4, 5 e 6) regressam a afirmações simples e positivas:

Sequência 4: referência positiva à sociabilidade socioafetiva ("contato", "amizade") e ao papel de *coesão* social do telefone ("laços", "regularmente"). Surge intercalado um significado mais sutil, o do pequeno "telefonema", que modifica, resolve uma "situação": caráter *mágico*, apropriado e benéfico da comunicação telefônica.

Note-se o adjetivo "pequeno" no singular, que testemunha o investimento mínimo para um máximo de soluções.

Sequência 5: ruptura de nível ("para além"), muda-se de registro, reafirmação do caráter indispensável, para o domínio *profissional*. Qualidade de *rapidez*, para um conteúdo preciso, a *informação* (isso poderia ser a organização, a decisão).

Sequência 6: regresso do "Eu". Informação sobre o *uso* temporal do telefone pela pessoa e pelo aparecimento de um tema hedonista: o *prazer*, com repetição da palavra no sentido centrípeto (para mim) e centrífugo (para os outros), que traduz um equilíbrio na direção da sociabilidade. As razões práticas invocadas surgem anexas e citadas de memória.

Sequência 7: reequilíbrio terminal por um tema negativo, o do *incômodo*, quer pela frequência muito grande das chamadas (com *nuances*, subentendido não explicitado, em função das circunstâncias, de quem liga... provavelmente, e reaparecimento condicional do tema do prazer), quer por chamadas intempestivas[10].

10. As análises das respostas seguintes serão mais breves.

Observações	Sequências	Nº3 – *"O receio"*	Temática
	1	Confesso sentir certo **receio** [1] em relação ao telefone que não consigo explicar./ ... O telefone é evidentemente muito **prático** e gosto de poder dispor dele, mas a minha primeira reação é tentar **evitá-lo** [1]. Quando preciso telefonar, primeiro penso se é possível **deslocar-me** e ir **ver**[1] a pessoa em questão, em vez de usar o aparelho. Se puder ir lá sem dificuldade, opto por esta solução. Mas se a única solução for telefonar, faço-o sem sentir qualquer **medo** [2] intenso, acompanhado de manifestações físicas! Só tento **evitá-lo [2]** se for possível. Prefiro o **contato direto** [2] com as pessoas. Mas este **medo** [3] não se faz sentir se eu tiver de telefonar a alguém que **conheço** perfeitamente (ainda que, mesmo neste caso, prefira **encontrar-me** [3] com a pessoa). Quando o telefone toca, espero que outra pessoa [3] atenda antes de mim. Se estiver sozinha, às vezes **não respondo** [4] ou tardo em atender./ Talvez **receie** [4] tomar conhecimento de uma **notícia má**? É a única resposta que encontro. Aliás, é um pouco a impressão que tenho./ Desde há algum tempo que **tento** poder telefonar sem hesitar e acho que **progredi** nesse sentido. Depois de a conversação se iniciar, sinto-me perfeitamente **à vontade**/	(-) medo [1] (+) prático (-) evitar [1] encontro > telefone [1] medo [2] evitar [2] encontro [2] medo [3] encontro [3] evitar [3] evitar [4] medo [4] medo da má notícia (±) esforço para estar à vontade
Negação?			
Trauma anterior?			
Autopersuasão?			

Entrevista nº 3: se a resposta nº 2 manifesta um *equilíbrio*, a palavra-chave aqui é o *receio*. Confessado logo no início, e apesar do final desta à vontade (autopersuasão), este medo do telefone marca toda a entrevista. Esta pode dividir-se em quatro sequências:

1) uma frase de introdução, direta;
2) uma longa sequência de explicação com *nuances*; como que por uma fobia, a relação com o telefone aqui expressa é mais ou menos ansiosa conforme os casos: máxima na recepção (o desconhecido), menor com uma pessoa conhecida e quando a conversa decorre. O encontro frente a frente (deslocação e até contato direto) parece, por comparação, altamente preferível;
3) uma frase de explicação eventual do problema;
4) uma final, que tenta tornar a situação menos negra.

Comparado com a resposta nº 2, muito completa, o registro desta é mais limitado, com repetições temáticas.

Entrevista nº 4: a divisão desta entrevista em sequências não mostra nada. A dominante da resposta é: um *mal necessário*, mas com o qual não se pode *ver* os outros.

Entrevista nº 9: resposta muito mais densa do que a anterior e muito *positiva*: em certos casos, há vários temas por frase. Aparecem temas novos, como o *prazer* da fala ou a *magia* da voz.

Entrevista nº 13: posição aparentemente positiva, técnica e impessoal. Mas, de fato, a partir da sequência 2, o locutor revela uma falta de confiança em si e depois uma *insegurança* (seq. 3) e uma preocupação em ser incomodado por chamadas intempestivas (seq. 4). Embora o nível manifesto seja positivo, há um nível latente, mais *ansioso*, já iniciado, de fato, pela palavra "seguro" da primeira frase ou pela evocação das "cartas que se perdem".

Entrevista nº 15: alternância de sequências impessoais ("indispensável", "intermediário", "profissional") e afetivas.

A função "de *juntar*" ("unir", "aproximar") é forte, mas a relação com o telefone é *ambivalente*, as opiniões positivas de três quartos da resposta são postas em causa pelo medo do exterior e pela angústia ligada à irrupção dos outros ou de notícias.

Observações		Sequências	Temática
		Nº 4 – *"Um mal necessário"*	
Não gosto Não posso dispensá-lo	*	O telefone representa para mim um meio de comunicação **rápido, instantâneo** (ao contrário do correio, que precisa de algum tempo), "direto" (o correio é mais indireto). Representa um grande progresso técnico. A este respeito, aliás, espero com grande impaciência a chegada de novos telefones que permitam **ver** [1] o interlocutor e não apenas ouvi-lo. *Não gosto* muito do telefone, justamente porque o **contato visual** [2] não existe. Acho que a comunicação pode ser **falseada** por este pormenor. Contudo, não posso dispensá-lo. Viver hoje sem telefone parece-me impossível ou difícil. É um instrumento **indispensável**, mas talvez as pessoas tenham tendência para se **verem** menos devido à facilidade oferecida por esta invenção.	(+) rapidez (+) comunicação direta (-) falta de visão [1] (-) falta de visão [2] (-) comunicação falsa (+) indispensável [1] (+) indispensável [2] Telefone? encontro

* Não há sequências claras.

		Nº 9 – *"Falar... a voz"*	
Objeto... utilizado: um instrumento	1	É um **objeto** que *gosto muito* de **usar**. / Posso ficar muito tempo ao telefone se a **conversa** [1] for interessante. Se não tiver nada para fazer, costumo *telefonar* a **um(a) amigo(a)** para saber novidades, *falar* [2] etc./	(+) (+) uso: conversação [1] telefone > nada fazer (+) amizade (+) conversação, falar [2]
	2	Por isso, para mim é um meio de comunicação **indispensável**. O telefone é também um meio para obter informações rapidamente / e talvez o fato de se poder permanecer **anônimo** dê maior **facilidade** para nos exprimirmos ou fazermos perguntas. Não importa que nos queiximos ou coremos...	(+) indispensável (+) função informativa (+) proteção do anonimato, da ausência de visão
	3	porque a pessoa não nos vê, não nos conhece./	(= timidez)
	4	É também, de certo modo, um instrumento *mágico* por causa da *voz*./	(+) caráter mágico) (+) a voz
	5	**Indispensável**, mas complementar, não me impede de escrever e de me	(+) indispensável [2]
	6	deslocar./	igualdade e complementariedade com a carta e a deslocação

Observações		Sequências	Temática
		Nº 13 – *"Necessidade de estar seguro"*	
Único "eu" do texto	1	O telefone é mais **rápido** e mais **seguro** do que as cartas, que se perdem ou chegam tarde de mais... / Além disso, o telefone permite revelar mais o caráter do que o físico. *Eu* digo isto para os recrutamentos: no telefone, não se julga pela cara da pessoa, mas realmente pelo seu interior: inteligência, forma de se expressar etc. /	(+) rapidez (+) fiabilidade } ≠ carta (+) proteção por falta de visão valorização interior > física função informativa
	2	Permite fazer passar uma **informação** sem ter de pagar uma deslocação.	(+) custo menor tel. > deslocação
	3	Permite receber **notícias** ou **pessoas** com mais frequência.	(+) sociabilidade
		Permite **contatar** pessoas úteis muito depressa: ambulância, bombeiros, antiveneno etc. / Porém, é mau para **vendas** por telefone, que são enervantes.	(+) segurança (-) incômodo
Um utensílio Proteção	4	De fato, é um *utensílio* prático, com o qual o contato é concreto, embora possa servir por vezes para tornar esse contato negativo: ver, a este respeito, o número cada vez maior de pessoas que não aparecem na lista telefônica por causa das chamadas desagradáveis. /	(-) incômodo
		Nº 15 – *" Juntar... para melhor e para pior"*	
Estereótipo impessoal	1	O telefone é um meio de comunicação **indispensável** nos dias de hoje. / Permite estar em **contato** com diferentes regiões e por vezes até **países**.	(+) indispensável (+) proximidade geográfica
"Eu", "mim"	2	O telefone serve para **aproximar** os interlocutores: por exemplo, numa viagem ao estrangeiro, sentia-me **só**. Graças ao telefone, os *meus* puderam **estar comigo**, e, por isso, **reconfortaram-me**./	(+) aproximação afetiva (+) antídoto para a solidão reconforto
		O telefone é um **intermediário** que pode fazer passar mensagens, tanto comuns como **sentimentais**./	intermediário dupla função: "comum", "sentimental"

Impessoal, frase de transição	3	No plano **profissional**, o telefone também é muito útil, pois permite que as empresas comuniquem. Por exemplo, na área da documentação, como as **relações** entre centros de documentação são muito importantes, o telefone tem um papel essencial. Permite transmitir **informações** atuais./	(+) utilidade profissional (+) função informativa
Impessoal "Eu", "mim"	4 5	É verdade que o telefone é prático, contudo, o seu toque **angustia-*me*** [1]. O fato de levantar o auscultador **incomoda-*me*.** Muitas vezes os interlocutores não sabem apresentar-se ou são **desagradáveis**, e isso **exaspera-*me*** . A **angústia** [2] vem também do fato de *eu* ter sempre **medo** [3] de receber uma **notícia má** por telefone./	(-) angústia [1], [2], [3] (-) incômodo, desagradável, exasperação (-) eventualidade de uma notícia má

		Nº 16 – *"Indispensável para a organização, mas..."*	
Interlocutores vagos: "as pessoas"	1	Em primeiro lugar, é um meio de comunicação que **utilizo** muito porque moro muito **longe** [1] da maioria das pessoas que conheço e isso permite-me **organizar** [1] coisas com elas. Permite-me também **contatar** com pessoas que vivem muito **longe** [2] de mim e ter um **diálogo** com elas que a escrita não permite./	uso frequente (+) resposta à distância [1], [2] (+) organização [1] (+) diálogo > carta
	2	Mas não gosto dos telefonemas que duram **bastante tempo** e nos quais só se dizem **banalidades**. Prefiro ser concisa e breve. Enfim, o telefone **enerva-me** porque, em minha casa, não há refeição em que o telefone não toque, há quase sempre alguém ao telefone.../	(-) tempo, banalidades (-) incômodo invasor, ruptura da intimidade familiar
	3	O telefone é importante na minha vida porque **organizo-me** [1] muito em função dos **contatos** telefônicos. No entanto, utilizo-o sobretudo porque a isso sou **obrigada**: é **indispensável**./	organização [2] (±) obrigação de uso indispensável

Observações		Sequências	Temática
		Nº 19 – *"Melhor do que o... vazio"*	
"Simultaneamente" positivo Restrição O pior Positivo Restrição Positivo Restrição Solução Negativo	*	O telefone é uma coisa *simultaneamente* **agradável** e **desagradável**. Permite comunicar com pessoas de quem gostamos e que estão **longe**. Preferíamos ir **vê-las** [1], poder ver os seus rostos, **tocar-lhes**, mas não se pode e é pena. Mesmo assim é melhor do que o **vazio** [1], o silêncio total. Podemos também marcar **encontros** [1]. Não gosto de falar horas ao telefone. Prefiro ter a pessoa **à minha frente** [2]. No **trabalho**, o telefone é muito **útil** para obter **informações**, marcar encontros [2], poupar **tempo**. Mas pode ser também muito **incômodo**, se estiver sempre **tocando**. O ideal seria poder fazer uma **triagem** das chamadas. ... Não gosto nada quando um desconhecido telefona e faz brincadeiras – se assim lhes podemos chama – de mau gosto, nem quando o telefone toca e **ninguém** fala, ou quando atendemos e não respondem logo.	(±) ambivalência (+) redução da distância (-) ausência de visão; de contato [1] medo do vazio; (+) marcar encontros (-) recusa de conversação longa frente a frente [2]>telefone (+) utilidade profissional Função informativa encontro [2], poupança de tempo (-) incômodo; desejo: triagem seletiva (-) chamadas intempestivas medo do vazio [2]

* Alternância de oposições.

		Nº 21 – *"Nenhum sentimento"*	
Restrição "Nenhum" "Só" Negações "Não gosto" Negação "Impede"		O telefone é para mim sobretudo um **objeto prático** [1] que me permite **resolver os problemas** à *distância*. Não tenho por ele *nenhum* ***sentimento***, nem apreensão nem alegria. *Só* **incômodo** quando o aparelho **toca** todos os cinco minutos ou quando é preciso **falar** durante meia-hora para *nada* dizer a uma pessoa que não compreende que estamos fazendo outra coisa. É verdade que *não gosto* muito de ter conversas sérias ao telefone, porque não vejo o rosto do meu interlocutor, o que me *impede* de ler o seu rosto ao mesmo tempo que ele fala. Senão **útil**, **prático** [2], *é tudo.*	prático [1] função instrumental: resolver os problemas (-) incômodo (-) perda de tempo (-) ausência de visão útil [1], prático [2]

		Nº 23 – *"Gosto de telefonar"*	
Centrífuga e centrípeta "meu" telefone		É um instrumento **genial**! **Gosto** de telefonar e de receber telefonemas. Não considero o telefone apenas um simples objeto, é para mim uma espécie de "**ponto de encontro**" e um "objeto" com o qual posso **aprender**, **rir** e **sentir emoções** fortes. De fato, o telefone está **carregado** de símbolos e talvez lhe dê uma importância muito **invasora**. Mas ficaria muito infeliz se amanhã me **tirassem** o *meu* telefone!	(+++) encontro função emotiva
		Nº 26 – *"Não gosto de telefonar"*	
Negação Restrição Não gosto		Para mim, o telefone *não é senão* um aparelho utilitário. Permite-me *evitar* **deslocações** aborrecidas e telefonar a **amigos** que *não posso* ver com frequência. Mas, em geral, *não gosto* de telefonar, *não gosto* de ligar. Isso não me impede de gostar de **receber** telefonemas. O telefone é um objeto com o qual *nunca* consegui me **familiarizar**.	utilidade estrita paliativo das deslocações (--) (-) imitir (inibição) (+) receber estranheza
		Nº 27 – *"O amigo ou o inimigo..."*	
Eu e o mundo "Mas" de ambivalência		É um **elo** [1] entre *mim* e o *"mundo"* em primeiro lugar. O telefone é um objeto e um utensílio agradável, porque põe as pessoas em **relação** [2]. *Mas* [1] é também a ave de mau augúrio pela qual chegam as **notícias más** [1]. Tenho tendência a passar **demasiado tempo** ao telefone, pelo menos para o gosto dos **meus pais**. O telefone **me tranquiliza** e **me inquieta** [2]. Esperamos com **prazer** e impaciência uma chamada, **receamos** [3] ou somos surpreendidos pelo toque. Mesmo que não me sirva dele, **gosto** de o ter, **no caso de**... é o objeto de **companhia** para a **solidão**. Conforme os meus humores, o telefone torna-se *o amigo ou o inimigo*. Risos, choros passam por vezes por ele. Quer faria eu sem ele?	(+) elo, relação [1], [2] eventualidade de uma notícia má uso frequente culpabilidade relativamente aos próximos (±) ambivalência [2], [3] inquietação; incômodo (++) segurança antídoto para a solidão (±) ambivalência [4] medo de privação indispensável

Entrevista nº 16: a construção é a de uma dissertação escolar: sequência positiva, sequência negativa, conclusão com *nuances*, que retoma os argumentos anteriores.

A palavra "indispensável" aparece aqui a uma nova luz: ligada à *obrigação* (isto levará, talvez, a reconsiderar este tema como não totalmente positivo).

Entrevista nº 19: a concepção do telefone é marcada pelo "sim, mas...". Mais do que uma divisão em sequências, deve notar-se o movimento de balança: afirmação positiva, depois restrição e o final pende para o negativo.

É instaurada uma hierarquia, em que o melhor seria o *frente a frente*, o pior a *ausência de comunicação* e o termo médio a *comunicação telefônica*, que apresenta vantagens e desvantagens.

Entrevista nº 21: as palavras-chave dessa resposta são "distância" e "é tudo". O locutor utiliza toda a sua resposta para marcar a *distância* relativamente a uma eventual implicação na comunicação. Há uma dezena de formas lexicais ou gramaticais de tipo *negativo* ou *restritivo* para quatro frases. É uma atitude de "defesa".

Entrevista nº 23: reação oposta à resposta 21. O conjunto caracteriza-se por um *investimento* máximo, marcado pela apropriação ("o meu telefone"), decorrente de uma *apetência relacional forte*, com consciência de uma expansividade "invasora" e medo da *privação* "se no futuro me tirassem..."

Mas esta resposta fornece mais informação sobre um *desejo de sociabilidade* geral, que encontra satisfação num instrumento telefônico, do que características precisas sobre o uso deste meio.

Entrevista nº 26: atitude negativa pela incapacidade de se "familiarizar" com este modo de comunicação. A função é limitada ao "*utilitário*", ou seja, ao mínimo estrito. Parece que a dificuldade é, sobretudo, o fato da emissão e não da recepção: dificuldade de se dirigir aos outros?

Entrevista nº 27: atitude em que a *ambivalência* do telefone é claramente expressa: segurança/ansiedade, prazer/apreensão, "amigo"/"inimigo", "riso"/"choros".

A temática psicológica é fértil, com uma dominante na função *relacional* do telefone ("elo", medo da privação). O telefone é um "cordão umbilical", por onde passa o pior e o melhor.

Note-se pela segunda vez (cf. também n. 23) a referência ao outros com quem a linha é partilhada.

Esta primeira leitura codificada, a três níveis (temático, estrutura, expressão), tem como função:

- preparar as grelhas categoriais transversais;
- fornecer hipóteses de interpretação.

Por uma questão de espaço, mas também devido ao fenômeno de saturação, limitamos aqui os exemplos a uma dúzia. Com efeito, a partir de certo número de respostas ou de entrevistas, a temática repete-se, fornecendo cada vez menos novidades.

Temática: vantagens e desvantagens	**Números**										
	4...	**9...**	**13...**	**15...**	**16...**	**19...**	**21...**	**23...**	**26...**	**27...**	
Fiabilidade											
Utilidade											
Rapidez											
Comodidade											
Economia											
Favorece a *organização*											
Aumenta a *informação*											
Reduz a *distância*											
Substitui a *deslocação*											
Aumenta a *segurança*											
Favorece a *proteção*											
Bom para a *sociabilidade*											
Aproxima *afetivamente*											
Constitui um *elo*											
Permite o *diálogo*											
Preserva da *solidão*											
Fornece o prazer da *fala*											
Permite o *diálogo*											
Inquietante, ansiógeno											
Ausência de visão, de presença física											
Sujeito às *chamadas a qualquer hora*											
Perda de *tempo*											
Exige uma *habituação,* uma aprendizagem											
Pode trazer uma *notícia má*											
Etc.											

Quando se faz análise de entrevistas, raramente é possível estabelecer um quadro categorial único e homogêneo, devido à complexidade e à multidimensionalidade do material verbal. É preferível "atacar em vários flancos".

Há duas possibilidades: ou assumir um ponto de vista geral e homogêneo, ou analisar alguns aspectos específicos, e as duas completam-se.

Por exemplo, no nosso caso, podemos estabelecer um quadro categorial das qualidades e defeitos, ou das *vantagens* ou *desvantagens*, atribuídos ao meio de comunicação telefônico por todos os indivíduos. Constrói-se então um quadro que contenha, nas linhas, os temas qualificadores e, nas colunas, os indivíduos. Basta depois marcar cada intersecção (presença/ausência, ou número de ocorrências, por indivíduo).

É também possível referenciar em todos os textos, por uma nota, um aspecto particular. Por exemplo:

- Reunir todas as primeiras frases, que funcionam um pouco como *slogans*, analisá-las, compará-las (a hipótese subjacente é que a primeira frase revelaria, na maioria dos casos, a atitude base do indivíduo).
- Escolher um título para cada pessoa, que resuma a especificidade do seu discurso, um pouco à maneira de Barthes na sua análise do estado apaixonado[11] (tem a vantagem de obrigar a perceber a originalidade de cada fala, bem como de facilitar o manuseio geral quando a massa de entrevistas ou de respostas se torna maior).
- Apontar um projetor sobre as *designações* que os interlocutores utilizam para designarem a materialidade do *telefone*: "objeto", "instrumento", "aparelho", "lugar de encontro", "intermediário", "ave"... (tendo como pressuposto que as próprias formulações contêm significados carregados de sentido).
- Do mesmo modo, procurar nos textos e analisar as palavras utilizadas para designar os *interlocutores* (em resposta à pergunta "quem se invoca quando se cita parceiros telefônicos?"): "amigos", "família", "doutor", "interlocutores", "gente", "nós", "aqueles que conheço", "pessoas", "organismos", "os meus próximos"... ou ausência de referência ao interlocutor.
- Determinar o *sentido das comunicações* telefônicas: emissão/recepção ou centrífuga/centrípeta, e os significados associados em contexto.
- Esboçar uma tipologia dos indivíduos segundo o seu *tipo de sociabilidade* manifesta: grau de apetência relacional, necessidade dos outros; defesa ou inibição, sociabilidade real e aspirações etc., referindo os critérios semânticos ou os índices expressivos que permitem a análise desta dimensão no texto.
- Coligir as circunstâncias, situações, episódios concretos evocados (seriam mais numerosos em entrevistas reais).

Há muitas outras possibilidades, que os discursos por analisar e as suas particularidades poderão sugerir ao analista.

11. R. Barthes, *Fragments d'un discours amoureux*, Seuil, 1977 [*Fragmentos de um Discurso Amoroso*, Lisboa, Edições 70].

TERCEIRA PARTE

MÉTODO

I

Organização da análise

As diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três polos cronológicos:

1) a pré-análise;
2) a exploração do material;
3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

1. A PRÉ-ANÁLISE

É a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. Recorrendo ou não ao computador, trata-se de estabelecer um programa que, podendo ser flexível (quer dizer, que permita a introdução de novos procedimentos no decurso da análise), deve, no entanto, ser preciso.

Geralmente, esta primeira fase possui três missões: *a escolha dos documentos* a serem submetidos à análise, a formulação das *hipóteses* e dos *objetivos* e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.

Estes três fatores não se sucedem, obrigatoriamente, segundo uma ordem cronológica, embora se mantenham estreitamente ligados uns aos outros: a escolha de documentos depende dos objetivos, ou, inversamente, o objetivo só é possível em função dos documentos disponíveis; os indicadores serão construídos em função das hipóteses, ou, pelo contrário, as hipóteses serão criadas na presença de certos índices. A pré-análise tem por objetivo a organização,

embora ela própria seja composta por atividades não estruturadas, "abertas", por oposição à exploração sistemática dos documentos.

a) *A leitura "flutuante"* – A primeira atividade consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações. Esta fase é chamada de leitura "flutuante", por analogia com a atitude do psicanalista. Pouco a pouco, a leitura vai se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes, da projeção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas sobre materiais análogos.

b) *A escolha dos documentos* – O universo de documentos de análise pode ser determinado *a priori:*

- por exemplo: uma empresa solicita a uma equipe de analistas a exploração dos recortes de imprensa reunidos num *"press-book"*, acerca do novo produto lançado no mercado alguns meses atrás.

Ou então o objetivo é determinado e, por conseguinte, convém escolher o universo de documentos suscetíveis de fornecer informações sobre o problema levantado:

- por exemplo: o objetivo é seguir a evolução dos valores da instituição escolar francesa durante determinado ano. Opta-se então pela análise dos discursos de distribuição dos prêmios: material homogêneo, regular, conservado, acessível e rico em informações relativamente ao objetivo.

Com o universo demarcado (o gênero de documentos sobre os quais se pode efetuar a análise), é muitas vezes necessário proceder-se à *constituição de um corpus.* O *corpus* é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. A sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, seleções e regras. Eis as principais regras:

- *Regra da exaustividade:* uma vez definido o campo do *corpus* (entrevistas de um inquérito, respostas a um questionário, editoriais de um jornal de Paris entre tal e tal data, emissões de televisão sobre determinado assunto etc.), é preciso ter-se em conta todos os elementos desse *corpus*. Em outras palavras, não se pode deixar de fora qualquer um dos elementos por esta ou aquela razão (dificuldade de acesso, impressão de não interesse), que não possa ser justificável no plano do rigor. Esta regra é completada pela de *não seletividade.*

Por exemplo, reúne-se um material de análise da publicidade a automóveis publicada na imprensa durante um ano. Qualquer anúncio publicitário que corresponda a esses critérios deve ser recenseado.

- *Regra da representatividade.* A análise pode efetuar-se numa *amostra* desde que o material a isso se preste. A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial. Neste caso, os resultados obtidos para a amostra serão generalizados ao todo.

Para se proceder à amostragem é necessário ser possível descobrir a distribuição dos caracteres dos elementos da amostra. Um universo heterogêneo requer uma amostra maior do que um universo homogêneo. A costureira, para que possa fazer ideia de uma peça de tecido com flores, tem necessidade de uma amostra maior desse tecido do que aquela que seria necessária para ter a ideia de um tecido liso. Tal como para uma sondagem, a amostragem pode fazer-se ao acaso ou por *quotas* (sendo conhecidas as frequências das características da população, retomamo-las na amostra, em proporções reduzidas).

Por exemplo, se se souber que existem x marcas de automóveis e que cada uma possui uma taxa média de n anúncios por ano. Além disso, conhece-se a distribuição pelos órgãos de imprensa. Finalmente, avaliamos a repartição quantitativa e a variação qualitativa dos conteúdos temáticos segundo os meses do ano. Tidos em conta esses critérios (marcas, órgãos de imprensa, períodos), que dependem do objetivo da análise, pode proceder-se a uma redução pensada (amostragem) do universo e diminuir a parte submetida a análise.

Nem todo o material de análise é suscetível de dar lugar a uma amostragem, e, nesse caso, mais vale abstermo-nos e reduzir o próprio universo (e, portanto, o alcance da análise) se este for demasiado importante.

- *Regra da homogeneidade*: os documentos retidos devem ser homogêneos, isto é, devem obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora desses critérios.

Por exemplo, as entrevistas de inquérito efetuadas sobre um tema devem referir-se a ele, ter sido obtidas por intermédio de técnicas idênticas e ser realizadas por indivíduos semelhantes. Esta regra é, sobretudo, utilizada quando se deseja obter resultados globais ou comparar entre si os resultados individuais.

Precisemos, no entanto, que se a constituição de um *corpus* é uma fase habitual na análise de conteúdo, para algumas análises monográficas (uma entrevista aprofundada, a estrutura de um sonho ou a temática de um livro), tal fase não tem sentido (caso de um documento único, singular).

- *Regra de pertinência:* os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise.

c) *A formulação das hipóteses e dos objetivos* – Uma hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar ou infirmar), recorrendo aos procedimentos de análise. Trata-se de uma suposição cuja origem é a intuição e que permanece em suspenso enquanto não for submetida à prova de dados seguros. O *objetivo* é a finalidade geral a que nos propomos (ou que é fornecida por uma instância exterior), o quadro teórico e/ou pragmático, no qual os resultados obtidos serão utilizados.

Levantar uma hipótese é interrogarmo-nos: "será verdade que, tal como é sugerido pela análise *a priori* do problema e pelo conhecimento que dele possuo, ou, como as minhas primeiras leituras me levam a pensar, que...?".

De fato, as hipóteses nem sempre são estabelecidas quando da pré-análise. Por outro lado, não é obrigatório ter como guia um *corpus* de hipóteses, para se proceder à análise. Algumas análises efetuam-se "às cegas" e sem ideias preconcebidas. Uma ou várias técnicas são consideradas adequadas *a priori,* para fazerem "falar" o material, utilizando-se sistematicamente. Isto é o que sucede muitas vezes ao recorrermos à informática.

A propósito deste problema do primado do quadro de análise sobre as técnicas e vice-versa, P. Henry e S. Moscovici parecem privilegiar os *procedimentos exploratórios* (em que "o quadro de análise não está determinado" e em que "se parte de uma colocação em evidência das propriedades dos textos") em relação ao que os autores chamam os procedimentos fechados.

> Pôr em funcionamento um procedimento fechado é começar a partir de um quadro empírico ou teórico de análise de certos estados psicológicos, psicossociológicos ou outros, que se tentam particularizar, ou então a propósito dos quais se formularam hipóteses ou se levantaram questões. Reúnem-se textos (...) Depois observam-se esses textos através de um determinado quadro teórico (...), quadro esse preestabelecido e que não pode ser modificado.

Os procedimentos fechados, caracterizados essencialmente por técnicas taxonômicas (por classificação de elementos dos textos em função de critérios internos ou externos), são métodos de observação que funcionam segundo o mecanismo da indução e servem para a experimentação de hipóteses.

Os *procedimentos de exploração,* aos quais podem corresponder técnicas ditas *sistemáticas* (e nomeadamente automáticas), permitem, a partir dos próprios textos, apreender as ligações entre as diferentes variáveis, funcionam segundo o processo dedutivo e facilitam a construção de novas hipóteses.

Segundo os autores, cujo ponto de vista particular os conduz ao desejo de insistir, quer nas *condições de produção* – ou no campo de determinações – dos textos no sentido lato (situação de comunicação, meio sociocultural, psicologia individual etc.), quer nas relações entre os próprios documentos e as suas condições de produção, os métodos exploratórios sistemáticos têm a vantagem de poder servir de introdução aos únicos procedimentos experimentais capazes de apreender as ligações funcionais entre o que esses autores chamam o plano vertical (nível de condições de produção, enquanto variáveis independentes) e o plano horizontal (nível dos textos analisados enquanto variáveis dependentes)[1].

No entanto, em muitos casos, o trabalho do analista é insidiosamente orientado por hipóteses implícitas. Daí a necessidade das posições latentes serem reveladas e postas à prova pelos fatos – posições estas suscetíveis de intro-

1. P. Henry e S. Moscovici. "Problèmes de l'analyse de contenu" em *Langage*, n. II, setembro, 1968.

duzir desvios nos procedimentos e nos resultados. Formular hipóteses consiste, muitas vezes, em explicitar e precisar – e, por conseguinte, em dominar – dimensões e direções de análise, que apesar de tudo funcionam no processo.

d) *A referenciação dos índices e a elaboração de indicadores* – Se se considerarem os textos uma manifestação que contém índices que a análise explicitará, o trabalho preparatório será o da escolha destes – em função das hipóteses, caso elas estejam determinadas – e sua organização sistemática em indicadores.

Outro exemplo, o índice pode ser a menção explícita de um tema numa mensagem. Caso parta do princípio de que este tema possui tanto mais importância para o locutor quanto mais frequentemente é repetido (caso da análise sistemática quantitativa), o indicador correspondente será a frequência deste tema de maneira relativa ou absoluta, relativo a outros.

Por exemplo: supõe-se que a emoção e a ansiedade se manifestam por perturbações da palavra durante uma entrevista terapêutica. Os índices retidos[2] ("hã", frases interrompidas, repetição, gagueira, sons incoerentes...) e a sua frequência de aparição vão servir de indicador do estado emocional subjacente.

Uma vez escolhidos os índices, procede-se à construção de indicadores precisos e seguros. Desde a pré-análise devem ser determinadas operações de *recorte do texto* em unidades comparáveis de *categorização* para análise temática e de modalidade de *codificação* para o registro dos dados.

Geralmente, certificamo-nos da eficácia e da pertinência dos indicadores testando-os em algumas passagens ou em alguns elementos dos documentos (pré-teste de análise).

e) *A preparação do material* – Antes da análise propriamente dita, o material reunido deve ser preparado. Trata-se de uma preparação material e, eventualmente, de uma preparação formal ("edição").

Por exemplo: as entrevistas gravadas são transmitidas (na íntegra) e as gravações conservadas (para informação paralinguística); os artigos de imprensa são recortados, as respostas a questões abertas são anotadas em fichas etc. É aconselhável que se prevejam cópias em número suficiente (recortes, equipe numerosa) e que se numerem os elementos do *corpus*. Suportes materiais de um tipo específico podem facilitar a manipulação da análise: entrevistas digitadas e impressas em papel, dispondo de colunas vazias à esquerda e à direita para o código, e respostas a questionários em fichas-padrão para que se possam marcar os contrastes.

A preparação formal – ou "edição" – dos textos pode ir desde o alinhamento dos enunciados intactos, proposição por proposição, até à transformação linguística dos sintagmas, para padronização e classificação por equivalência. No caso do tratamento tecnológico, os textos devem ser preparados e codificados conforme as possibilidades de "leitura" do computador e as instruções do programa.

2. G. F. Mahl, "Exploring emotional states by content analysis", em I. de S. Pool, *Trends in content analysis*, Urbana, University of Illions Press, 1959.

2. A EXPLORAÇÃO DO MATERIAL

Se as diferentes operações da pré-análise forem convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas. Quer se trate de procedimentos aplicados manualmente ou de operações efetuadas por computador, o decorrer do programa completa-se mecanicamente. Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas (cf. capítulo seguinte).

3. TRATAMENTO DOS RESULTADOS OBTIDOS E INTERPRETAÇÃO

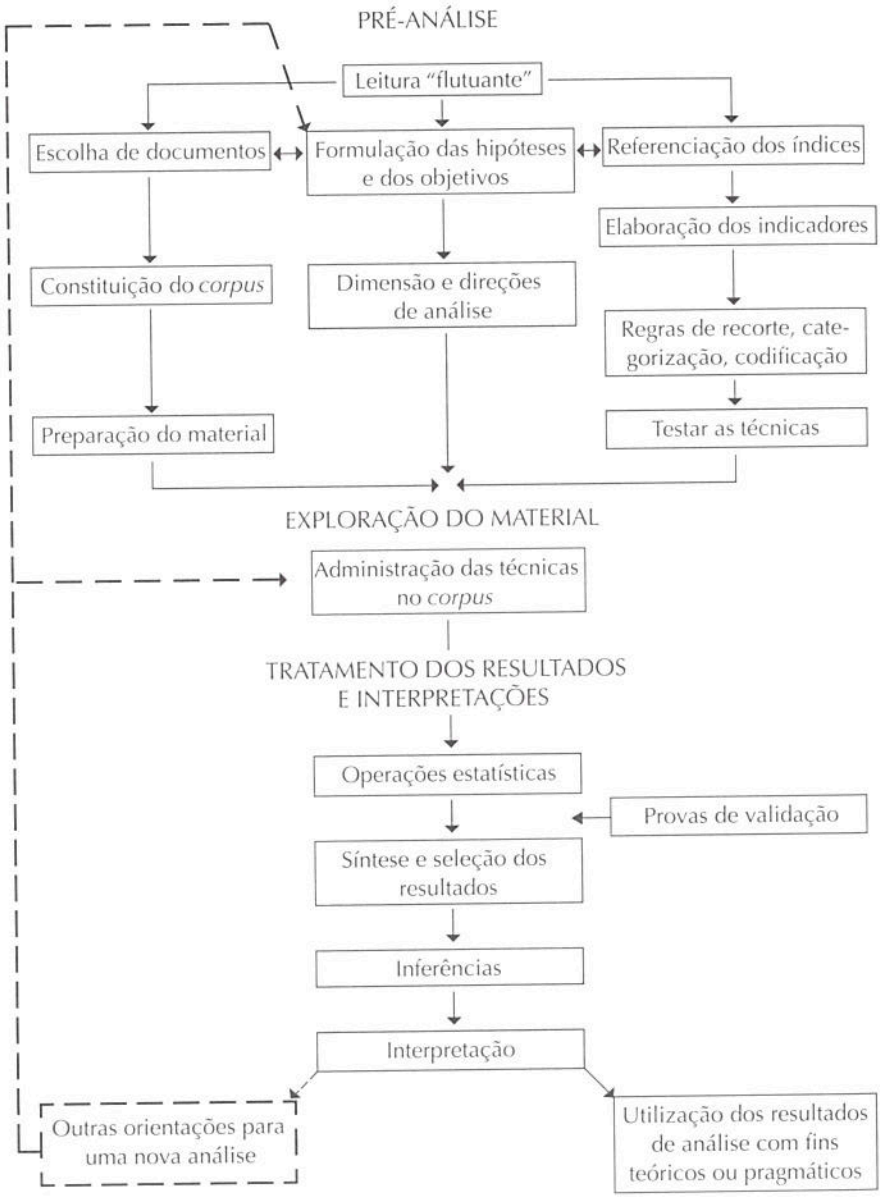
Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos ("falantes") e válidos. Operações estatísticas simples (percentagens), ou mais complexas (análise fatorial), permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise.

Para um maior rigor, esses resultados são submetidos a provas estatísticas, assim como a testes de validação.

O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos – ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas.

Por outro lado, os resultados obtidos, a confrontação sistemática com o material e o tipo de inferências alcançadas podem servir de base a outra análise disposta em torno de novas dimensões teóricas, ou praticada graças a técnicas diferentes (ver figura a seguir).

Desenvolvimento de uma análise



II

A codificação

Torna-se necessário saber a razão *por que* se analisa, e explicitá-la de modo que se possa saber *como* analisar. Daqui, a necessidade de especificar hipóteses e de enquadrar a técnica dentro de um perfil teórico, tal como acabamos de ver. A menos que se façam *fishing expeditions,* como dizem os anglo-saxónicos, isto é, análises exploratórias "para ver o que há". Neste caso, é o como (a técnica) que poderá precisar o porquê (a teoria). Em ambos os casos, contudo, existe um elo entre os dados do "texto" e a teoria do analista.

Tratar o material é codificá-lo. *A codificação* corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão; suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices, ou, como diz O. R. Holsti[1]:

> A codificação é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo.

A organização da codificação compreende três escolhas (no caso de uma análise quantitativa e categorial):

- O recorte: escolha das unidades;
- A enumeração: escolha das regras de contagem;
- A classificação e a agregação: escolha das categorias.

1. O. R. Holsti, *Content Analysis for the Social Sciences and Humanities*, Addison-Wesley, 1969.

1. UNIDADES DE REGISTRO E DE CONTEXTO

Quais os elementos do texto a ter em conta? Como recortar o texto em elementos completos? A escolha das unidades de registro e de contexto deve responder de maneira pertinente (pertinência em relação às características do material e face aos objetivos da análise).

a) *A unidade de registro* – É a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial. A unidade de registro pode ser de natureza e de dimensões muito variáveis. Reina certa ambiguidade no que diz respeito aos critérios de distinção das unidades de registro. Efetivamente, executam-se certos recortes a nível semântico, por exemplo, o "tema", enquanto que outros são feitos a um nível aparentemente linguístico, como a "palavra" ou a "frase"[2].

Isto serve de crítica a disciplinas cujo caráter científico e rigoroso é mais evidente. De fato, o critério de recorte na análise de conteúdo[3] é sempre de ordem semântica, ainda que, por vezes, exista uma correspondência com unidades formais (exemplos: palavra e palavra-tema; frase e unidade significante).

A título ilustrativo podem ser citados entre as unidades de registro mais utilizadas:

- *A palavra:* é certo que a "palavra" não tem definição precisa em linguística, mas para aqueles que fazem uso do idioma corresponde a qualquer coisa. Contudo, uma precisão linguística pode ser suscitada se for pertinente.

Todas as palavras do texto podem ser levadas em consideração, ou pode-se reter unicamente as palavras-chave ou as palavras-tema (*symbols* em inglês); pode igualmente fazer-se a distinção entre palavras plenas e palavras vazias; ou ainda efetuar-se a análise de uma categoria de palavras: substantivos, adjetivos, verbos, advérbios (...) a fim de se estabelecer quocientes.

2. Mas o que será uma frase? Que critérios de definição se deve reter? Será a frase a unidade de sentido que exprime um pensamento completo? Será uma proposição lógica: sujeito (aquilo de quem se diz alguma coisa) mais predicado (o que dele se diz)? Ou então será o critério fonético a defini-la: paragens, silêncio, rupturas na curva melódica (ou os equivalentes gráficos: ponto, ponto e vírgula)? (G. Mounin, *Clefs pour la linguistique*, Seghers).
3. Em análise de conteúdo, isto é, das significações, e não na análise de expressão, ou seja, dos aspectos formais das significações.

- *O tema:* a noção de tema, largamente utilizada em análise temática, é característica da análise de conteúdo. Berelson definia o tema como:

> Uma afirmação acerca de um assunto. Quer dizer, uma frase, ou uma frase composta, habitualmente um resumo ou uma frase condensada, por influência da qual pode ser afetado um vasto conjunto de formulações singulares.

Na verdade, o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. O texto pode ser recortado em ideias constituintes, em enunciados e em proposições portadores de significações isoláveis. O tema é, conforme M.C. d'Unrug[4]:

> (...) uma unidade de significação complexa, de comprimento variável; a sua validade não é de ordem linguística, mas antes de ordem psicológica: podem constituir um tema tanto uma afirmação como uma alusão; inversamente, um tema pode ser desenvolvido em várias afirmações (ou proposições). Enfim, qualquer fragmento pode remeter (e remete geralmente) para diversos temas...

Fazer um análise temática consiste em descobrir os "núcleos de sentido" que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido.

O tema, enquanto unidade de registro, corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida, visto que o recorte depende do nível de análise e não de manifestações formais reguladas. Não é possível existir uma definição de análise temática, da mesma maneira que existe uma definição de unidades linguísticas.

O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências etc. As respostas a questões abertas, as entrevistas (não diretivas ou mais estruturadas) individuais ou de grupo, de inquérito ou de psicoterapia, os protocolos de testes, as reuniões de grupo, os psicodramas, as comunicações de massa etc., podem ser, e frequentemente são, analisados tendo o tema por base.

4. M. C. d'Unrug, *Analyse de contenu et acte de parole*, Ed. Universitaires, 1974.

Notemos que, em certos casos, pode ser útil uma preparação das mensagens em unidades linguísticas normalizadas (enunciados, proposições, sintagmas).

■ *O objeto ou referente*: trata-se de temas-eixo, em redor dos quais o discurso se organiza. Por exemplo, as divisões de uma casa citadas num inquérito sobre a habitação. Ou então os "objetos de atitudes" (cf. a análise avaliativa de Osgood), numa análise da imprensa política. Neste caso, recorta-se o texto em função desses temas-eixo, agrupando à sua volta tudo o que o locutor exprime a seu respeito.

■ *O personagem*: o ator ou actante pode ser escolhido como unidade de registro. Neste caso, o codificador indica os "personagens" (ser humano ou equivalente, tal como um animal etc.) e, no caso de uma análise categorial, as classes em função do quadro escolhido. Tal quadro é geralmente estabelecido em função das características ou atributos do personagem (traços de caráter, papel, estatuto social, familiar, idade etc.). As obras de ficção (filmes, emissões, romances, bandas desenhadas, fotonovelas, peças de teatro) podem ser analisadas segundo seus personagens, do mesmo modo que os artigos de imprensa, manuais escolares etc. Quem e em qual ocasião? Com que papel? Em que situação? etc. A unidade "personagem" pode ser combinada com outros tipos de unidade.

■ *O acontecimento*: no caso de relatos e de narrações, é possível que a unidade de registro pertinente seja o acontecimento. Neste caso, os relatos (filmes, lendas, contos, relatos míticos, artigos da imprensa) serão recortados em unidades de ação.

■ *O documento*: o documento ou unidade de gênero (um filme, um artigo, uma emissão, um livro, um relato) por vezes serve de unidade de registro, desde que possa ser caracterizado globalmente e no caso de análise rápida. Também é possível tomar como unidade de registro a resposta (a uma questão aberta) ou a entrevista, na condição de que a ideia dominante ou principal seja suficiente para o objetivo procurado.

Na realidade, a unidade de registro existe no ponto de interseção de unidades perceptíveis (palavra, frase, documento material, personagem físico) e de unidades semânticas (temas, acontecimentos, indivíduos), embora pareça difícil, mesmo existindo correspondência, procurar fazer um recorte de natureza puramente formal, na maioria das práticas, pelo menos na análise temática, c tegorial e frequencial (aquela que nos serve de base neste capítulo).

b) *A unidade de contexto* – A unidade de contexto serve de unidade compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmen da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são ót mas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registr Esta pode, por exemplo, ser a frase para a palavra e o parágrafo para o tema.

Com efeito, em muitos casos, torna-se necessário fazer (conscientement referência ao contexto próximo ou longínquo da unidade a ser registrada. vários codificadores trabalham num mesmo *corpus*, torna-se imprescindív um acordo prévio. Por exemplo, no caso de análise de mensagens política palavras como liberdade, ordem, progresso, democracia, sociedade, têm n cessidade de contexto para serem compreendidas no seu verdadeiro sentid A referência ao contexto é muito importante para a análise avaliativa e pa a análise de contingência. Os resultados são suscetíveis de variar sensive mente segundo as dimensões de uma unidade de contexto. A intensidade e extensão de uma unidade podem surgir de modo mais ou menos acentuad consoante as dimensões da unidade de contexto escolhida. No que se refe às coocorrências, é evidente que o seu número aumenta com as dimensõ da unidade de contexto: é pouco provável, por exemplo, que se possam en contrar temas semelhantes num parágrafo: ou em alguns minutos de grava ção, mas a probabilidade aumenta num texto de várias páginas ou num emissão de uma hora. Geralmente, quanto maior é a unidade de context mais as atitudes ou valores se afirmam numa análise avaliativa, ou mais nu merosas são as coocorrências numa análise de contingência.

A determinação das dimensões da unidade de contexto é presidida po dois critérios: o custo e a pertinência. É evidente que uma unidade de conte to alargado exige uma releitura do meio, mais vasta. Por outro lado, exist uma dimensão ótima, ao nível do sentido: se a unidade de contexto for muit pequena ou muito grande, já não se encontra adaptada; também aqui são de terminantes quer o tipo de material, quer o quadro teórico.

De qualquer modo, é possível testar as unidades de registro e de context em pequenas amostras, a fim de que nos asseguremos que operamos com o instrumentos mais adequados.

2. REGRAS DE ENUMERAÇÃO

É necessário fazer a distinção entre a unidade de registro – o que se conta – e a regra de enumeração – o modo de contagem.

Vejamos o seguinte exemplo: temos um "texto" concluído, em que a identificação e o recorte forneceram os elementos ou unidades de registro (palavras, temas ou outras unidades) seguintes:

a, d, a, e, a, b.

Sabendo-se que a lista de referência, estabelecida a partir de um conjunto de "textos", ou, segundo uma norma, é *a, b, c, d, e, f,* é possível utilizar diversos tipos de enumerações:

■ *A presença (ou ausência):* neste mesmo "texto" estão presentes os elementos *a, b, c, d* e *e,* presença esta que pode ser significativa, funcionando nesse caso como um indicador.

No entanto, a ausência de elementos (relativa a certa provisão) pode, em alguns casos, veicular um sentido. Aqui, os elementos *c* e *f* estão ausentes. Com efeito, para certos tipos de mensagens, como para certos objetivos de análise, a ausência constitui a variável importante. Por exemplo, a ausência pode manifestar bloqueios ou recalcamentos nas entrevistas clínicas, além de traduzir uma vontade escondida, no caso de uma declaração pública.

A frequência: geralmente é a medida mais usada. Corresponde ao seguinte postulado (válido em certos casos e em outros não): a importância de uma unidade de registro aumenta com a frequência de aparição. No nosso exemplo, a frequência de cada elemento é:

$a = 3;$
$b = 1;$
$c = 0;$
$d = 1;$
$e = 1;$
$f = 0.$

Uma medida frequencial em que todas as aparições possuam o mesmo peso postula que todos os elementos tenham uma importância igual. A escolha da medida frequencial simples não deve ser automática. É preciso lembrarmo-nos de que ela assenta no seguinte pressuposto implícito: a aparição de um item de sentido ou de expressão será tanto mais significativa – em relação ao que procura atingir na descrição ou na interpretação da realidade visada – quanto mais esta frequência se repetir. A regularidade quantitativa de aparição é, portanto, aquilo que se considera como significativo. Isto supõe que todos os itens tenham o mesmo valor, o que nem sempre acontece.

■ *A frequência ponderada*: se supusermos que a aparição de determinado elemento tem mais importância do que outro, podemos recorrer a um sistema de ponderação. Por exemplo, se considerarmos que a aparição de *b* e *d* possui uma importância dupla da de *a, c* e *f,* afetam-se todos os elementos com coeficientes, no momento da codificação.

Veja, por exemplo, a seguinte ponderação:

$a = 1;$
$b = 2;$
$c = 1;$
$d = 2;$
$e = 1;$
$f = 1.$

Isto dá os seguintes resultados:

$a = 3 \times 1 = 3;$
$b = 1 \times 2 = 2;$
$c = 0 \times 1 = 0;$
$d = 1 \times 2 = 2;$
$e = 1 \times 1 = 1;$
$f = 0 \times 1 = 0.$

Obtém-se, por conseguinte, resultados diferentes daqueles que foram obtidos na medida de frequência não ponderada.

A ponderação pode corresponder a uma decisão tomada *a priori,* mas pode também traduzir as modalidades de expressão ou a *intensidade* de um elemento.

■ *A intensidade*: tome-se em nosso exemplo três níveis (correspondentes a variações semânticas ou formais no seio de uma só classe), na aparição de um elemento:

$a_1, a_2, a_3 - b_1, b_2, b_3$ etc.

e a afetação de uma nota diferente, segundo a modalidade de expressão:

$a_1 = 1$; $b_1 = 1$;
$a_2 = 2$; $b_2 = 2$;
$a_3 = 3$; $b_3 = 3$ etc.

No "texto":

$a_1, d_3, a_3, e_1, a_3, b_1$.

A medida será:

$a = 7\,(1 + 3 + 3) = 7$;
$b = 1$;
$c = 0$;
$d = 3$;
e = 1;
$f = 0$.

A medida de intensidade com que cada elemento aparece é indispensável na análise dos valores (ideológicos, tendências) e das atitudes. Se encontrarmos os quatro enunciados que se seguem num estudo da imprensa chinesa dos anos 1960, é necessário podermos diferenciar a intensidade das posições correspondentes:

1. "Poderíamos achar necessário reprovar a política de Kruschev."
2. "Deveríamos denunciar amargamente a política de Kruschev."
3. "Começaremos brevemente a denunciar a política de Kruschev."
4. "No passado, estivemos algumas vezes em desacordo com a política de Kruschev"[5].

5. Exemplo dado por O. R. Holsti.

Para facilitar a avaliação do grau de intensidade a codificar, podemos r basear, como sugeria Osgood, em critérios precisos: intensidade (semânti do verbo, tempo do verbo (condicional, futuro, imperativo...), advérbios modo, adjetivos e atributos qualificativos.

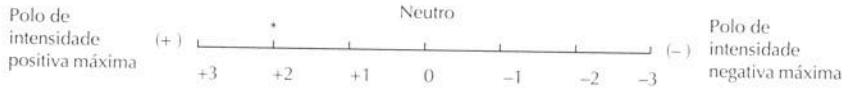
■ *A direção:* a ponderação da frequência traduz um caráter quantit tivo (intensidade) ou qualitativo: *a direção.* A direção pode ser favorár desfavorável ou neutra (eventualmente ambivalente), no caso de um est do de favoritismo/desfavoritismo. Os polos direcionais podem, no enta to, ser de natureza diversa: bonito/feio (critério estético), pequeno/gran (tamanho) etc.

Atribui-se aos elementos do texto um sinal (índice qualitativo) ou un nota.

$a_+, d_0, a_+, e_-, a_+, b_+$

(por exemplo: + = positivo; – = negativo; 0 = neutro; ± = ambivalente)

Osgood, na análise avaliativa, recorreu a escalas bipolares para codific *a intensidade* e a *direção.* A ponderação das medidas frequenciais conduziu- em seguida, à representação dos resultados sob a forma de *perfis.*



Escala bipolar de sete pontos (ou graus), para um exemplo em que *a* é c direção positiva e de intensidade 2 (a_{+2}), indicada pelo sinal *.

Perfil. O perfil traduz o conjunto de frequências para cada elemento. Por exemplo, aqui, A (conjunto das unidades registradas para um dado *corpus*) e E são muito positivos, D é neutro, F e B são ligeiramente negativos e C é bastante negativo.

■ *A ordem*: a ordem de aparição das unidades de registro (por exemplo, numa entrevista ou num relato) pode ser o índice pertinente. Se *a* está em primeiro lugar e *d* em segundo, se *a* precede *d* ou *d* sucede a *a*, isto pode ter um significado mais importante (no quadro da inferência) do que a frequência. Ou então a frequência e o encadeamento das unidades de registro podem combinar-se nas medidas. Pode ser útil saber se existem constantes que são evidenciadas, a ordem de sucessão dos elementos (por exemplo, se *a* • *d* • *a*, aparece com uma frequência significativa).

■ *A coocorrência:* é a presença simultânea de duas ou mais unidades de registro numa unidade de contexto. Existem duas possibilidades para tomarmos uma decisão sobre a unidade de contexto:

- Escolhe-se esta segundo o número de unidades de registro: recortando o texto em três (ou quatro, cinco ou mais) unidades: por exemplo o texto: *a, d, a, c, a, b, e, e, e, ...*, depois de recortado fica: *a, d, a/c, a, b/e, e, e/...* Resultados: dois elementos *a* na primeira unidade e três elementos *e* na terceira unidade.
- Decide-se o número de unidades de registro anteriores e/ou posteriores segundo uma unidade determinada, que serve de eixo: por exemplo, uma palavra que antecede ou sucede cada um dos substantivos, ou dois temas anteriores a um tema escolhido etc.

A medida de coocorrência (análise de contingência) dá conta da *distribuição* dos elementos e da sua *associação.* A distribuição dos elementos po constituir um ponto significativo de conhecimento. Por exemplo, dois "texto apresentam o mesmo número de elementos *a,* mas no primeiro esses eleme tos encontram-se dispersos por todo o texto, enquanto que no segundo est concentrados em determinada passagem.

O uso da associação como indicador assenta geralmente no postulado que elementos associados numa manifestação da linguagem estão (ou estarã igualmente associados no espírito do locutor (ou do destinatário). Existem mod lidades qualitativas que, eventualmente, diferenciam a natureza da coocorrência:

- associação (o elemento *a* aparece com o elemento *b*).
- equivalência (o elemento *a* ou o elemento *d* aparecem num context idêntico. Talvez se possa deduzir um caráter de equivalência ou d substituição).
- oposição (o elemento *a* nunca aparece com o elemento *c*).

Notemos, por último, que a proximidade de ocorrência pode ser medid se *a* está a três unidades ou a dois minutos de distância de *b* talvez não possu a mesma importância do que se estiver a sete unidades de registro ou a quatr minutos e meio de *b.*

Considerações – Qualquer escolha de uma regra (ou de várias regras) d enumeração assenta numa hipótese de correspondência entre a presença, frequência, a intensidade, a distribuição, a associação da manifestação da lin guagem e a presença, a frequência, a intensidade, a distribuição, a associaçã de variáveis inferidas, não linguísticas. É conveniente procurar-se a corres pondência mais pertinente.

■ Uma variável de inferência pode manifestar-se, por vezes, de diversas maneiras. É possível atingi-la por meio de índices diferentes ou complementares. Por exemplo, na análise da imprensa, a superfície dos antigos, o tamanho dos títulos ou a frequência dos acontecimentos descritos talvez sejam três modos de codificação e de enumeração aptos para elucidarem a mesma realidade.

■ Tentou-se utilizar sistemas de enumeração aplicáveis a um material contínuo (medida de espaço e de tempo) ou graduado (medidas de cor). A precisão da medida, salvo casos particulares, é mais aparente do que real, a contagem de uma unidade de registro por minuto ou por centímetro quadrado é, talvez, ainda mais artificial do que o recorte de um texto por frases ou por

parágrafos. Acontece, no entanto, que existem medidas deste tipo que são adaptadas ou as únicas possíveis. Caso tenha sido demonstrado em experiências anteriores que a análise dos *slogans* publicitários permite chegar aos mesmos resultados que a análise do texto correspondente – na condição de esses *slogans* serem ponderados em função das suas dimensões –, torna-se mais rápido utilizar a primeira medida. Caso se confirme, por comparação com os resultados obtidos por meio de outros testes de personalidade, que o recorte em quadrículas da superfície de um teste constitui um método exato, é conveniente empregá-lo. Se a análise de uma emissão de tipo narrativo, por sequências temporalmente mensuradas, fornece bons resultados em função do objetivo, há que praticá-la.

3. ANÁLISE QUANTITATIVA E ANÁLISE QUALITATIVA

Nos anos 1950, houve um apaixonante debate entre procedimentos "quantitativos" e "qualitativos". Uns definiam a análise segundo o caráter "quantitativo", enquanto outros defendiam a validade de uma análise "qualitativa".

Durante o primeiro congresso de analistas, A. L. George[6] tentou precisar as características de ambos os métodos. Na medida em que "a análise de conteúdo é utilizada como um instrumento de diagnóstico, de modo a que se possam levar a cabo inferências específicas ou interpretações causais sobre um dado aspecto da orientação comportamental do locutor", o seu procedimento não é obrigatoriamente quantitativo, como até então se admitia (por influência de Berelson, principalmente).

A abordagem quantitativa funda-se na *frequência* de aparição de determinados elementos da mensagem. A abordagem não quantitativa recorre a indicadores não frequenciais suscetíveis de permitir inferências; por exemplo, a *presença* (ou a *ausência*) pode constituir um índice tanto (ou mais) frutífero que a frequência de aparição.

Qual será a evolução da frequência da palavra *"pátria"* nos manuais de História de cinquenta anos para cá? Estará a palavra "pátria" ausente ou presente dos manuais de História de 1975? Em dado contexto, por exemplo, os discursos de um político, a aparição de uma palavra não esperada ou própria da oposição, uma frase mais temperada ou mais restritiva do que as habituais proposições sobre o assunto, podem funcionar como índice de peso, se não forem diluídas num desconto frequencial. A abordagem quantitativa e a qualitativa não têm o mesmo campo de ação. A primeira obtém dados descritivos por meio de um método estatístico. Graças a um desconto sistemático, esta análise é mais objetiva, mais fiel e mais exata, visto que a observação é mais bem controlada. Sendo rígida, esta análise é, no entanto, útil nas fases de verificação das hipóteses. A segunda corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses. Este tipo de análise deve ser então utilizado nas fases de lançamento das hipóteses, já que permite sugerir possíveis relações entre um índice da mensagem e uma ou diversas variáveis do locutor (ou da situação de comunicação).

A análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais. Pode funcionar sobre *corpus* reduzidos e estabelecer categorias mais discriminantes, por não estar ligada, enquanto análise quantitativa, a categorias que deem lugar a frequências suficientemente elevadas para que os cálculos se tornem possíveis. Levanta problemas ao nível da pertinência dos índices retidos, visto que seleciona esses índices sem tratar exaustivamente todo o conteúdo, existindo o perigo de elementos importantes serem deixados de lado, ou de serem tidos em conta elementos não significativos. A compreensão exata do sentido é, neste caso, capital. Além do mais, o risco de erro aumenta, porque se lida com elementos isolados ou com frequências fracas, daí a importância do contexto. Contexto da mensagem, mas também contexto exterior a este; quais serão as condições de produção, ou seja, quem é que fala a quem e em que circunstâncias? Qual será o montante e o lugar da comunicação? Quais os acontecimentos anteriores ou paralelos? Por outro lado, a abordagem qualitativa evolutiva confronta-se com o perigo de "circularidade" em maior grau do que a abordagem quantitativa e fixa. As hipóteses inicialmente formuladas podem ser influenciadas no decorrer do procedimento por aquilo que o analista compreende da significação da mensagem. Principalmente neste caso, torna-se necessário reler o material, alternar releituras e interpretações e desconfiar da evidência (existirá uma "evidência" contrária?), funcionando por sucessivas aproximações. A análise qualitativa, que é maleável no seu funcionamento, deve ser também maleável na utilização dos seus índices. As manifestações da mesma realidade pela comunicação podem modificar-se rapidamente, em particular na propaganda ou na psicoterapia, em que as

6. A. L. George, "Quantitative and qualitative approaches to content analysis", em I. S. Pool, *Trends in Content Analysis*, 1959.

condições de produção, por vezes, se transformam bruscamente. Em outras palavras, os índices são instáveis e uma resistência à mudança por parte do analista será tanto mais nefasta quanto o procedimento qualitativo funda a sua interpretação em elementos escassos.

Por último, precisemos que a análise qualitativa não rejeita toda e qualquer forma de quantificação. Somente os índices é que são retidos de maneira não frequencial, podendo o analista recorrer a testes quantitativos: por exemplo, a aparição de índices similares em discursos semelhantes.

Em conclusão, pode dizer-se que o que caracteriza a análise qualitativa é o fato de a "inferência – sempre que é realizada – ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem etc.!), e não sobre a frequência da sua aparição, em cada comunicação individual".

A discussão abordagem quantitativa *versus* abordagem qualitativa marcou um volta-face na concepção da análise de conteúdo. Na primeira metade do século XX, o que marcava a especificidade deste tipo de análise era o *rigor* e, portanto, a *quantificação.* Depois, compreendeu-se que a característica da análise de conteúdo é a *inferência* (variáveis inferidas a partir de variáveis de inferência ao nível da mensagem), quer as modalidades de inferência se baseiem ou não em indicadores quantitativos.

É evidente que a natureza do material influi na escolha do tipo de medida. Pode, por exemplo, fazer-se a distinção entre mensagens normalizadas e mensagens singulares. As primeiras corresponderão a um *corpus* constituído por mensagens provenientes de diferentes locutores. Por exemplo: resposta a questões abertas, organizadas para a codificação, com tudo o que isso implica de *standartização,* nivelamento e conformação; neste caso, o tipo de investigação prepara e orienta um tipo de análise baseada na quantificação numa situação normalizada. As segundas são mensagens provenientes de um único ou de vários emissores, mas irredutíveis à normalização (singularidade da expressão, da situação, nas condições de produção e da finalidade no objetivo da comunicação). Este é, por exemplo, o caso de uma entrevista não diretiva que se apresenta como um todo, como um sistema estruturado segundo leis que lhe são próprias e portanto analisável em si, ou incomparável.

Por vezes torna-se necessário nos distanciarmos da crença sociológica na significação da regularidade. O acontecimento, o acidente e a raridade possuem, por vezes, um sentido muito forte que não deve ser abafado.

III

A categorização

Content analysis stands
falls by its categorie

A divisão das componentes das mensagens analisadas em rubricas c categorias não é uma etapa obrigatória de toda e qualquer análise c conteúdo. A maioria dos procedimentos de análise organiza-se, no entai to, em redor de um processo de categorização.

1. PRINCÍPIOS

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitut vos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segui do o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categoria são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades c registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamer to esse efetuado em razão das características comuns destes elementos. O *cr tério* de categorização pode ser semântico (categorias temáticas: por exempl todos os temas que significam a ansiedade ficam agrupados na categoria "ar siedade", enquanto que os que significam a descontração ficam agrupados so o título conceitual "descontração"), sintático (os verbos, os adjetivos), léxic (classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamento dc sinônimos e dos sentidos próximos) e expressivo (por exemplo, categorias qu classificam as diversas perturbações da linguagem).

1. "A análise de conteúdo mantém-se ou desaparece pelas suas categorias", Berelson, 195 (*N. do T.*).

A atividade taxonômica é uma operação muito vulgarizada de repartição dos objetos em categorias. Se antes de colocarmos um disco no toca-discos nos interrogarmos sobre a vontade que temos de ouvir Bach, Ravel ou Boulez, não utilizamos o mesmo critério que preside às escolhas possíveis, caso nos interroguemos acerca do desejo de ouvir violino, órgão ou piano. O *critério de categorização* não é o mesmo (compositor ou instrumento). Não acentuamos o mesmo aspecto da realidade. Por outro lado, o critério que empregamos é mais ou menos adaptado à realidade que se nos oferece. É possível que os nossos dois desejos convirjam e venham precisar a escolha por nós feita (um determinado instrumento e um determinado compositor). De igual modo, em análise de conteúdo, a mensagem pode ser submetida a uma ou várias *dimensões* de análise.

Classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre eles. É possível, contudo, que outros critérios insistam em outros aspectos de analogia, talvez modificando consideravelmente a repartição anterior.

A categorização é um processo de tipo estruturalista e comporta duas etapas:

- o *inventário*: isolar os elementos;
- a *classificação*: repartir os elementos e, portanto, procurar ou impôr certa organização às mensagens.

A categorização é cotidiana na nossa vida: os jogos radiofônicos baseiam-se inteiramente na capacidade de produzir com rapidez numerosos elementos desta ou daquela categoria (descobrir em trinta segundos dez cidades cujo nome é iniciado por determinada letra do alfabeto, cada uma das quais com 50 a 100 mil habitantes: cruzam-se aqui dois critérios). Desde o ensino fundamental as crianças aprendem a recortar, classificar e ordenar, por meio de exercícios simples. O processo classificatório possui uma importância considerável em toda e qualquer atividade científica.

A partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias. A categorização tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental) fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos. Na anális quantitativa, as inferências finais são, no entanto, efetuadas a partir do materia reconstruído. Supõe-se portanto, que a decomposição-reconstrução desempe nha determinada função na indicação de correspondências entre as mensagen e a realidade subjacente. A análise de conteúdo assenta implicitamente na cren ça de que a categorização (passagem de dados brutos a dados organizados) nã introduz desvios (por excesso ou por recusa) no material, mas que dá a conhe cer índices invisíveis, ao nível dos dados brutos. Isto talvez seja abusar da con fiança que se pode ter no bom funcionamento desse delicado instrumento. I preferível estar consciente do que se passa quando se efetua uma operação de ta modo habitual que parece anódina.

Um bom analista será, talvez, em primeiro lugar, alguém cuja capacidade de categorizar – em função de um material sempre renovado e de teorias evolutivas – está desenvolvida.

A categorização pode empregar dois processos inversos:

- é fornecido o sistema de categorias e repartem-se da melhor maneira possível os elementos à medida que vão sendo encontrados. Este é o procedimento por "caixas" de que já falamos, aplicável no caso de a organização do material decorrer diretamente dos funcionamentos teóricos hipotéticos;
- o sistema de categorias não é fornecido, antes resulta da classificação analógica e progressiva dos elementos. Este é o procedimento por "acervo". O título conceitual de cada categoria somente é definido no final da operação.

Geralmente as categorias terminais provêm do reagrupamento progressivo de categorias com uma generalidade mais fraca.

Existem boas e más categorias. Um conjunto de categorias boas deve possuir as seguintes qualidades:

- *a exclusão mútua*: esta condição estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão. As categorias deveriam ser construídas de tal maneira que um elemento não pudesse ter dois ou vários aspectos suscetíveis de fazerem com que fosse classificado em duas ou mais categorias. Em certos casos, pode pôr-se em causa esta regra, com a condição de se adaptar o código

de maneira a que não existam ambiguidades no momento dos cálculos (multicodificação).

■ *A homogeneidade:* o princípio de exclusão mútua depende da homogeneidade das categorias. Um único princípio de classificação deve governar asua organização. Num mesmo conjunto categorial só se pode funcionar com um registro e com uma dimensão da análise. Diferentes níveis de análise devem ser separados em outras tantas análises sucessivas. No exemplo – citado nesta obra – de análise da simbólica do automóvel, a categorização "objetos de referência" só se cruza após a categorização "tipo de relação".

■ *A pertinência:* uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido, e quando pertence ao quadro teórico definido. Na pertinência (*pertinens*: que diz respeito a, relativo a...) há uma ideia de adequação ótima. O sistema de categorias deve refletir as intenções da investigação, as questões do analista e/ou corresponder às características das mensagens.

■ *A objetividade e a fidelidade*: estes princípios, tidos como muito importantes no início da história da análise de conteúdo, continuam a ser válidos. As diferentes partes de um mesmo material, ao qual se aplica a mesma grade categorial, devem ser codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetidas a várias análises. As distorções devidas à subjetividade dos codificadores e à variação dos juízos não ocorrem se a escolha e a definição das categorias forem bem estabelecidas. O organizador da análise deve definir claramente as variáveis que trata, assim como deve precisar os índices que determinam a entrada de um elemento numa categoria.

■ *A produtividade*: adicionaremos às condições geralmente invocadas uma qualidade muito pragmática. Um conjunto de categorias é produtivo se fornece resultados férteis: em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exatos.

2. EXEMPLOS DE CONJUNTOS CATEGORIAIS

Se na maioria dos casos se torna necessário criar uma grade de categorias para cada nova análise, os estudos anteriores são suscetíveis de inspirar o analista. É por este motivo que vamos citar alguns exemplos de conjuntos categoriais já utilizados.

a) *A análise dos valores*

Exemplo 1:

White especializou-se, logo após a Segunda Guerra Mundial, na análise de valores. Analisa, em primeiro lugar, a autobiografia de Richard Wright, *Black Boy* (1947); em seguida, analisa o estilo de propaganda de Hitler e Roosevelt (1949) e, mais tarde, os discursos de Kennedy e de Kruschev (1967). Propomos uma das suas grades de análise[2].

A / *Valores fisiológicos*
1. Alimentação
2. Sexo
3. Repouso
4. Saúde
5. Segurança
6. Conforto

B / *Valores sociais*
1. Amor sexual
2. Amor familiar
3. Amizade

C / *Valores relativos ao ego*
1. Independência
2. Cumprimento
3. Reconhecimento
4. Amor-próprio
5. Dominação
6. Agressão

D / *Valores que exprimem o medo (segurança emocional)*

E / *Valores de jogo e de alegria*
1. Experiência nova
2. Excitação, emoção
3. Beleza
4. Humor
5. Autoexpressão criativa

F / *Valores práticos*
1. Sentido prático
2. Possessão
3. Trabalho

G / *Valores cognitivos*
1. Conhecimento

H / Diversos
1. Felicidade
2. Valor em geral

Exemplo 2:

V. Isambert-Jamati[3] mostrou a evolução dos valores pregados pela instituição escolar entre 1860 e 1965, a partir da análise de uma amostra de discursos de distribuição de prêmios; proferidos por vários oradores direta ou indiretamente envolvidos no ensino médio, produzidos regularmente du-

2. R. K. White, *Value-analisis: the nature and use of the method*, Glen Gardiner, N. J., Libertarian Press, 1951. Citado por Holsti, op. cit.
3. Isambert-Jamati, *Crises de la societé, crises de l'enseignement*, P. U. F., 1970.

rante esse período e de fácil acesso, esses discursos de entrega de prêmios serviram de material de base para todo um estudo sobre a "moral de referência" da escola, acerca dos fins – e dos meios para se atingirem esses fins – visados pela instituição escolar e ainda sobre os objetos de conhecimento intelectual a promover etc.

Um conjunto de cinco categorias e subcategorias serviu de base à análise.

- *As mudanças que o ensino das disciplinas escolares deve produzir nos alunos:*
  - Participação nos valores supremos.
  - Aperfeiçoamento individual procurado pelo próprio aluno.
  - Exercício de mecanismos operatórios.
- *Os objetos a conhecer:*
  - Os homens do passado e as suas obras.
  - Os homens contemporâneos.
  - A natureza humana e universal.
  - A natureza.
- *Os objetos da educação moral:*
  - Lealdade em relação à Universidade nacional e laica.
  - Lealdade em relação ao estabelecimento.
  - Exílio do mundo como condição vantajosa para a educação.
  - Valor educativo da disciplina.
  - Ação dos pares na formação do caráter.
  - Consideração das diferenças individuais entre os alunos.
  - Utilização das tendências lúdicas.
  - Exemplo moral dos professores.
  - Ascendente voluntário dos professores.
- *A definição institucional:*
  - É bom que a definição central do ensino médio mude, para que se adapte às mudanças socias.
  - A escolaridade de nível médio deve ser longa.
  - O ensino médio deve bastar aos alunos, sem que lhes seja necessário continuar os estudos.
  - Os liceus não devem servir para preparar o futuro profissional dos alunos.
  - O público visado é a elite social.
- *Os valores de referência:*
  - Moral individual de perfeição ou de imperativo categórico.
  - Moral individual de tendência hedonista, ou de tipo "higiene mental".
  - Moral individual de solidariedade.
  - Exortação ao trabalho.
  - Exaltação do progresso.
  - Exaltação da juventude.
  - Exaltação da família.
  - Exaltação da pátria.
  - Exaltação da paz e da compreensão internacional.

A conclusão final deste estudo demonstra que as mudanças da sociedade francesa se repercutem nos objetivos que os sistemas de ensino propõem e que as crises da sociedade e as do ensino aparecem sincronizadas. Os objetivos da instituição escolar evoluem. Desse modo, é possivel dividir os períodos conforme os valores dominantes:

1) 1860-1870: valores supremos e integração na elite.
2) 1876-1885: integração na elite e transformação do mundo.
3) 1896-1905: transformação do mundo e entusiasmo laico.
4) 1906-1930: gratuidade da cultura.
5) 1931-1940: aprender a aprender.
6) 1946-1960: o ensino médio se defende: retorno ao estetismo.
7) 1961-1965: crises dos objetivos[4].

Sob o ponto de vista técnico, as análises foram essencialmente temáticas mas sempre afinadas por precauções como a ponderação dos temas, a divisão em temas principais e secundários, a abordagem avaliativa (texto favorável, texto neutro) e a utilização de relações de gênero "coeficiente de dominância".

b) *A análise dos fins e dos meios*

Exemplo 1:

Trata-se de uma análise dos objetivos afetivos e objetivos racionais efetuada por B. Berelson e P. Salter, acerca das revistas populares de ficção[5]. Foram utilizados dois sistemas de categorias:

4. E a seguir vem o maio de 68!
5. B. Berelson e P. Salter, "Majority and minority Americans: an analysis of magazine fiction" *Publ. Opin. Quart.*, 1946.

A / *Intenções do "coração"*

1. Amor romântico
2. Casamento estabelecido
3. Idealismo
4. Afeição e segurança emocional
5. Patriotismo
6. Aventura
7. Justiça
8. Independência

B / *Intenções na "cabeça"*

1. Solução de problemas concretos
2. Progresso pessoal
3. Dinheiro e bens materiais
4. Segurança econômica e social
5. Poder e dominação

Exemplo 2:

Este estudo analisa as finalidades e possibilidades de êxito oferecidas às crianças nos programas televisivos, relacionando-as com os meios preconizados[6].

A / *Categorias das finalidades*

1. Propriedade (êxito material)
2. Autopreservação (desejo de *statu quo,* inclusive)
3. Afeição
4. Sentimento
5. Poder e prestígio
6. Objetivos psicológicos (inclusive violência e educação)
7. Outros

B / *Categorias dos métodos*

1. Legais
2. Não legais (sem feridas nem estragos)
3. Econômicas
4. Violência
5. Organização, negociação e compromisso
6. Evasão, fuga (tentativa de evitar os fatos inerentes à realização do objetivo, esquecimento da finalidade etc.)
7. Acaso
8. Outras

6. O. N. Larson, L. N. Gray e J. G. Fortis, "Goals and goal-achievement methods in television content: model for anomie?" em *Social Inquiry*, 33, 1963.

c) *A análise da interação*

Exemplo:

A análise da interação por sequências nas entrevistas terapêuticas foi estu
da segundo as reações de aproximação/evitamento do terapeuta em relação às
pressões de hostilidade do paciente[7]. A sequência da interação era do tipo:

enunciado exprimindo a hostilidade do paciente → resposta do terapeuta → enunciado imediato do paciente

Foram utilizadas as seguintes categorias:

A / *Paciente*

1. *Hostilidade:* toda e qualquer expressão de aversão, ressentimento, c
   lera, antagonismo, oposição ou de atitude crítica.

2. *Referente*

   a / Cônjuge
   b / Criança
   c / Pais
   d / Ego
   e / Terapeuta
   f / Outra pessoa ou objeto

B / *Terapeuta*

1. *Reações de aproximação:* respostas concebidas para provocarem c
   tras expressões de sentimentos, atitudes e comportamentos hostis.

   a / Aprovação
   b / Exploração
   c / Incitação
   d / Resposta-reflexo
   e / Designação

2. *Reações de evitamento*: respostas concebidas para inibir, desencora
   ou suscitar uma diversão em relação às expressões de hostilidade.
3. *Não classificado.*

d) *A análise de um estado psicológico*[8]

Há cerca de 20 anos, Gottschalk e a sua equipe tentaram avaliar, com
auxílio de quadros de análise preestabelecidos, o grau de um estado ou de u

7. A. Bandura, D. H. Lipsher e Paula E. Miller, "Psychoterapists Approach-avoidance reacti
   to patients' expressions of hostility", *J. Consul Psychol.*, 1960, 24.
8. Ver os artigos de L. A. Gottschalk, G. C. Gleser e L. L. Viney, em língua inglesa.

sentimento psicológico. Esses quadros podem funcionar sobre produções verbais diversificadas: cartas, autobiografias, literatura, testes projetivos, entrevistas de psicoterapia, falas suscitadas por um pedido para que se fale durante cinco minutos sobre, por exemplo, a própria vida nos seus bons e maus aspectos, sobre acontecimentos passados, sobre o cônjuge etc.

Alguns estados psicológicos positivos ou negativos constituíram quadros. Destes, citaremos:

- *ansiedade*;
- *ira*;
- *controle da própria vida* (origin and pawn);
- *depressão*;
- *sociabilidade*;
- *hostilidade*;
- percepções das *interações* interpessoais;
- *custo psicológico de um acontecimento* para uma pessoa;
- repercussão para a pessoa de uma mudança de vida (ex: tornar-se mãe, começar a trabalhar...);
- *evolução de uma psicoterapia*.

Um quadro de análise deste tipo apresenta-se na forma de categorias e subcategorias temáticas (as modalidades de expressão podem ser levadas em conta) com avaliação da intensidade das ocorrências por meio de um sistema de ponderação (1, 2, 4).

Veja alguns itens do quadro de análise da *depressão*[9]:

I. *Ausência de esperança*:

1/ todas as referências da pessoa ao fato de não ter sorte ou não se beneficiar de um acaso feliz;
2/ referências a si próprio ou a outros como sem ajuda, confiança, estima: *a*/ dos outros, *b*/ de si;
3/ referências a sentimentos de desespero, perda da autoconfiança, falta de interesse, sentimentos de pessimismo, desânimo... vivido: *a*/ pelos outros, *b*/ por si próprio.

9. L. A. Gottschalk e J. Hoigaard, "A Depression Scale Applicable to Verbal Samples", Psychiatry Research, 1986.

II. *Acusação de si*:

A/ *sentimentos de culpa* (...);
B/ *sentimentos de vergonha* (...);
C/ *hostilidade dirigida a si próprio*, como ideias de suicídio, de mutilação, autodepreciação, decepção e arrependimentos (...).

III. *Atraso psicomotor*:

IV. *Preocupações psicossomáticas*, como hipocondria, perturbação do sono, problemas sexuais, problemas de saúde (dores de cabeça, perda de energia etc.).

V. *Ideias de morte e de mutilação* (...).

VI. *Angústia da separação*, como abandono, perda do amor, rejeição (...).

VII. *Hostilidades dirigidas ao outro*: desejos de matar, ferir, depreciar, maltratar (...).

e) *A análise de imprensa*

Exemplo:

A análise da viagem de Kruschev à França foi efetuada por V. Morin[10], com base em sete jornais diários parisienses e nove periódicos. Os textos analisados foram divididos em 8.532 "unidades de informação" e reagrupados em 69 categorias. As unidades de informação foram caracterizadas por um índice de frequência, um índice de politização absoluta e relativa, um índice de orientação absoluta e relativa e um índice de compromisso. As 69 categorias foram reagrupadas em seis grandes temas:

1º tema: a Volta a França (o programa, o ambiente, o acolhimento provincial etc.).
2º tema: Kruschev/De Gaulle (Kruschev feliz, Kruschev o homem, Kruschev comunista etc.).
3º tema: problemas políticos (o desarmamento e a paz, os partidos e os sindicatos franceses etc.).
4º tema: Kruschev (Nina, os jornalistas, políticos e economistas etc.).
5º tema: afinidades "naturais" dos dois países (a amizade franco-russa, a URSS volta-se para a França etc.).
6º tema: os ócios (a gastronomia, os presentes, os castelos etc.).

10. V. Morin, *L'écriture de presse*, Paris, Mouton, 1966.

3. OS ÍNDICES PARA COMPUTADORES

Para os analistas, o ideal seria não ser preciso reinventar uma tabela de categorias para cada material e cada objetivo de análise. Contudo, isso não é possível a não ser para materiais muito similares e para um objetivo idêntico (por exemplo, a comparação de dois ou mais grupos de documentos, de dois ou mais locutores). A comparação de textos submetidos a um mesmo conjunto de categorias permite a interpretação dos resultados obtidos de maneira relativa. Os resultados adquiridos desempenham, além disso, a função de *normas* de referência. Por exemplo, Hall[11] percebeu que na Nova Guiné o conteúdo dos sonhos apresenta mais casos de "má sorte" que de "boa sorte". Terá a tribo estudada uma visão pessimista da vida? Não, especialmente se soubermos que em todo o mundo o infortúnio é majoritário nos sonhos.

No entanto, um campo de análise de um lado e um programa técnico de outro dão origem a grelhas categoriais fixas. É o caso do domínio dos testes projetivos e do tratamento analítico por computador.

Com efeito, a maioria dos testes projetivos produziu, conjuntamente com a teoria subjacente, um ou vários sistemas categoriais de análise, aplicáveis a um protocolo qualquer: TAT, Rorschach, Teste de Aldeia e grafologia baseiam-se em categorizações estabelecidas com uma relativa estabilidade[12].

A utilização do computador em análise de conteúdo conduziu os investigadores à tentativa de construir tabelas de análise, suscetíveis de funcionar com vários tipos de materiais. Na realidade, é desejável que a construção de um índice (ou dicionário), uma vez que necessita de um grande investimento, seja suficientemente geral e flexível, de modo a que possa servir várias vezes.

É assim que o primeiro programa de computador para a análise de conteúdo, o *General Inquirer*[13], elaborou ao mesmo tempo:

11. C. Hall, "Content analysis of dreams: categories, units and norms", em G. Gerbner, *The analysis of communication content*, op. cit.
12. Lamentemos de passagem a falta de comunicação entre a psicologia clínica e a psicologia social. Os investigadores e os praticantes dessas duas disciplinas teriam muito que aprender neste assunto. Os primeiros por fazerem análise de conteúdo sem o saberem (testes projetivos), ou por ignorarem o interesse desta técnica. Os segundos, porque a preocupação de rigor metodológico os leva a desprezar o contributo da atitude clínica.
13. P. J. Stone, D. C. Dunphy, M. S. Smith, D. M. Ogilvie, *The General Inquirer: a Computer Approach to Content Analysis*, The MIT Press, 1966.

- índices correspondentes a um projeto específico (hipóteses precisas) e dados particulares;
- índices gerais (número elevado de categorias), utilizáveis em diversos estudos exploratórios e em dados textuais variados.

O *índice,* ou dicionário, é um sistema de análise categorial adaptado ao tratamento automático. A sua concepção está mais próxima de um *Thesaurus* (dicionário analógico reunindo sob títulos conceituais palavras com significação semelhante) do que de um dicionário vulgar (que fornece definições ou descrições do sentido das palavras; exemplo: o *Littré*). Num índice, a classificação das palavras faz-se ao nível de *conceitos-chave* ou *títulos conceituais*. Cada um dos conceitos-chave reúne certo número de unidades de significação (palavras, fórmulas, frases) e representa uma variável da teoria do analista. Os conceitos-chave são, portanto, intermediários entre a teoria (construída) e os dados verbais (brutos).

Por exemplo, ao conceito de "autoimagem", corresponde o conceito-chave ou categoria "si", o qual agrupa dados verbais localizados no texto: "eu", "me", "o meu", "a minha", "eu próprio".

O índice compreende, geralmente, dois sistemas de entrada:

- um índice categorial: entrada pelos conceitos-chave, com lista das palavras classificadas para cada um deles;
- um índice alfabético: lista alfabética das palavras e retorno aos conceitos-chave.

O índice apresenta certa flexibilidade, visto que está prevista uma "lista de espera" (*left over list*), em que as palavras do texto que não estão nesse índice podem ser registadas e, eventualmente, acrescentadas em seguida.

O *General Inquirer* compreendia, em 1966, 17 índices.

A vantagem desse conjunto de programas reside no fato de se poderem utilizar diferentes índices para o mesmo material. Citemos alguns desses índices.

O *Harvard Third Psychosociological Dictionary:* este índice psicossociológico (segunda edição) pode registar 3.564 entradas e classificá-las em 83 conceitos-chave (a maioria desses conceitos-chave reúne um mínimo de vinte palavras). A sua característica é a de comportar conceitos-chave de primeiro e de segundo nível. Os de primeiro nível (55) registam as palavras do texto segundo o seu sentido mais coerente e manifesto. Os de segundo nível (28)

completam a informação, considerando as significações conotativas das palavras. A este nível, o sentido da palavra pode ser definido por um ou vários desses conceitos-chave (multicodificação). Por exemplo, a palavra *professor* será definida pelo seu contexto institucional, pela sua conotação de posição social e por uma característica psicológica (ou seja, função profissional, estatuto superior, contexto acadêmico).

Os 55 conceitos-chave do primeiro nível podem ser reagrupados em treze rubricas e três domínios (processos, objetos, atributos):

OBJETOS

(Área social) *Pessoas:* eu, nós, outrem.
Papéis: papel masculino, papel feminino, papel neutro, papel profissional.
Coletividades: pequeno grupo, grupo aumentado.

(Área cultural) *Objetos culturais*: alimentação, indumentárias, instrumentos.
Localização social: lugar social.
Modelos culturais: valor ideal, valor desviante, mensagem, norma-ação, pensamento, objeto não específico.

(Área natural) Parte do corpo, objeto natural, mundo natural.

PROCESSOS

(Processos psicológicos) *Emoções*: excitação, impulso, afeto, cólera, prazer, desespero.
Pensamento: sentido, pensamento, condição, igualdade, negação, causa.
Avaliação: bom, mau, dever.

(Processos comportamentais) *Ações socioemocionais*: aproximação, guia, controle, ataque, evitamento, seguir, comunicar.
Ações instrumentais: tentativa, trabalho, movimento, obtenção, posse, expulsão.

ATRIBUTOS

Referência temporal, referência espacial, referência quantitativa e referência qualitativa.

Os conceitos-chave de segunda ordem são de três tipos:

Contexto institucional: Acadêmico, Artístico, Comunitário, Econômico, Familiar, Legal, Médico, Militar, Político, Distrativo, Religioso, Tecnológico.

Conotações de estatuto: Estatuto Superior, Estatuto Igual, Estatuto Inferior.

Temas psicológicos:
a) Exagero, subestimação
b) Significação de força, significação de fraqueza
c) Aceitação, rejeição
d) Tema masculino, tema feminino, tema sexual
e) Tema de nobreza
f) Tema de autoridade
g) Tema de perigo, tema de morte

O índice psicossociológico foi aplicado a materiais e com objetivos variados. Paige utilizou-o para retomar a análise das cartas de Jenny, numa abordagem clínica da estrutura da personalidade. Dunphy utilizou-a para observar a mudança social nos pequenos grupos de autoanálise. Smith, Stone e Glenn analisaram comparativamente 20 discursos de nomeação presidencial. O problema das características das cartas de suicídios autênticas e simuladas foi retomado por Ogilvie, Stone e Schneidman[14] etc.

O *Stanford Political Dictionary* (O. R. Holsti): este índice foi elaborado para a análise dos documentos *políticos.* Apoia-se no diferenciador de Osgood e pode registar perto de 4.000 palavras, conforme três ou quatro dimensões positivas ou negativas, ou seja, seis ou oito conceitos-chave.

Eis a lista dos conceitos-chave e alguns exemplos de palavras:

14. *The General Inquirer,* op. cit.

Conceitos-chave	Número de palavras	Exemplos de palavras
Afetivo positivo	977	Mútuo, natural, normal, puro
Afetivo negativo	1513	Escândalo, profano, recusa, repugnante.
Força	1391	Aço, pedra, espada, duro.
Fraqueza	579	Fraco, ignorante, debaixo.
Atividade	1218	Reação, reino, contato, viagem.
Passividade	722	Imutável, espera.
Sobre-estima *(overstate)*	128	Absolutamente, exatamente, sempre.
Subestima *(understate)*	50	Se bem que, aparentemente, aproximadamente.
Negação *(not)*	6	Diferente, nem um nem outro.

Holsti utilizou esse índice para estudar hipóteses relativas à tomada de decisão, numa situação de crise internanacional (por exemplo, a "crise cubana", em 1962), ou para analisar o conflito entre o Leste e o Ocidente e as relações sino-soviéticas; Choucri serviu-se deste índice para estudar as componentes da atitude de "não alinhamento" (neutralidade política) dos Estados africanos e asiáticos.

O *Need Achievement Dictionary* (D. Ogilvie, L. Woodhead): ao contrário dos precedentes, este índice é muito mais específico. Inicialmente foi concebido para estudar a concepção da "autorrealização" (necessidade de sucesso) nos protocolos dos testes projetivos. Comporta 1.200 palavras, entre as quais 30 são fórmulas idiomáticas reunidas em 25 conceitos-chave (necessidade, ser, competição, verbo positivo, advérbio positivo; adjetivo positivo, valor positivo, papel positivo, bloqueamento, sucesso, fracasso, afeto positivo, afeto negativo, tempo etc.). A codificação é guiada por regras precisas, em função da combinação das palavras numa frase. Cada frase é codificada, sendo seguidamente definido o conjunto do protocolo: representação do sucesso (RS), realização única (RU), representação incerta do sucesso, representação incoerente etc.

Citemos, finalmente, um exemplo de codificação[15] de determinada história, contendo uma representação de sucesso (RS).

15. *The General Inquirer*, op. cit.

Frase 1	
O estudante *está sonhando* que se *tornou* um *grande inventor*.	Necessidade, ser, adjetivo positivo, Papel Positivo → Frase Global = RS.
Frase 2	
Depois de *anos* de *trabalho*, chega o momento crucial.	Tempo, verbo positivo, advérbio, Positivo → Frase Global = RU.
Frase 3	
Ele *espera* que tudo *corra bem*.	Necessidade, verbo positivo, advérbio Positivo → Frase Global = RS;
Frase 4	
Mas a *experiência* vai *falhar*.	Valor positivo, fracasso → Frase Global = RT.
Frase 5	
Descontente, mas ainda *confiante*, ele vai modificar os seus procedimentos e tentar tudo de novo.	Afeto negativo, valor positivo → Frase Global = RS.

Resumo: este documento contém uma representação de sucesso.

- Foram construídos outros índices no quadro do *General Inquirer*. Citaremos:
  - O *Santa Fé Third Anthropological Dictionary* (Colby): de alcance geral, este dicionário foi concebido para a comparação transcultural dos contos populares e dos protocolos de testes projetivos.
  - O *Simulmatics Dictionary* (Stone e Dunphy): este dicionário diz respeito à análise de produtos e de imagens de marca.
  - *Who Am I Dictionary* (McLaughlin): este dicionário pode ser utilizado na análise das respostas à pergunta aberta "quem sou eu".
  - O *Davis Alcohol Dictionary* (Davis): foi construído para testar hipóteses relativas às relações temáticas de uma amostra mundial de contos populares e do consumo de álcool, segundo a cultura.

Após o impulso do *General Inquirer*, outros índices ou dicionários foram publicados, ou os que já existiam foram aumentados (sobretudo nos Estados Unidos, já que os outros países estavam menos interessados na elaboração de índices de análise por computador). Citemos um exemplo:

O IID ou *Interpersonal Identification Dictionary* e o TTD ou *Therapist Tactics Dictionary* (G. Psathas), aumentados para analisarem a interação na conversação e na relação terapeuta-paciente. Estes dois índices são completados pelo Psychodic ou *Psychological Content Dictionary*. O IID utiliza uma dúzia de conceitos-chave destinados a identificar e classificar as pessoas citadas em função da sua relação com o locutor (estatuto inferior, estatuto igual, (...) objeto de amor, figura de autoridade etc.). O TTD contém três listas de classificação: uma relativa aos termos funcionais (determinantes, pronomes, advérbios, por exemplo), uma relativa aos diversos termos "táticos" (elogio direto, tentativa, referência espacial, estado emocional, início, acordo moderado, resumo, capacidade potencial etc.), e a terceira identifica a frase no seu todo (pergunta direta, declaração, negação, sugestão insistente (...) etc.). O Psychodic contém uma centena de categorias muito diversas relacionadas também com a idade, as condições somáticas, os tratamentos, as percepções sensoriais, os atos sexuais, as ações sociais, as ações conseguidas, os processos cognitivos, as emoções etc., e as suas diferentes modalidades.

A construção de índices para computador tem obrigado a fazer-se, como diz Holsti, a ligação entre a formulação teórica e os mecanismos da análise. A elaboração das categorias vê aumentar o seu rigor: preceitos rigorosos de "rotulação" das palavras (títulos conceituais), definição unívoca das categorias e definição precisa das fronteiras entre conceitos e a lógica interna do processo de investigação.

IV

A inferência

Sobre o que pode incidir este tipo de interpretação controlada que é, na análise de conteúdo, a inferência? Vamos abordar o assunto de maneira teórica (possíveis polos de atração) e em seguida de maneira realista, com exemplos de inferência atuais.

1. POLOS DA ANÁLISE

A análise de conteúdo fornece informações suplementares ao leitor crítico de uma mensagem, seja este linguista, psicólogo, sociólogo, crítico literário, historiador, exegeta religioso ou leitor profano que deseja distanciar-se da sua leitura "aderente", para saber mais sobre esse texto.

Mas a que corresponderá este "saber mais"? Sobre o que e sobre quem e (também por que) se poderá centrar a análise de conteúdo? Em outras palavras, quais serão os seus polos de atração?

Teoricamente, pode remeter para ou apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem (significação e código) e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o receptor, enquanto polos de inferência propriamente ditos.

a) *O emissor* ou produtor de mensagem – Pode ser um indivíduo ou um grupo de indivíduos emissores. Neste caso, insiste-se na função expressiva ou representativa da comunicação. Com efeito, pode se seguir com a hipótese de que a mensagem exprime e representa o emissor.

Por exemplo, a análise do monólogo de um paciente num tratamento psicanalítico remete para a personalidade deste, para a sua história pessoal, para os seus sintomas neuróticos e para a sua evolução (cf. análise diacrônica

de conteúdo), visando uma melhor adaptação deste ao mundo etc. A análise dos textos poéticos de Baudelaire informa o leitor que procura penetrar no seu universo pessoal acerca dos seus desejos e das suas angústias, da sua vida e dos seus tormentos... A análise do discurso político fornece dados sobre o orador etc.

b) *O receptor* – Pode ser um indivíduo, um grupo (restrito ou alargado) de indivíduos, ou uma massa de indivíduos.

Nesta ótica, insiste-se no fato de a mensagem se dirigir a este indivíduo (ou conjunto de indivíduos) com a finalidade de agir (função instrumental da comunicação) ou de se adaptar a ele (ou a eles). Por consequência, o estudo da mensagem poderá fornecer informações relativas ao receptor ou ao público.

Desse modo, um romance de Balzac informa-nos acerca deste autor, assim como acerca dos leitores de Balzac. Os discursos de atribuição de prêmios esclarecem-nos, no decorrer dos anos, sobre os oradores, as instituições que os englobam, mas também acerca dos alunos dos liceus a quem se dirigiam esses discursos. Por seu lado, as mensagens publicitárias dão indicações, quer sobre os publicistas, quer (acima de tudo) sobre os consumidores, visto que essas mensagens tentam cercar um "alvo", a fim de melhor agir sobre ele.

c) *A mensagem* – Qualquer análise de conteúdo passa pela análise da própria mensagem. Esta constitui o material, o ponto de partida e o indicador sem o qual a análise não seria possível!

De fato, existem duas possibilidades, que correspondem a dois níveis de análise: o continente e o conteúdo; ou os significantes e os significados; ou ainda o código e a significação... com uma possível passagem de informações entre os dois planos[1]:

1. Note-se que, para atingir o conteúdo, é necessário passar pelo continente, o que significa que qualquer significação é veiculada por um significante ou por um conjunto de significantes, e que qualquer mensagem se exerce por meio de um código. Existem, no entanto, gradações nesta passagem do significante ao significado:
   - passagem imediata da leitura normal;
   - passagem controlada da análise temática para a análise de conteúdo;
   - passagem sistemática sempre que nos servimos de uma análise formal para atingirmos outras informações, a partir das características do próprio código, como é o caso da análise de conteúdo a partir da análise do "continente".

■ *O código: nos* servimos do código como de um *indicador* capaz de revelar realidades subjacentes.

Perguntaremo-nos, por exemplo, a um nível puramente formal e descritivo: qual é o arsenal das palavras utilizadas por Balzac? Como varia o comprimento das frases, nos discursos políticos? Quais serão as figuras de retórica utilizadas pelo discurso publicitário? Quais as leis do código do vestuário? Serão os objetos cotidianos significantes ligados termo a termo a significados, ou será que a significação apenas surge na combinação desses objetos-signo?

As questões precedentes, uma vez resolvidas, devem ser, no entanto, seguidas de outras interrogações: o que é que o vocabulário de Balzac nos revela sobre o autor ou sobre os leitores? Em que medida é que o comprimento das frases de um discurso político nos informa sobre a segurança do orador? Qual será a presumível ação sedutora da retórica publicitária sobre os consumidores visados? Quem diz o que e a quem – e com que grau de consciência da mensagem, enquanto mensagem emitida e recebida – pelo vestuário? Quais serão os objetos-signo, ou conjuntos de objetos-signo, que exprimem determinada classe social, sendo decifrados por outra classe?

■ *A significação*: a passagem sistematizada pelo estudo formal do código não é sempre indispensável. A análise de conteúdo pode realizar-se a partir das significações que a mensagem fornece.

Quais temas estão presentes nos discursos de distribuição de prêmios? Quais são os assuntos abordados por um paciente durante a cura psicanalítica? Quais os conteúdos do discurso publicitário? De que modo se sucedem os temas nas diversas sequências de um relato?

Isto pode já ser interessante, mas, muitas vezes, os conteúdos encontrados estão ligados a outra coisa, ou seja, aos códigos que contêm, suportam e estruturam estas significação (cf. *supra*), ou então, às significações "segundas" que as primeiras escondem e que a análise, contudo, procura extrair: mitos, símbolos e valores, todos esses sentidos segundos que se movem com descrição e experiência sob o sentido primeiro.

Quais serão os sistemas de valores e as instituições contidas na temática dos discursos de distribuição de prêmios? Quais realidades inconscientes e recalcadas esconde o discurso falsificado do paciente, no divã psicanalítico?

Que valores e que ídolos veiculam, apesar de tudo, as mensagens publicitárias? Para qual mitologia universal remete a temática cronológica de uma narrativa?

d) *O medium* – Isto é, o canal, o instrumento, o objeto técnico, o suporte material do código, mas este gênero de estudo deve servir-se mais dos *procedimentos experimentais* do que das análises de conteúdo.

Exemplos: em que a introdução de um aparelho de televisão modifica, a curto prazo, a estrutura familiar, independentemente dos programas que seria necessário neutralizar ou controlar, enquanto variável parasita? Como informações idênticas serão diferentemente decifradas e assimiladas por crianças, no caso de serem veiculadas pelo *medium* TV, ou pelo *medium* professora primária? De que modo serão codificadas e decodificadas pelos locutores as mesmas mensagens transmitidas por carta ou pelo telefone? De que maneira o uso do telefone (a sua introdução brusca numa aldeia ou num grupo social) irá modificar o conteúdo das comunicações e transformar as relações e as estruturas sociais (de maneira quantitativa, qualitativa etc.)?

2. PROCESSOS E VARIÁVEIS DE INFERÊNCIA

Nas sessões de dinâmica de grupo, a maneira como os cinzeiros se enchem é, geralmente, um bom índice da ansiedade dos participantes! Um índice, na teoria semiológica, difere do sinal porque, tal como este, não é produzido voluntariamente.

Como Holsti[2] afirma, "a intenção de qualquer investigação é produzir inferências válidas", a partir dos dados, ou, como faz notar Namenwirth[3], a inferência não passa de um termo elegante, efeito de moda, para designar a indução, a partir dos fatos. Este autor acrescenta:

> É relativamente simples inferir-se do conteúdo as predisposições causais do locutor – atitudes, valores, móbiles etc. – mas é difícil prever-se as comunicações engendradas por estes fatores causais, a partir do seu conhecimento.

2. O. R. Holsti, Introdução à segunda parte de G. Gerbner (org.) *The analysis of communication content: developments in scientific theories and computer techniques*, Nova York, Wiley, 1969.
3. J. Z. Namenwirth, "Computer analysis concern with wealth in 62 party platforms", em Gerbner, Holsti, Krippendorff, Plaisley e Stone (org.), op. cit.

Em outras palavras, a análise de conteúdo constitui um bom instrumento de indução para se investigarem as causas (variáveis inferidas) a partir dos efeitos (variáveis de inferência ou indicadores; referências no texto), embora o inverso, predizer os efeitos a partir de fatores conhecidos, ainda não esteja ao alcance das nossas capacidades.

Os indicadores e inferências são, ou podem ser – como vimos – de natureza muito diversa. Por exemplo[4], nos grupos de encontro, a identificação dos membros do grupo (variável inferida procurada) pode manifestar-se pelo quociente entre palavras da categoria "nós" (nós, eles, nosso, nós mesmos) e palavras da categoria "ego" (eu, me, meu, eu mesmo, o meu). Pode demonstrar-se que o quociente lexical (variável de inferência ou indicador) aumenta significativamente com o suceder das sessões do grupo.

Esta escolha supõe uma relação entre o mecanismo psicológico e uma manifestação verbal. Será que esta relação, cuja validade talvez se baseie neste caso específico, é generalizável? No estado atual dos conhecimentos, a inferência faz-se, habitualmente, caso a caso, à falta de leis exatas referentes às ligações habituais entre a existência de certas variáveis do emissor (ou do receptor) e as variáveis textuais. Assim, Osgood[5] faz a distinção entre:

- inferências específicas: quando se procura responder à pergunta "será que o país A tem intenções de atacar o pais B?";
- inferências gerais: quando se pretende saber se existe uma lei relacional em que o aumento do nível pulsional do locutor seja acompanhado pela simplificação e normalização das suas escolhas semânticas e estruturais.

Para estabelecer algumas dessas leis, seria necessário levar a cabo um levantamento nas análises de conteúdo já realizadas:

- os índices utilizados;
- as inferências efetuadas;
- as situações de comunicação.

Em outras palavras, trata-se de realizar uma análise de conteúdo sobre a análise de conteúdo!

4. Citado no *The General Inquirer*, op. cit.
5. C. E. Osgood, "The representational model and relevant research methods", em I. de Sola Pool, op. cit.

Contentar-nos-emos aqui com citar alguns tipos de inferências possíveis[6]. Para Osgood[7], as variáveis inferidas podem ser, por exemplo: a inteligência, a facilidade de comunicação, a origem racial, a ansiedade, a agressividade, a estrutura associativa, as atitudes e valores, os móbiles, os hábitos linguísticos do emissor (ou, eventualmente, do receptor). Essas inferências podem ser obtidas a partir de um ou vários entre os seguintes índices: unidades lexicais, coocorrências lexicais, estruturas sintáticas, características formais diversas, pausas, erros, expressões gestuais ou posturas. Holsti, por seu lado[8], cita os seguintes exemplos inferenciais:

- *Os antecedentes da comunicação*:
  - Assegurar as informações militares e políticas.

Por exemplo: as investigações sobre a propaganda inimiga, durante a guerra, ou a observação das grandes potências e do equilíbrio internacional atualmente etc.

- Analisar as características psicológicas dos indivíduos.

Por exemplo: a estrutura da personalidade de um indivíduo, a evolução de uma doença mental, a coerência intelectual ou ideológica, a reação a uma frustração ou a um perigo, a adesão a um sistema de crenças, a lógica de raciocínio de um político[9], o diagnóstico psiquiátrico, a taxa de hostilidade, de ansiedade, de "defesa" de uma pessoa em dada situação, as tomadas de decisão políticas etc.

- Observar aspectos ou mudanças culturais.

Por exemplo: a influência socioeconômica nos problemas científicos abordados em dada época, o desejo de êxito individual em diferentes contextos culturais, a tendência da sociedade norte-americana de passar de uma ética protestante individual para uma ética social, a imagem da socialização na comunicação de massas etc.

- *As provas de legalidade e de autenticidade*: as intenções criminosas ou de subversão política de certos redatores ou editores, a infração literária, a autencidade de uma obra.

- *Os resultados da comunição*: os fatores da exposição seletiva das mensagens, devido às atitudes preexistentes, ao papel dos grupos de pertença, à credibilidade do locutor, à incidência persuasiva de uma mensagem, à medida de legibilidade, à evolução do fluxo de comunicação, à assimilação simbólica dos receptores, à difusão de uma teoria científica (exemplo: Freud e a Psicanálise).

Neste último domínio, parece difícil obter-se uma inferência válida sem se recorrer a dados complementares obtidos por outras técnicas de investigação, além da análise de conteúdo.

Por último, na página seguinte apresentamos extratos de uma nomenclatura de análise recentemente publicada (1972-1973-1974), resultante de um trabalho bibliográfico que efetuamos a fim de conhecer a evolução recente da análise de conteúdo e dos seus domínios.

6. A parte seguinte, "Técnicas", propõe exemplos de índices utilizáveis, por meio de vários procedimentos.
7. C. E. Osgood, *ibid.*
8. O. R. Holsti, *Content analysis for the social sciences and humanities*, Addison-Wesley, 1969.
9. Cf., por exemplo, o estudo comparativo de Kennedy, Nixon e Kruschev.

A análise de conteúdo: alguns exemplos(*)

Variáveis de inferência	*Material analisado*	*Datas*	*Descrição ou hipóteses / interpretações*
Símbolos políticos	Notícias necrológicas da morte de Mao	1978	Destaque do apoio dos líderes militares e civis segundo tendências moderadas ou radicais
Declarações de abandono do domicílio conjugal	Documentos de polícia: boletins periódicos	1978	Causas do processo de dissociação familiar
Imagens diferenciais dos papéis sexuais	Anúncios publicitários norte-americanos de medicamentos psicotrópicos	1978	Os homens como médicos, as mulheres como doentes mentais
Características do tema do "lobo" nos contos infantis	Observações verbais de crianças doentes	1980	Interpretação psicanalítica e hipóteses psicopedagógicas
Temas abordados e referências à Bíblia	Sermões religiosos	1980	Função social da religião como instrumento de comunicação no seio das igrejas
Interesse das mulheres pelo mercado de trabalho	Romances "cor-de-rosa" anglo-saxônicos *Harlequin*	1985	Compatibilidade entre trabalho profissional e relação com o homem
Processos de intervenção e situação de enunciação	Atas de reuniões de empresas de expressão direta	1987	Os fatos linguísticos não são apenas um reflexo dos fatos sociais
Imagens do amor e do desejo	Canções populares da China e dos Estados Unidos	1998	As canções de amor chinesas são mais "sôfregas" e pessimistas
Implicações e distância do científico segundo o contexto de produção textual	No cientista Darwin: comparação do diário de observação do seu próprio filho com os seus escritos oficiais	1998	Interesse da análise textual para a compreensão dos processos do pensamento
Modos narrativo e argumentativo, valores coletivos e individualistas	Conversas à mesa dos noruegueses e dos norte-americanos	1998	Os noruegueses utilizam mais o modo narrativo e abordam mais temas coletivos
Representações sociais do celular na imprensa diária francesa	Conjunto de artigos do jornal *Le Monde*, de 1994 a 2000	2004	Denúncias de falta de civismo no espaço público ligadas ao aparecimento de um objeto social perturbador, em comparação com a introdução do telefone fixo há um século: conversas inúteis, vulgaridades, chamadas intempestivas e, como reação, novas regras de educação
Percepções e usos da prescrição literária junto de consumidores e leitores de romances	Discursos obtidos em 20 entrevistas de inquérito junto a consumidores	2005	A prescrição literária é um critério determinante na decisão de compra de livros pelo consumidor final

(*) Escolhidos entre centenas de publicações antigas ou recentes, francesas ou estrangeiras.

V

A informatização da análise das comunicações

1. É POSSÍVEL FAZER ANÁLISE DE CONTEÚDO POR COMPUTADOR?

Que papel desempenha atualmente a informática na análise de conteúdo? Ou, de forma mais prática: "Posso ou não fazer a minha análise de conteúdo com o meu computador pessoal?"

Se algumas empresas começam a responder "sim", sem rodeios, para atrair o cliente face à concorrência (em matéria de análise de entrevistas de estudos de motivação, por exemplo), convém ser mais prudente e, sobretudo, mais relativizado.

Para esclarecer as ideias, podemos decompor a pergunta: a saber, a que nível de processos pode a informatização ser, real e concretamente, um auxílio eficaz para a análise de conteúdo?

Poderemos, assim, diferenciar três níveis:

- o tratamento de texto, que corresponde de certo modo à função "cortar, colar";
- as operações de análise do texto propriamente dito, como a categorização;
- a análise dos dados obtidos, ou seja, as operações estatísticas sobre os resultados.

Esta diferenciação é importante, porque embora o auxílio tecnológico seja apreciável a vários níveis, não permite responder com um "sim" total à questão de partida. Os avanços tecnológicos e a proliferação dos computadores pessoais na sociedade generalizaram a ilusão de uma espécie de magia da máquina. Mas,

no que diz respeito à metodologia da análise de conteúdo, a informatização, atualmente, dá apenas uma resposta parcial e até ambígua: "sim" e "não".

"Sim", porque algumas coisas são já possíveis, "não", porque normalmente essas coisas existem apenas a título experimental ou artesanal, ou só dizem respeito a *uma* parte dos processos (tratamento de texto, análise estatística dos resultados), a *certos* tipos de análise de conteúdo. "Sim", porque as pesquisas efetuadas pelos analistas de conteúdo (nomeadamente norte-americanos) nos anos 1960 aperfeiçoaram-se; "sim", porque algumas disciplinas conexas, como a linguística, a estatística lexical e a documentação progrediram rapidamente e criaram ferramentas; "sim", porque a evolução técnica das capacidades informáticas ou as pesquisas em inteligência artificial estão avançando. "Não", porque se os progressos são reais, dizem, por vezes, respeito apenas aos avanços prévios: é o caso, por exemplo, dos trabalhos sobre a desambiguação das palavras. Ou então esses progressos não correspondem ao objetivo real da análise de conteúdo propriamente dita: é o caso das investigações em linguística e de certas formas de análise do discurso ou de análise da conversação, que procuram aumentar os conhecimentos sobre o funcionamento da língua e não inferir a partir de uma realidade exterior ao texto; ou o caso das práticas documentais, cuja informatização é rápida, mas que resolve apenas o problema de redução da informação para fins de manipulação e de acesso, que é um problema parcial na análise de conteúdo.

Apresentados estes pontos prévios, um estado da questão e vários exemplos de natureza diversa permitirão, talvez, que o eventual aprendiz ponha suas ferramentas na bancada.

2. A UTILIDADE DA INFORMÁTICA PARA A ANÁLISE DE CONTEÚDO

Os especialistas norte-americanos em análise de conteúdo dão grande importância a este tema nos seus trabalhos (Holsti, Krippendorf, Weber)[1].

1. O. R. Holsti, *Content analysis for the social sciences in humanities*, Addison-Wesley, 1969; K. Krippendorf, *Content analysis. An introduction to its methodology*, Sage Publications, 1980; R. P. Weber, *Basic Content analysis*, Sage Publications, 1985.

Como diz Holsti, os computadores são capazes de efetuar qualquer tarefa, desde que o analista lhes prepare instruções não ambíguas. Um computador é capaz de apreciar o valor de uma poesia se todas as condições necessárias e suficientes de um "bom" poema lhe forem claramente indicadas.

Digamos que é interessante poder recorrer ao computador nos seguintes casos:

- a unidade da análise é a palavra, o indicador é frequencial (número de vezes em que a palavra ocorre);
- a análise é complexa e comporta um grande número de variáveis a tratar em simultâneo (por exemplo: número elevado de categorias e unidades a registrar);
- deseja-se efetuar uma análise de coocorrências (aparição de duas ou várias unidades de registro na mesma unidade de contingência);
- a investigação implica várias análises sucessivas; o computador permite preparar os dados e armazená-los para usos sucessivos;
- a análise necessita, no fim da investigação, de operações estatísticas e numéricas complexas.

Pelo contrário, o uso do computador é inútil nos seguintes casos:

- a análise é exploratória e a técnica não é ainda definitiva;
- a análise é única e debruça-se sobre documentos especializados;
- a unidade de codificação é grande (exemplo: discurso ou artigo) espacial ou temporal.

O computador não pode fazer tudo, necessitando de operações prévias geralmente uma preparação do material verbal e uma grande previsão das regras de codificação. A análise pode ser automatizada em diversos graus algumas são automatizadas na quase totalidade e outras somente em algumas operações, fazendo-se o resto manualmente.

O uso do computador tem consequências sobre a prática da análise de conteúdo:

- a *rapidez* aumenta;
- há um acréscimo de rigor na organização da investigação (uma vez que o computador recusa a ambiguidade); torna-se necessário explicar cada fase da investigação, definir com rigor e de maneira unívoca cada variável, avançar postulados e hipóteses, levar em consideração as regras de inferências;

- o objetivo geral da análise de conteúdo (explicitar e controlar as operações tanto manuais como intelectuais) está assim reforçado;
- a *flexibilidade mantém-se*; podem utilizar-se de novo os dados classificados para novas hipóteses; introduzir seguidamente novas instruções no programa;
- a *reprodução* e a *troca* dos documentos (entre investigadores) são facilitadas (banco de materiais e de dados) pela normalização e pelo armazenamento;
- a manipulação de dados *complexos* torna-se possível;
- a *criatividade*, a reflexão, têm teoricamente um lugar destacado, visto que o analista se vê livre de tarefas laboriosas, longas e estéreis.

Isso na condição de não tomar o computador por um mágico (obter-se-á à saída o que se coloca à entrada, tanto o mau como o bom, o inútil como o útil), na condição de não concentrar o esforço na técnica, esquecendo a pertinência e a produtividade em termos de resultados. Isso resulta muitas vezes numa fase de descoberta de um instrumento, tanto mais que os investigadores não são insensíveis à aparelhagem. Produzem-se então, como diz Holsti[2], "estudos de grande precisão e de pouca importância".

Por seu lado, Krippendorf considera que a informática revolucionou alguns aspectos da análise de conteúdo. Com efeito, enormes volumes de dados podem ser "lidos" sequencialmente pelo computador, o qual pode efetuar operações lógicas ou algébricas em grande velocidade; a execução dos processos necessita de um programa que deve representar perfeitamente o funcionamento da máquina; a fiabilidade é perfeita porque o computador não tolera a incerteza. Mas o seu uso só é possível se o investigador ou o técnico conhecer suficientemente os dados e o seu contexto e se for capaz de explicar esse conhecimento na forma de um programa.

Quanto a Weber, cujos escritos são mais recentes[3], vê o futuro da análise de conteúdo passar pelas descobertas – ainda balbuciantes, mas prometedoras – da inteligência artificial e das ciências cognitivas. Com efeito, só essas ciências podem permitir progressos no centro da especificidade da análise de conteúdo, a saber, a interpretação e a compreensão do implícito.

2. O. R. Holsti, *ibid.*
3. Na informática, tudo anda tão depressa atualmente, pelo menos no plano da técnica, que o curto prazo já se calcula em meses e já não em anos. O que dificulta o rigor na difusão da informação relativa aos materiais e aos programas disponíveis, já que podem ficar rapidamente caducos.

3. O QUE O COMPUTADOR PODE OU NÃO FAZER

Atualmente, quem o desejar, pode explorar, num computador pessoal, as possibilidades dos programas de tratamento de texto existentes no mercado. Cortar trechos de frases ou de sequências e deslocá-los, procurar palavras e contabilizar a sua frequência, analisar o comprimento médio de frases, organizar classificações de temas com o auxílio de um processador de ideias e ordená-los em esquemas em árvore.

Além disso, outros programas permitem fazer cálculos estatísticos, depois de obtidos os resultados. Ninguém se lembraria de fazer uma análise fatorial à mão! Mas a análise de dados não é específica da análise de conteúdo, ainda que, por vezes, haja uma mistura abusiva no espírito de algumas pessoas. Por isso, não trataremos dela aqui explicitamente[4].

Tentemos, ao contrário, descrever os processos informatizados específicos da análise de conteúdo e já explorados.

Tomando a palavra como unidade de contagem, o computador pode elaborar a lista alfabética de todas as palavras presentes no texto e, depois, calcular a *frequência de ocorrência das palavras*, a fim de se ter uma primeira ideia do vocabulário utilizado. Para simplificar, podemos pedir-lhe para não levar em conta sufixos gramaticais, ou seja, para reduzir as palavras às suas raízes: desse modo, "cantar", "cantante", "cantor", "cantora", serão reduzidos à palavra de base "cant", ou "educação", "educar", "educável", "educador" ou "educadora", são reduzidos a uma raiz "educ".

Podemos também decidir ignorar as palavras funcionais de alta frequência, mas pouco significativas do léxico, como os termos acessórios (artigos "um", "o", "a", "os", preposições "em", "de" etc.). Ou, pelo contrário, rejeitar as palavras de frequência muito baixa ou as palavras raras.

4. Ver, por exemplo, Ph. Cibois, *L'analyse des donnés en sociologie*, PUF, 1984.

Aparentemente simples, esta produção de um léxico, que decorre mais da linguística do que da análise de conteúdo, pode ser completada por processos mais complexos. O computador, por exemplo, é capaz de localizar certas palavras e recolocá-las no seu *contexto*. Elabora, assim, a lista destas palavras no seu ambiente linguístico. Este "KWIG", ou "Key-Word-in-Context", como dizem os anglo-saxônicos, fornece informações suplementares ao analista e é capaz de servir de base à sua interpretação ou ao desenvolvimento ulterior de um sistema de categorias[5].

O computador pode também localizar as *coocorrências* entre palavras: basta pedir-lhe precisamente que isole determinada palavra, combinada com palavras de contiguidade imediata, assim como o cálculo das associações, determinando a largura da "janela" (ou seja, o número de palavras à esquerda e à direita, de 1 a 20) como unidade de contexto. Os chavões ou os *leitmotiv* de alguns discursos políticos manifestam-se então explicitamente; ou então certas associações (ou exclusões) ricas de sentido inconsciente no psiquismo de um paciente em psicoterapia, mas invisível a "olho nu", podem servir de fio condutor a uma exploração pertinente. Neste domínio das coocorrências, a capacidade do computador mostra-se insubstituível.

Essas operações não são exclusivas da análise de conteúdo: a análise literária, a lexicometria, o tratamento documental da informação, por exemplo, também as praticam.

Krippendorf insiste para que se limite a designação de "análise de conteúdo informatizada" às "situações em que um computador é programado para imitar, modelizar, refazer ou representar algum aspecto do contexto social que trata, ou seja, quando o processo de inferência a partir do texto é total ou largamente informatizado".

Os "*dicionários*", índices ou *thesaurus*[6], a partir do momento em que há processo de categorização entram no domínio limitado por Krippendorf. O computador, a partir de um programa previamente elaborado, pode indexar ou classificar as palavras por sinonímia ou similaridade semântica. A palavra ou a forma gráfica são sempre a unidade de contagem, mas o seu significado é levado em conta pelo computador, após indicações rigorosas.

5. Exemplo de concordância, p. 135.
6. Ver as grades categoriais dos primeiros dicionários anglo-saxônicos, pp. 162 ss.

O quadro de categorias pode ser elaborado *a priori*, com base numa teoria ou a partir do senso comum: foi o caso da maioria dos dicionários oriundos do *General Inquirer*. Ou então, e isto deu origem a um debate anglo-saxônico de metodologia, as categorias podem emergir diretamente do texto, por reagrupamento em aglomerados (*clustering*), como no sistema Words (Iker, 1975) sobre entrevistas de psicoterapia. Seja como for, é sempre possível antever uma lista de previsão ou reunir categorias ou subcategorias suplementares.

Para se desenvolverem esses diferentes processos foi preciso ensinar o computador a ultrapassar alguns obstáculos, aparentemente simples para a bela máquina que é a mente humana, mas que criavam problemas à programação. Por exemplo, a *desambiguação* de palavras: entre "Buffalo", a cidade norte-americana, e "Buffalo", o animal, ou entre a cidade francesa "Tulle" e o tecido com o mesmo nome [Tule], há uma diferença, que só pode ser distinguida por um conhecimento cultural. Outro exemplo: os pronomes pessoais que é preciso substituir por nomes próprios: o que fazer se o pronome referencial estiver afastado da frase? Por exemplo, quando "esta família" está distante de um parágrafo da família em questão... Há também o caso das locuções de várias palavras: "os Estados Unidos da América" ou "um ponto de não regresso" têm de ser compreendidas em bloco, mas se o computador não recebeu informações rigorosas ou definições especiais, separa-as.

Também aqui esses obstáculos, que foram dos primeiros a ser resolvidos, não são específicos da análise de conteúdo; a tradução automática deparou com obstáculos semelhantes. Evocando-os, percebe-se melhor por que razão a linguística, a análise do discurso e a inteligência artificial deram e dão ainda grandes contributos.

No início dos anos 1970, quando se tratava apenas de analisar um material simbólico complexo em listas grosseiramente ordenadas de palavras simples, o computador já podia, sobre textos não especializados, manipular 90 a 95% das palavras. Mas esses léxicos ou essas listas categoriais logo se revelaram insuficientes. Os investigadores tomaram consciência da perda de informação relativa à riqueza dos significados contidos numa comunicação humana. Os anos 1980 assistiram à necessidade de *análises sintáticas*, da procura de *estruturas*, da compreensão da *lógica do discurso*, como condição prévia à maior informatização das análises. Começar a compreender "como isso funciona" na complexidade. Daí o recurso às ciências cognitivas, às simulações,

às análises da conversação ou do discurso e suas aplicações em segmentos de comunicação curtos mas complexos, em vez da varredura puramente lexical sobre enormes conjuntos de textos.

As experiências atuais estão dispersas em campos ou disciplinas diferentes e muitas vezes divididas. Por vezes, parecem "gratuitas", ou seja, não suscetíveis de aplicações reais, como qualquer pesquisa fundamental exploratória. É preciso então vê-las como preliminares, certamente laboriosos, mas necessários para se avançar.

Entre os campos de experimentações, escolhemos os exemplos em língua francesa mais bem conseguidos ou os mais suscetíveis de aplicação à análise de conteúdo propriamente dita.

4. EXEMPLO: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DE IMPRENSA

A análise de conteúdo de tipo categorial e temática pode ser formalizada de modo a dar lugar a tratamentos estatísticos. Cibois[7] estabeleceu um programa (temas) a partir de um estudo de imprensa sobre um acontecimento (problema de imigrantes em Belle-Ile, em 1984).

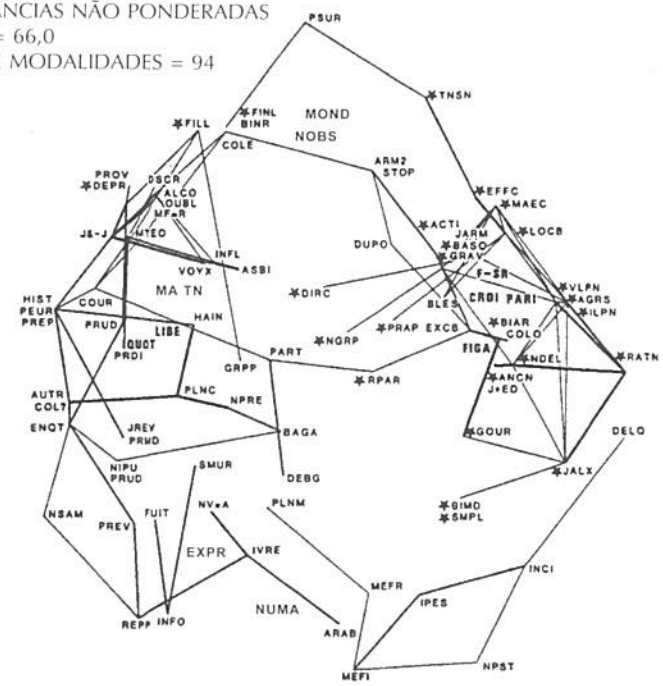
Trata-se, com o auxílio de categorias "indígenas" – isto é, com origem no material verbal em questão – de assinalar, por meio de uma "colocação em sinopse" dos diferentes textos, os "lugares de variações". Com efeito, os artigos de jornais sobre uma mesma realidade ou entrevistas desenvolvidas sobre um mesmo assunto falam das mesmas coisas, mas com maneiras de fazer e processos diferentes. Uma leitura pelo analista permite assinalar oposições, que são codificadas na forma de temas pela sua presença ou ausência em cada texto.

O estudo de imprensa relativo a Belle-Ile incidia sobre 22 textos de jornais, ou seja, 16.000 palavras. Dezessete categorias gerais permitiram assinalar 117 temas, por um estudo sequencial e, depois, por uma leitura em concordância[8].

7. Ph. Cibois, do LISH (Laboratoire d'Information pour les Sciences de l'Homme), CNRS, Paris. Ver artigo: "Belle-Ile: débate de presse sur un été chaud. Étude par la méthode "synoptique", *Déviance et Société*, 1985, vol. 9, n. 4.
8. Em 1987, o programa era capaz de tratar em computador quadros da ordem de 50 temas e 1.000 textos, ou 250 temas e 200 textos, por exemplo.

(Ligações entre temas-índice de Jaccard superior ou igual a 0,66 representação simultânea dos jornais)

MÉTODO TRI-DEUX
DISTÂNCIAS NÃO PONDERADAS
MIN = 66,0
Nº DE MODALIDADES = 94



In Ph. Cibois, Belle-Ile: "Débat de presse sur un étéchaud. Étude par la méthode synoptique", *Déviance et Société*, Genebra, 1985, vol. 9, nº 4, pp. 313-332.

FIGURA 1 ■ Belle-Ile

Os caracteres em negrito remetem aos jornais (MOND = *Le Monde*; NOBS = *Nouvel Observateur* etc.); os outros grupos de quatro letras referem-se aos temas (PSUR = "Os jovens não são suficientemente vigiados", FINL = "Finalidades da operação anti-verão quente", COLE = "É um gesto de cólera" etc. As estrelas indicam que os jornais se caracterizam por muitos "esquecimentos".

O tratamento estatístico utiliza as técnicas fatoriais e pós-fatoriais. O método Tri-deux[9] foi completado pelo índice de Jaccard, para determinar as proximidades entre temas ou entre jornais.

9. Ver Cibois, op. cit., 1984.

5. A ANÁLISE DE RESPOSTA A QUESTÕES ABERTAS

Na investigação por inquérito, o material verbal obtido a partir de questões abertas é muito mais rico em informações do que as respostas a questões fechadas ou pré-codificadas. Mas, quando o inquérito incide sobre um número elevado de indivíduos (um ou vários milhares, por exemplo), o tratamento da informação recolhida levanta problemas: como manter a complexidade e o valor informativo das respostas com um custo e tempo de análise mínimos? No âmbito do CREDOC[10], Lebart desenvolveu uma cadeia de tratamentos estatísticos que, sem ser uma técnica de análise de conteúdo, por se situar a um nível estritamente linguístico (léxicos de palavras), parece ser muito operacional e eficaz[11].

Seu objetivo é valorizar e tratar da forma mais automática possível a informação textual original, sem transformação nem "codificação", nem "redução *a priori* da informação de base".

Não se leva em conta a ordem das palavras, "cada discurso é, para o programa, um 'saco de palavras'". O objetivo é efetuar agrupamentos, mas, para isso, há várias estratégias possíveis: pode-se fazer uma partição em torno de *núcleos fatuais* com base em características pertinentes dos inquiridos (por exemplo, a idade, a categoria socioprofissional, o sexo etc.), ou nas respostas a certas questões fechadas do questionário. Uma técnica de classificação automática permite substituir vários milhares de indivíduos por cerca de 40 ou 50 grupos homogêneos. Ou então, pode-se partir diretamente dos perfis lexicais das respostas e, depois, assinalar as categorias de pessoas mais ligadas à tipologia lexical.

Consideremos o exemplo da pergunta: "O que mais o preocupa neste momento no que diz respeito ao seu futuro?" Faz-se uma partição da população em 24 grupos (em função das categorias socioprofissionais e da idade). Compara-se então, a partir de textos brutos e de forma totalmente automática, com o auxílio de um programa, a frequência das palavras em cada grupo. Por exemplo, para 6.000 respostas, temos 3.000 palavras distintas, das quais 400 aparecem mais de dez vezes. Em seguida, o programa pode estabelecer a tabela de contingência das palavras mais frequentes em função dos grupos (24 x 400) e descrever as associações por uma análise de correspondência.

Para evitar a frieza apenas dos resultados calculados e gráficos, o método é completado por uma seleção automática de *respostas modais* ou "frases características". Não são respostas artificiais, mas respostas autênticas, representativas de um grupo de pessoas. Uma resposta modal contém as palavras mais características do seu grupo e o menor número possível de palavras características de outros grupos. A riqueza da fala real é assim reconstituída, no final da análise, na sua verdade insubstituível, mas também na sua representatividade.

FIGURA 2 ■ Preocupações relativas ao futuro

Visualização simplificada, por análise fatorial lexical, das associações de palavras (aqui apenas cerca de trinta das mais frequentes) e das associações entre quatro faixas etárias.

As palavras mais frequentes obtidas por questão aberta sobre o *casamento* entre os franceses. Essas 187 formas lexicais mais frequentes foram cruzadas com uma tipologia de sete famílias de opiniões (obtidas pelas respostas às principais perguntas de opinião do questionário). A análise fatorial permite então obter as proximidades entre formas lexicais e tipo de opinião e interpretá-las (L. Lebart, 1982).

10. Centre de Recherche pour l'Etude et l'Observation des Conditions de Vie.
11. L. Lebart, "Analyse statistique des réponses libres dans les enquêtes par sondage", *Revue française du Marketing*, n. 109, 1986/4; L. Lebart e A. Salem, *Analyse statistique des données textuelles*, Dunod, 1989.

Perguntas sobre o casamento – As 187 palavras mais frequentes

Frequências	%	Discriminadas	Frequências	%	Discriminadas	Frequências	%	Discriminadas
814	5,47	É	36	0,24	Solução	18	0,12	Inútil
624	4,19	Não	36	0,24	Deixar	18	0,12	Invés
536	3,60	Para	36	0,24	Refletir	18	0,12	Certos
405	2,72	Dos	35	0,23	Pessoas	18	0,12	Também
386	2,59	Os	35	0,23	Verdadeiramente	18	0,12	Mau
354	2,38	Crianças	35	0,23	Poder	18	0,12	Partir
302	2,03	Que	34	0,23	Eles	18	0,12	Todos
276	1.85	Quando	34	0,23	Separação	18	0,12	Podem
263	1,77	Mais	34	0,23	Entendimento	17	0,11	Mal
251	1,69	Uma	33	0,22	Simples	17	0,11	Problema
239	1,60	Vida	33	0,22	Sem	17	0,11	Então
230	1,54	Separar	33	0,22	Evitar	16	0,11	Deles
219	1,47	Casamento	32	0,21	Outro	16	0,11	Apoiar
213	1,43	Melhor	31	0,21	Seu	16	0,11	Entendem
205	1,38	Culpa	31	0,21	Comprometimento	16	0,11	Quando
191	1,28	Pode	30	0,20	Mulher	16	0,11	Esposos
189	1,27	Casado	29	0,19	Toda	16	0,11	Devia
165	1,11	Caso	29	0,19	Cada	16	0,11	Equilíbrio
159	1,07	Vale	28	0,19	Porquê	15	0,10	Criança
149	1,00	Juntos	28	0,19	Não	15	0,10	Devem
133	0,89	Entende	28	0,19	Portanto	15	0,10	Católico
124	0,83	Em	28	0,19	Normal	15	0,10	Casa
123	0,83	Deve	27	0,18	Pais	15	0,10	Partes
114	0,77	Ser	27	0,18	Eu	15	0,10	Incompatibilidade
104	0,70	Porque	26	0,17	Vez	15	0,10	Religião
100	0,67	Quem	26	0,17	Seguro	14	0,09	Ouvir
94	0,63	Viver	26	0,17	Nada	14	0,09	Livre
94	0,63	Ficar	25	0,17	Meu	14	0,09	Pensar
89	0,60	Mas	25	0,17	Contrato	14	0,09	Melhor
85	0,57	Divórcio	25	0,17	Lar	14	0,09	Homem
78	0,52	Acordo	25	0,17	Algum	14	0,09	Ideia
73	0,49	Divorciar	25	0,17	Pensa	14	0,09	Nunca
73	0,49	Graves	25	0,17	Contra	14	0,09	Encontra
69	0,46	Muito	24	0,16	Importante	14	0,09	Difícil
67	0,45	Feito	24	0,16	Depois	14	0,09	Ligeiro
66	0,44	Tudo	24	0,16	Pior	14	0,09	Algum
64	0,43	Dois	23	0,15	Tanto	14	0,09	Impossível
64	0,43	Bem	23	0,15	Amigável	14	0,09	Menos
58	0,39	Com	23	0,15	Indissolúvel	13	0,09	Religiosas
58	0,39	Fazer	23	0,15	Aos	13	0,09	Cônjuges
56	0,38	Sou	23	0,15	Sérios	13	0,09	Instituição
56	0,38	Demasiado	22	0,15	Infelizes	13	0,09	Momento
55	0,37	Grave	22	0,15	Pois	13	0,09	Fim
53	0,36	União	22	0,15	Saber	13	0,09	Passar
52	0,35	São	21	0,14	Gente	13	0,09	Dizer
51	0,34	Causa	21	0,14	Seja	13	0,09	Má
50	0,34	Família	21	0,14	Razão	13	0,09	Diferente
49	0,33	Liberdade	21	0,14	Mercado	13	0,09	Exemplo
47	0,32	Ter	21	0,14	Marido	13	0,09	Quando
47	0,32	Isso	20	0,13	Separado	13	0,09	Feliz
45	0,30	Por	20	0,13	Desacordo	13	0,09	Comprometido
45	0,30	Coisa	20	0,13	Possível	13	0,08	Chegar
45	0,30	Antes	20	0,13	Nós	13	0,08	Tomar
40	0,27	Mesmo	20	0,13	Coisas	12	0,08	Dissolver
40	0,27	Sempre	20	0,13	Razões	12	0,08	Soa
40	0,27	Sobretudo	19	0,13	Tempo	12	0,08	Bom
40	0,27	Casar	19	0,13	Questão	12	0,08	Inveja
40	0,27	Pena	19	0,13	Melhor	12	0,08	Entre
39	0,26	Problemas	19	0,13	Ninguém	12	0,08	Felicidade
38	0,26	Casal	19	0,13	Escolha	12	0,08	Depende
38	0,26	Como	19	0,13	Esta	12	0,08	Lado
38	0,25	Preferível	19	0,13	Senão			
37	0,25	Sabe	19	0,13	Sagrado			

6. AS ANÁLISES LEXICOMÉTRICAS

Na França, desde há cerca de 20 anos, as pesquisas lexicométricas do Laboratório de Lexicologia Política da École Normal Supérieure de Saint-Cloud[12] têm sido inovadoras em matéria de aplicação da informática à análise do discurso. Não se trata de técnicas de análise de conteúdo, mas de estatística lexical sobre uma base linguística, num domínio que diz respeito sobretudo aos textos – atuais ou históricos – políticos. Contudo, o dinamismo deste polo de investigação não pode ser ignorado pelo analista de conteúdo[13].

Nos anos 1970, dois estudos, um sobre os panfletos do Maio de 1968 e o outro sobre proclamações eleitorais no século XIX[14], estabeleceram os princípios de base. Desenvolveram-se operações de estatística lexical *fora de contexto* (separação das palavras funcionais; comprimento de unidades, como frases e segmentos; coeficiente de lexicalidade; extensão, estrutura e originalidade do vocabulário) ou *em contexto*, ou seja, de coocorrências (descrição da distribuição; polos; índices de proximidade; lexicogramas horizontais e hierarquizados).

A análise fatorial das correspondências, método matemático de tratamento dos dados de Benzecri[15], ainda pouco generalizada nesta época, encontrava aqui possibilidades de aplicação.

Tournier tentou fazer o ponto da situação sobre o papel do computador em lexicometria[16]. "O computador não permite tratar diretamente o conteúdo dos discursos políticos, mas, ao analisar as palavras que os compõem, fazem aparecer muitas escolhas, hábitos e ideias preconcebidas", resume Tournier. An-

12. URL3 Laboratoire "Lexicométrie et textes politiques".
13. Mais de meio milhão de referências de trabalhos publicados durante 20 anos. Ver, em especial, a revista *Mots... Ordinateurs... Textes... Sociétés*, Ed. du CNRS.
14. Acerca da lexicometria e da análise do discurso em geral, o neófito poderá consultar o manual de D. Maingueneau, *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*, Hachete, 1976, bem como a atualização complementar: *Nouvelles tendances en analyse du discours*, Hachette, 1987.
15. Além dos primeiros tomos de *L'analyse des donnés*, remeteremos para trabalhos mais recentes: J. P. Benzegri *et coll.*, *Linguistique et lexicologie*, Paris, Dunod, 1981 (col. "Pratique de l'analyse des données", n. 3).
16. M. Tournier, "La lexicométrie socio-politique", *in* Dossier: l'ordinateur a-t-il changé les Sciences de L'Homme et de la Société?, *Le Courrier du CNRS*, maio-julho de 1986, n. 65.

tes de interpretar, é preciso descrever, "ver o reverso das coisas, ou seja, examinar primeiro a disposição do tecido parcial aparente antes de aceder aos seus sentidos profundos". É verdade que o computador não pode perceber o sentido das palavras, mas pode examinar essas palavras.

Os primeiros trabalhos de lexicometria foram criticados, nomeadamente pelos defensores da análise do discurso e pelo seu maior representante, Pêcheux, por não levarem em conta a organização do texto e as relações entre elementos. Os trabalhos ulteriores acentuaram o estudo das palavras em contexto graças às possibilidades informáticas. Há uma "variedade infinita de sites de emprego (das palavras), nenhuma palavra se sobrepõe a si própria em ocorrências diferentes". A lexicometria teria então como objetivo "fazer o balanço formal (...) de certos discursos situados". A presença das palavras "– e mais ainda a sua copresença – em determinado discurso e determinado momento do texto ou da história não tem qualquer inocência nem gratuidade. Determinar os pontos de ênfase ou de ausência relativa, distinguir o caráter específico ou banal da sua distribuição, perceber a cadência das suas ocorrências, inventariar e reunir as suas vizinhanças tanto próximas como distantes..."[17].

Para isso, o computador é uma "ferramenta importante", porque sabe explorar signo a signo uma superfície; recensear e contabilizar as suas unidades formais (...) bem como as suas relações estatísticas; calcular as probabilidades intrínsecas dessas formas e dessas relações; classificar e hierarquizar; opor ou associar[18].

Recentemente, a lexicometria, que Guilhaumou[19] definiu como uma disciplina que reúne "um conjunto de métodos que permitem descrever quantitativamente as sequências textuais constitutivas de um *corpus*", desenvolveu alguns programas que tentam levar em conta as redes de relações entre ocorrências.

Por exemplo – e sempre a partir de formas gráficas (*i.e.* "séries de caracteres não delimitadores compreendidos entre dois caracteres delimitadores"), tendo a vantagem de serem automatizáveis –, Salem[20] desenvolveu um programa que faz o inventário de todos os *segmentos repetidos* (ISR) de um *corpus*. Por segmento deve entender-se a "série de formas gráficas não separadas por uma pontuação forte". Serão designadas por repetidas as ocorrências de segmentos que aparecem mais do que uma vez no *corpus* do texto. Esses segmentos repetidos são classificados segundo o seu comprimento, por ordem hierárquica ou alfabética, com indicação das suas localizações e frequências. Em seguida, são submetidos a analisadores estatísticos (análise das especificidades do vocabulário; análise das "rajadas" ou ritmo de chegada dos agrupamentos de ocorrências; análise das coocorrências; análise das correspondências) e analisadores gramaticais automáticos.

Esse tipo de procedimento permite destacar os usos estereotípicos de um locutor: palavras de ordem, locuções, lexias ligados... e todas as formas de coocorrências reiteradas.

Frequência	Comprimento	Segmento
41	6	La grande colère du Père Duchesne
35	3	Tonerre de Dieu
29	5	A chien et à chat
26	4	Le coup de grâce
17	5	Tous les coups de chien
16	6	La pluie et le beau temps

Alguns segmentos muito repetidos do *corpus* DUCH 96 (jornal panfletário da época da Revolução Francesa)

7. O PROGRAMA DEREDEC

O DEREDEC, elaborado no final dos anos 1970 por Plante, no Canadá[21], é um programa de análise automática de textos. Trata-se de um sistema

17. *Ibid.*
18. *Ibid.*
19. J. Guilhaumou, "L'historien du discours et la lexicométrie. Etude d'une série chronologique: le 'Père Duchesne' d'Hébert (juillet 1793 – mars 1794)", *Histoire et mesure*, 1986, I, 3/4.
20. A. Salem, "Segments répétés et analyse statistiques des données textuelles", *Histoire et mesure*, 1986, p. 1-2.
21. Université du Québec à Montréal (UQAM), Centre d'Analyse de Textes par Ordinateur.

Exemplo de concordância (Jacques Guilhaumou)
Concordância de *Goût* [Sabor], n. 260-355 (17 de julho de 1793 a 12 de março de 1794)

geral de programação que o utilizador pode desenvolver à sua vontade. Escrito em LISP (linguagem de programação utilizada em inteligência artificial, muito adaptada ao tratamento simbólico), numa forma mais evoluída e utilizável pelo não informático, caracteriza-se pelo fato de as entradas, saídas e programas serem esquemas em árvore.

O método do DEREDEC é construtivista: não se limita a verificar hipóteses, também produz novos conhecimentos. Além disso, é, em simultâneo, ascendente e descendente. Significa que, com o DEREDEC, não se parte apenas de uma construção teórica que se aplica ao texto, mas procede-se a uma construção por etapas, a partir de itens lexicais e sintagmas estruturados. Por último, trata-se de um método aberto e ágil, os processos permitem "a possibilidade de associar informações aos nós dos esquemas em árvore, de os armazenar, de os analisar e de os modificar por processos ulteriores"[22].

O programa DEREDEC cruza a análise do discurso com a análise de conteúdo. Após os obstáculos encontrados pela análise automática do discurso (AAD, Pêcheux), na corrente dos anos 1970, alguns postulados teóricos e certos processos práticos foram recuperados e integrados num conjunto que conta com contributos de outros campos de pesquisa.

Contrariamente à análise de conteúdo no sentido estrito, a análise do discurso[23] preconiza como princípio o fato de não haver conteúdo independentemente do funcionamento da língua. Por conseguinte, trata-se de observar as modalidades desse funcionamento, "é necessário procurar no próprio discurso, apreendido como um processo complexo, a origem do sentido..." e "referenciar os diversos dispositivos ou mecanismos que dão lugar à produção de sentidos".

22. A. Lecomte, J. Léon, J. M. Marandin, "Analyses du discours: stratégie de description textuelle", *Mots*, 9, 1984.

23. Ver, a propósito deste debate: G. Bourque, J. Duchastel, *Restons traditionnels et progressifs. Pour une nouvelle analyse du discours politique. Le cas du régime Duplessis au Québec*, cap. 2, Boréal, Montreal, 1988.

As funções do DEREDEC são de quatro tipos:

- funções descritivas;
- funções de explorações;
- funções de análise;
- funções de controle.

As funções de controle comportam várias operações, como a preparação de arquivos, elaboração e edição de dicionários, obtenção de estatísticas, apresentação de estruturas em árvore.

As funções descritivas são as principais, pois as funções exploratórias baseiam-se nas descrições obtidas, mas há a possibilidade de combinar as duas.

Funções descritivas de textos

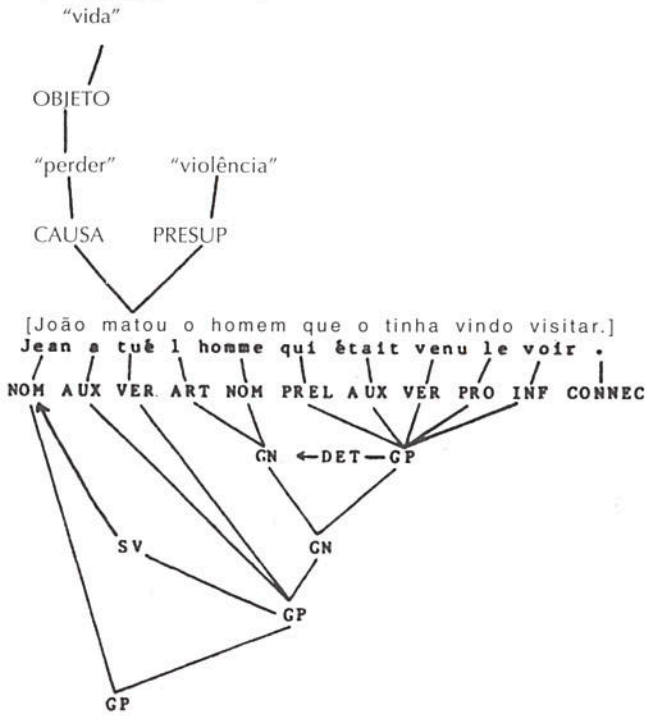
Como escreve Plante[24], "a estrutura em árvore de representação textual em DEREDEC é muito geral e possibilita o tratamento de grande variedade de problemas linguísticos (semântica, sintaxe, lógica...) e de análise de conteúdo de textos".

A descrição do texto faz-se pela construção de esquemas em árvore sobre expressões atômicas (itens lexicais) e dos nós (constituintes sintagmáticos). Designa-se por EXFAD (expressão de forma admissível nas descrições) uma unidade de representação, por exemplo uma palavra num texto ou, de maneira mais complexa, uma estrutura em árvore na qual se juntam várias expressões atômicas.

Por outro lado, pode-se associar informações de tipo paradigmático a cada expressão atômica da sequência de entrada. Chama-se EXFAL (expressão atômica ligada) a estes subconjuntos dos EXFAD. No exemplo aqui mostrado, isso corresponde à parte superior relativa à palavra "matou" [*tué*]. Os EXFAL permitem introduzir nas sequências informações sobre cotextos (outras partes, outros textos do *corpus*).

24. P. Plante, "Le système de programmation DEREDEC", *Mots*, 6, março de 1986.

Exemplo de uma EXFAD



A parte de baixo da frase corresponde a caracterizações sintáticas. Como diz Plante, "o utilizador investe como quiser estas possibilidades de categorização, de colocação em relação e de agrupamento encaixadas; as categorias, os sintagmas ou as relações serão outras tantas variáveis dos seus programas DEREDEC de descrição de texto".

As descrições são obtidas por uma programação do utilizador – em função de determinados critérios – com o auxílio de "máquinas" ou autômatos. Esses autômatos leem o texto, sequência por sequência, executando as várias regras programadas. As operações permitem, entre outras, a modificação de uma descrição, o apelo a outros autômatos ou a processos contextuais alargados, a paragem para uma passagem "assistida", a despistagem de erros de programação (autocorreção por um sistema de diagnóstico automático).

Além disso, Plante elaborou uma *Gramática de Superfície do Francês* (GDSF), cujo objetivo é a despistagem das estruturas sintáticas do francês corrente. Esse analisador sintático funciona por duas etapas:

■ Um dicionário e autômatos interativos indexam categorias de base aos lexemas (ver *a* /).

■ Outros autômatos compõem grupos sintagmáticos, despistando assim relações de dependência contextuais (RDC).

Obtêm-se então gráficos em árvore em que as palavras principais de uma frase são reestruturadas segundo as relações privilegiadas que as unem (ver *b* /).

No início, a gramática totalizava cerca de 60 autômatos[25] para 1.700 regras. Noventa por cento das ocorrências de um texto podiam ser categorizadas pelo dicionário, que continha 14 lexemas (mas enriquecido por cada aplicação sobre um novo *corpus*).

O analisador sintático pode resolver algumas ambiguidades com o auxílio de várias estratégias de desambiguação, mas no caso de frases atípicas, não analisáveis pela gramática, esta armazena as frases em questão e prossegue para outras sequências.

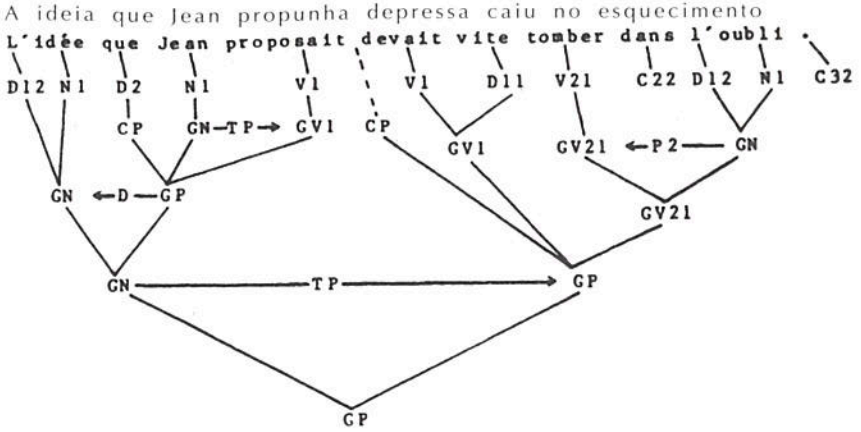
Para qualquer oração, esta gramática tem a possibilidade de despistar o *tema* e a *intenção* (*focus-comment*), indicações sobre os complementos verbais (diretos e circunstanciais) e vários tipos de determinações nominais.

a/ As categorias de base

N1	Nomes próprios e comuns;	V1	Outros verbos;
N211	Pronomes pessoais, sujeitos (eu, tu...);	V21	Infinitivos;
N212	Pronomes pessoais, complementos (mim, ti...);	V22	Particípios presentes;
N22	Outros pronomes;	V23	Particípios passados e adjetivos;
N23	Pronomes relativos;	C1	Conjunções de coordenação;
D11	Determinantes verbais (não...);	C21	Preposições fracas (de);
D12	Determinantes nominais (meus, teu...);	C22	Preposições fortes (com, sem...);
D2	Determinantes conectores (que, como...)	C31	Pontuação fraca (,);
		C32	Pontuações fortes (. ; : !...).

25. Dados de 1983 suscetíveis de evolução.

b/ Sequência descrita pela gramática de superfície



TP	→	a relação tema-intenção;
P1	→	primeira relação de desenvolvimento da intenção;
P2	→	segunda relação de desenvolvimento da intenção;
D	→	a relação de determinação nominal;
CO	→	a relação de coordenação.

c/ As categorias sintagmáticas

GN	Grupo nominal;	GV23	Grupo verbal construído sobre um V23;
GV1	Grupo verbal construído sobre um V1;	GD11	Grupo determinante construído sobre um D11;
GV21	Grupo verbal construído sobre um V21;	GP	Grupo proposicional
GV22	Grupo verbal construído sobre um V22;	GP	Conector de proposições

A exploração dos textos

Efetuada a descrição, pode-se proceder a algumas explorações ou pesquisas.

Por exemplo, Bourque e Duchastel, em seu estudo sobre os discursos do orçamento do Quebec, utilizaram alguns modelos de exploração:

- modelos de exploração de *ocorrências*:
  - pesquisa-modelo de ocorrência simples (MODI): importância quantitativa de diferentes palavras ou categorias nos textos;
  - léxicos qualificados de palavras ou categorias que ocupam a posição de tema na frase (MOD8).

- modelos de exploração de *coocorrências*:
  - pertença de palavras a um mesmo espaço, depois da escolha de uma amplitude de segmentos (número de palavras a montante e a jusante) (MOD5);
  - léxicos de palavras pertencentes à *intenção* associada ao grupo sintagmático que contém um tema (MOD3), por exemplo aquilo que é dito a propósito da palavra-tema "comunidade".

As funções de análise

O programa DEREDEC pode fornecer *léxicos* de palavras por ordem alfabética ou ordem de frequência crescente. Pode também apresentar *léxicos comparados*: reunir todos os temas ou todas as circunstâncias que rodeiam este ou aquele tema. "Os temas são as 'razões' por que se constroem as frases", escreve Plante. Mas o programa é também capaz de analisar perfis de texto, de identificar automaticamente paradigmas, de fazer comparações intertextuais...

Além disso, caso se prefira, é possível elaborar uma categorização de tipo sociológico ou psicológico. Desse modo, Bourque e Duchastel programaram uma grade categorial de tipo clássico. Só os nomes, adjetivos e particípios passados foram categorizados; os autores notaram que poderiam também ter usado os verbos para opor ação e estado, técnica e avaliação. Quinze por cento das palavras puderam ser categorizadas fora de contexto, com o auxílio de um dicionário *ad hoc*, as outras foram divididas por um processo interativo, algumas que não entravam nas categorias foram deixadas de lado.

As possibilidades de aplicação oferecidas pelo sistema de programação DEREDEC são muitas. Os campos de aplicação são variados: análise de um texto literário complexo, como a *Sarrasine* de Balzac[26], a observação de conversas telefônicas com as suas aberturas, os preliminares e as rotinas[27], o seguimento de percursos judiciais, a atualização de modelos pré-construídos num dicionário do século XVIII... só para citar alguns exemplos.

Os promotores do DEREDEC[28], no Centre d'Analyse de Textes par Ordinateur do UQAM, pretendem continuar os seus esforços em diferentes direções e integrar módulos já existentes, de modo a oferecerem uma espécie de panóplia ao utilizador: Sistema de Análise de Conteúdo Assistida por Computador (SACAO), Sistema de Análise Assistida de Entrevistas (SAADI), por exemplo.

Em conclusão, pode dizer-se que, com a informatização, já não se pode ver a metodologia da análise de conteúdo de maneira isolada. Com efeito, os avanços neste domínio estão ligados à evolução em outros setores, quer se trate do aperfeiçoamento técnico do material ou dos conhecimentos no tratamento da linguagem.

Por exemplo, ao nível puramente técnico, a possibilidade totalmente automatizada de *reconhecimento da fala* ou a *leitura de textos impressos e manuscritos* pelo computador constitui uma etapa que permite simplificar as preparações de textos fastidiosos e trabalhosos. A máquina que obedece à voz e ao toque e o lápis ótico são capazes de dar uma ajuda acrescida.

O desenvolvimento de programas informáticos em francês, e não apenas em inglês, dificilmente convertíveis, constitui uma condição de progresso para os países francófonos[29].

O avanço – muito rápido, sob a pressão de uma informação exponencial – da *informática documental*[30] pode, paralelamente às análises de comunicação, fornecer-lhes processos por vezes próximos das suas preocupações. Não se deve ignorar os programas documentais (há quem fale de "programas-linguísticos*") de análise sintática da língua, de extração das ideias de um texto,

26. J. Léon, J. M. Marandin, equipe SLID (Sintaxe, Léxico, Informática, Discurso).

27. B. Conein com o programa SAGA.
28. Distribuído na França pela ACT Informatique.
29. Podemos encontrar a descrição de vários programas em L. Lebart e A. Salem, *Statistique textuelle*, Dunod, 1994.
30. S. Chaumier, *Le traitement linguistique de l'information*, Entreprise Moderne d'Edition, 3. ed. atualizada, 1988.

* No original, "*linguisticiels*" (*N. do T.*).

de auxílio à indexação, de análise da linguagem natural adaptada à pesquisa de bases de dados.

Além disso, com certo nível de complexidade, nos próximos anos espera-se muito da *inteligência artificial* e dos *sistemas especializados*. A programação de um sistema especializado implica uma base de conhecimento específica do domínio de aplicação (diagnóstico a estabelecer, resposta a um problema ou a determinada situação) aliada a um motor de inferência que permita tratar esses conhecimentos. A intervenção de um especialista ou "cognitivo" é por vezes necessária para fazer a ligação entre o especialista que possui conhecimentos e uma técnica difícil de formalizar e a maquinaria informática. A análise de conteúdo de entrevistas de tipo temático e enunciativo, por exemplo, recorre a este tipo de processo.

Tudo isto pressupõe avanços nos domínios da psicologia cognitiva, da representação do conhecimento, bem como modelizações e simulações e o desenvolvimento de sistemas interativos inteligentes.

Tendo em conta a análise de conteúdo, existe uma sociedade internacional, a SCCAC ou Society for Conceptual and Content Analysis by Computer. Interessada no uso da informática nas ciências sociais, na psicologia e nas ciências da comunicação, cobre um domínio de métodos bastante extenso, como a lexicometria, a indexação, a análise de textos, a construção de glossários documentais ou de dicionários de análise de conteúdo, sem esquecer disciplinas conexas como a inteligência artificial, a tradução automática ou a elaboração de bancos de dados.

O desenvolvimento e os progressos dos programas de análise textual

O desenvolvimento e os progressos dos programas de análise textual (SPADT, Alceste) não devem monopolizar a atenção e fazer esquecer as utilizações já antigas da informática, falamos das clássicas triagens cruzadas.

No desenrolar de um inquérito por questionário, quando este inclui perguntas fechadas e algumas perguntas abertas, é muito interessante fazer uma triagem das respostas a determinada pergunta aberta (depois da categorização) pelas respostas a uma pergunta fechada: depois de as respostas à pergunta aberta terem sido afetadas às diferentes categorias, podemos fazer-lhes uma triagem pelas respostas a uma pergunta fechada, quer se trate de uma pergunta de opinião, de uma pergunta de comportamento ou de características das pessoas questionadas. Para o computador que efetua esta tiragem cruzada, tratar-se-á sempre de uma triagem cruzada, em todos os pontos, idêntica à triagem cruzada entre duas perguntas fechadas.

Essas triagens podem ser efetuadas:

- sobre categorias criadas de forma tradicional, *i.e.*, sem o auxílio do computador; ou
- sobre categorias criadas graças à utilização prévia de um programa de análise textual.

Cada um dos dois exemplos seguintes diz respeito a uma dessas situações de pesquisa. Têm em comum o fato de as temáticas tratadas – respectivamente, a política e a alimentação – serem domínios que implicam uma verbalização rica quando de uma pergunta aberta.

Numa pesquisa sobre os jovens e o sentimento nacional, Hélène Feertchak utiliza a frase para completar: "Sou francês, por isso..." e faz a triagem das respostas em função do último diploma obtido pelos jovens questionados. As variações observadas para as categorias "A minha pátria" e "A Europa" são notáveis: a proporção dos jovens que evocam a Europa aumenta de 1% naqueles com menos habilitações para 33% nos que têm mais habilitações; nestes, pelo contrário, a vocação da pátria é menor (2%)[31].

A pesquisa que Saadi Lahlou[32] realizou no CREDOC sobre as representações sociais do "comer bem" é exemplar do segundo caso. As 2.000 respostas à pergunta aberta: "Se eu lhe disser 'comer bem', no que é que pensa?" foram analisadas com o programa Alceste.

As oito grandes categorias que se destacaram foram depois passadas a pente fino. Para cada uma delas, conhecia-se os subgrupos de população que estão sobrerrepresentados de forma significativa (com o apoio do qui-quadrado); esses subgrupos correspondem a algumas modalidades das variáveis

31. H. Feertchak, *Les motivations et les valeurs en psychosociologie*, Armand Colin, col. "Cursus", 1996.
32. S. Lahlou, "Cahier de recherche", *CREDOC*, n. 24, abril de 1992; *Penser manger*, PUF, 1998.

sociodemográficas habituais, ou então a variáveis de comportamento ligadas à alimentação. Assim, na categoria de respostas "Entrada, prato principal, queijo, sobremesa" (respostas em termos de pratos precisos, declinados segundo a ordem habitual de uma refeição completa), observa-se uma sobrerrepresentação dos parisienses e dos consumidores de produtos enriquecidos em vitaminas. Ou então verifica-se uma sobrerrepresentação das mulheres na categoria "Comer o que gosto", bem como na categoria "Comer de forma equilibrada", enquanto que os homens estão sobrerrepresentados na categoria "Comer no restaurante". A categoria "Convívio" é típica dos jovens.

A informática permite assim descrever, em simultâneo, classes de respostas e subgrupos de pessoas, e, sobretudo, navegar entre um e outro desses objetivos.

QUARTA PARTE

TÉCNICAS

I

A análise categorial

No conjunto das técnicas da análise de conteúdo, citaremos em primeiro lugar a análise por categorias; cronologicamente é a mais antiga; na prática é a mais utilizada. Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou *análise temática*, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples.

Tendo até aqui servido de base para descrever as principais fases de uma análise de conteúdo, a análise categorial é citada para rememoração no princípio desta quarta parte, e abordaremos de imediato as outras técnicas mais específicas.

II

A análise de avaliação

1. UMA MEDIDA DAS ATITUDES

A *evaluative assertion analysis* (EAA), literalmente, análise de asserção avaliativa, foi elaborada por Osgood[1], por Saporta e Nunnally em 1956. Tem por finalidade medir as *atitudes* do locutor quanto aos objetos de que ele fala. À concepção da linguagem em que esta análise se fundamenta chama-se "representacional", isto é, considera-se que a linguagem representa e reflete diretamente aquele que a utiliza. Por conseguinte, podemos nos contentar com os indicadores manifestos, explicitamente contidos na comunicação para fazer inferências a respeito da fonte de emissão.

A análise de asserção avaliativa de Osgood tira partido dos conhecimentos da psicologia social sobre a noção de atitude. Uma atitude é uma pré-disposição, relativamente estável e organizada, para reagir na forma de opiniões (nível verbal), ou de atos (nível comportamental), na presença de objetos (pessoas, ideias, acontecimentos, coisas etc.) de maneira determinada. Correntemente falando, temos opiniões sobre as coisas, os seres, os fenômenos, e manifestamo-las por juízos de valor. Uma atitude é um núcleo, uma matriz muitas vezes inconsciente, que produz (e que se traduz por) um conjunto de tomadas de posição, de qualificações, de descrições e de designações de avaliação mais ou menos coloridas. Encontrar as bases dessas atitudes por trás da dispersão das manifestações verbais é o objetivo da análise de asserção avaliativa.

1. C. E. Osgood, "The representational model and relevant research methods", em I. de Sola Pool (org.) *Trends in content analysis*, Urbana University of Illinois Press, 1959.

Tradicionalmente, em psicologia social, as atitudes são caracterizadas por sua intensidade e direção. Essas duas dimensões são utilizadas pela técnica de EAA para definir e medir as atitudes subjacentes.

A *direção* é o sentido da opinião segundo um par bipolar. Pode-se ser, favorável ou desfavorável. A opinião pode ser positiva ou negativa, amigável ou hostil, aprovadora ou desaprovadora, otimista ou pessimista, pode-se julgar uma coisa como boa ou má etc. Entre os dois polos nitidamente orientados existe eventualmente um estado intermédio, a neutralidade, ou a ambivalência.

A *intensidade* demarca a força ou o grau de convicção expressa: uma adesão pode ser fria ou apaixonada, uma oposição pode ser ligeira ou veemente.

O método de Osgood é bastante parecido com a análise de conteúdo temática, uma vez que funciona baseando-se igualmente na decomposição do texto em unidades de significação. O objetivo é, contudo, específico, uma vez que se atém não somente à ocorrência deste ou daquele tema (presença ou ausência), mas à carga avaliativa das unidades de significação tomadas em conta. À etapa de referenciação dos segmentos semânticos (asserções) a ser contabilizada junta-se então um procedimento de avaliação da direção e da intensidade dos juízos selecionados, procedimento este que só pode ter lugar depois da etapa intermédia de normalização dos enunciados.

2. AS DIFERENTES FASES DA TÉCNICA

Nem todo o texto é tido em consideração. Não se trata pois de um método exaustivo, pelo menos em relação ao conteúdo do texto. Apenas uma dimensão, a das atitudes, é tida em consideração, e por consequência só os enunciados que exprimem uma avaliação são submetidos à análise. A primeira operação consiste, portanto, em extrair da mensagem as proposições que respondem a esse critério.

a) *Os componentes dos enunciados avaliativos* – As proposições avaliativas são compostas por três elementos; ou pelo menos é necessário restituí-las a estes três constituintes por meio da operação de normalização.

■ *Os objetos de atitude* (em inglês *atitude objects* ou *AO*). São os objetos sobre os quais recai a avaliação: pessoas, grupos, ideias, coisas, acontecimentos etc. Estes serão anotados em maiúsculas. São geralmente os substantivos (exemplo, França, os socialistas, a liberdade, o meu marido, um Tal...) ou os pronomes pessoais.

■ *Os termos avaliativos com significação comum* (em inglês, *evaluative common-meaning terms* ou *"cm"*). Serão anotados em itálico e em minúsculas. São termos que qualificam os objetos da atitude. Em linguística chamar-se-iam "predicados", quer dizer, comentários do tema ("o que se diz acerca dele"). Podem ser adjetivos (exemplos: honesto, limpo, interessante), substantivos (exemplo: bondade, segurança, inimigo, paz), advérbios formados a partir dos adjetivos (exemplos: lealmente, docemente), ou ainda verbos (exemplos: mentir, ameaçar, respeitar). Osgood considera que a significação dada a esses termos é comum e estável, isto é, que há nela certo consenso ao nível do sentido para um conjunto de pessoas. O que não é o caso dos objetos de atitude dos quais se procura justamente definir a significação para um locutor.

Teoricamente, então, a avaliação dos *cm*, num registro do tipo favorável desfavorável, deveria ser simples e sem ambiguidade para os codificadores, em virtude desse consenso semântico. Entretanto, se existem dúvidas podem submeter-se os *cm* que são de significação ambígua a um pequeno teste de congruência. Colocam-se os *cm* em questão em afirmações contendo os protagonistas com forte polaridade, tais como o herói ou o celerado, santo ou pecador (exemplos dados por Osgood como símbolos de dimensão do bom e do mau[2], desempenhando a função de objetos em que a significação é conhecida.

Vejamos para o termo "paz":

1) "O HERÓI oferece a *paz*."
2) "O CELERADO oferece a *paz*."

O primeiro caso parece mais congruente (esperado, normal) que o segundo, sendo *paz* avaliada na direção "bom".

■ *Os conectores verbais.* Ligam ao enunciado os objetos de atitude e os termos de qualificação.

2. Recordaremos rapidamente que Osgood, sob o nome de diferenciação semântica, demonstrou que a significação conotativa e afetiva das palavras, qualquer que seja a cultura, pode ser analisada por escalas bipolares em que as mais eficazes são relativas às dimensões de avaliação (bom ou mau), de poder (forte ou fraco) e de atividade (rápido ou lento).

Resumindo, os objetos de atitude dos quais se procura avaliação serão rodeados por termos avaliativos de significação comum (supondo que remetem para valores estáveis ou separados) e os conectores verbais são também avaliáveis.

b) PRIMEIRA ETAPA: *identificação e extração dos objetos de atitude (AO)*. No decorrer da leitura, começa-se por referenciar e recensear os objetos de atitude. A identificação é relativamente fácil uma vez que se trata de nomes próprios ou comuns (ou de pronomes de substituição).

Os enunciados que contêm os AO são postos entre parênteses. Para afastar toda a subjetividade dos codificadores, pode-se tomar a precaução de dissimular os objetos de atitude substituindo-os por símbolos (AZ, BY, ...).

c) SEGUNDA ETAPA: *normalização dos enunciados.* Uma vez isolados os enunciados, trata-se de proceder à preparação da codificação para os transformar numa forma canônica. (Este procedimento, chamado por vezes "edição" dos textos, foi aperfeiçoado posteriormente na análise de conteúdo, em virtude dos desenvolvimentos da linguística e do recurso à automatização da codificação, automatização esta que exige materiais normalizados). Aqui, a finalidade é obter formas afirmativas segundo a combinação sintática mais elementar (ator-ação-complemento), ou seja:

Objeto de atitude avaliado / conector verbal / material avaliativo, o que se traduz sob a forma *a)* ou *b)*:

a) $AO_1/c/cm$
b) $AO_1/c/AO_2$ (em que AO_2 é um segundo objeto de atitude em situação de objetivo para AO_1).

Exemplos:

a) A UNIÃO SOVIÉTICA / é / *agressiva.*
   PEDRO / *está* / *apaixonado.*
b) A UNIÃO SOVIÉTICA / ameaça / os ESTADOS UNIDOS.
   PEDRO / não ama / MARIA.

Esta normalização assenta na equivalência funcional dos termos na linguagem. O procedimento consiste em transformar o texto pertinente segundo uma sequência de enunciados desse tipo.

Por exemplo a frase seguinte (fictícia):

> Embora o jornal X conteste eternamente as decisões repressivas do Govern os esquerdistas recusam ler um jornal corrompido pelo dinheiro e embo esta atitude possa ser muito sistemática, no entanto é bastante honesta.

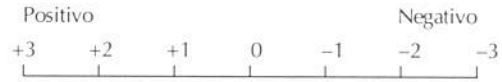
Os objetos de atitude são os seguintes:

O jornal X = X
O governo = Y
Os esquerdistas = Z

Depois da transformação isto dá:

/X/ contesta eternamente */as decisões repressivas*
/Y/ toma / *decisões repressivas*
/Z/ *recusa /X/*
/X/ ↔ [3]
/X/ está / *corrompido*
/Z/ é / *talvez demasiado sistemático*
/Z/ tem / *uma atitude honesta*

d) TERCEIRA ETAPA: *a codificação.* O codificador imprime uma dire ção (positiva ou negativa) a cada conector verbal (*c*) e a cada qualificad (*cm*). Além disso, esta direção é avaliada em *intensidade* numa escala de se pontos (– 3 a + 3):



■ *Notação dos conectores* (*c*): os conectores podem ser associativ (logo, na direção positiva), quando o verbo liga o sujeito ao seu complement ou dissociativos (portanto, na direção negativa), quando o verbo separa o su jeito do seu complemento.

Uma intensidade forte (+ ou – 3) é indicada pelo uso do verbo "ser" o "ter", por certos verbos no presente, pela presença de certos advérbios do tip

3. Este sinal de inversão da relação precedente é indicado para termos a certeza de que tod os AO estão mencionados na primeira coluna.

"absolutamente", "definitivamente", que reforçam a ação do verbo. Uma intensidade média (+ ou – 2) é marcada por verbos que indicam a iminência, o parcial, o provável, o crescimento (exemplo, ele vai tentar...) e por outros tempos verbais que não sejam o presente. Uma intensidade fraca (+ ou – 1) é caracterizada por uma relação hipotética, apenas esboçada, ou pela presença de advérbios do tipo "ligeiramente", "ocasionalmente"...

■ *Notação dos qualificadores (cm)*: Osgood parece considerar que existe pouca dificuldade em codificar como favoráveis ou desfavoráveis os termos avaliativos de significação comum, numa escala de sete pontos em que os três níveis positivos ou negativos correspondem a "muito", "bastante", "pouco". Se é entretanto fácil de classificar "muito honesta" por + 3, ou "interessante" por + 1, ou "atroz" por –3, pode-se perguntar, apesar dos trabalhos de Osgood, se diferenças individuais e culturais não enviesam a notação da carga avaliativa de certos termos. Neste caso o teste de congruência recomendado pelo autor (cf. *supra*) parece ser bem anódino. É verdade que a dificuldade não é específica desta técnica e que o codificador (ou os codificadores, provêm do mesmo grupo cultural) nunca estará seguro de não projetar o seu próprio uso linguístico e o seu sistema de valores pessoais no texto o qual examina.

AO (Objeto de atitude)	c (Conector verbal)	cm			Produto (c x cm)
		Valor de c	(Termo de significação comum)	Valor de cm	
1. (Os) dirigentes soviéticos	são	+ 3	impiedosos	– 3	– 9
2. (Os) dirigentes soviéticos	são	+ 3	ateus	– 3	– 9
3. (Os) dirigentes soviéticos	são	+ 3	déspotas	– 3	– 9
4. (Os) dirigentes soviéticos	prosseguiram no passado	+ 2	fins maléficos	– 3	– 6
5. (Os) dirigentes soviéticos	poderiam estar talvez neste momento de acordo com	+ 1	algumas das medidas indicadas para desanuviar as tensões mundiais	+ 2	+ 2
6. (Os) dirigentes soviéticos	poderiam talvez estar desejosos	+ 1	de renunciar a projetos agressivos	+ 3	+ 3
				Total = – 28	

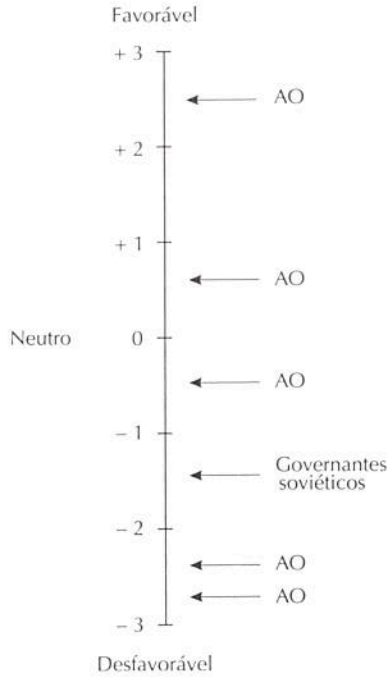
Como poderá ser avaliado o adjetivo "burguês" na frase "é uma família burguesa"? A direção é positiva ou negativa, isto é, favorável ou desfavorável? E "gentil" é obrigatoriamente positivo? E "ateu" no exemplo do quadro seguinte?

■ *Notação dos objetos de atitude*: calcula-se pela multiplicação e soma das notas atribuídas aos qualificadores e aos conectores a cada objeto de atitude. O codificador coleta a cada AO os valores de todas as asserções. Veja-se o exemplo precedente, a respeito dos dirigentes soviéticos[4]. Obtém-se o resultado médio para o objeto de atitude considerado dividindo-se o total da coluna do produto (c x cm) pelo número de temas registrados, neste caso – 28/6 = – 4,67. Se desejarmos comparar os resultados dos AO entre si numa escala de sete escalões, dividimos este total por 3N (sendo N: número de temas; 3: amplitude da escala); assim:

– 28/3(6) = – 1,56

Nível de favoritismo / desfavoritismo de cada objeto de atitude do texto analisado

Esta escala terminal permite visualizar o conjunto dos objetos de atitude do texto analisado e o seu grau de favoritismo/desfavoritismo no espírito do produtor do texto.



4. Citado por O. R. Holsti em *Content analysis for the social sciences and humanities*, Addison-Wesley, 1969.

3. COMENTÁRIOS SOBRE O MÉTODO

O próprio Osgood julga esta técnica extremamente trabalhosa (é necessário cerca de uma hora e três analistas para examinar 133 palavras de material!). Isso limita o seu alcance pragmático e transforma-o num instrumento de investigação (para testar, por exemplo, a fidelidade dos codificadores). Para além disso, só o conteúdo manifesto, explícito, é tomado em consideração, servindo apenas para trabalhar as comunicações que obedeçam aos princípios "do modelo representacional" (esta expressão reflete exatamente as atitudes do locutor). Pelo contrário, é inadequada para as mensagens que relevam da concepção "instrumental" da linguagem (as atitudes ou motivações não se exprimem diretamente, ou seja, um sentido latente, percebido conscientemente ou não pelo próprio locutor, esconde-se por trás da expressão manifestada). Esta técnica é por isso inoperante nas mensagens de propaganda, de ação voluntariamente insidiosa, ou em falas do gênero da entrevista psicoterapêutica em que o importante é a mensagem latente.

Outras críticas se juntaram à autocrítica dos autores do EAA. Sendo a componente afetiva das atitudes a componente privilegiada, o campo de inferência desta técnica é muito restrito. Por outro lado, a preparação dos textos (normalização) carece de rigor e aproxima-se mais de uma tradução interpretativa, "na melhor das hipóteses", do que de um procedimento com regras linguísticas precisas. Apercebemo-nos deste fato quando tentamos aplicar o EAA a amostras de textos.

4. VARIANTES E APLICAÇÕES DA TÉCNICA

No entanto, na mesma época ou posteriormente, técnicas mais simples ou mais elaboradas, mas derivando do mesmo princípio de análise das atitudes, foram aplicadas em materiais da mesma natureza. Esses materiais são geralmente provenientes de meios de comunicação de massa e relativos aos escritos que se referem ao domínio político. Esse foco de interesse corresponde a uma tripla determinação: a atração pelos *mass media* na sociologia norte-americana, o desenvolvimento privilegiado da análise de conteúdo nos departamentos de ciência política das universidades dos Estados Unidos, o desejo diretamente pragmático deste país de dominar o campo político, as suas manifestações e fontes de influência e em particular dominar a política internacional.

- Assim, W. Gieber[5], num estudo sobre a importância das informaçõe "negativas" publicadas pelos jornais diários, utilizou um esquema de classif cação bipolar (positivo ou negativo) relativamente simples:

Negativo: os itens que tratam dos conflitos e da desorganização são cod ficados negativamente nas seguintes categorias de conteúdo:

- *Tensão internacional* (conflitos militares, políticos ou econômicc entre nações).
- *Perturbações civis* (conflitos políticos, econômicos ou sociais entı grupos).
- *Crimes e vícios.*
- *Acidentes e desastres.*

Positivo: são codificados positivamente os itens que reflitam a coesão sc cial e a cooperação:

- *Cooperação internacional* (comunicações normais entre nações).
- *Atividades do governo* (informações – não contestárias – sobre as at vidades do governo).
- *Atividades sociais* (informações sobre os grupos que cooperam er atividades não governamentais).
- *Vida cotidiana* (informação sobre os cidadãos).

Apercebemo-nos de que o objetivo que emerge desta grade categorial medir a tendência (e a título hipotético a influência) que um jornal diário ter para a cooperação.

- J. Tabak[6], para citar outro exemplo, na análise de uma revista durar te o período da campanha eleitoral de 1960 para a presidência dos Estadc Unidos sentiu a necessidade de completar as três categorias tradicionais d medida das atitudes (favoráveis, desfavoráveis e neutra) com uma quart "equilibrada", que assinale a possível ambivalência.

---

5. W. Gieber, "Do newspapers overplay negative news?" *Journalism Quarterly*, 1955, vol. 32
6. J. Tabak, *A content analysis of "United States News and World Report Magazine" duri the 1960 presidential election compaign*, tese não publicada da Universidade de Iowa, 196 citada por W. Budd, R. K. Thorp e L. Donoweh, em *Content analysis of communicatior* MacMillan Company, N. I., 1967.

Quanto a O. R. Holsti[7], tirou partido recentemente dos progressos dos softwares elaborados especificamente para as necessidades da análise de conteúdo (cf. o sistema *General Inquirer*). Holsti apresenta um método de análise derivado diretamente do EAA mas completado no plano teórico (diferenciação das componentes "qualitativas" e de "*perfomance*" de uma atitude) e no plano técnico (adaptação ao tratamento tecnológico).

O objetivo deste autor é idêntico ao de Osgood: inferir as atitudes dos locutores a partir das suas mensagens. É feita porém uma distinção em termos dos objetos sociais (nações, instituições, grupos, pessoas, conceitos, programas, ideologias etc.) ou antes em termos da sua percepção pelo locutor. Tendo como referência Parsons, faz-se uma distinção entre:

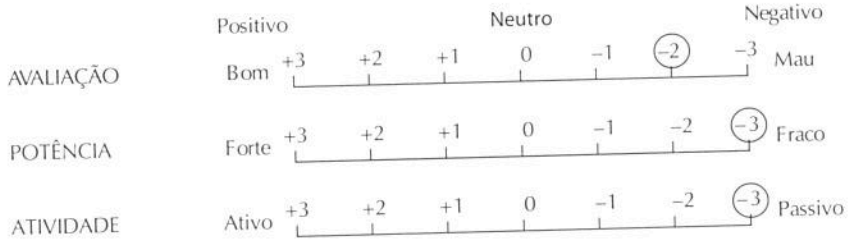
- "conjunto de qualidades", ou seja, aquilo que o objeto é, os seus atributos ou qualificações;
- "conjunto de *performance*", o que o objeto faz, ou seja, as suas ações.

A técnica de Holsti permite medir essas duas dimensões em separado.

Como muitos dos programas de análise de conteúdo que recorrem ao computador, o procedimento de Holsti apoia-se num "dicionário" ou índice acabado, ao qual é possível juntar uma lista de palavras específicas do material examinado.

O "dicionário"[8] utilizado é proveniente do diferenciador semântico de Osgood, sendo capaz de tratar 3.521 palavras definidas segundo três dimensões (as três dimensões determinadas por Osgood como as mais pertinentes independentemente das diferenças culturais) de avaliação, de potência e de atividade. Isso em escalas bipolares de sete pontos:

Exemplo para o termo ABANDONO



7. O. R. Holsti, "A computer content analysis program for analysing attitudes: the measurement of qualities and performances", em Gerbner, op. cit., 1969.
8. *Stanford Political Dictionary.*

Por exemplo, ABANDONO é codificado: – 2, – 3, – 3 (mau, muito fraco e muito passivo). CUMPLICIDADE é codificada: + 2, 0, + 3 (bom, neutro em relação à potência e muito ativo).

- *A preparação dos dados:* para aprofundar as atitudes do locutor do texto não basta identificar os objetos e a frequência da sua ocorrência, é necessário determinar as relações (tais como são expressas pelo emissor) que existem entre eles no interior de uma mesma frase. Isto impõe uma codificação prévia das unidades de sentidos que sirvam de testemunho da relação lógica sujeito-ação-alvo.

É feita uma distinção num "tema" (unidade de significação bastante similar à frase) entre:

		Número de código
a) Aquele que apreende a ação ou o estado	• O autor do documento	1
	• Aquele que se percebe quando se trata de outro que não o autor	2
b) O sujeito ou aquele que é percebido	• O sujeito e as suas modalidades	3
c) A ação	• A ação e as suas modalidades	4
d) O objetivo da ação ou o alvo	• O objeto (quando o alvo é um objeto indireto) e as suas modalidades	5
	• O alvo e as suas modalidades	7

Exemplo: *"As políticas agressivas de B ameaçam a paz"* é codificado do seguinte modo: as políticas/3 – agressivas/3 – de B/3 – ameaçam/4 – a paz/7.

Exemplo: "O *nosso objetivo é defender o nosso sólido e corajoso aliado*" é codificado: o nosso/3 – objetivo/3 – é defender/4 – o nosso sólido/7 – e corajoso/7 – aliado/7.

Por outro lado, para obter informações que a simples descrição lexical negligencia, é possível codificar as modalidades temporais (presente, passado, futuro), os modos de expressão (indicativo, comparativo, normativo, imperativo, interrogativo, a probabilidade, a aspiração) e os enunciados condicionais (antecedente, por exemplo: *se...*; ou consequente, por exemplo: *e depois...*).

■ *Os resultados*: depois do tratamento no computador, obtém-se dois conjuntos de painéis de resultados. Um dizendo respeito aos atributos qualitativos ("conjunto de qualidades"), o outro às ações avaliadas ("conjunto de *performances*") dos objetos sociais de que o locutor fala.

Graças à codificação prévia, os resultados diferenciam esses objetos sociais consoante sejam sujeitos ou objetivos. Por outro lado, o programa produz uma série de quadros medindo a relação, tal como é percebida pelo emissor da mensagem, entre os objetos de atitude ao nível das suas ações recíprocas. Assim, pode-se saber como o locutor avalia as ações de A(B ...N) em relação A, B, ..., N.

Por fim, do computador "sai" também uma "lista de espera" *(left-over list)* das palavras presentes no texto mas ausentes do índice utilizado pelo programa. Basta uma vista de olhos pela lista de palavras não tratadas para que nos seja permitido selecionar as que interessa reter, juntando-as então ao dicionário do programa para outra passagem do material pela máquina.

No plano prático, Holsti parece satisfeito com o manejo da técnica. A título de exemplo, indica que "numa passagem" em que se utilizou o "dicionário" do diferencial semântico, para avaliar dez objetos de atitude em dezesseis documentos que totalizam 92.000 palavras, necessitou de 17 minutos, ou seja, 5.300 palavras por minuto. À saída obtiveram-se treze pares de quadros (quadros de frequência, quadros de frequência × intensidade) para cada documento, ou seja, um total de 416. Mas, antes de tudo foi certamente necessário codificar o material.

O que pensar das análises avaliativas? O refinamento técnico, a importância dada nos relatórios norte-americanos às questões de método em detrimento dos resultados e da sua interpretação deixam perplexo o leitor francês pouco habituado a incomodar-se com tais sutilezas de procedimento. O problema que se põe aqui é o de avaliar, sem juízo subjetivo da parte do analista, os juízos (ideologia, atitude, afetos, reações emocionais, auréola conotativa acerca de...) de um produtor de comunicação! É perseguir o velho sonho que gera boa parte da atividade de pesquisa em matéria de técnicas de análise, o ser rigoroso frente a um material tendencioso.

Apesar da morosidade dos procedimentos, a análise avaliativa – que se vai talvez abreviando por eliminação de operações inúteis e pela entrega automática de algumas tarefas ao computador – provavelmente não disse sua última palavra. Tendo por base o EAA, Osgood sugeria outras pistas, que na sua perspectiva não faltava interesse:

- Medição da *incongruência* avaliativa de uma mensagem. Qual a coerência de um texto nos seus juízos? Uma pessoa ou um jornal são sempre homogêneos nas suas afirmações? O que revela um índice de incongruência elevado (determinado pelo número de afirmações desviantes em relação ao conjunto)? Uma tibieza ou uma ambivalência na atitude? A presença de juízos voluntariamente em conforme com as convições reais?
- Medição da *carga avaliativa* de uma mensagem. A carga avaliativa de uma conversa pode indicar a percentagem de emotividade ou afetividade das pessoas em presença. Pode dar conta do caráter tendencioso ou ideológico de um artigo de jornal, determinar a relação informação/persuasão de um anúncio publicitário etc.

III

A análise da enunciação

É necessário estarmos disposto
a fazer um desvio par
seguir os desvios do text
D'UNRU

A análise da enunciação tem duas grandes características que a diferen ciam de outras técnicas de análise de conteúdo. Apoia-se numa concep ção da comunicação como processo e não como dado. Funciona desviando-s das estruturas e dos elementos formais.

D'Unrug[1] apresenta uma técnica assente nesta concepção. O métod proposto, não hermético na nossa opinião (pode procurar-se outros indicado res e adaptá-los a materiais diferentes), tem a vantagem de ser acessível sen necessidade de formação superior específica (psicanálise, linguística), send maleável e manejável, muito operatório e produtivo. Além do mais, aplica-s particularmente bem a um tipo de discurso habitualmente abandonado pela técnicas exatas: a *entrevista* não diretiva.

1. UMA CONCEPÇÃO DO DISCURSO COMO PALAVRA EM ATO

Chama-se geralmente *discurso*, na prática das análises, toda a comunica ção estudada, não só ao nível dos seus elementos constituintes elementare (a palavra por exemplo) mas também e sobretudo a um nível igual e supe rior à frase (proposições, enunciados, sequências).

1. M. C. d'Unrug, *Analyse de contenu et acte de parole*, Paris, Delarge, 1974.

A análise da enunciação assenta numa concepção do discurso como palavra em ato. A análise de conteúdo clássica considera o material de estudo um *dado,* isto é, um enunciado imobilizado, manipulável, fragmentável. Ora, uma produção de palavra é um *processo.* A análise da enunciação considera que na altura da produção da palavra é feito um trabalho, é elaborado um sentido e são operadas transformações. O discurso não é transposição cristalina de opiniões, de atitudes e de representações que existam de modo cabal antes da passagem à forma linguageira. O discurso não é um produto acabado mas um momento num processo de elaboração, com tudo o que isso comporta de contradições, de incoerências, de imperfeições. Isto é particularmente evidente nas entrevistas em que a produção é ao mesmo tempo espontânea e constrangida pela situação.

Se o discurso for perspectivado como processo de elaboração onde se confrontam as motivações, desejos e investimentos do sujeito com as imposições do código linguístico e com as condições de produção, então o desvio pela *enunciação* é a melhor via para se alcançar o que se procura.

a) *As condições de produção da palavra* – Em qualquer comunicação, e não apenas na cura psicanalítica ou na entrevista, um "triângulo" estrutura a produção: os três polos são o locutor, o seu objeto de discurso ou de referência, e um terceiro (psicanalista, entrevistador ou outrem). O locutor exprime com toda a sua ambivalência os seus conflitos de base, a incoerência do seu inconsciente, mas na presença de um terceiro sua fala deve respeitar a exigência da lógica socializada. "Bem ou mal" sua fala torna-se necessariamente um discurso. É pelo domínio da palavra, pelas suas lacunas e doutrinas que o analista pode reconstruir os investimentos, as atitudes, as representações reais.

Perspectivado desse modo, o discurso é, por um lado, "uma atualização parcial de processos na sua grande parte inconscientes"[2] e por outro a estruturação e as transformações provocadas pela passagem pelo "fluxo" da linguagem e pelo "outro".

b) *O desvio pela enunciação* – Podem distinguir-se três níveis de aproximação desviada numa análise da enunciação.

2. M. C. d'Unrug, op. cit.

- *A análise sintática e paralinguística:* o estudo incide sobre as estruturas formais gramaticais.
- *A análise lógica:* apoia-se num conhecimento do arranjo do discurso.
- *A análise dos elementos formais atípicos:* estão neste caso, por exemplo, as omissões, os ilogismos, os silêncios etc.

Na técnica de análise de entrevistas não diretivas que propõe, M. C. d'Unrug baseia-se essencialmente:

- na análise da lógica do discurso: a *dinâmica* da entrevista;
- nas *figuras de retórica.*

As figuras de retórica exerceram desde longa data certo fascínio no estudo do estilo literário. Ao contrário do que na generalidade se supõe, elas não são um ornamento gratuito. Fazem parte do trabalho do discurso e não se inscrevem nele inofensivamente. Para M. C. d'Unrug, funcionam como "*operadores* que introduzem as transformações eficazes" e em geral têm uma função de resistência, "no sentido psicanalítico": permitem retardar o conflito, dominá-lo parcialmente ou resolvê-lo por meios laterais.

> Se a maior parte do tempo as figuras dizem simultaneamente o verdadeiro e o falso, isto implica uma relação complexa mas sempre motivada por um referente implícito, redescobrem-se através dela os pressupostos do locutor, os seus investimentos e sua relação, muitas vezes irracional, com este referente.

O desvio pela enunciação (organização formal do discurso e referenciação dos elementos formais atípicos) permite a inferência indireta. Os *indicadores formais* elucidam sobre o *processo*, e a compreensão deste facilita a referenciação e a interpretação dos *conteúdos* (variáveis de inferência do tipo motivação, atitudes, representação e organização destas entre si). Trata-se de uma análise de conteúdo, mas o acesso a este passa pelo continente e pelas suas modalidades.

c) *Uma convergência de influências teóricas e metodológicas* – A análise da enunciação é o resultado de influências de variadas origens. Lacan e a psicanálise participam na concepção de um discurso em que a manifestação formal esconde e estrutura a emergência de conflitos latentes. O interesse pelos

jogos de palavras, pelos lapsos, pelos silêncios como indicadores privilegiados, é herdeiro direto das intuições de Freud.

O estudo da disposição do discurso considerado um todo coerente, e até mesmo um sistema em equilíbrio (sucessão de desequilíbrios dominados e ultrapassados) em que a própria organização tem um sentido, provém de uma linha específica de trabalhos: a *lógica* como ciência do raciocínio (correto); a linguística, vinda dos formalistas russos e da escola de Geneve, atenta às funções de expressão, à enunciação e à sua determinação pelo grupo social, o distribucionalismo e a análise do discurso de S. Z. Harris que, por processo de redução e formalização, fazem aparecer esquemas característicos; a gramática gerativa de Chomsky, tentativa para alcançar os processos gerativos da língua, assente em regras inconscientes, mas também os trabalhos de análise estrutural do discurso, tais como os de Lévi-Strauss ou de Greimas.

A introdução no campo da análise de conteúdo das figuras de retórica é herdeira de uma longa tradição literária. A acumulação de estudos e de definições fornece dicionários de figuras de estilo, em que cada uma é cuidadosamente recenseada.

d) *A aplicação da análise da enunciação à entrevista não diretiva* – A entrevista não diretiva é um material privilegiado da análise da enunciação. Por entrevista não diretiva entende-se um tipo de entrevista:

- obedecendo à atitude não diretiva ou centrada na pessoa, enaltecida pelo psicoterapeuta norte-americano Carl Rogers. Ela supõe uma atitude de *consideração positiva e incondicional* (nem seleção, nem juízo de valor ou de desvalorização) da parte do entrevistador, uma atitude de *empatia* (coloca-se no ponto de vista e no quadro de referência do entrevistado) e o recurso às técnicas de *reformulação* (remissões, respostas-reflexos);
- desenvolvendo-se por isso deliberadamente segundo a lógica própria do entrevistado, sendo as únicas limitações as *instruções temáticas* postas à partida para centrar a entrevista no assunto que interessa ao entrevistador e a presença deste como interlocutor;
- caracterizada por uma pré-formação mínima (ao contrário das entrevistas e questionários pré-formados), um aspecto de improvisação devido a uma relativa autonomia, certa unidade e coerência (cada entrevista forma um todo original e singular, mas comparável em certa medida às outras, devido à estandartização da questão inicial), uma focalização do conteúdo na relaçã (subjetiva) do locutor com o "objeto" do discurso (representação, atitude etc.) uma elaboração do pensamento *aqui e agora* ligada à elaboração da palavra.

Trata-se por isso de um discurso *dinâmico* e não estático que se apresen ta como uma sucessão de transformações do pensamento/forma. Este jogo d transformações atua a níveis múltiplos. O objetivo e a ambição da análise d enunciação é apreender ao mesmo tempo diversos níveis imbricados (ao con trário da análise de conteúdo estrita, que se baseia essencialmente no registr semântico elementar).

Na entrevista não diretiva, devido a circunstâncias de produção (situa ção que provoca simultaneamente espontaneidade e constrangimento), *trabalho de elaboração* é ao mesmo tempo "emergência do inconsciente construção do discurso":

> Para a análise de conteúdo, as "racionalizações", as "defesas" ou as resistên cias no que têm de significativo no plano social não têm menos interesse d que as rupturas do discurso, em que se traduz um "conteúdo latente" por ve zes bastante pobre e estereotipado.

2. CONDIÇÕES E ORGANIZAÇÃO DE UMA ANÁLISE DA ENUNCIAÇÃO

- *Corpus*: se a análise for *intensiva*, é necessário (custo) e suficiente (qualidade da análise substitui a quantidade do material analisado) trabalha um material restrito. Digamos que há quinze a trinta entrevistas. Deve ser fe ta uma *amostragem* rigorosa. A diferenciação das variáveis sexo, idade etc., a nível do resultado impõe um aumento deste número médio.

Se a análise for *comparativa* (pelo menos no fim da tarefa), é necessári que as condições sejam estandartizadas (com a mesma problemática de part da, e com as mesmas condições situacionais). Se, contudo, a análise estiv centrada na *singularidade da elaboração individual* do discurso, a redação re peita a liberdade e a criatividade individuais (não diretividade).

Se o alinhamento e a progressão do discurso forem tomados em cont enquanto indicadores, cada discurso deve ter um texto suficientemente gra de para formar um todo. Porém, a extensão das entrevistas pode variar no se

de um mesmo *corpus* (tempo médio: de meia hora a uma hora; transcrição digitada: de quatro a cinco páginas até vinte ou trinta páginas).

O exemplo apresentado aqui aplica-se a entrevistas não diretivas, mas o *corpus* pode ser de natureza muito diversa: comunicações de massa, discussões de grupos restritos, entrevista clínica ou de psicoterapia, discurso político. Contudo, M. C. d'Unrug parece privilegiar os discursos portadores de *ideologia* e resultantes de uma abordagem *clínica*; enquanto materiais para os quais a análise da enunciação está particularmente adaptada.

A) *Preparação do material* – Cada discurso (entrevista, por exemplo), isto é, a produção de um locutor, é a unidade de base. A preparação do material deve conduzir à transcrição exaustiva de cada produção. A apresentação mais cômoda é a forma digitada de cada exemplar em duplicado ou triplicado, com margens à esquerda e à direita para anotações[3].

A transcrição que tem por fim uma análise da enunciação deve conservar o máximo de informação, tanto linguística (registro da totalidade dos significantes) como paralinguística (anotação dos silêncios, onomatopeias, perturbações de palavra e de aspectos emocionais tais como o riso, o tom irônico etc.).

B) *As diferentes etapas da análise* – A análise da enunciação é complementar de uma análise temática previamente efetuada. A análise da enunciação propriamente dita ocorre em diversos níveis (nível das sequências, das proposições, dos elementos atípicos) e a interpretação, ou seja, a compreensão do *processo* em ato, resulta da confrontação dos diferentes indicadores. Na análise da enunciação, a validade é resultante de uma coerência interna entre os diversos traços significativos.

Portanto são de distinguir:

- *A análise temática*: é transversal, isto é, recorta o conjunto das entrevistas por meio de uma grade de categorias projetada sobre os conteúdos. Não se têm em conta a dinâmica e a organização, mas a frequência dos temas extraídos do conjunto dos discursos, considerados dados segmentáveis e comparáveis.
- *A análise da enunciação*: cada entrevista é estudada em si mesma como uma totalidade organizada e singular. Trata-se do estudo dos casos. A dinâmica própria de cada produção é analisada e os diferentes indicadores adaptam-se à irredutibilidade de cada locutor.

Ao contrário da análise temática que, por meio de um sistema de categorias aplica uma teoria (corpo de hipóteses em função de um quadro de referência) ao material, a análise da enunciação está virgem de qualquer hipótese interpretativa antes do estudo formal do discurso.

a) *O alinhamento e a dinâmica do discurso.* – Trata-se aqui de encontrar a lógica intrínseca que estrutura cada entrevista.

- *Análise lógica:* é uma análise das relações entre *proposições.* Um trabalho de observação do encadeamento das proposições. O que é uma proposição?

> Por *proposição* entende-se uma afirmação, uma declaração, um juízo, (ou até uma pergunta ou uma negação), em suma, uma frase ou um elemento da frase que instaure, tal como a proposição lógica, uma *relação entre dois ou mais termos.* Em princípio é uma *unidade que se basta a si própria* (pronunciada sozinha tem um sentido...); deve poder ser afirmada ou negada encarada separadamente ou nas suas relações com outras, pronunciada com exatidão ou inexatidão, deve poder-se fazê-la preceder de cada vez das seguintes palavras: "o fato de...".

A primeira operação consiste em escandir o texto oração por oração, seja por um sinal de separação do tipo /, seja recopiando-o numa coluna. Em seguida, a observação da sucessão das proposições põe em evidência relações e formas de raciocínio. Com efeito, parece que "tudo se passa como se uma forma de raciocínio estivesse presente no discurso antes mesmo deste ser formulado".

- *Análise sequencial:*

> Distinguir-se-á uma nova *sequência* de cada vez que há uma *mudança de assunto,* ou existe a passagem da narração à descrição, à explicação etc. A referenciação é quase sempre facilitada pela presença de rupturas no discurso: silêncios, palavras ou grupos de palavras que asseguram a transição de um assunto para outro (*agora..., dito isto..., contudo..., quer dizer...*).

A análise das *sequências* destaca a escansão, o ritmo, a progressão do discurso a um nível mais global que o nível precedente. É também uma análise das *rupturas.* Quais são os acontecimentos, as forças subjacentes ou a reação às coisas expressas suscetíveis de modificar bruscamente o conteúdo (abordado ou a expressão ("tom", estilo de expressão)?

3. A utilização de papel A4 ou carta é muito prática (largura suficiente, comprimento ajustável à extensão da entrevista).

A análise lógica e a análise de sequência são duas etapas (sem primado cronológico de uma sobre a outra no decorrer das operações) reveladoras da "dinâmica" da entrevista. Confrontados os resultados obtidos com os da análise estilística e os dos elementos atípicos, nos é permitido compreender a conexão com os temas abordados, as tensões, as pausas, as perdas de domínio, o controle, as contradições, os conflitos etc., que animam e estruturam o discurso.

Por exemplo, o frequente bloqueio no início de uma entrevista manifesta-se na sua organização lógica. Certas entrevistas obedecem à dinâmica do mais controlado ou do menos controlado. Os indicadores estilísticos ou semânticos: confusão, redundância, (sinais de perda do domínio do discurso ou de inibição na progressão), digressões, ilogismos, temas recorrentes, denegações, lapsos etc., completam a compreensão, como em seguida se verá.

Tomemos o exemplo de uma entrevista citada por M. C. d'Unrug sobre a imagem do corpo. A questão era a seguinte:

> Pode me falar do corpo e da imagem que tem dele? Depois de uma *sequência de arranque* marcada por recorrências (repetição do mesmo tema) e de sinais de tensão em relação ao interlocutor, seguem-se as três sequências aqui representadas:

Sequência II

(...) tenho uma estatura média; / não sou um atleta / *pratiquei muito esporte* (2) sou relativamente musculoso / não tenho ombros muito largos / mas enfim, *passo por um rapaz que gosta de esporte* (2) (de qualquer forma tenho passado por), / *pratiquei esporte* (2) e na verdade, *na medida em que se pratica muito esporte* (2) *a gente se sente bastante à vontade consigo mesmo* (3);

Sequência III

quer dizer, lembro-me quando se é adolescente, por exemplo aí pelos 16 anos, ou aos 14/15 anos, sim, 14/15 anos, bem, era um bocado complexado por me achar um pouco magro, ou por ter os ombros estreitos, ou por coisa parecida;

Sequência IV

todos esses complexos desapareceram assim que saí da adolescência; /quando era adolescente ficava complexado ao usar roupas de banho porque me achava magro / e depois, agora, acabou-se de vez, / *sinto-me bem com meu corpo* (3) / Certamente porque pratiquei muito *esporte* (2) /isto é, aprendi a *servir-me do meu corpo* (4) / aprendi a fazer certos gestos (...)

Legenda:

- Limite das proposições = / .
- Temas ou palavras em itálico e número entre parênteses (podem sublinhar-se com cores diferentes) = *temas recorrentes*. Neste caso são:
  (2): tema de esporte; (3): tema do sentir-se à vontade; (4): tema do uso e fruição do seu corpo.
- Entre parênteses () = são distinguidos os *incidentes* e as *interpolações*.
- Na margem são indicadas:
  - a característica marcante da *sequência* (arranque, equilíbrio, desequilíbrio, resistência);
  - as características *estilísticas* (estilo literário, confuso, redundante, lírico, entrecortado etc.);
  - as *figuras de estilo* (cf. *infra*) e os *operadores* (conjunções, transcrições etc.).

Dividida em *proposições*, a sequência II é uma dialética do tipo:

Eu não sou.

Mas eu fiz.

E eu sou:

Ou seja, a sucessão das proposições (sublinhando as articulações):

1) Tenho uma estatura média.
2) Não sou um atleta.
3) Pratiquei muito esporte.
4) Sou relativamente musculoso.
5) Não tenho os ombros muito largos, mas *(enfim)*.
6) Passo por um rapaz que gosta de esporte.
7) (De qualquer forma tenho passado por).
8) Pratiquei bastante e *(na verdade)*.
9) *Na medida em que* se pratica muito esporte a gente se sente bastante à vontade com o próprio corpo.

De fato, o raciocínio implícito é o seguinte:
(5), mas (enfim), (6) (8) e (na verdade) (9).

Ao nível das três sequências a dinâmica é a seguinte:
Os estilos são sucessivamente:

II – Estilo linear;
III – Estilo confuso, excitante e repetitivo;
IV – Estilo linear.

Os raciocínios sucessivos são:

II – Afirmação;
III – Problematização;
IV – Reafirmação.

O acontecimento conflitual que perturba a progressão do discurso e a sua enunciação é a irrupção, na sequência III, de uma recordação (os *complexos*). A estruturação geral é então:

II – Raciocínio – domínio do discurso – estilo linear;
III – *Intervenção de uma recordação* – perda do domínio do raciocínio e do estilo;
IV – Retomada do raciocínio e do domínio do discurso – restabelecimento do estilo.

Na fase III o locutor é "ultrapassado pelo seu pensamento e/ou pela sua palavra que vêm negar o que ele tinha afirmado anteriormente". O conflito devido ao complexo (ameaçado e recusado) é dominado pelo raciocínio implícito:

Eu não sou (nem sempre fui).

Mas fiz.

E sou (atualmente).

A oposição (disjunção) *eu sou e não sou* é resolvida pela sucessão temporal: os complexos são remetidos para a adolescência (um outro que não eu, visto que nego a sua existência atual, logo a existência de complexos). O reequilíbrio é facilitado pelo uso de um *lugar comum:* "complexado em roupas de banho" e pela forma impessoal "se" (quando se é adolescente), que permite generalizar o problema.

b) O *estilo* – A expressão e o pensamento progridem lado a lado. Como já vimos no exemplo dado na imagem do corpo, o estilo confuso, redundante, é significativo da perda do domínio do discurso; pelo contrário, um estilo controlado, uma sucessão de proposições lógicas indicam geralmente um retomar desse domínio.

O ideal na análise estilística, enquanto desvio para uma análise de conteúdo, seria poder generalizar a significação de certos indicadores. Isto é, todavia, tão utópico como estabelecer uma chave dos sonhos com uma correspondência unívoca e universal entre significantes e significados.

Não obstante, M. C. d'Unrug, à luz de exemplos concretos, sugere certos índices no quadro de uma análise da enunciação de entrevistas não diretivas:

- a *sobriedade* pode testemunhar um "compromisso real numa situação real";
- o *lirismo* manifesta a força de um investimento no tema abordado e a necessidade de o manter;
- as *litanias*, isto é, a acumulação por repetições aproximadas (as *recorrências* são repetições distantes), a ausência de progressão, podem manifestar a paixão do locutor mas também a necessidade de falar para aliviar uma tensão. A interpretação pode ser feita em termos de descarga ou de tentativa de domínio de uma representação (o referente é manejado sob todas as suas facetas para que se torne familiar);
- as *interpolações*: trata-se de incidentes, de perífrases, de silêncios e de lacunas que favorecem o retardar da progressão. Podem ser considerados sinais de inibição de paragem no discurso, de ruptura na continuidade do que vem ao pensamento. Em vez das litanias, que criam um "lugar onde o terceiro está ausente", revelam um discurso socializado em que o lugar do interlocutor é importante. O discurso é vivido do exterior.

Aqui a razão pode desempenhar um papel de defesa. A interpolação pode ser do tipo *sustentação* (*suspense* seguido da surpresa pela demora) ou *correção* (retração de uma afirmação devido a uma afirmação mais forte, mais adequada, ou por retificações sucessivas).

c) *Os elementos atípicos e as figuras de retórica – As recorrências*: estas são repetições de um mesmo tema ou da mesma palavra em contextos diferentes. No início da entrevista, as recorrências são uma reação direta à pergunta-estímulo que se explica por um "preenchimento" compulsivo do tempo de fala por bloqueio e pela familiarização progressiva com um novo tema. É o caso da entrevista citada sobre a imagem do corpo, em que o tema *corpo* é retomado oito vezes nas doze primeiras proposições.

No decorrer da entrevista, as recorrências propriamente ditas (espaçadas no discurso) podem ser um indicador:

- *De importância.* Do mesmo modo que se postula um vínculo proporcional entre a frequência relativa de um tema numa mensagem, pode adiantar-se que a repetição, a insistência de um tema que ressurge em momentos diferentes, revela o investimento psicológico da pessoa nesse tema.

- *De ambivalência.* Se o tema ressurge a despropósito, como que por acaso, em diferentes contextos, pode supor-se que está mal integrado no sistema conceitual do locutor. A relação é do tipo atração/receio ou do tipo desejo/recusa. A insistência numa noção pode ser esclarecedora da natureza do conflito em jogo.

- *De denegação.* Regressar incessantemente ao mesmo assunto (por exemplo, insistir no "sinto-me bem com meu corpo") pode ser o sinal do desejo de nos convencermos de uma ideia. De fato, quando se duvida de uma

afirmação feita, para nos autoconvencermos e conseguir convencer o outro, repete-se esta. O "eu não sou racista" é típico da denegação.

■ *Da presença indiscutível da ideia recusada.* Por exemplo, sempre na mesma entrevista sobre a imagem do corpo, o autor assinala a presença recorrente da ideia de *prazer* indicando a força do tema subjacente, rejeitada pela consciência da sexualidade.

Na mesma ordem de ideias, para interpretar as recorrências pode fazer-se apelo à noção freudiana de *resistência com benefício secundário.* A pessoa está mobilizada por um conflito, mas este lhe dá vantagens secundárias. Está então entretido, mas dá lugar a "obsessões" verbais, aparecendo essas bruscas irrupções do inconsciente que são os lapsos.

■ *Os lapsos:* neles, passa-se qualquer coisa involuntária e uma ideia, uma palavra, substitui a ideia ou a palavra prevista pela consciência. Isso manifesta a insistência não dominável de uma ideia recusada (seja pela consciência, seja pela situação do momento).

Se ao escrever este livro, eu escrevo "é preciso preparar o jantar" em vez de "é preciso preparar o texto" adequado ao meu propósito, eu manifesto involuntariamente a minha preocupação do momento.

Se ao estar fazendo um curso sobre a análise de mensagens publicitárias escrevo como exemplo no quadro "com toda a firmeza", em lugar do *slogan* "com toda a feminidade"[4], como me comunica o anúncio que tenho na mão, manifesto, por mais que isso me custe, a um anfiteatro de estudantes de psicologia (divertidos) a recusa, devido às circunstâncias imediatas (fazer um ar sério, impor a sua autoridade, manifestar portanto qualidades não femininas) ou um conflito mais profundo.

Interpretado há muito pela psicanálise, o lapso, cuja ideia facilmente se vulgarizou, é o tipo próprio do elemento atípico carregado de sentido, logo, índice precioso para o analista. Irrupção irracional num contexto racionalizado, quebra bruscamente a defesa, transgride a norma. Exatamente como os dois exemplos precedentes, incongruentes ou impudicos, transgridem a lei do livro *Manual de Métodos para Autores de Puro-Espírito Despersonalizado*, porque o meu corpo tem fome, ou o meu ego, necessidade de expressão.

4. A tradução rouba a força que este lapso tem em francês – *Fermeté/Féminité.* (*N. do T.*)

■ *Os ilogismos ou falhas lógicas*: são geralmente acompanhados de uma perda de domínio do discurso. O ilogismo corresponde a uma tentativa de raciocínio, a um desejo de demonstração que encalha na argumentação. Falhas lógicas ou ilogismos são indicadores de uma necessidade de justificação de um comportamento pessoal ou de um juízo em contradição com a situação real. Ou então revelam má-fé.

Correspondem a uma defesa do superego, mas cada tentativa de simulação pela racionalização conduz ao fracasso, sem que o locutor se aperceba disso claramente.

A coerência aparente (num discurso desconexo, por exemplo) pode ser dada pela *utilização retórica* (no sentido da argumentação como função persuasiva) de procedimentos lógicos: a utilização de conjunções (portanto, e, mas, ora, etc.) pode dar artificialmente uma ilusão de rigor de raciocínio ou desviar a atenção do verdadeiro raciocínio.

■ *Os álibis:* a resolução (aparente ou mágica) de conflitos, de contradições, a conjunção de fatos incompatíveis, a justificação, o reassegurar das próprias convicções... recorrem à autoridade dos lugares comuns, dos jogos de palavras, da lógica do "pronto a vestir", ou seja, álibis que se aplicam no discurso.

■ *Os lugares comuns.* Têm papel justificador. São resumos sociais que têm uma função de sustentação do discurso. Trata-se de obter a adesão do interlocutor, a sua cumplicidade, usando noções que são partilhadas culturalmente (estereótipos, frases feitas, alusões literárias ou históricas, máximas e provérbios).

Podem ter também a função de desviar a atenção e ser indicadores de recusa a uma questão.

■ *Os jogos de palavras.* É conhecido o sentido atribuído por Freud ao jogo de palavras ou chiste: a descarga de uma tensão pela manifestação indireta da libido. É certo que o jogo de palavras dá o prazer de um sucesso formal e de uma transgressão comparável à de uma história divertida. Pode ser também um sinal de descontração, mas também, tal como o lugar comum pode ser um meio de desvio, um distanciamento face a um problema premente, um processo de controle sofisticado pela descontração aparente face ao outro. "O humor é a delicadeza do desespero", disse um desesperado refinado...

- *As figuras de retórica*[5]: jogam com o raciocínio ou com o sentido das palavras. Existem quando a implicação afetiva com o referente é forte (como na produção poética) mas precisando de um mínimo de distância e de à-vontade.

M. C. d'Unrug distingue as figuras de *conjunção* e de *redução.*

- *A conjunção.* Logo que existe disjunção na realidade (por exemplo, incompatibilidade de dois fatos, duas ideias, dois juízos), portanto dissonância, a pessoa procura restabelecer a consonância e a harmonia. Pode tentar fazê-lo por um processo mágico ao nível do próprio discurso, para tentar dominar a contradição. Por exemplo, pela manipulação:
  - do *paradoxo* (reunião de duas ideias aparentemente inconciliáveis; exemplo: "restabelecer a sua honra com a força da infâmia". [Boileau]);
  - da *hipérbole* (Aumento ou diminuição excessiva das coisas; exemplo: "estou morto de sede"). O afastamento entre a expressão e a realidade traduz a intensidade do desejo.

- *A redução.* Podem citar-se duas figuras entre as mais conhecidas:
  - a *metonímia*, ou, mais exatamente, a *sinédoque* (tomar a parte pelo todo, o abstrato pelo concreto) é uma redução do tipo lógico. Permite chamar a atenção do interlocutor para somente um aspecto, portanto desviar a sua atenção de qualquer coisa por ocultação. É muito frequente nas comunicações de massa e, como medida subversiva, pode manifestar má-fé;
  - a *metáfora*, e mais precisamente a *catacrese*, forma vulgarizada da metáfora. A metáfora é uma figura de tipo associativo. Designa qualquer coisa por outra. Geralmente o significante de substituição é mais simbólico. A *ruptura* faz-se pela passagem de um plano denotativo a um plano conotativo. Conotações e metáforas têm um grau de figuração elevado, um grande poder de sugestão porque extraem as significações sobredeterminadas, aderentes ao significante que as suporta por razões históricas (individuais e sociais). Com forte carga emocional, indicam que "o coração tem razões que a razão desconhece"[6].

5. Álibis, lugares comuns, jogos de palavras, figuras de retórica, não são apenas cometidos "por descuido" por um locutor espontâneo. Os discursos persuasivos (políticos, publicitários) de massa fazem um uso refinado, conscientemente ou não, desses processos. Por exemplo, o discurso publicitário funciona frequentemente segundo um mecanismo de conciliação dos contrários, reforçado pelo recurso aos jogos de palavras, provérbios, metáforas etc. A análise de conteúdo, não apenas temática mas também a de enunciação, de mais de duzentas mensagens publicitárias permitiu pôr a nu uma das funções da publicidade da nossa sociedade, função essa que se assemelha aos ritos mágicos e às palavras sagradas. Cf. L. Bardin, *Les mécanismes idéologiques de la publicité*, Delarge, Ed. Universitaires, 1975.

3. UMA ABORDAGEM LINGUÍSTICA. A INTERPRETAÇÃO DO IMPLÍCITO

Citaremos aqui, ainda que não se trate propriamente de análise de conteúdo, os trabalhos de Kerbrat-Orecchioni, como exemplo das investigações realizadas por alguns linguistas que, para nosso proveito, não hesitam em sair do quadro rígido da linguística. Isto na linhagem de Austin, onde "dizer é fazer", onde se considera que os enunciados verbais funcionam como atos e são regidos por regras. "(...) hipótese luminosa", como diz a autora[7], "infinitamente produtiva, eminentemente certa [a nosso ver, com certeza], que permite à linguística alargar consideravelmente o seu campo de pertinência e sair do seu esplêndido isolamento imanentista para estabelecer relações orgânicas com a psicologia, a sociologia a 'etnografia da comunicação', a teoria das interações (verbais e não verbais) e das ações (verbais e não verbais)."

Kerbrat-Orecchioni, entre outros, dedicou-se à descoberta dos mecanismos do *implícito*. "Nem sempre falamos diretamente. Alguns dizem até que *nunca* se fala diretamente." Longe de serem excepcionais, "os conteúdos implícitos são onipresentes". Mas como compreender numa troca verbal o cálculo

6. Na produção deste texto, esta citação conhecida e metafórica (coração) marca:
   - a força do investimento do autor: o interesse pela noção de conotação;
   - um meio de redução de uma tensão: desejo de desenvolver este ponto mas resistência em ultrapassar o quadro previsto na realização da obra;
   - o álibi: meio de terminar bruscamente um raciocínio apercebido como truncado, a ilusão que o leitor compreenderá e ele próprio introduzirá aqui as suas reflexões.
7. C. Kerbrat-Orecchioni, *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage*, Colin, 1980; *L'implicite*, Colin, 1986.

interpretativo de um destinatário decodificador que recebe um conteúdo implícito de um locutor? Observando múltiplos exemplos retirados da literatura ou da vida corrente. A autora utiliza aqui o termo inferência, ou seja, "qualquer proposição implícita que se pode extrair de um enunciado e deduzir do seu conteúdo literal". Decompõe assim a complexidade da tarefa situando a sua observação em vários níveis:

- a *natureza* dos conteúdos implícitos veiculados pelo enunciado;
- o seu *suporte linguístico*, que necessita de uma competência linguística da parte do receptor:
- o seu *estatuto*, *i.e.*, o seu modo de apresentação, a forma como estão alojados no enunciado (pressupostos, subentendidos, insinuação, alusões...);
- a gênese, ou seja, os mecanismos que sustentam a extração do sentido e que necessitam, simultaneamente, de uma competência enciclopédica, uma competência lógica e uma competência retórico-pragmática.

Kerbrat-Orecchioni aventura-se assim nos *pressupostos* e nos *subentendidos*, as informações implicadas na formulação do enunciado ou atualizadas pelo contexto enunciativo.

Por exemplo: "O meu filho comprou um Jaguar" subentende um carro de corrida, que ele está na idade de fazer uma compra desse gênero e, por último, que tenho um filho.

Passa em revista os *tropos*, essas figuras de retórica, mas amplia o seu inventário. Assim, esta frase aparentemente anódina:

"Caíste da cama outra vez esta manhã?"

subentende (à escolha):
"Levantaste-te cedo outra vez?" (metáfora)
"Levantaste-te tarde outra vez?" (ironia)
"Levantas-te tarde muitas vezes" (demasiado pressuposto)
"É porque tu és preguiçoso
deitas-te tarde
levas uma vida dissoluta" (tropo implicativo)

Esta exploração do implícito faz tomar consciência da extrema complexidade das operações interpretativas que permitem a sua decodificação. Estas operações requerem competências múltiplas da parte do decodificador, nomeadamente retórico-pragmáticas. Em relação a estas, o recurso a certos estudos sobre a troca verbal pode revelar-se útil: máximas conversacionais (Grice), leis do discurso (Ducrot), postulados de conversação (Gordon e Lahoff). Algumas regras retórico-pragmáticas servem de apoio: princípio de cooperação, de pertinência, lei da sinceridade, código das conveniências, condições de sucesso etc.

E Kerbrat-Orecchioni conclui: "Dizer ou não dizer: esta é, em parte, para o locutor, a questão. Mas só em parte. Porque se pode, simultaneamente, *dizer* E não *dizer*".

IV

A análise proposicional do discurso

A *análise proposicional do discurso*, ou APD, pode ser considerada uma variante da análise temática, que procura resolver algumas insuficiências da divisão em categorias. Em teoria adaptável a quaisquer dados da linguagem, adapta-se especialmente ao material verbal produzido por entrevistas.

Seus autores[1] começaram a elaborar esta técnica em 1974, à qual chamaram "análise por agregados". Tal como a análise automática do discurso de Pêcheux, foi influenciada pela abordagem do linguista Harris. Com efeito, a linguística descritiva tem por finalidade introduzir regras a partir de um *corpus*, permitindo descrever todos os enunciados do *corpus*. Em linguística, a procura de uma estrutura distributiva (disposição respectiva das partes, umas em relação às outras) faz-se então independentemente do sentido ou de dados exteriores à linguagem. Pelo contrário, a análise proposicional é uma análise de conteúdo com um objetivo inferencial: é verdade que se procuram "modelos argumentativos", mas trabalha-se com o significado dos enunciados. Ainda que se apoie em bases linguísticas, aliás simples, e que se sinta certo espírito vindo da análise do discurso, a APD continua sendo uma técnica empírica relativamente fácil de aplicar.

O objetivo da APD é identificar o "universo de referências" dos agentes sociais. Em outras palavras, como e por meio de que estrutura argumentativa se exprimem as questões e as ações dos agentes?

1. R. Ghiglione, J. L. Beauvois, C. Chabrol, A. Trognon, *Manuel d'analyse de contenu*, Colin, 1980; R. Ghiglione, B. Matalon, Bacrin, *Les dires analysés: l'analyse propositionnelle du discourse*, PUV, 1985; J. M. Léger, M.-F. Florand, "L'analyse de contenu: deux méthodes, deux resultants", in Blanchet *et al.*, *L'entretien dans les sciences socials,* 1985.

A técnica comporta uma série de operações. As duas primeiras, que permitirão a decodificação ulterior, são, após a transcrição e a digitação prévia das entrevistas:

- a determinação dos referentes-núcleos;
- a divisão do texto em proposições.

Os *referentes-núcleos*, ou RN, são uma das bases do método. A hipótese subjacente é de inspiração estruturalista: parte-se do princípio de que determinado número de polos de atração semântica estrutura o conjunto das palavras em dado contexto (aqui, a entrevista). Raymond, num estudo já antigo mas fecundo sobre o *habitat* residencial, partira do mesmo princípio, integrando-o num sistema oposicional[2].

Os referentes-núcleos são geralmente substantivos ou então pronomes. São em número limitado, de dez a vinte. Com efeito, "um pequeno número de objetos temáticos estrutura as cognições do sujeito a propósito de determinado tema".

Como, em concreto, é que esses referentes-núcleos são determinados e selecionados? Em função do seu "poder estruturante do discurso", bem como do seu "forte valor referencial do ponto de vista dos conteúdos", e "não apenas da sua frequência de ocorrência". O objetivo nesta seleção é que a grade dos RN possa dar conta de um máximo de proposições do texto.

As *proposições* são frases, na sua forma elementar, que qualificam, explicam os referentes-núcleos. A proposição é definida como um "segmento de texto de forma geralmente predicativa: sujeito, verbo, complemento". O trabalho complementar, ou *determinação dos RN*, é isolar no texto todas as proposições aferentes a um ou outro desses referentes-núcleos. Isso implica uma *reescrita* das proposições numa forma simplificada, e depois uma redução do número destas proposições por eliminações justificadas (por exemplo, equivalências sinonímicas, proposições encaixadas), ou por decisão do investigador em função do seu objetivo.

Consideremos um exemplo para ilustrar essas duas noções (referentes-núcleos e proposições).

Exemplo 1: um estudo das "necessidades em formação" da EDF-GDF suscitou um inquérito por entrevistas junto aos agentes envolvidos[3]. A técnica foi aplicada numa amostra de 11 entrevistas (de um total de 95). Os referentes-núcleos determinados são também das noções (a formação), das instâncias organizacionais (EDF, o meu Serviço), dos membros da organização (o meu Chefe, os nossos subordinados) ou o locutor (Eu). Mas podem manifestar-se por equivalentes, por exemplo:

> "*Nós* estamos encarregados da verificação das contas dos clientes" ou "há *aqui* muito trabalho" ou "as coisas, *aqui*, funcionam bem..."

A lista dos temas ou "referentes-núcleo" retidos contém cerca de vinte entradas. Responde ao duplo condicionalismo de ser limitada para ser manejável e de dar conta de um máximo de proposições suscetíveis de serem encontradas nas entrevistas.

Lista dos temas ou "referentes-núcleos":

- O meu Serviço (enquanto unidade organizacional);
- O meu Serviço (enquanto grupo de pessoas);
- Os rapazes (os subordinados, as pessoas que eu dirijo);
- As unidades superiores (os organismos de dimensão superior ao meu serviço, incluindo o meu serviço; o Centro, por exemplo);
- As unidades exteriores (organismos hierarquicamente independentes do meu serviço, outro distrito, outro serviço de contabilidade...);
- A formação na EDF-GDF;
- A EDF-GDF;
- A clientela;
- O nosso trabalho (o trabalho do nosso serviço, da nossa equipe, aqui e agora);
- Eu, mim;
- O empregado-tipo EDG-GDF, o estereótipo: os rapazes da EDF;
- O(s) meu(s) chefe(s), com quem lido;
- A direção, enquanto entidade; o "decisor abstrato";
- A promoção;
- Os salários, a grade;
- O computador;
- A informação na EDF-GDF.

Uma vez elaborada a grade de temas, procede-se à ventilação das proposições aferentes a cada RN, reescrevendo essas proposições uma a uma.

2. Ver o capítulo "A análise das relações" neste livro.
3. Ghiglione..., *op. cit.*, 1980.

Considere, por exemplo, o RN "o empregado-tipo EDF-GDF"; é afetado às proposições:

O1: os *rapazes* queixam-se aqui muitas vezes
O2: Perguntamo-*nos* o que vai acontecer a tudo isso
O3: *Ele* faz o que pode para estar integrado
O4: *Ele* tenta não se deixar ultrapassar

O número de proposições por referente-núcleo, após a eliminação máxima, é muito variável. Neste caso, varia de 4 (RN: "a informação na EDF-GDF") a 101 ("Eu, mim"), sendo o total 555 proposições repartidas em 17 RN.

Exemplo 2: retomemos um exemplo a partir de um estudo sobre as motivações dos estudantes de psicologia[4].

Considere-se o excerto seguinte extraído de uma entrevista em que uma futura estudante fala espontaneamente da sua relação com os homens:

> (...) eu vivo sozinha... não suporto viver com as pessoas... em comunidade ainda menos... tenho uma amiga que foi para um *kibutz*... isso não era para mim, com certeza... isso nem me interessa, porque, afinal de contas, se quiser, eu não tenho de todo uma imagem concreta de alguém...
>
> Não estou à procura de ninguém... não digo que viva assim, mas não de certa maneira... a partir do momento em que não encontro realmente a pessoa que procuro... (...) É que, definitivamente, talvez me interesse por pessoas pelas quais, afinal, não tenho admiração... é uma impressão muito forte... pessoas em quem não vejo os defeitos... e a partir do momento em que os vejo... afinal também os vejo muito depressa... não dura muito... talvez as queira pôr num pedestal durante algumas semanas e, depois, é a derrocada... e assim, por fim, sinto-me muito bem...

A seleção dos referentes-núcleos é feita a partir de uma leitura global da entrevista. Esta passagem é dividida em 23 proposições, repartidas em seis referentes-núcleos:

M	Eu, mim
G	as pessoas, comunidade
Q	alguém, a pessoa
C	maneira
R	relação
L1	amiga

4. Blanchet *et al.*, 1985, op. cit.

APD: Quadro de codificação das proposições

Locutor	N.º de ordem	REFERENTES-NÚCLEOS M	G	Q	C	R	L_1	PROPOSIÇÕES	MODALIZAÇÕES	VERBOS Tempo	Categorias	Polaridades	MODELOS ARGUMENTATIVOS
i	1	x						*eu vivo* ( ) sozinha	tudo	presente	S	+	MSY
i	2	x	x					*eu* não suporto ( ) viver com *as pessoas*	tanto	presente	S	–	MSYnrG
i	3	x	x					em *comunidade* [*eu* suporto] ( ) menos	ainda	presente	S	+	MSY
i	4	x					x	*eu* tenho uma *amiga*		presente	S	+	MSYL1
i	5	x					x	*que* foi para um *kibutz*		presente	F	+	L1FY
i	6	x						( ) isso não *serei* ( ) *eu*	então; com certeza	futuro	S	–	MSYn
i	7	x						( ) isso não *me* interessa	aliás	presente	F	–	MFYn
i	8	x		x				porque ( ) ( ) *eu não* tenho ( ) uma imagem concreta de *alguém*	afinal de contas; se quiser; de todo	presente	S	–	MSYnQ
i	9	x	x					*eu* não estou a procura de ( ) *alguém*	de todo	presente	F	–	MFYnQ
i	10	x						*eu* não vos digo		presente	D	–	MDYn
i	11	x			x			*eu* vivo ( ) ( ) mas não de uma ( ) *maneira*	assim; assim, alguns	presente	S	–	MSYnC
i	12	x	x					( ) em que *eu* não encontro ( ) a *pessoa*	a partir do momento; realmente	presente	F	–	MFYnQ
i	13	x		x				que *eu* procuro		presente	F	+	MFYQ

Por exemplo, a proposição "porque, afinal de contas, se quiser, eu não tenho de todo uma imagem concreta de alguém" é assim codificada: "porque ( ) ( ) *eu* não tenho ( ) uma imagem concreta de *alguém*". "*Eu*" e "*alguém*" referem-se aos RN "M" e "Q"; "porque", "se quiser" e "uma imagem concreta de" não são codificados. "Afinal de contas" e "de todo" são modelizações extraídas, ou seja, codificadas numa coluna à parte. Os verbos são também codificados pelo seu tempo (aqui o *presente*), pela sua função (aqui, verbo estacional, *i.e.* do tipo *ser* ou *ter*) e pela sua polaridade (*positiva* ou *negativa*). Por fim, a última coluna do quadro de codificação das proposições resume na forma de letras os "modelos argumentativos". Assim, a frase será sintetizada deste modo:

M S Y *n* Q

ou seja, RN *eu* = M, verbo estacional = S, sintagma no lugar de complemento = Y, polaridade negativa = *n*, RN *alguém* = Q.

Assim, a primeira metade do excerto da entrevista citada é codificada da forma identificada no quadro na página anterior.

Após estas operações de determinação dos RN e da divisão em proposições, já se pode trabalhar com a estrutura dos *modelos argumentativos*. Esses modelos são uma tradução simplificada das proposições. Por exemplo, as oito primeiras proposições podem ser assim resumidas:

Proposições	Modelo argumentativo	Tradução
1	MSY	EU/SER-TER
2	MSYnrG	EU/NÃO SER-TER COM/AS PESSOAS
3	MSYG	EU/NÃO SER-TER/AS PESSOAS
4	MSYL1	EU/SER-TER/AMIGA
5	L1FY	AMIGA/FAZER
6	MSYn	EU/NÃO SER-TER
7	MFYnQ	EU/NÃO FAZER/ALGUÉM
8	MSYnQ	EU/NÃO SER-TER/ALGUÉM

A partir daqui, com toda a codificação, podemos reagrupar as proposições com o mesmo RN. Por exemplo, nesta futura estudante, podemos fazer aparecer e tornar legível, por síntese de dez proposições extraídas da sua entrevista, o "discurso-descoberto" da sua relação com os homens. A comparação

"Discurso-descoberto" de M. sobre a sua relação com os homens

R.N. / Nº de proposições	M EU	G AS PESSOAS	Q ALGUÉM	H OS HOMENS	R RELAÇÃO	O PROBLEMA	P PSICO	B NECESSIDADE
9	○		○					
34	○	○						
2	○		○					
1	○				○	○		
4	○			○				
1					○	○		
7	○	○						○
6	○				○	○		
4	○			○	○		○	
2				○	○	○		

do RN e do número de proposições permite fazer aparecer uma organização cognitiva e afetiva subjacente.

Apresentamos agora um exemplo parcial de resultados suscetíveis que serviram de índice para a interpretação final. Outros tipos de dados podem também ser explorados. Além da frequência de ocorrência dos RN, podemos debruçar-nos sobre as "modelizações", por exemplo, fazer gráficos que exprimam as estratégias dos locutores a partir de "blocos de modelos interpretativos...".

Há uma informatização da APD[5]. Uma vez efetuada manualmente a divisão das proposições, alguns dos processos são automatizados. Considere-se (cf. extratos de quadros em cima e nas páginas seguintes) a quinta frase de uma entrevista: "*...non pas que autrui n'ait à jouer un rôle éminent dans cette relation...*" ["... não é que o outro não tenha a desempenhar um papel eminente nesta relação..."].

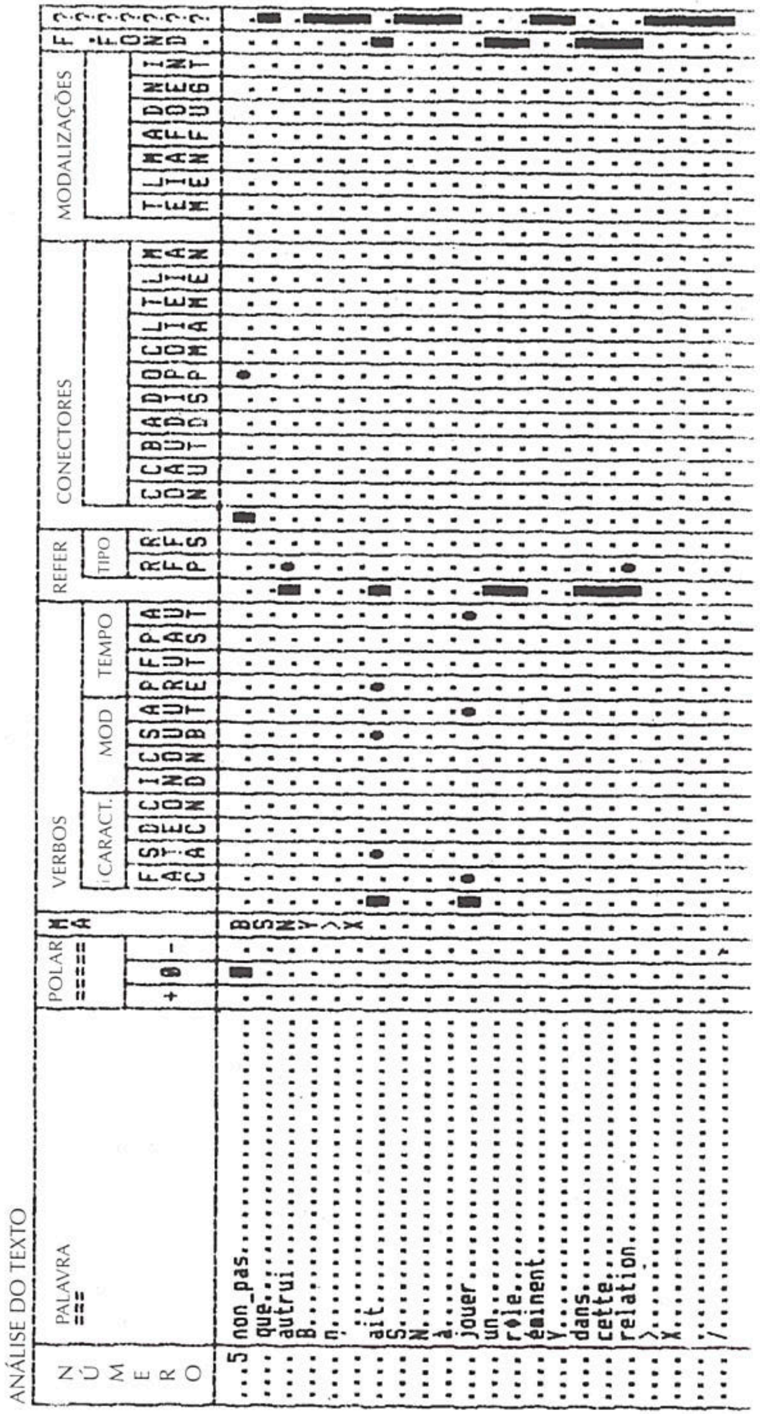
A automatização incide assim nos processos seguintes:

- os *verbos* são codificados a partir de um dicionário de 2.500 termos em todos os tempos e todos os modos, estabelecido de uma vez por todas, numa base linguística: características como fatual, estacional, declarativa... bem como modais e temporais;

5. Programa APD. Cf. Ghiglione.

ANÁLISE DO TEXTO

QUADRO 1 – Programa APD
Operações de categorização das palavras de uma proposição (nº 5)



QUADRO 2 – Quantificações das proposições

PROPOSIÇÕES	TOTAL	RELAÇÃO
	 15	....100.00
	 15	....100.00
PROP NON AF.	 0	........0.00
PROPOSITIONS –	 3	......20.00
PROPOSITIONS 0	 11	......73.33
PROPOSITIONS +	 1	........6.67

QUADRO 3 – Lista e frequência de ocorrência dos RN

REFERENTES-NÚCLEOS ================	RNP	RNS	F.F	NÚMERO ======
je........................	■	.	■	2
en........................	.	.	■	4
philosophie...............	■	.	.	1
les.......................	.	.	■	1
quelques..................	.	.	■	1
probleme..................	.	.	■	1
la........................	.	.	■	2
connaissance..............	■	.	■	1
un........................	.	.	■	2
mot.......................	.	.	■	1
autrui....................	■	.	.	2
est.......................	.	.	■	1
une.......................	.	.	■	3
ait.......................	.	.	■	1
r♦le......................	.	.	■	1
dans......................	.	.	■	3
cette.....................	.	.	■	1
relation..................	■	.	■	1
cependant.................	.	.	■	1
il........................	.	.	■	2
son.......................	.	.	■	1
temps.....................	.	.	■	1
objets....................	■	.	.	1
ils.......................	■	.	■	5
des.......................	.	.	■	1
se........................	.	.	■	1
le........................	.	.	■	3
or........................	.	.	■	1
étaient...................	.	.	■	1
passage...................	.	.	■	2
seront....................	.	.	■	1

QUADRO 4 – Início da lista total das palavras segundo a ordem de ocorrência

PALAVRAS	VRB	MOD	JCT	RFN	F.F	??	NÚMERO
je	.	.	.	■	■	.	2
ne	.	.	.	.	.	■	2
suis_versé	■	.	.	.	.	.	1
querē	.	■	.	.	.	.	1
en	.	.	.	■	■	.	4
philosophie	.	.	.	■	.	.	1
mais	.	.	■	.	.	.	1
les	.	.	.	■	■	.	1
longues	.	.	.	.	.	■	1
meditations	.	.	.	.	.	■	1
a	.	.	.	.	.	■	1
amenent	■	.	.	.	.	.	1
à	.	.	.	.	.	■	3
quelques	.	■	.	■	■	.	1
conclusions	.	.	.	.	.	■	1
touchant	■	.	.	.	.	.	1
l	.	.	.	.	.	■	1
antique	.	.	.	.	.	■	1
probleme	.	.	.	■	■	.	1
de	.	.	.	.	.	■	2
la	.	.	.	■	■	.	2
connaissance	.	.	.	■	■	.	1
un	.	.	.	■	■	.	2
mot	.	.	.	■	■	.	1
crois	■	.	.	.	.	.	1
que	.	.	.	.	.	.	4
presence	.	.	.	.	.	■	1
d	.	.	.	.	.	■	1
autrui	.	.	.	■	.	.	2

- um segundo dicionário, estabelecido a partir de hipóteses do investigador (e, por isso, variável), permite codificar os *referentes-núcleos*. Na proposição citada, há dois: "outrem" e "relação";
- os *conectores* (como consequências, causalidade, fim, adição, disjunção etc.) baseiam-se num dicionário fixo de nove categorias;
- as *modalizações* são repartidas em advérbios de tempo, de lugar, de modo, aos quais se juntam a afirmação, a dúvida, a negação e a intensificação (ex. "te amo *muito*");
- por fim, entra em jogo um dicionário de francês fundamental, que comporta 1.700 palavras de linguagem corrente com os seus sentidos flexionados (ex. plural, feminino). Na prática, permite levar em conta 70 a 90% das palavras do texto.

Uma vez efetuados esses processos, automaticamente ou pelo investigador em função do contexto, várias quantificações podem ser efetuadas pelo computador:

- número total de proposições de uma sequência (aqui 15), tratadas ou não tratadas, positivas ou não;
- número total de palavras, tratadas ou não, diferentes ou não;
- número de ocorrências por verbos, modalizações e conectores;
- número de RN (aqui 50, 31 deles diferentes);
- por fim, o computador elabora a lista de todos os referentes-núcleos (principais, secundários) e a sua frequência em função da ordem de ocorrência e faz o mesmo para todas as palavras do texto e para a sua categorização.

Ao funcionar sobre proposições de forma predicativa e necessitando de reescrita normalizadora dos textos, como a análise de avaliação de Osgood de 30 anos atrás, a APD pode sofrer as mesmas críticas (cf. pp. 208-213), a principal das quais é o peso dos processos de partida. No entanto, encontramos nos dois casos a mesma tentativa para estruturar o texto a partir de objetos ou de conceitos de referência nodais (objetos de atitude, referentes-núcleos), em torno dos quais gravitam campos semânticos (*common meaning terms*, proposições), segundo a velha divisão linguística ainda válida tema/intenção.

Mas se, na análise de avaliação, se tratava sobretudo de determinar a ideologia subjacente dos textos mediante a direção e a intensidade dos significados, na análise proposicional do discurso o objetivo é antes determinar a organização subjacente da produção verbal a fim de se perceber as estratégias psicológicas em ação.

V

A análise da expressão

Existem várias técnicas que podem ser classificadas sob a denominação de análise de expressão. Com efeito, os indicadores utilizados não são de ordem semântica (conteúdo plano dos significados) mas de ordem formal (plano dos significantes e da sua organização). Apesar disso, essas técnicas pertencem ao domínio da análise de conteúdo, na medida em que a passagem pela forma é apenas uma maneira indireta de atingir um outro nível. Esse nível, o das variáveis inferidas, é atingido graças ao desvio das características formais.

Teoricamente podem apresentar-se dois tipos de influência:

1) Forma → conteúdo → variáveis de inferência

2) { Forma (conteúdo) → variáveis de inferência

A hipótese implícita que subentende geralmente esse tipo de técnica com base na inferência formal é a de que existe uma correspondência entre o tipo do discurso e as características do seu locutor ou do seu meio. "Os traços pessoais mais ou menos permanentes, o estado do locutor ou a sua reação a uma situação, modificam o discurso tanto na sua "forma" como no conteúdo", segundo M. C. d'Unrug[1].

Os setores normalmente mais propícios à aplicação de técnicas de análise de expressão são os seguintes: a investigação da autenticidade de um documento (literatura, história), a psicologia clínica (psicoterapia, psiquia

1. M. C. d'Unrug, op. cit.

tria), os discursos políticos ou os que são suscetíveis de veicular uma ideologia (retórica).

Parece ser possível classificar os diversos indicadores formais da seguinte maneira: os indicadores lexicais e a estilística; as análises do discurso ou da narrativa (encadeamento lógico, arranjo de sequências, estrutura narrativa, estruturas formais de base).

1. OS INDICADORES

A estilística quantitativa, que se baseia na frequência relativa das palavras, inspirou algumas medidas à análise de conteúdo. A estilística qualitativa tornou-se menos intuitiva e mais sistemática (definição exata dos parâmetros utilizados), o que deu lugar à elaboração de alguns índices. A necessidade de uma abordagem diferencial e comparativa orientou as investigações para o estabelecimento de taxas médias, características modais, normas de referência, a fim de ser possível a comparação das produções analisadas com outras produções.

Entre os indicadores léxicos utilizou-se:

- o TTR *(type token ratio)*. Este indicador mede a variedade (ou a pobreza) do vocabulário calculando a razão entre o número de palavras diferentes sobre o número total de palavras. Dito de outra forma:

$$\frac{\text{léxico}}{\text{ocorrência}} \quad \text{ou seja} \quad \frac{L}{O}$$

Quanto maior for o resultado, maior é a variedade, diversidade, ou riqueza vocabular que o texto manifesta.

Ou, se utilizarmos a relação inversa (que dá números inteiros):

$$\frac{O}{L}$$

Neste caso, quanto mais elevado for o resultado, maior será a pobreza do léxico utilizado.

As taxas de referência (normas) podem calcular-se sobre amostras de igual tamanho (cem, duzentas, quinhentas ou mil palavras) a partir de determinados tipos de discursos.

O que significa a pobreza/riqueza lexical? A partir de 1944, por exe
plo, os investigadores norte-americanos tentaram verificar a hipótese d
variedade do léxico aumentar com o êxito de uma psicoterapia. Utilizou
ainda esse quociente no estudo do grau da desorganização e da alienaç
social dos esquizofrênicos (Gottschalk). Osgood e Walker utilizaram-no e
tre os seus indicadores de estereotipia e de redundância na comparação
cartas escritas por "candidatos ao suicídio" e por escritores "normais".

- *Quociente de gênero gramatical*: a relação relativa dos substantiv
verbos, adjetivos, advérbios, num dado texto, é aplicada sob variadas forma

  - Adjetivos/verbos $\left(\frac{A}{V}\right)$. Por exemplo, o número de adjetivos a ca
  cem verbos foi utilizado para diferenciar a fala esquizofrênica
  fala "normal".
  - Substantivos + verbos/adjetivos + advérbios $\left(\frac{S + V}{A + Ad}\right)$

Esse quociente serviu a Osgood e a Walker na medição do estereótipo
repetição – redundância.

  - Verbos + advérbios/substantivos + adjetivos $\left(\frac{V + Ad}{S + A}\right)$

Para J. Roche[2], no quadro dos discursos, o estilo é considerado *dinâm*
se o quociente for superior a 1 ($V + Ad > S + A$) e *descritivo* se o quociente
inferior a 1 ($V + Ad < S + A$).

- O DRQ *(discomfort-relief quotient)* – Elaborado por Dollard e Mowr
em 1947, deriva da teoria da aprendizagem, e é um indicador de tensão. C
cula-se dividindo o número de palavras que exprimem o *mal-estar* pelo r
mero de palavras que exprimem a *descontração.* Foi utilizado para observa
consequência da intervenção de ajuda a pessoas numa situação difícil. Al
de que, em certos casos, pode estabelecer uma correlação significativa c
outros testes, tais como a medida da transpiração.

2. J. Roche, *Le style des candidats à la présidence de la République*, Ed. Privat, 1971.
3. J. Dollard e O. H. Mowrer, "A method of measuring tension in written documents", *Journ. Abn. Soc. Psicho.*, 1947, p. 42.

- O PNAQ *(positive-negative-ambivalent quotient)*. Um pouco mais tarde, Raimy (1948)[4], no quadro da entrevista de ajuda, propôs um quociente bastante parecido que media as autoavaliações positivas, negativas ou ambivalentes por parte do paciente. Na mesma ordem de ideias, preparam-se indicadores de *reações de defesa* nas terapias não diretivas[5] e escalas de medida de *hostilidade*[6] e de *ansiedade*[7] na expressão verbal, mas tendo por bases índices do tipo semântico, mais do que do tipo formal.

Os indicadores fraseológicos funcionam basicamente ao nível de frase e da sua composição. Calcula-se assim:

- o *tamanho* da frase: o tamanho médio é obtido pelo cálculo do número de palavras por frase;
- a *estrutura* da frase: quantas proposições há em média na frase? Qual é a "taxa de adaptação"?; isto é, qual a importância das inclusões e das subordinadas?
- a *abertura* ou o *fecho* da frase: para R. Barthes, o não acabar uma frase é um sinal de subversão pela linguagem[8].

A partir destes cálculos de base, pode medir-se a tendência fluida ou entrecortada da frase, a diversidade da sua construção, os elementos atípicos da composição característicos do autor etc.

Pode-se ver exemplos concretos em análises como as de Roche[9] sobre o estilo do General De Gaulle (análise da distribuição do vocabulário, análise da

4. V. C. Raimy, "Self reference in counseling interviews", em *J. Consul. Psychol.*, 1948.
5. G. Haigh, "Defensive behavior in client centered therapy", *J. Consul. Psychol.*, 1949, 13.
6. L. A. Gottschalk, C. Goldine, Gleser e Kayla J. Springer, "Three hostility scales applicable to verbal samples", em *Arch. Gen. Psychiat.*, 1963, 9.
7. E. B. Gleser, C. Goldine, L. A. Gottschalk e Kayla J. Springer, "An anxiety scale applicable to verbal samples", em *Arch. Gen. Psychiat.*, 1961, 5.
8. R. Barthes, Conferência sobre "modernité", no Institut des Sciences politiques, Paris, 9-16 Abril, 1975.
9. J. Roche, *Le style des candidats à la présidence de la République*, Ed. Privat, 1971. E também F. Richaudeau, *Le langage efficace*, Paris, CEPL, Denoël, 1973; "Le langage de deux journalistes efficaces: Giroud, Ferniot", em *Communication et langage*, CEPL, 1973, n. 19 do ponto de vista da análise de conteúdo) é passar de uma fase descritiva a uma fase interpretativa, ou seja, fazer funcionar as medidas utilizadas como indicadores reveladores de variáveis de ordem psicológica ou sociológica.

frase e da sua composição, análise das características estilísticas, análise das figuras de retórica), ou nas de Richaudeau sobre "eficiência" da linguagem.

A dificuldade e o "risco" neste gênero de análise (pelo menos do ponto de vista da análise de conteúdo) é passar de uma fase descritiva a uma fase interpretativa, ou seja, fazer funcionar as medidas utilizadas como indicadores reveladores de variáveis de ordem psicológica ou sociológica.

2. ALGUNS EXEMPLOS DE APLICAÇÃO

Vejamos alguns exemplos de análises efetuados com base em índices linguísticos (ou paralinguísticos), lexicais, sintáticos ou estilísticos.

a) *A ideologia racista revelada por diversos índices formais.* (G. Guillaumin)[10] o racismo estaria presente mas recalcado na nossa linguagem atual. Essa "latência" no discurso manifestado não o impede de funcionar como modo de percepção estruturante da visão da realidade social. Por exemplo, os índices como prefixo de "senhora" ou de "senhor" antes de certos nomes e não de outros, a ordem de nomeação, as precisões para citar certas raças, são índices isolados por, e onde, o racismo involuntariamente se revela. O autor utilizou indicadores variados:

- construção da frase;
- ordem das palavras;
- escolha das palavras;
- conotações das palavras;
- reticências, denegação, afirmações de boa-fé, exatidões inúteis, qualificativos, generalizações.

A análise toma em consideração a *presença* mas também a *ausência* (omissões, "cegueira lógica") dos indicadores conforme os casos. Foi aplicada a uma amostra da imprensa francesa de 1945 a 1960.

b) *Estados emocionais e perturbações da linguagem* (G. F. Mahl)[11]: Mahl é um adepto da concepção instrumental da comunicação. A comunicação

10. G. Guillaumin, *L'idéologie raciste, genèse et langage actuel*, Paris, La Haye, Mouton, 1972.
11. G. F. Mahl, "Exploring emotional states by content analysis", em I. de S. Pool, *Trends in content analysis*, 1959.

é encarada como um instrumento de influência. O importante é o que é veiculado pela mensagem, estando definido o seu contexto e suas circunstâncias. Em outras palavras, não existiria aí uma transparência, uma correspondência direta entre as variáveis do texto e as variáveis psicossociológicas da origem (emissor). Nesse campo, esta teoria opõe-se aos defensores do modelo representacional (Osgood em especial) que fundamentam os seus indicadores sobre o postulado teórico da existência de uma "relação isomórfica entre os estados de comportamento e as propriedades quantitativas do conteúdo léxico" (frequência → intensidade; coocorrência → associação). Para Mahl, um estado de medo não é traduzido obrigatoriamente por significações de medo na comunicação.

O seu problema é exatamente o seguinte: inventar indicadores estáveis do estado emocional do locutor. Para conseguir isso, ele analisa as *perturbações da fala* nas entrevistas de psicoterapia e tenta demonstrar a sua correlação com a *ansiedade* e com o *conflito*. Como se altera a ansiedade imediata do paciente nas suas interações com o psicoterapeuta? Como ela se manifesta ao nível da linguagem falada?

Para responder a estas perguntas é necessário "tratar a linguagem como um sistema comportamental expressivo, com propriedades instrumentais e expressivas". As *rupturas* no processo da fala (linguagem agitada, confusa, perturbada) não poderiam ser uma pista para avaliar a ansiedade do doente? De fato, pode julgar-se que a ansiedade tem por efeito perturbar o procedimento de uma conduta coordenada, logo a linguagem (comportamento), independentemente da origem da ansiedade.

Mahl utilizou os seguintes indicadores:

- *Āh* (A)
- *Correção* (retificação no decorrer de uma frase) (C)
- *Frase interrompida* (Int)
- *Repetição* em série de uma ou mais palavras (R)
- *Gagueira* (G)
- *Intrusão de sons incoerentes* (IS)
- *Bifurcamento da língua* (neologismos, inversão de palavras ou de sílabas) (BL)
- *Omissão* (de palavras ou partes de palavras, sílabas finais, por exemplo) (O)

Com a ajuda deste quadro de análise, a entrevista é codificada do seguinte modo[12]:

BL – C A 2 G A – R	P: "A minha impressão na minha relação com D (filho) foi sempre a razão pela qual ele não p· ... tinha ... me· parecia não ter sentido o mesmo amor por ele que sentia por Y (filha), durante os dezesseis primeiros meses da sua vida, eu estava ausente. Não cresci com ele. Se ele teve ciúmes de D, isso esteve relacionado com os avós. Agora é muito possível. Se bem que seja uma coisa que eu também suprimi. Āh· ... e a razão pela qual digo que é possível é devido a esta espécie de fé· ... fé· férias, uma... Āh· ... uma· espécie de recordação quando eu· ..."
Int	T: "Tem ciúmes dos avós maternos dele?"
R BL O	P: "Ah, dos avós maternos dele, sim. Porque ele foi criado por eles até... até eu voltar para casa. Ele nasceu no seu hos· ... hospital e veio. casa deles, e a minha mulher vivia com os pais dela".
	T: "O que é que ... O que é que pensa que significa que tenha ciúmes dos avós dele?"
A A	P: "Bom... Āh·... quando voltei para casa e durante o primeiro ano aproximadamente, ou mais do que o primeiro ano... Āh· ... gostava mais de ir para o avô e para a avó do que para mim."
2 Int C – G A R IS – O(?) – IS – G O – C A – C	P: "... E contudo, era mais natural para ele ... de até se tornar· ... completamente que· ele su· supere a sua. Āh·... falta de familiaridade comigo, e isso levou muito tempo. Āh· depois houve ... ... houve algum ressentimento. Não era dirigido contra os pais ou vo· ...era ... de ... re ... realmente dirigido contra uma circunstância que me tinha afastado. Era um ressentimento que con. ...numa· certa Āh· que· numa certa medida se refletia também no sentimento que eu tinha contra as pessoas que tinham ficado para trás e que tinham ganho dinheiro."
	T: "Os seus sogros ganham dinheiro?"
	P: "Sim, o meu sogro ganhou muito dinheiro com a guerra."

12. Este excerto foi traduzido do inglês e adaptado ao francês, tendo sido extraído de um exemplo citado por Mahl. Tanto a grelha como o exemplo citado tiveram de ser adaptado para o português, tendo por base o original francês. (*N. do T.*)

Pode estabelecer-se a medida do nível de perturbações pelo quociente seguinte:

Quociente de perturbações da fala

$$\frac{\text{Número de perturbações de palavras}}{\text{Número de "palavras"}^{13} \text{ numa amostra}}$$

Desta forma é possível observar a *frequência de perturbações de palavras* nos locutores e em diferentes circunstâncias. Por exemplo:

- perturbação de cinco segundos (tempo de palavra real) nas primeiras entrevistas de doentes;
- perturbação de quatro segundos nos estudantes em situação de *role playing* (estresse);
- perturbação de cinco segundos nos psicólogos e psiquiatras membros da Universidade que participavam em discussões por ocasião de seminários sobre a validade do Rorschach.

As perturbações da palavra são igualmente *involuntárias* e suscitam reações fortes se depois são mostradas aos locutores (entrevistas transcritas).

Existem diferenças notórias segundo os indivíduos, quanto à frequência e natureza da perturbação. Isso acontece igualmente no decorrer da mesma entrevista, ou de entrevistas com o mesmo indivíduo. Baseada num corte de cada entrevista em frases (dois minutos), a medida pela análise das perturbações e da ansiedade (pela competência de terapeutas) permitiu estabelecer correlações entre alguns indicadores e a ansiedade. Contudo parecia que o "āh" não era significativo da ansiedade e que o sexo era uma variável que afetasse consideravelmente os resultados.

c) *A intenção de se suicidar é uma motivação que modifica os hábitos de expressão* (Osgood e Walker)[14]: para Osgood a expressão linguística é um comportamento como qualquer outro, suscetível de aprendizagem e de hábitos (hábitos de codificação). Pergunta-se qual é o efeito da *motivação* no comportamento linguístico. As "cartas de suicídio" (cartas de despedida escritas pelas pessoas antes de se suicidarem), comunicações individuais submetidas a um móbil muito forte, deveriam ser caracterizadas por diferenças de expressão se comparadas com *cartas vulgares* (enviadas pelos sujeitos aos familiares e aos amigos), ou com *as cartas de suicídio simulado* (cartas fictícias produzidas artificialmente por outras pessoas).

Os autores organizam a análise comparada dos três tipos de cartas, tendo por base quatro hipóteses. A intenção de se suicidar deve provocar mensagens marcadas por:

A) *uma estereotipia elevada.* (Repetição, pobreza de léxico, pobreza de adjetivos e advérbios);
E) *uma grande desorganização.* (Erros, rupturas);
C) *uma manifestação crítica de si e dos outros.* Atitude de procura face ao interlocutor;
D) *manifestações de conflito.* Tudo isso em comparação, por um lado, com as cartas vulgares, e, por outro, com as cartas de suicídio simulado.

A análise consistiu em pôr operacionais os indicadores textuais que fossem suscetíveis de esclarecer estas hipóteses. Foram utilizadas dezesseis medidas:

- Índices de *estereotipia*:

1. Número médio de sílabas por palavras (tamanho de palavras).
2. Número de *palavras diferentes* no número total de palavras (TTR)
3. Número de *palavras repetidas* no número total de palavras (redundância).
4. Quociente: $\frac{\text{substantivos + verbos}}{\text{adjetivos + advérbios}}$
5. Teste de Clozure (teste de legibilidade no material mutilado, medindo a redundância e a estereotipia).
6. Número de palavras *"extremistas"* no número total de palavras. (palavras "extremistas" = "sempre", "jamais", "pessoa", "todos" etc.).

- Índices de *desorganização*:

7. Número de erros por cem palavras (erros gramaticais, de soletração, de pontuação, esquecimentos etc.).

13. Definição operatória de palavra: palavras incompletas, completas, sons distintos e "āh". Esta unidade pode ser substituída pelo *segundo* (unidade de tempo) de palavra.
14. C. E. Osgood e E. G. Walker, "Motivation and language behavior: content analysis of suicide notes", em *J. Abnorm. Soc. Psychol.* 1959, ou em S. Moscovici, *The psychosociology of language*.

8. Número total de palavras da mensagem no número de segmentos independentes (*tamanho das proposições*).

- Índices de "*orientação*" (de si e de outrem):

9. Quociente de angústia/alívio (DRQ quociente).
10. Número de palavras *avaliativas com significação comum*[15] no número total da mensagem.
11. *Número de proposições avaliativas positivas* no número total de proposições positivas e negativas[15].
12. Referências ao passado, *presente* e futuro.
13. Número de *construções* "apelativas" a cada cem palavras (medida do "apelo": necessidade que o locutor sente de ter um interlocutor)[16].

- Índices de *conflito*:

14. Número de *formas verbais complexas* (exemplo: "I used to be good" em lugar de "I was good").
15. Número de *construções ambivalentes* a cada cem palavras (sinais de indecisão).
16. Percentagem de *proposições avaliativas ambivalentes.*

A maior parte das medidas conduziu a resultados significativos a favor das hipóteses para a comparação, cartas de suicidas, cartas normais. Contudo o índice (7) não trouxe diferença significativa, o índice (8) deu um resultado inverso (proposições independentes mais longas nas cartas de suicídio), o índice (12) assinala uma orientação virada para o passado.

Uma comparação com as cartas de sucídio simulado e o uso de outras técnicas (medidas do léxico, análise das coocorrências), confirma as hipóteses (A), (C) e (D), mas infirma a hipótese (E).

d) A *expressão política e suas manifestações no Maio de 68*[17]: a expressão política de uma quinzena de grupos, grandes ou pequenos, manifestou-se sob a forma de *panfletos,* em maio de 1968. Não está em questão resumir o trabalho ao qual fazemos referência, bastante volumoso e de princípios e medidas detalhadas, com resultados e provas estatísticas, dizendo respeito à análise

15. Cf. análise de avaliação.
16. A aproximar da função fática da comunicação definida por Jakobson.
17. M. Demotet, A Geffroy, J. Gouaze, P. Lafon, M. Mouillaud, M. Tournier, *Des tracts en mai 68, mesure de vocabulaire et de contenu*, Paris, FNSP, A. Colin, 1975.

do vocabulário e conteúdo dos documentos. A análise do vocabulário requ uma lexicometria. Isto é, nenhum princípio diretor *a priori,* nenhuma hipó se foi projetada sobre o material.

> Ater-nos-emos ao discurso, não para o explorar em tal ou tal sentido, inclu do o linguístico, mas para o descrever o mais formalmente que puderm antes de o interpretar.
> Para a lexicometria, a objetividade começa quando as projeções tenden ser substituídas pelas formalizações. Não se fixa *a priori* nem testemunh nem grelha, nem esquemas, nem hierarquias. Tudo é tratado (exaustivida das letras) da mesma maneira (uniformidade do despojamento) e segundo u critério único (invariância de uma unidade de base anônima).

Trata-se, portanto, de uma exigência da máxima *neutralidade,* tendo e tretanto duas limitações:

- um postulado implícito, o da frequência: cada ocorrência é consic rada igualmente significativa;
- uma diferença: distinção entre formas funcionais (lista fechada e a bitrária de 330 formas gráficas que correspondem a cerca de 50% vocabulário de um texto) e formas lexicalizadas (lista aberta).

Ao nível lexicométrico, os autores utilizam essencialmente os índices s guintes:

- *Componentes textuais*:
  - tamanho dos panfletos;
  - tamanho dos itens ("palavras");
  - tamanho e complexidade das frases.
- *Lexicalidade e funcionalidade:*
  - utilização de um *coeficiente de lexicalidade* (ou do seu inverso: co ficiente de funcionalidade) na base da relação entre formas pler de significação e formas vazias ou gramaticais. O coeficiente lexicalidade exprime a percentagem de itens lexicais de um text
- *Extensão e estrutura do vocabulário:*
  - extensão: número de unidades diferentes;
  - estrutura: distribuição das frequências das unidades diferentes;
  - coeficiente de *repetição geral*: relação do número de ocorrênc com o número de formas;
  - um coeficiente de *repetição/funcional*;
  - coeficiente de *repetição lexical.*

- *Originalidade e banalidade do vocabulário:*
  - índice de originalidade: percentagem de leitura de um emissor das formas que não se encontram nele;
  - núcleo lexical: formas comuns a todos os locutores (duas origens: o francês básico e a política fundamental dos panfletos de Maio de 1968);
  - perfil do emprego das formas nos diferentes grupos políticos.

Inovadores na França nos anos 1980, com esse estudo sobre os panfletos do Maio de 1968, os trabalhos lexicométricos aplicados a textos históricos e/ou políticos multiplicaram-se desde então e dispomos agora de todo um arsenal de medidas possíveis[18].

18. Cf. URL3, *Lexicométrie et textes politiques*, e a revista *Mots*, Ed. du CNRS.

VI

A análise das relações

Pouco importam os obje
relacionados. Devo apren
primeiro que tudo a ler as ligaçõ
A. DE SAINT-EXUPÉRY, *Cidad*

A teoria da associação (Freud, mas também a teoria da aprendizagem numa primeira etapa, o surgimento dos computadores e a facilitaç das análises fatoriais numa segunda, o estruturalismo (linguística e sociol gia) contribuíram finalmente para orientar as técnicas de análise não ma para a simples frequência da aparição dos elementos do texto, mas para as *lações* que esses elementos mantêm entre si.

Esboçada por Baldwin[1] em 1942 nas "cartas de Jenny", defendida por C good[2], desenvolvida pelo computador[3], a análise das *coocorrências* ou análi de contingências *(contingency analysis)* reveste-se cada vez de mais importâ cia e vem completar a análise frequencial simples.

1. ANÁLISE DAS COOCORRÊNCIAS

A análise das coocorrências procura extrair do texto as relações entre elementos da mensagem, ou mais exatamente, dedica-se a assinalar as presenç

1. A. L. Baldwin, "Personal structure analysis", *Journ. Abn. Soc. Psychol*, 1942, 37.
2. C. E. Osgood, "The representational Model and Relevant research Methods", em I. de S Pool (org.), 1959.
3. Cf. *General Inquirer.*

simultâneas (coocorrência ou relação de associação) de dois ou mais elementos na mesma unidade de contexto, isto é, num fragmento de mensagem previamente definido. Escreve Osgood:

> A análise de contingência não coloca o problema da frequência de aparição de uma dada forma significante em cada uma das diversas partes de um texto, mas qual é a sua frequência de aparição com as outras unidades significantes.

É de notar que uma referenciação das dissociações ou exclusões de elementos assinalados pela não presença "anormal" de certos elementos na mesma unidade de contexto pode também ser significativa.

Enquanto a frequência de aparição das unidades de significação ou de elementos formais assenta no princípio de que quanto maior for a frequência dos elementos, maior será a sua importância, a coocorrência (ou a não coocorrência) de dois ou mais elementos revelaria a associação ou dissociação no espírito do locutor. Se o elemento A aparece muitas vezes (coocorrência superior ao acaso) pode ser posta a hipótese de que A e B estejam ligados, ou seja, associados no emissor. Ao contrário, se o elemento B raramente aparece de maneira simultânea com o elemento C (coocorrência inferior ao acaso), pode ser posta a hipótese de serem exclusivos, dissociados na mente do locutor. Por exemplo, depois da análise das coocorrências, é assinalada uma associação significativa entre o tema da doença e do dinheiro[4] numa doente mental, de quem se estudou cuidadosamente a correspondência. Qual é o sentido deste índice e de outras ligações obtidas pelo mesmo processo? Por exemplo, põe-se em evidência a existência de uma relação negativa, num indivíduo, entre a menção de práticas homossexuais e masturbatórias e a referência à sua mãe. Que significado existe, se esses dois temas nunca aparecem juntos? Ou ainda, assinala-se que num caso de psicoterapia o tema *mãe* e o tema *sexo* estão muitas vezes associados, mas com um terceiro elemento, manifestações da ansiedade. A interpretação de Osgood é a seguinte: "A lembrança de um inibe a lembrança de outro."

4. Baldwin, op. cit.

a) O *procedimento de Osgood.* Osgood propõe a seguinte abordagem:

- Escolha das unidades de registro (palavras-chave, por exemplo) categorização (temas), se tal tiver cabimento.
- Escolha das unidades de contexto e o recorte do texto em fra mentos.
- Codificação: presença ou ausência de cada unidade de regist (elemento) em cada unidade do contexto (fragmento).
- Cálculo das coocorrências (matriz de contingência). Comparaç com o acaso.
- Representação e interpretação dos resultados.

■ *Escolha das unidades de registro:* as unidades de registro devem determinadas com cuidado em função desta técnica, pois podem surgir env samentos. Osgood referiu casos de elementos substitutivos com sentido mu aproximado: se "mulher jovem" e "rapariga" têm sentido equivalente para locutor, ver-se-á aparecer uma dissociação nos resultados porque terá usa ora um, ora outro, em virtude de serem homônimos.

■ *Escolha das unidades de contexto e recorte:* numa mensagem descor nua, a unidade de contexto pode corresponder ao documento singular: o num diário íntimo, a carta na correspondência, o artigo num conjunto de i prensa, a entrevista numa série ou numa amostra. Se o texto é contín (exemplo: romance, entrevista longa, psicodrama, discurso político etc.), colhe-se uma unidade arbitrária correspondente a um espaço temporal de r sonância psicológica. Depois da experiência feita, Osgood propõe que a u dade de contexto seja constituída por fragmentos de cento e vinte a duzenta dez palavras para que as coocorrências tenham sentido.

■ *Codificação e matriz de contingência:* realçar os elementos em ca fragmento permite obter uma matriz dos dados brutos e em seguida uma n triz de contingência.

■ *Matriz de dados brutos:* denominamos A, B, C, ..., N os elementos unidades a registrar e 1, 2, 3, ..., *n*, os fragmentos ou contextos de um regist Obtém-se um quadro de dupla entrada do tipo a seguir:

Unidades de registro

UNIDADES DE CONTEXTO	A	B	C	...	N
1	+	–	+	etc.	
2	–	+	–		
3	–	+	–		
...	+	+	–		
n	etc.				
Percentagem	.40	.20	.60		

Assinale-se simplesmente a presença (+) ou a ausência (–) de um elemento ou de um fragmento. Mas podem também ser referidas as frequências de aparições dos elementos. Neste caso, Osgood sugere que se assinale com (+) as frequências superiores à mediana e com (–) as frequências inferiores.

- *Matriz de contingência:* representou-se em seguida na mesma matriz as coocorrências obtidas e as coocorrências esperadas, isto é, as contingências reais e as contingências que se apresentariam se fosse o acaso o único fator a jogar.

- *Representação e interpretação dos resultados:* os resultados podem ser representados da seguinte forma:

  - Tabelas de contingência significativas: é feita uma lista para cada uma das outras categorias em relação às quais há associação ou dissociação.
  - Quadros de *redes* e de *núcleos* (*cluster analysis*): num espaço bidimensional é possível visualizar as relações das diferentes categorias sob a forma de círculos secantes (pôr em evidência os *núcleos*). Ou então um esquema de redes pode traduzir a projeção de uma representação tridimensional (fósforos e bolas de espuma) a duas dimensões.

Como interpretar os resultados? Ou melhor, será que o diagrama em rede, os núcleos de associações que aparecem depois da análise e o cálculo das ocorrências serão representações das estruturas associativas ou dissociativas do

Contingências obtidas ↗	A	B	C	...	N
A	–	.08	.24		
B	.60	–	.12		
C	.38	.02	–		
...					
N					

↖ Contingências esperadas (acaso)

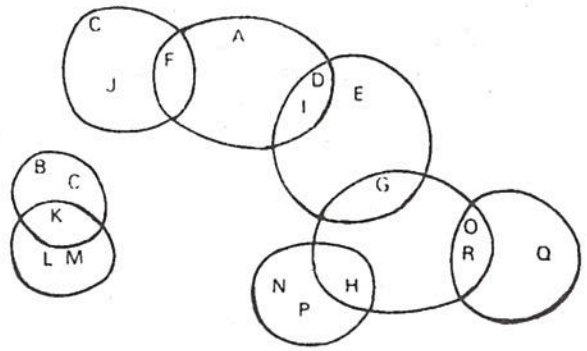
locutor? A existência de uma correspondência entre a copresença textual e a associação real é postulada por Osgood e pela análise das coocorrências, mas uma associação ao nível das palavras pode por vezes esconder uma dissociação nos fatos. Quando um paciente em tratamento psicoterapêutico repete com insistência "eu amo/gosto da minha mãe", *amor* e *mãe* aparecem de fato, em coocorrência nos resultados. A análise de contingência revela as copresenças mas sem as explicar: copresenças deliberadas para assinalar as exclusões? Ou copresenças devidas às preocupações latentes inconscientes do locutor?

Para Osgood, a análise de contingência é pertinente em relação às mensagens espontâneas, não estratégicas (isto é, representativas, por oposição à concepção instrumental da linguagem) ou para mensagens deliberadas com origem institucional. De qualquer forma, o locutor (ou grupo de locutores) não pode controlar totalmente as suas associações ou as exclusões (e falsificar assim o sentido das coocorrências manifestadas no texto).

A análise das coocorrências parece ter utilidade para clarificar as estruturas da personalidade, as "preocupações latentes" individuais ou coletivas, os estereótipos, as representações sociais e as ideologias.

Para aumentar a significação das coocorrências obtidas, tentam estabelecer-se normas de referência (frequência das coocorrências "normais") constituídas por *corpus* grandes. Contudo, na maior parte das vezes esses dados de comparação são muito gerais para servir de quadro de referência às amostras particulares produzidas por locutores com características especiais e em circunstâncias determinadas.

Exemplo fictício de um esquema de núcleos de relações



b) *O prosseguimento da investigação; um exemplo, os panfletos de Maio de 68.*

■ Na França, centros de lexicometria e de lexicologia (em particular a Escola Normal Superior de Saint-Cloud) prosseguem na construção das coocorrências como instrumento de análise com a ajuda do computador. No estudo *Os Panfletos em Maio de 68*[5], por exemplo, a análise das coocorrências apresenta as seguintes características:

- As coocorrências são estudadas a partir de *palavras-polo.*
- A unidade de contexto é a frase (precisamente com um máximo de dez itens lexicais em cada expansão antes ou depois do polo).

Na proximidade a que tem acesso, o computador determina, depois de lhe ser fornecida a localização do polo, uma expansão esquerda e uma expansão direita, releva as vizinhanças fraseológicas que as povoam, adicionando em seguida (varrimento a varrimento) as ocorrências de cada forma (cofrequências).

- Os índices seguintes são calculados:
  - *Índice de cofrequência* (cofrequência observada e esperada): dá-nos a frequência de aparição de um termo vizinho de outro.
  - *Índice de proximidade:* mede a distância de vizinhança e indica a que proximidade (afastamento) um termo está em relação a outro (por exemplo, uma palavra-polo). Fica-se assim a saber se existem 0 (contiguidade), 1, 2, 3, 4 etc. (segundo as possibilidades do computador) palavras entre as duas palavras observadas. A medida é feita à direita e à esquerda da palavra-polo.

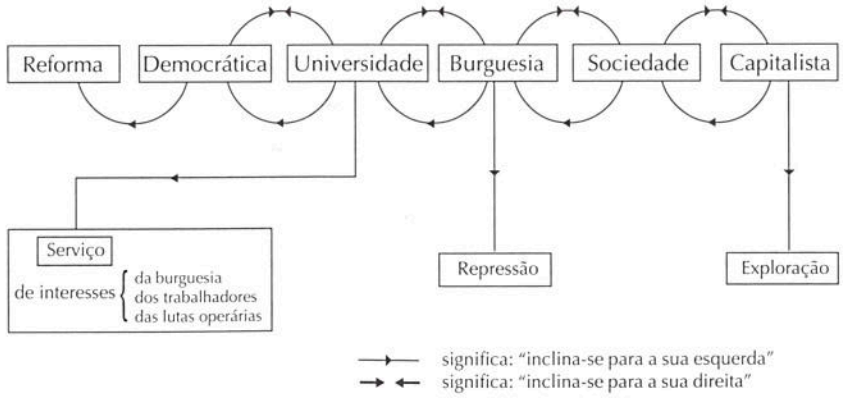
5. *Os Panfletos em Maio de 1968*, op. cit.

  - *Índice de desvio:* trata-se do desvio entre a cofrequência observada e a cofrequência teórica. A vizinhança é considerada normal desde que o desvio entre as duas esteja perto de zero. Se a cofrequência observada é nitidamente superior à cofrequência teórica (existe outra causa para além do acaso), pode dizer-se que o polo "atrai" a palavra pela qual se obtém este resultado. Se a cofrequência observada se revela nitidamente inferior ao que se poderia esperar, pode dizer-se que o polo "repele" esta palavra e pode falar-se de recusa de vizinhança, de proibições ou de tabus lexicais. Contudo, os autores lexicólogos recusam-se a fazer qualquer tipo de interpretação extralinguística.

Partindo desses índices, a análise dos resultados aplica e explora a teoria dos gráficos para evidenciar as relações de vizinhança e os percursos privilegiados em tal ou tal texto, ou determinado grupo político. Os componentes do texto aparecem-nos assim imbricados a diversos niveís (linguístico, semântico) dos componentes do texto[6]. Uma vez que, como diz Lacan, "qualquer discurso se verifica e se alinha nas várias pautas de uma partitura" e basta escutá-lo para o ouvir em polifonia.

Neste caso, a busca do computador em matéria de coocorrência fornece redes e gráficos dos quais propomos uma forma entre os mais simples dos que resultaram de um estudo dos panfletos de Maio de 68:

Exemplo parcial, extraído de um gráfico geral de coocorrências positivas, inclinações e vizinhanças



6. O psicólogo acrescentaria "psicológico", o sociólogo "sociológico" etc.

2. A ANÁLISE "ESTRUTURAL"

O essencial é invisível ao olhar.
A. DE SAINT-EXUPÉRY, *O pequeno príncipe*

A terceira contribuição de que os métodos de análise de conteúdo beneficiam resulta dos processos convergentes da *linguística* e da invasão da *atitude estrutural,* desde os anos 1960.

Por um lado, toma-se consciência de que o corte de item por item e a classificação em frequência são insuficientes:

> (...) nada nos diz que aquilo que retorna mais frequentemente seja o mais importante e o mais significativo, pois um texto é ... uma *realidade estruturada*[7] no interior do qual o *lugar* dos elementos é mais importante do que a sua quantidade (...)[8].

Assim, a multiplicação de trabalhos de linguística estrutural instaura procedimentos novos, pois alarga-se a toda a análise de mensagens.

Por outro lado, a voga e a crença na existência, sob a aparente diversidade dos fenômenos, de estruturas universais ocultas, ou no interesse operatório de revelar tais estruturas pela construção de modelos, vieram, por reincidência, influenciar de modo diferente a atitude dos analistas de comunicações.

O que fazem os estruturalistas? Procuram a ordem imutável sob a desordem aparente, o esqueleto ou ossatura invariável sob a heterogeneidade patente dos fenômenos.

Por detrás da análise das frequências existia a mania do colecionador. Por detrás da análise estrutural existe um gosto pelo jogo do mecano: desmontar o mecanismo, explicar o funcionamento e... reencontrar as mesmas engrenagens ou o mesmo motor, qualquer que seja a forma do relógio ou a cor da carroceria.

Tudo isso, tendo a consciência, inseparável da noção de sistema, de que qualquer modificação num dos mecanismos ou no menor parafuso muda o conjunto da mecânica. Na mesma ordem de ideias, se todo o discurso, qualquer que seja o seu código e a sua sintaxe, é mais ou menos estruturado, e se a significação é organizada por essa estruturação, a menor variação ao nível dos elementos constitutivos ou do seu arranjo produz, por consequência, uma mudança na emergência da significação. Isso estará na origem dos testes de diferença ou dos procedimentos de comutação, pacientemente utilizados na análise estrutural.

As análises "de contingência", que situam o item considerado no seu universo contextual, as referências frequenciais da coocorrência (ou da coexclusão) de elementos nas análises "associativas", a investigação de "blocos" ou de agregados significativamente constantes, de componentes (palavras, imagens, temas, sequências de signos ou de significações), constituíram um primeiro passo na estruturação da mensagem estudada.

Na análise com caráter "estrutural" não se trabalha mais (ou jamais só) na base da classificação dos signos ou das significações, mas debruçamo-nos sobre o arranjo dos diferentes itens, tentando descobrir as constantes significativas nas suas *relações* (aparentes ou latentes) que organizam esses itens entre si.

Para cada material, cada código ou cada conteúdo estudado, espera-se fazer surgir um sentido suplementar pela clarificação de uma "sintaxe" ou de uma "gramática" que se sobrepõe à sintaxe ou à gramática conhecidas do código.

A análise aplica-se, já não ao vocabulário, léxico ou repertório semântico ou temático da mensagem, mas aos princípios de organização subjacentes, aos sistemas de relações, aos esquemas diretores, às regras de encadeamento, de associação, de exclusão, de equivalência, aos agregados organizados de palavras ou de elementos de significação, às figuras de retórica etc., isto é, todas as relações que estruturam os elementos (signos ou significações) de maneira invariante ou independente desses elementos.

A via foi aberta por C. Lévi-Strauss no seu esforço de se apoderar da lógica subjacente que ordena e rege, nas sociedades primitivas, as estruturas elementares do parentesco ou a combinatória mitológica.

O método estruturalista procura "revelar, por debaixo da disparidade dos fenômenos, as relações ilegíveis ou diluídas que verificam uma ordem escondida". A estrutura, realidade oculta do funcionamento da mensagem, ou modelo

7. Os destaques são nossos.
8. O. Burgelin, "Structural Analysis on mass-communication", em *Studies of broadcasting radio and T.V.*, Culture Research Institute Nippon, Mosokyokai, 1968, n. 6, citado por E. Morin no *Essais sur les mass media et la culture*, Paris, Unesco, 1971.

operatório construído pelo analista, permite abstrair-se dos elementos que a compõem. As regras de articulação, as leis relacionais tomam então, aos olhos do analista, a dianteira sobre as unidades mínimas da comunicação, aparentemente desorganizadas e variáveis, que escondem estas leis e regras profundas.

De fato, este termo de "análise estrutural" engloba um número de técnicas que tentam passar do nível atômico da análise a um nível molecular, e centram os seus procedimentos, mesmo num plano muito elementar, mais nos *laços* que unem as componentes do discurso, do que nos próprios componentes.

Na análise estrutural, as análises de frequência "de colecionador atomista" não são abandonadas, porque numa primeira etapa são muitas vezes úteis. Antes de descobrir as leis que regem o mundo das borboletas (na hipótese de tais leis existirem), é necessário esgravatar pacientemente os lepidópteros!

Contudo, os procedimentos estruturais impregnam certas análises e com maior ou menor pertinência, elegância, eficiência, existem modelos, matrizes, estruturas – simples ou complexas – que emergem das leituras sistematizadas dos discursos.

O desmembramento estrutural (desmembramento seguido sempre de reconstrução) mais elementar é aquele que se fundamenta na oposição binária.

Vejamos os seguintes exemplos:

a) *A lógica simbólica e ideológica do "habitante de moradias"* – Foi utilizado um modelo de análise por pares de oposições, termo a termo, ou tema a tema, a propósito de entrevistas não diretivas relativas ao *habitat* (e mais precisamente ao *habitat* em moradias individuais) pela equipe de investigação urbana de H. Raymond[9]. Este explica-nos como conseguimos despojar e fazer "falar" a enorme massa de informações sobre o alojamento, obtidas graças a umas duzentas entrevistas[10].

O objetivo da análise era o seguinte: demonstrar que existe na população dos "habitantes em moradias" um sistema de relações, uma correspondência termo a termo, entre a organização espacial (material) do alojamento em casas individuais e as representações e as significações associadas ao alojamento.

9. N. Haumont et H. Raymond, *L'habitat pavillonnaire*, Paris, CRU.
10. H. Raymond, "Analyse de contenu et entretien non directif: application au symbolisme de l'habitat", in *Revue francaise de sociologie*, número especial: "Urbanisme", Paris, 1968.

Donde a possibilidade de estudar os discursos dos entrevistados segundo uma dupla articulação dos elementos ao nível:

- de um sistema prático (sensível, objetal);
- de um sistema simbólico e/ou ideológico.

Muito mais importante do que isso é estabelecer a correspondência entre os dois sistemas. O processo de tratamento da informação teve lugar em duas fases:

- *Primeira fase:* uma *fragmentação* do discurso por temas que se referem à estrutura material do *habitat* (exemplo: a cozinha, a frente da casa), seguindo-se o recenseamento pela análise do contexto de tudo quanto foi dito (ao nível simbólico e/ou ideológico) sobre cada tema, tudo o que foi associado pelo entrevistado a cada elemento material mencionado na entrevista (exemplo: a intimidade, a desordem).
- *Segunda fase:* uma *redução* (a reconstrução teórica do sistema subjacente pelo par de oposições, pelo analista), acompanhada por um par de relações do tipo:

$$\frac{A/c}{B/d}$$

em que A e B remetem para os elementos espaciais, e *c* e *d* para os símbolos ou significações correpondentes.

Por exemplo:

$$\frac{\text{Quarto/privado}}{\text{Sala de jantar/pública}}$$

em que o critério "intimidade" indica uma hierarquia segundo os diferentes espaços da casa.

$$\frac{\text{Cozinha/ desordem}}{\text{Sala/ordem}}$$

em que o critério "ordem" por oposição a "desordem" manifesta a diferença entre dois compartimentos.

$$\frac{\text{Cozinha/cotidiano}}{\text{Sala de jantar/festa}}$$

em que o critério "cotidiano" por oposição ao "excepcional" revela as normas das práticas dos "habitantes de moradias" quanto à tomada de refeições.

Donde a conclusão geral:

> o modo de habitar moradias e os comportamentos que lhe estão associados têm significações que ligam o *habitat* a um modo de vida ideal.

Contudo, este sistema de relações entre um plano objetal e um plano simbólico-ideológico, que aqui se torna particularmente pertinente e fecundo, não é generalizável a toda a relação indivíduo/meio; o próprio H. Raymond reconhece que este caso é particularmente favorável à exploração de pares binários. E apesar de H. Lefebvre escrever a propósito deste estudo sobre o mundo dos "habitantes de moradias":

> o sistema dos objetos permite abordar e analisar o sistema de significações verbais, sendo o inverso verdadeiro,

estamos bem longe de um dicionário geral de correspondência entre o sistema de significações simbólicas e o universo material. Mesmo que o campo de estudos sobre o mundo material se multiplique, não há a certeza de que um tal dicionário de relação entre representações individuais e sociais, por um lado, e o meio físico do homem, pelo outro, possa existir. Isto porque as associações homens/objetos vividas pelo homem fazem parte dessas linguagens extremamente incertas e flutuantes que o empreendimento semiológico tenta descobrir.

b) A análise das relações por oposições aplicada ao universo dos afetos – Esta tentativa de H. Raymond – inovadora e original na época – foi recentemente retomada. Trata-se ainda de material verbal produzido por entrevista não diretiva, mas os autores[11] tentaram sistematizar o método e alargar-lhe o domínio de aplicação. Embora a introdução de conceitos como significado e significante, aqui utilizados de forma mais perturbadora do que clarificadora, altere um pouco a compreensão, vale a pena referir este exemplo recente.

Se partirmos deste postulado de base: "... a estruturação do discurso em oposições é uma constante da produção de linguagem ...", podemos tentar determinar numa entrevista não diretiva a estrutura de significações a partir das oposições manifestadas.

11. J. M. Léger e M. F. Florand, "L'analyse de contenu: deux méthodes, deux résultats", in A. Blanchet, *L'entretien dans les sciences sociales*, Dunod, 1985.

A técnica da ARO (análise das relações por oposições) comporta algu mas operações sucessivas:

- começa-se por dividir o texto em segmentos ou enunciados. O enun ciado é aqui definido como "uma relação de significação entre um significant e um significado". Concretamente, é "significante" um substantivo, um verbo uma proposição construída em torno de um substantivo ou de um verbo, "significado" um adjetivo, um advérbio ou a sua proposição. Disso se diferen cia o "significado mediador", que é aquilo que explica, justifica, ilustra;
- em seguida, procede-se a uma redução dos enunciados por palavras -chave, em fichas que permitirão depois a manipulação e a agregação dos da dos, intra e interentrevistas. Assim, o excerto sobre a relação de uma estudan te com os homens:

> ... /eu vivo sozinha /eu não suporto viver com as pessoas... /em comunidad ainda menos... /tenho uma amiga que foi para um *kibutz*... /isso não era par mim, com certeza... /isso aliás nem me interessa.../ porque, afinal de conta se quiser, eu não tenho de todo uma imagem concreta de alguém.../

é codificado em duas etapas da seguinte maneira:

Significantes	**Significados mediadores**	**Significados**
Eu vivo sozinha Viver com as pessoas (alguém)	○ (*) Porque não tenho de todo uma imagem concreta de alguém	○ Não suporto, isso não me interessa
Em comunidade	Tenho uma amiga que foi para um *kibutz*... isso não era para mim, com certeza	(Suporto) ainda menos

(*) O sinal ○ representa a proposição em falta

M...	**nº 1**	**Viver sozinha – com alguém – em comunidade**	
Significantes		*Significados mediadores*	*Significados*
Viver	sozinha com alguém em comunidade	○ Sem imagem concreta Kibutz: não é para mim	○ Não suportar Suportar ainda menos

Fez-se uma divisão dos "significantes" e dos "significados" na entrevista para delimitar a relação de significação que permite a divisão. Fez-se também um "emagrecimento" do texto, suprimindo locuções inúteis, repetições, expressões como "afinal de contas", que funcionam como tiques de linguagem no locutor.

■ Depois de a entrevista ser inteiramente codificada (neste caso concreto obtiveram-se 155 enunciados), as fichas são manipuladas como cartas de baralho para serem classificadas. Por exemplo, juntam-se os enunciados aos significados idênticos. Obtém-se assim a base de uma interpretação sobre o universo dos afetos do locutor pelo jogo dos sistemas de contrastes encontrado (aqui, por exemplo, positividade ou negatividade da relação com os outros e sobretudo com os homens).

c) *Uma "sociossemiologia séria do vestuário"* – Esta descrição do percurso que conduz à elaboração de "matrizes significantes", é, contudo, mais complexa na obra de método *Systeme de la Mode,* de R. Barthes[12].

A passagem do vestuário real ao vestuário-imagem e ao escrito na literatura de moda, e a construção de dois pares de classes comutativas (par A: a relação vestuário/mundo, ou seja, a relação das características técnicas do vestuário, tais como comprimento, com os traços caracteriais ou circunstanciais, como o vestuário esportivo ou o de fim de semana; par B: a relação vestuário/moda, isto é, a relação destas características técnicas do vestuário sempre explícitas no texto, pela moda/fora de moda, na maior parte das vezes implicitamente significado) permitem ao autor definir o código do vestuário que ele está estudando enquanto linguagem articulada a vários patamares em que os níveis de significação se imbricam uns nos outros.

O modelo "matriz significante" de base de qualquer comentário de moda está tripartido:

12. R. Barthes, *Système de la mode*, Paris, Seuil, 1976 [*Sistema da Moda*, Edições 70].

O o *objeto*	(a peça de roupa)	ex.: vestido, casaco.
S o *suporte* da significação	(a parte da peça de roupa ou vestimenta)	ex.: colarinho, mangas.
V o elemento *variável*	(as oposições possíveis)	ex.: aberto/fechado comprido/curto.

Tudo isso remete para o mundo (caráter do vestuário – esportivo ou solene – e circunstância de uso: para o campo ou para a cidade) e sempre mais ou menos implicitamente na *Moda* (a questão é estar ou não "na moda").

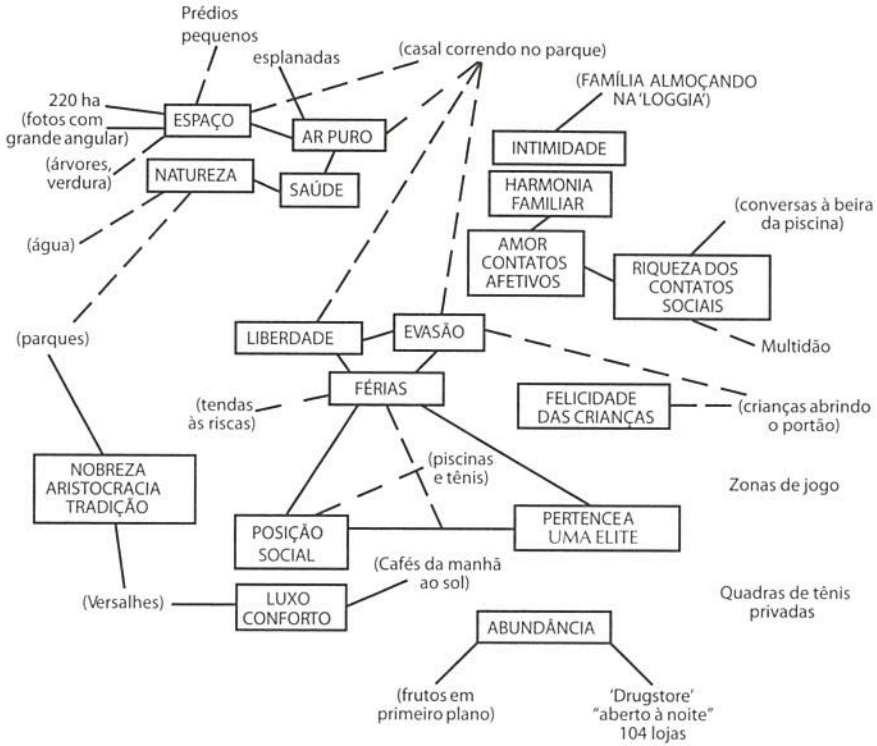
d) *Palavra persuasiva e estrutura narrativa: a publicidade*[13]. Como decompor um anúncio publicitário, explicitar a sua retórica, quer dizer, os seus meios específicos de persuasão e expressão? Como descobrir a estrutura ideológica interna que organiza um anúncio? Pode-se também tentar extrair a organização conotativa subjacente que governa este discurso.

■ *Um quadro de valores implícitos: as conotações* – A persuasão é muitas vezes sedução; muitas vezes seduz-se mais pelo latente, pelo evocado e pelo subentendido do que pelo manifesto; do mesmo modo, para compreender a estrutura dos textos publicitários e a lógica narrativa das "historiazinhas" (divertidas ou não) que esses textos narram é necessário, em primeiro lugar, apreender o quadro dos valores implícitos a que o código publicitário recorre.

Após a análise *temática*, tradicional, que permite compreender a frequência dos temas manifestos visíveis nos anúncios, ou seja, a análise da *dimensão denotativa* do discurso, procede-se a uma segunda análise, virada para as associações que ligam significados primeiros e significados segundos, para os valores implícitos, evocados pelas imagens, as viragens expressivas (*i.e.* as conotações). Estas não surgem isoladas e, por meio da análise, pode-se perceber a lógica das suas relações.

13. L. Bardin, *Les mécanismes idéologiques de la publicité*, Paris Delarge, Ed. Universitaires, 1975.

Configuração dos valores sugeridos por alguns significantes linguísticos e icônicos numa publicidade imobiliária (Parly II)



Maiúsculas enquadradas = valores;
Minúsculas = significantes linguísticas;
Minúsculas entre parênteses = significantes icônicos;
Tracejado = relação entre dois valores.

A análise estrutural da narrativa baseia-se num domínio de investigação pluridisciplinar (poética, linguística textual, psicossociolinguística, pragmática...), que tem existência própria fora da análise de conteúdo. Mas, em muitos casos (comunicações de tipo narrativo como mitos, contos, relatos orais ou escritos, histórias de vida[14], entrevistas...), é indispensável o recurso a modelos de análise narrativa. Como diz Jakobson[15]: "... em certos discursos, a 'dominante' narrativa governa e transforma os elementos; garante a coesão-coerência da estrutura (sequência ou texto)".

Pode-se procurar as unidades de base e as leis que regem e estruturam as narrativas: "Deve ser possível ver qualquer processo como composto de um número limitado de elementos que reaparecem constantemente em novas combinações", escreve Hjelmslev. Foi o que tentou fazer, em 1928, o formalista russo Propp, seguido por Lévi-Strauss, Greimas, Brémond e Todorov, cada qual tentando, num determinado nível, descrever a estrutura narrativa graças a funções ou ações-tipos, acontecimentos de base, fases de encadeamento, agentes ou atores, sequências, núcleos de sentido, transformações etc. Propp, o primeiro a tentar, ao analisar contos orais realça "funções", que são 13 (como "afastamento", "transgressão", "má ação", "partida", "provas impostas", "recepção do objeto mágico" etc.), e "esferas de ação", que são sete ("agressor", "doador", "auxiliar mágico", "princesa e seu pai", "mandador", "herói", "falso herói"). Lévi-Strauss estuda as diferentes versões das narrativas míticas e descreve a sua estrutura fundamental. Greimas procura uma "gramática profunda", reintroduzindo a personagem, ignorada por Propp, e propõe, por exemplo, um modelo com seis "actantes" (com "destinador", "objeto", "destinatário", "adjuvante", "sujeito", "oponente"). Brémond corrige o esquema unilinear de Propp situando-se a vários níveis; introduz na sua lógica da narrativa o "motivo" como unidade de narrativa e vários modelos de análise. Todorov trabalha sobre unidades de base que são proposições narrativas, do tipo sujeito + predicado, reagrupáveis em sequências, com, por exemplo, um modelo de fases de equilíbrio e desequilíbrio.

3. A ANÁLISE DO DISCURSO

Seria difícil concluir uma obra sobre a análise de conteúdo sem fazer referência, mesmo que brevemente, à(s) análise(s) do discurso. Sob este conceito de discurso, muito em voga, escondem-se várias definições que são fontes de confusão. As raízes da análise são diversas, heterogêneas, e vários campos de pesquisas e práticas se desenvolveram independentemente – e continuam a coexistir – sem relação entre si.

14. J. Poirier, S. Clapier-Valadon, P. Rambaut, *Les récits de vie. Théorie et pratiques*, PUF, 1983.
15. Citado por J. M. Adam, *Le texte narratif. Précis d'analyse textuelle*, Nathan, 1985.

A corrente anglo-saxónica designa por discurso qualquer forma de interação formal ou informal, qualquer linguagem no seu contexto social e cognitivo[16], e inspira-se na psicologia, na antropologia, na pragmática e na etnometodologia (que observa o modo como a linguagem é utilizada em situações da vida corrente).

Na França, a análise do discurso, vinda do estruturalismo e da linguística (análise distributiva, gramática generativa e transformacional), mas que sofreu o questionamento da translinguística, nomeadamente pelas teorias da enunciação, está dividida entre a descrição linguística a um nível superior à frase e a dificuldade em responder às exigências interpretativas das ciências humanas. No entanto, as abordagens linguísticas, sintáticas e enunciativas interferem agora na prática, e, para além de Harris, Chomsky, Jakobson, Benveniste, Foucault, Kristeva, Pêcheux, Kerbrat-Orecchioni etc., podemos resumir uma determinada concepção do discurso: "Entendemos por 'discurso', essencialmente, organizações transfrásicas que decorrem de uma tipologia articulada em condições de produção sócio-históricas"[17].

Os analistas da escola francesa do discurso (AD) já não deixam de defender a sua herança linguística nem as suas preocupações ideológicas e históricas. Próximos de uma linguística descritiva que, porém, reivindicam com minúcia, refreada por debates teóricos ou metodológicos, não deixam de proceder a práticas experimentais, que, pela sua importância epistemológica e pelo seu interesse na *organização dos enunciados* de um discurso, só podem ser proveitosas para a análise de conteúdo.

Como escreve Lacan: "Qualquer discurso pode ser alinhado nas várias pautas de uma partitura." E várias chaves podem servir para ouvir a música de múltiplas vozes que brota de seres humanos que comunicam.

16. J. Potter, M. Wetherell, *Discourse and social psychology beyond Attitudes and Behavior*, Sage Publications, 1987.
17. D. Maingueneau, *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*, Hachette, 1976 e *Nouvelles tendances en analyse du discours*, Hachette, 1987.

REFERÊNCIAS SUGERIDAS*

I. METODOLOGIA GERAL E EPISTEMOLOGIA

Nos Estados Unidos da América

BERELSON (B.), *Content analysis in communication research,* Nova York, Il Univ. Press, 1952, Hafner Publ. Co., 1971.

LASSWELL (H. D.), LEITES (N.) *et al.* (orgs.), *The language of politics: studi in quantitative semantics,* Nova York, G. Stewart, 1949; Cambridge, Mass MIT Press, 1965.

LASSWELL (H. D.), LERNER (D.), POOL (I. d. S.) (orgs.), *The comparati study of symbols,* Stanford University Press, 1952.

POOL (I. de S.) (orgs.), *Trends in content analysis,* Urbana, Illinois Universit Press, 1959.

STONE (P. J.), DUNPHY (D. C.), SMITH (M. S.), OGILVIE (D. M.) (orgs. *The general inquirer: a computer approach to content analysis in the behavior sciences,* Cambridge, MIT Press, 1966.

GERBNER (G.), HOLSTI (O. R.), KRIPPENDORFF (K.), PAISLEY (W. J. STONE (P. J.) (orgs.), *The analysis of communication contents. Developments i scientific theories and computer techniques,* Nova York, John Wiley & Sons, 196

HOLSTI (O. R.), *Content analysis for the social sciences and humanities,* Add son-Wesley, 1969.

KRIPPENDORF (K.), *Content analysis. An introduction to its methodolog* Sage Publications, 1980.

ROSENGREN (K. E.) (org.), *Advances in Content Analysis*, Sage Publication 1981.

WEBER (R. P.), *Basic Content Analysis,* Sage Publications, 1985.

* Entre as centenas de referências possíveis, selecionamos as publicações mais úteis pa uma primeira abordagem da análise de conteúdo.

Na França

Bulletin do CERP, número especial, 1967, t. 16, nº 3.

HENRY (P.), MOSCOVICI (S.), "Problèmes de L'analyse de contenu", in *Langages,* Setembro 1968, n. II.

LÉVY (A.), *Prefácio de Sujet(s) et objet(s) de l'analyse de contenu, Interprétation et analyse de contenu* (II), números especiais de *Connexions,* 11 e 12, EPI, 1974.

LASSARE (D.), "L'analyse de contenu", *Psychologie française,* t. 23, Julho-Dezembro 1978.

II. TÉCNICAS E APLICAÇÕES (ALGUNS EXEMPLOS)

Sobre a análise da avaliação

OSGOOD (C. E.), "The representational model and relevant research methods", in Pool. (I. de S.) (org.), *Trends in content analysis,* Urbana, University of Illinois. Press, 1959.

HOLSTI (O. R.), "A computer content analysis program for analysing attitudes: the measurement of qualities and performances", in GERBNER (G.) (org.), *The analysis of communication content, developments in scientific theories and computer techniques,* Nova York, John Wiley & Sons, 1969.

Sobre a análise da enunciação

UNRUNG (M. C. d'), *Analyse de contenu et acte de parole,* Paris, Delarge (Ed. universitaires), 1974.

Sobre a análise proposicional do discurso

GHIGLIONE (R.), BLANCHET (A.), *Analyse de contenu et contenus d'analyses,* Dunod, 1991.

Sobre a análise da conversação

MICHELAT (G.), "Sur l'utilisation de l'entretien non directif en sociologie", *Revue française de Sociologie,* XVI, 1975.

BLANCHET *et al., L'entretien dans les sciences sociales,* Dunod, 1985.

Sobre a análise da expressão

Os trabalhos da equipe de Gottschalk:

GOTTSCHALK (L. A.), LOLAS (F.), VINEY (L. L.), *Content Analysis of Verbal Behavior,* Springer Verlag, 1986.

Sobre a análise textual

LEBART (L.) e SALEM (A.), *Statistique textuelle*, Dunod, 1994.

Sobre a análise estrutural e a análise das narrativas

RAYMOND (H.), "Analyse de contenu et entretien non directif: application au symbolisme de l'habitat", in *Revue française de sociologie,* IX, número especial "Urbanisme", Paris, 1968.

"L'analyse structurale du récit", *Communications,* nº 8 (especial), Seuil, 1966.

VERRIER (J.), art. "Récit" na *Encyclopaedia Universalis.*

POIRIER (J.), CLAPIER-VALADON (S.), RAMBAUT (P.), *Les récits de vie. Théorie et pratiques,* PUF, 1983.

ADAM (J. M.), *Le texte narratif. Précis d'analyse textuelle,* Nathan, 1985.

Sobre a análise do discurso

MAINGUENEAU (D.), *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours,* Hachette, 1976, bem como a atualização complementar: *Nouvelles tendances en analyse du discours,* Hachette, 1987.

POTTER (J.), WETHEREL (M.), *Discours and Social Psychology beyond Attitudes and Behavior,* Sage Publications, 1987.

Sobre a análise das comunicações de massa

MOUILLAUD (M.) e TÉTU (J. F.), *Le journal quotidien,* Presses Universitaires de Lyon, 1989.

GHIGLIONE (R.) e BROMBERG (M.), *Discours politique et télévision. La vérité de l'heure,* PUF, 1998.

Laurence Bardin é professora-
-assistente do curso de Psicologia
na Universidade de Paris V. Em s
pesquisas, aplicou as técnicas da
análise de conteúdo na investigaçã
psicossociológica e no estudo
das comunicações de massa.